

ROBERT GOLDSBOROUGH

O CASO DE  
NERO WOLFE

O MISTÉRIO QUE DEU INÍCIO À LENDÁRIA DUPLA  
DA LITERATURA POLICIAL.



# Ficha Técnica

Título: O CASO DE NERO WOLFE  
Título original: ARCHIE MEETS NERO WOLFE  
Autor: Robert Goldsborough  
Edição: Carmen Serrano  
Tradução: John Almeida  
Revisão: Rita Almeida Simões  
Capa: Maria Manuel Lacerda  
Imagem da capa: Shutterstock  
ISBN:

Edições ASA II, S.A.  
uma editora do Grupo LeYa  
R. Cidade de Córdoba, n.º 2  
2160-038 Alfragide – Portugal  
Tel.: (+351) 214 272 200  
Fax: (+351) 214 272 201

© 2012, Robert Goldsborough  
© 2018, Edições ASA II, S.A..

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[edicoes@asa.pt](mailto:edicoes@asa.pt)  
[www.asa.leva.com](http://www.asa.leva.com)  
[www.leva.pt](http://www.leva.pt)

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

**Robert Goldsborough** nasceu em 1937, nos Estados Unidos. Jornalista e escritor de ficção, voltou a dar vida a Nero Wolfe após a morte do seu criador, Rex Stout. O seu primeiro romance com Wolfe foi acolhido com grande entusiasmo pela crítica e pelos leitores, pelo que continua a dar continuidade à série até aos dias de hoje.

**Nero Wolfe** é um brilhante e anafado detetive de passado obscuro. Resolve os crimes a partir da sua poltrona pois é avesso a tudo o que o arranque à leitura, às suas orquídeas, e às requintadas refeições preparadas pelo seu *chef* privado, Fritz Brenner. Nas investigações conta sempre com a ajuda preciosa do seu mordaz e fiel assistente **Archie Goodwin**. É Goodwin quem recolhe toda a informação necessária para a resolução dos casos e dá voz à sua narração.

*Para Barbara Stout e Rebecca Stout Bradbury,  
por cujo apoio e encorajamento serei eternamente grato.*

## CAPÍTULO 1

Apesar de setembro ainda estar a meio, o vento que soprava do Hudson fez-me desejar ter vestido o meu casaco novo com forro de pelo. Nas mais de duas semanas em que patrulhara as docas da Moreland Import Company, cada noite parecia mais fria do que a anterior. Por este andar, ia congelar antes do Halloween.

Não teria aceitado o emprego se tivesse aparecido outra coisa melhor, mas senti-me sortudo por estar a trabalhar. Vi suficientes filas compridas no passeio junto à sopa dos pobres para dar graças por receber um ordenado, mesmo pequeno. Além disso, não ia voltar para Chillicothe, no Ohio, com o rabo entre as pernas.

Bates disse-me para estar especialmente alerta, por causa do carregamento grande de relógios de pulso e relógios de parede suíços caros no barco que ancorara uma hora antes de eu entrar ao serviço. Seriam descarregados no dia seguinte. «É provável que não aconteça nada, rapaz, mas não queremos correr riscos», disse ele, dando-me uma palmada no ombro. «Lembra-te, se vires alguém a fazer alguma coisa, dispara para o ar. Isso traz logo a polícia e assusta-os.»

Passei o dedo pelo revólver que tinha no coldre, na anca. Apesar de ter caçado patos com uma carabina nos rios da minha terra, ao lado do meu pai, nunca tinha usado uma pistola, e calculei não ter de o fazer neste emprego.

Acabara de dar a terceira volta ao pontão comprido e dera por mim a fitar as luzes de Nova Jérсия do outro lado do rio quando ouvi um som que pareceu o raspar de um sapato algures atrás de mim. Encostei-me à parede do armazém e peguei na lanterna. No entanto, antes de a ligar, vi uma figura desaparecer junto à proa do navio.

– Alto! – gritei, a correr para a proa. Disparei um tiro para o ar, e assustei-me com o som. Abrandei quando me aproximei do lugar onde vira a figura, e estava prestes a disparar para o ar outra vez quando outro tiro foi disparado...contra mim!

A bala alojou-se na parede do armazém mesmo por cima do meu ombro, o que me fez baixar-me depressa. Noite fria ou não, comecei a suar enquanto rastejava à volta da proa do grande cargueiro, de arma na mão. Dois homens, cujas silhuetas estavam desenhadas contra as luzes da costa de Nova Jérсия, começaram a trepar como macacos por uma das amarras que prendiam o cargueiro à doca.

– Alto! – gritei outra vez. Desta vez, ambos os homens dispararam, mas a sua pontaria foi má porque tiveram dificuldade em segurar a corda e as armas ali pendurados. A minha pontaria foi melhor. Disparei dois tiros, e dois corpos caíram na doca com um ruído surdo.

E eram mesmo corpos, embora eu ainda não soubesse disso na altura. Aproximei-me deles com o revólver ainda na mão, mas descontraí-me quando vi que as armas estavam a vários metros deles e eles não se mexiam. Comecei a aperceber-me: acabara de matar duas pessoas.

Subitamente, dei por mim sob um foco.

– Pare aí! – gritou uma voz com uma lanterna na mão. – Pouse a arma. Mãos ao ar!

Fiz ambas as coisas. Depressa.

– Deus do céu, o que aconteceu? – perguntou um polícia de Nova Iorque corpulento enquanto me encandeava com a lanterna no rosto e estudava o meu uniforme.

– As docas andam tão desesperadas que contratam guardas adolescentes agora?

– A culpa é desta maldita Depressão, Murph – disse um segundo polícia enquanto corria na nossa direção, ofegante. – Arranjam estes tipos baratos.

– Que idade tens, miúdo? – perguntou o primeiro polícia.

– Dezanove. E eles dispararam sobre mim primeiro, depois de eu ter disparado um tiro de aviso para o ar – disse eu, a gesticular na direção das duas figuras deitadas, com uma mão trémula e depois a apontar para o buraco de bala na parede da doca. – Há um carregamento grande de relógios suíços caros a bordo – acrescentei. – Recomendaram-me que fosse especialmente cauteloso hoje à noite.

– Bem, diabos me levem, é o Jake McCaffey – disse o segundo polícia, iluminando um rosto e depois o outro. – E este capanga de terceira categoria é o Rumson. Este par anda a roubar, ou a tentar roubar, estas docas há anos. Bem, nunca mais o fazem – acrescentou, sem emoção.

– Como te chamas, miúdo? – perguntou o que se chamava Murph.

– Archie Goodwin – respondi, com a voz rouca.

– Bem, Archie Goodwin, parece que eles dispararam realmente primeiro, mas vais ter de vir à esquadra na mesma. Há relatórios a entregar, perguntas a responder, quer queiras quer não.

Acabei por passar mais de três horas na 10.<sup>a</sup> Esquadra, que descobri ser também o quartel-general da Brigada de Homicídios ocidental. Durante pelo menos duas dessas horas, fui interrogado por um tenente maldisposto chamado Rowcliff, que tinha olhos esbugalhados e uma voz rosada, e que gaguejava ocasionalmente quando se exaltava, o que parecia acontecer com frequência.

Insistiu para que eu dissesse que disparara primeiro na direção dos ladrões. Eu estava nervoso, mas, como não alterei a minha história, o gaguejar dele piorou, o que teria sido engraçado noutras circunstâncias. No final de contas, Rowcliff desistiu com um rugido, e disse-me que fosse embora mas que dissesse aos polícias onde encontrar-me, o que fiz.

De volta ao meu quarto, relembrei os acontecimentos dessa noite e perguntei-me o que deveria ter feito de outra forma. Não me ocorreu nenhuma resposta adequada. Dois homens, homens maus, estavam mortos. Porque não me sentia melhor?

Na tarde seguinte, quando me apresentei no trabalho, o meu patrão, Luke Bates, foi ao meu encontro à porta da Moreland Import.

– Desculpa, Goodwin, mas vamos ter de te despedir – disse ele com um encolher de ombros.

– Porquê? Eu só...

– Eu sei, eu sei. Só protegeste o navio e a sua carga, o que nós agradecemos. Mas ter um guarda com gatilho leve é mau para a imagem da empresa. É mesmo assim.

– Sabe que eles dispararam sobre mim primeiro, depois de eu ter disparado para o ar – disse eu. – E que andavam a saquear estas docas há anos.

Ele voltou a encolher os ombros, como se a sublinhar a sua impotência.

– Sabes que mais? É contra as regras, considerando o pouco tempo que aqui estiveste, mas vou autorizar que te paguem uma semana de ordenado juntamente com as duas semanas que tens a receber.

E foi assim que, depois do meu primeiro mês em Nova Iorque, tinha o equivalente a três semanas de ordenado no bolso, juntamente com o desemprego e a ausência de futuro.

## CAPÍTULO 2

Voltei lentamente para a minha pensão no lado oeste da Rua Cinquenta e Dois, junto à Décima Avenida, desejando conhecer Manhattan suficientemente bem para encontrar um bar clandestino e beber um copo, partindo do princípio de que mo serviriam, dada a minha idade. Tinha vindo para a cidade para fugir ao tédio de uma cidade pequena no Ohio e encontrar animação. Não demorara nada a fazê-lo.

A primeira coisa que me chamou a atenção no meu quarto pequeno e desgastado no terceiro andar foi o exemplar da revista *Black Mask* na mesa de cabeceira. Tinha o hábito de comprar uma revista de detetives de vez em quando, desde há uns anos. Era bom ler sobre detetives ficcionais e os seus casos, mas eu sentia que, se me dessem uma oportunidade, seria tão inteligente como qualquer um dos detetives daqueles romances policiais de cordel.

Folheei a *Black Mask* de forma preguiçosa e depois pousei-a, tomando uma decisão. Numa prateleira junto ao telefone público no corredor do meu quarto havia umas páginas-amarelas grossas de Manhattan. Abri na secção de «agências de detetives» e comecei a percorrer o alfabeto, passando pelas AAA Investigações e os ACE Descobridores de Pessoas, por me parecerem demasiado manhosas. Um pouco mais abaixo parei na listagem da Agência de Detetives Bascom, cuja morada ficava apenas a seis quarteirões da pensão.

\*

Uma loja de penhores com meia dúzia de instrumentos musicais na montra poeirenta ocupava o andar térreo do edifício de quatro andares em mau estado e estreito. Um letreiro sobre uma porta à direita da loja enumerava os inquilinos dos andares do edifício: Madame Leblanc – Leitora-Conselheira; Holman’s Loja de Moedas e Selos; Agência de Detetives Bascom.

O elevador aberto controlado por um magricela careca que mascava tabaco e vestia uma camisa manchada de suor subiu até ao quarto andar, a chocalhar, e deixou-me do outro lado do corredor de uma porta com vidro fosco onde estava escrito apenas Bascom. Pensei em bater e depois decidi apenas abrir a porta. Uma mulher de rosto esguio, que poderia ter votado em Ulysses S. Grant para presidente, olhou para mim por cima de óculos sem aros, de uma mesa pequena numa sala de espera pequena. A imagem do detetive com uma secretária voluptuosa caiu por terra.

– Sim? – disse ela, arqueando uma sobrancelha pintada e lançando-me um olhar que sugeriu que eu fora parar ao sítio errado por engano.

– Gostaria de falar com... Mr. Bascom.

– Ele está à sua espera? – perguntou ela, com um fungar.

– Não, mas creio que ele me querera ver.

– A sério? – Voltou a fungar. – O seu nome?

– Archie Goodwin.

– E o assunto?

– É confidencial. Muito confidencial.

Ela fungou uma terceira vez e dirigiu-se a uma porta entreaberta atrás da sua secretária, onde não havia nenhum nome. Espreitou e disse:

– Del, está aqui um Mr. Archie Goodwin que quer falar contigo. Diz que é confidencial. Muito confidencial.

A pessoa lá dentro deve ter dito algo como «Diz-lhe que entre» porque a fungadora afastou-se, deixando-me entrar no cenáculo. Dizer que a sala não impressionava é favor. A única janela dava para a parede de tijolo do edifício do lado. Uma única secretária em mau estado tinha pilhas de papéis desordenadas. Atrás da secretária estava sentado um homem com cerca de cinquenta anos, pele manchada, uma barbela, cabelo cor de chumbo despenteado, e uma cicatriz com dez centímetros numa das faces. Lá se fora a imagem do detetive magro e de maxilar angular.

– Sim, em que posso ajudá-lo? – murmurou ele, tirando uma ponta de charuto da boca.

– É Mr. Bascom?

– Del Bascom, sou eu. O que há de tão confidencial, miúdo?

– Preciso de emprego – disse eu, sem esperar por um convite para me sentar na cadeira gasta para as visitas que estava à frente da secretária.

– Tu e milhões de americanos – disse Bascom num tom de quem estava cansado da vida. – O que te torna especial?

– Tenho potencial para ser um detetive e tanto – respondi.

– Ah, sim? Que experiência tens?

– Nenhuma, ainda. Dê-me uma semana para provar o que valho. Trabalho de graça. Onde vai arranjar melhor negócio?

– Deixa-me explicar-te a situação, miúdo – disse Bascom, pousando as mãos sapudas na secretária. – Estás a olhar para todo o pessoal desta organização, para além da Wilda lá fora, e eu estou preso a ela, é tia da minha mulher e não quero problemas em casa. Já tive dois tipos a trabalhar para mim, mas o negócio não está propriamente a florescer hoje em dia, e agora só utilizo *freelancers*, e isso quase nunca acontece.

– Não lhe custa nada deixar-me tentar – argumentei.

Bascom suspirou.

– Tens algum tipo de experiência profissional? O que andavas a fazer antes de aqui entrares?

– Fui guarda-noturno num dos cais do rio North.

– Ah, sim? Li num artigo pequeno do *Daily News*, hoje de manhã, que despacharam uns vigaristas algures por lá a noite passada. Uma coisa dos diabos.

– Fui eu que os despachei.

Bascombe ficou de boca aberta.

– Foste, o diabo! Para quem estavas a trabalhar?

– Para a empresa Moreland. Estava às ordens de Luke Bates.

– Jesus, eu conheço o Bates! Fiz um trabalho para ele há uns anos – disse Bascombe. – Um membro da equipa dele das docas andava a surripiar relógios e joias. Não demorámos muito a apanhar o palerma.

– Relógios, era disso mesmo que os tipos de ontem à noite andavam atrás, e segundo me disseram relógios de parede de luxo.

– Então fizeste um favor à Moreland. Fartaste-te de trabalhar para eles?

– Despediram-me. Disseram que era demasiado rápido no gatilho.

– E és?

– Nunca disparei uma pistola na vida até à noite passada. E dispararam sobre mim primeiro. Só estou aqui porque tinham péssima pontaria.

Bascom recostou-se e cofiou o queixo por barbear.

– Chamas-te Archie Goodwin, certo? Importas-te que ligue ao Bates?

– Força – disse eu enquanto ele folheava um bloco de notas gasto e pegava no telefone.

– Olá, Luke, é Del Bascom. Como estás? Sim, as coisas também andam bem apertadas por aqui. Ouvi



dizer que houve aí uma grande balbúrdia ontem à noite. A sério? O Jake McCaffey foi desta para melhor, hã? Bem, teve sorte de viver o tempo que viveu, o porco.

Bascom ouviu durante mais um minuto e depois disse:

– Luke, tenho aqui um tipo chamado Archie Goodwin. O que achas dele? Ahã... sim... sim, ahã. Está bem. Sim, temos de comer qualquer coisa um dia destes. Seria bom pôr a conversa em dia.

Pousou o auscultador e fitou-me.

– O Bates diz que és um bom homem, pelo que pôde ver nas duas semanas em que lá trabalhaste. Ele não queria despedir-te, mas o velho Moreland não mudou de ideias. Ele acha que qualquer publicidade para a empresa é má, e não interessa que lhes tenhas feito um grande favor ao livrar-te do McCaffey e do seu companheiro lerdo. Diz-se que aqueles dois mataram uns tipos há uns anos mas nunca foram acusados.

– Quase mataram mais um ontem à noite – disse eu. – E que tal deixar-me fazer alguma coisa? Como já disse, não lhe custará um centavo.

Bascom recostou-se e voltou a cofiar o queixo.

– Que tal isto, Goodwin, tenho um trabalho que dei a um *freelancer*, mas ele não foi a lado nenhum. É um caso de pessoas desaparecidas... talvez. – Dirigiu-se a um arquivador e tirou um ficheiro fino, entregando-mo. – A Wilda leva-te ao gabinete vazio que era utilizado quando eu tinha pessoal. Dá uma olhadela ao que está aqui dentro, e vê se tens alguma ideia.

Sentei-me numa das duas secretárias que havia num gabinete sem janelas junto à sala de espera de Wilda, e abri o ficheiro, marcado «Chapman». Ao fim de vinte minutos, digirira tudo o que Bascom e o seu *freelancer*, um tipo chamado Phelps, haviam descoberto, o que não era muito. A cliente era uma tal Muriel Chapman, de quarenta e sete anos, com morada no Upper West Side. O seu marido Clarence, de cinquenta e um anos, não voltara para casa do trabalho, como vendedor no departamento fotográfico da loja Macy's em Herald Square, na primeira sexta-feira de setembro, havia mais de duas semanas. Ela não tivera notícias nem contacto dele durante esse tempo.

Disse a Bascombe que o marido era «honesto, trabalhador e um bom sustento, que não fumava nem bebia». O casal, natural de Nova Iorque, estava casado há vinte e quatro anos e não tinha filhos.

A polícia fora consultada acerca de pessoas desaparecidas e corpos por identificar, mas não aparecera nada relacionado com Clarence Chapman. Uma fotografia no ficheiro mostrava-o como um homem de meia-idade com rosto bonito e angular, bigode fino e cabelo escuro e liso, de risco ao meio.

Bascom sugeriu a Mrs. Chapman que o marido talvez quisesse perder-se, mas ela respondeu de forma *veemente* (dizia o relatório) que «ele era feliz aqui», e disse rapidamente que «ele nunca olhava para outras mulheres, mesmo as mais bonitas que passavam por nós na rua». Acrescentou que não faltava nenhuma peça de roupa, para além da que o marido tinha vestida no dia em que desaparecera.

Phelps falara com o gerente do departamento fotográfico do Macy's, que lhe disse que Chapman era um funcionário exemplar que nunca chegava atrasado, andava sempre bem vestido, e que era o melhor vendedor do departamento quase todos os meses. O gerente não fazia ideia porque é que ele não aparecera no trabalho.

Tirei a fotografia de Chapman, fechei o ficheiro, e fui ao gabinete de Bascom.

– Pronto, já li as coisas – disse-lhe. – Alguém verificou as lojas de material fotográfico da cidade?

Bascom lançou-me um olhar desiludido.

– Porque haveríamos de fazer isso?

– Talvez ele ande a vender máquinas fotográficas noutro lugar agora. O tipo tem de viver.

– Pensa, Goodwin. A única forma que ele teria de arranjar outro emprego numa loja de fotografia seria utilizar o Macy's como referência, e a loja nova ligaria com certeza para lá para verificar o currículo e capacidade dele. O patrão do Chapman teria dito ao Phelps se alguém tivesse telefonado a perguntar por ele.

– Sim, suponho que sim. Mas gostava de investigar de qualquer forma. É um palpite.

– Força – disse Bascom, revirando os olhos. – Que diabo, não me está a custar nada.

## CAPÍTULO 3

Enquanto rasgava páginas que listavam lojas de fotografia de uma das listas telefônicas de Manhattan no escritório de Bascom, obtive um franzir de sobrolho da parte de Wilda e sorri-lhe em resposta. Não me dei ao trabalho de contar o número de lojas, mas eram muitas. O meu conhecimento do sistema de ruas e moradas da ilha ainda não era muito bom, mas conhecia o suficiente para formular um plano. Além disso, comprara um mapa de Manhattan, e aprendo depressa.

Comecei por excluir todas as lojas a menos de seis quarteirões do Macy's, que sabia agora ficar na esquina da Rua Trinta e Quatro com a Broadway. Havia demasiadas hipóteses de Chapman ser reconhecido nessa vizinhança. Excluí também o Upper West Side, especificamente centrado na interseção da Rua Oitenta e Três com a Avenida Amsterdam, onde ficava o apartamento dos Chapman.

Isso deixava o resto de Manhattan, além de Brooklyn, Long Island City e a parte mais longínqua de Queens, assim como os outros distritos. Mas decidi concentrar-me em Manhattan, apercebendo-me de que mesmo assim poderia estar a partir numa caça aos gambozinos que daria a Bascom um bom motivo para se rir de mim com os seus colegas.

Na manhã seguinte, com a fotografia de Clarence Chapman e o meu mapa das ruas recém-comprado na mão, dirigi-me à baixa da cidade, atravessando o distrito financeiro, a Chinatown, Little Italy e Greenwich Village. Entrei em todas as lojas de fotografia o tempo suficiente para observar todos os empregados e suscitar suspeitas mas não o suficiente para ser interpelado. Claro que corri o risco de o dia, quarta-feira, ser o dia de folga de Chapman.

Fui ao que me pareceram ser dúzias de lojas nas grandes vias que atravessavam a cidade de este para oeste, como as ruas Catorze e Vinte e Três. A maioria das lojas era pequena, com um ou dois funcionários ao balcão, sorridentes e prestáveis. Uns minutos depois do meio-dia parei num café pequeno na Avenida Lexington, junto à Rua Trinta e Sete, e sentei-me ao balcão com uma sanduíche de queijo e um copo de leite. Peguei nas páginas da lista telefónica e desdobrei-as, marcando as lojas que já visitara. Passara, talvez, por vinte e cinco por cento das lojas de fotografia de Manhattan. Esperava-me uma tarde longa e, com muita probabilidade, outro dia, ou dois, ou três.

Depois do almoço e de uma busca de seis quarteirões de ambos os lados da Lexington, caminhei para norte ao longo da Avenida Madison, que descobri ser o coração do negócio da publicidade na cidade. Também ali havia inúmeros estabelecimentos a vender máquinas fotográficas, incluindo três num espaço de dois quarteirões. No terceiro, Devereaux Cameras & Film, vi-o pela montra, a mostrar uma Kodak a uma matrona que trazia um chapéu florido e uma daquelas estolas de pele de raposa horrendas, completa com a cabeça do animal e os seus olhos cegos.

Entreí e fingi observar a gama de câmaras nas vitrinas. Um segundo vendedor perguntou-me se queria ajuda, mas respondi que estava só a ver.

Muita da minha observação, pelo menos sub-repticiamente, concentrou-se no homem que sabia ser Clarence Chapman, sem dúvida. Estava vestido de forma imaculada: um fato azul às riscas de trespasse que parecia novo, e uma gravata de seda às riscas azuis e amarelas.

A conversa dele condizia com a roupa: delicada, elegante, clara, e era óbvio que a mulher estava absorta. Pensei em esperar até ele ter concluído a venda inevitável e abordá-lo depois, mas decidi

descobrir mais sobre o homem primeiro. Saí da loja, reparando que a hora de fecho era às cinco da tarde.

Tinha uma hora para queimar, por isso fiquei ao balcão de um cafezinho perto da Avenida Madison. À minha segunda chávina, dei por mim numa relação amistosa com o empregado, um corcunda falador chamado Kevin.

– Ando a ver lojas de fotografia por aqui – disse-lhe. – Quero comprar uma máquina para o meu tio, que está quase a fazer anos. Sabe alguma coisa sobre a loja Devereaux ao cimo da rua?

– Alguma coisa. Claro que os funcionários não vêm cá muito. Demasiado snobes para a nossa laia – escarneceu. – A dona é uma mulher rica.

– A sério?

– Sim. Surpreende-me que não tenha ouvido falar dela, Alicia Devereaux. É uma daquelas senhoras da alta sociedade que tem de ter uma causa.

– Que tipo de causa é gerir uma loja de fotografia?

– Ah, posso responder-lhe a isso – disse Kevin com um sorriso, enquanto passava um pano pela superfície do balcão. – Ela comprou a loja há uns seis anos, e faz um grande alarde por dar uma percentagem dos lucros a uma obra de caridade qualquer; creio que tem a ver com orfanatos.

– Parece-me generoso.

– Suponho que sim, mas parece que a fotografia dela aparece nas colunas sociais de duas em duas semanas. Creio que faz isto para se enaltecer.

– É casada? – perguntei.

– Divorciada, duas vezes. Bonita, se gostar delas de meia-idade.

– Interessante. Ela alguma vez trabalhou na loja?

Kevin soltou um riso rouco que fez com que o único tipo ao balcão olhasse para nós.

– Não, ela nem pensaria em rebaixar-se. Gosta de ser vista como uma benfeitora, mas não se aproxima de nada que se pareça trabalho vulgar, e isso inclui vendas.

– Hum. Faz ideia onde ela vive?

– Park Avenue, onde havia de ser? Sei, porque o *Times* fez uma reportagem sobre a mansão dela nas alturas há uns tempos, com um monte de fotografias. Parece um palácio. Ela dá muitas festas. Tudo em nome da caridade, segundo diz.

– Um lugar bastante chique, hã?

– Pode crer. Ocupa um andar inteiro do edifício Winchester, que fica perto da Rua Sessenta. É a morada mais chique da avenida.

– Uma mulher assim seria um bom partido para qualquer um – observei.

– O que se diz é que é ela que caça – disse ele. – Não estou a sugerir propriamente que ela seja uma devoradora de homens, mas gosta de ter companhia masculina à mão.

– Parece saber muito sobre ela.

Kevin sorriu.

– É engraçado, essas pessoas da alta sociedade irritam-me, mas de alguma forma há uns anos ganhei o hábito de ler sobre elas. Acha que tenho uma relação maluca de amor-ódio?

– Talvez, apesar de eu achar que essas pessoas são fascinantes, de uma forma estranha. Vê, agora despertou-me o interesse. No meu caso, talvez seja inveja. Essa tal de Devereaux tem algum amigo especial, que saiba?

– Isso não sei, amigo. Não é propriamente o meu tipo de pessoas. No entanto, pelas fotografias que tenho visto nos jornais, ela parece preferir o tipo elegante, gracioso, sabe? Tipos com os bigodinhos fininhos que se veem em atores como o John Gilbert, nos filmes.

– Bem, obrigado pelo café e pela conversa – disse eu, deixando uma gorjeta de dez centavos no balcão,

e saindo para a tarde soalheira.

Uns minutos antes das cinco, posicionei-me do outro lado da rua da Devereaux Cameras & Film. Vi pela montra que não havia clientes na loja e que Chapman e o outro vendedor pareciam ambos estar a preparar-se para ir embora. O meu relógio marcava 17h02 quando Chapman saiu, pôs um chapéu preto na cabeça e caminhou para norte na Avenida Madison, enquanto o outro homem trancava a loja.

Nunca tinha seguido ninguém, mas imaginei que neste caso seria canja porque o cavalheiro não tinha qualquer razão para pensar que estaria a ser seguido. Fiquei no outro lado da rua quando ele virou para este na Rua Cinquenta e Seis, percorrendo um quarteirão até à Avenida Park.

Como esperava, Chapman seguiu depois para norte, caminhando a passo enérgico e parecendo um homem que não tinha qualquer preocupação. Agora estávamos ambos no lado ocidental da Park, continuando eu a uma distância discreta atrás dele. Um pouco para norte da Rua Sessenta e Dois, ele virou para uma entrada com um toldo verde que dava para um prédio bonito de tijolo e pedra, onde ele e um porteiro com um uniforme esplêndido trocaram cumprimentos antes de ele entrar no prédio.

Passei pelo prédio, olhando para a placa de latão reluzente junto à entrada, que dizia que o edifício era o Winchester. Achei que era trabalho suficiente para um dia, e dirigi-me à minha pensão.

## CAPÍTULO 4

Na manhã seguinte, cheguei ao escritório da agência de detetives Bascom às nove horas em ponto, cumprimentando Wilda, que respondeu com o seu fungar habitual.

– Ele está? – perguntei, gesticulando na direção da porta fechada.

– Sim. Bata antes de entrar.

Assim fiz, ouvi «entre» e entrei, sentando-me na cadeira das visitas sem que mo pedissem. Del Bascom pousou a folha de papel que estava a ler, puxou uma fumaça do charuto, e brindou-me com um sorriso.

– Então, Goodwin, suponho que não tiveste sorte nenhuma a tentar encontrar o tal marido desaparecido, hã?

– Supõe mal. Já deslindei o caso todo.

– Sim, e suponho que também viste o Chapman, hã?

– Desta vez supõe bem. Que tal se o trouxer aqui para uma conversa à hora de almoço?

Ele tirou o charuto da boca e fitou-me de boca aberta.

– Estás a brincar, certo?

– Não, não estou. Nunca fui muito brincalhão. Até daqui a umas horas.

Levantei-me e saí, partindo do princípio de que ele estaria a fitar as minhas costas com a boca ainda aberta.

Às 11h45, entrei na loja Devereaux, onde o único cliente estava a falar com o outro vendedor.

– Posso ajudá-lo? – perguntou Clarence Chapman com um sorriso insinuante enquanto esfregava as mãos.

– Sim, acho que pode. Tenho aqui uma coisa que gostaria que visse. – Tirei uma folha dobrada do bolso do casaco e entreguei-lha. Ele abriu-a, leu-a, depois engoliu em seco, arregalando os olhos para mim. A sua expressão estava algures entre a dor e o pânico.

Debruçou-se sobre o balcão e segredou:

– Quem é o senhor?

– Julguei que acharia isto um desafio interessante – respondi, num tom de voz normal. – Já ouvi muitas coisas boas sobre esta loja e tinha a certeza que poderia ajudar-me. Tenho de ir tratar de outros assuntos agora, mas seria possível discutir mais este ponto durante a sua hora de almoço?

– Sim, sim, isso será... ao meio-dia. – Tinham-lhe aparecido gotas de suor na testa e no lábio superior. De repente, não parecia minimamente elegante nem gentil.

– Excelente. Voltarei nessa altura, e podemos ir algures para conversar – disse eu, com uma voz que tencionava ser carregada de sociabilidade e boa disposição.

Ao meio-dia em ponto, segundo o meu relógio e os sinos da catedral de São Patrício na Quinta Avenida, voltei à loja, mas fui logo empurrado para a porta por Chapman, que me vira chegar.

– Aqui não – segredou ele enquanto me guiou para o passeio. – Vamos... vamos caminhar.

Quando nos afastámos uns metros da loja, ele agarrou-me o braço.

– De que se trata isto?

– Leu o meu bilhete. Não sei como poderia ser mais claro.

– Quem é você?

– Já vai descobrir. Vamos visitar o meu patrão – respondi, desta vez agarrando-o eu pelo braço, com cuidado mas de modo firme.

– É alguma espécie de bandido? – perguntou, com uma voz engasgada, tentando parecer furioso.

Ri-me.

– De modo algum. Mas o senhor está numa espécie de sarilho, Mr. Chapman, e precisa que lhe expliquem umas coisas. Não demorará muito, e depois pode voltar para a sua loja, se quiser voltar.

Ele não disse mais nada enquanto caminhámos para o edifício de Bascom, nem sequer quando subimos no elevador aberto e entrámos no escritório.

– Vamos entrar – disse eu a Wilda, que pareceu tão surpreendida que nem fungou.

– Apresento-lhe Clarence Chapman. Talvez o reconheça da fotografia – disse eu a Bascom, cujas sobrancelhas subiram até meio da testa. Conduzi a nossa presa à cadeira e fiquei de pé, encostado à parede.

– Bem, bem – disse Bascom, recuperando a sua desenvoltura e cruzando os braços grossos sobre o peito. – Sabíamos que o encontraríamos, tal como a sua mulher nos pediu. Que diabo pensa que está a fazer?

Quase tive pena do tipo, quando ele tapou o rosto com as mãos e choramingou.

– A Muriel... ela procurou-vos?

– Isso mesmo, amigo. Ela achou que lhe tinha acontecido alguma desgraça. Mas parece que não tem andado a sofrer.

Ao ouvir isto, saiu-lhe tudo. Chapman, soluçante, disse-nos que Alice Devereaux fora ao Macy's estudar o departamento de máquinas fotográficas para obter ideias sobre como melhorar a disposição dos produtos na sua própria loja, ou pelo menos fora isso que dissera. Ela e Chapman deram-se bem logo à partida, disse ele. Descreveu-o como «mágico». Foram almoçar e, antes de acabarem a refeição, ele apercebeu-se de que ela era a mulher por quem esperara toda a sua vida.

Questionado por Bascom, Chapman contou-nos que não voltou para o Macy's depois do almoço, indo em vez disso diretamente para o Winchester com a Devereaux. Ela comprou-lhe roupas finas, deu-lhe emprego na sua loja, e arranjou-lhe um sítio para viver que era muito mais luxuoso do que qualquer outro que ele tivesse visto, ou sequer imaginado. E não se pareceu importar com o passado dele.

– Então viveu uma fantasia durante algum tempo; e agora? – gritou Bascom.

– Eu... suponho que acabou, não acabou? – disse Chapman entre soluços. – O que vou dizer à Muriel?

– Isso é problema seu, amigo – disse Bascom, obviamente enojado pelo homem sentado à sua frente. – Mas, se eu fosse a si, inventava uma história sobre amnésia, ou talvez rapto, apesar de não saber porque haveria alguém de o raptar. Não é propriamente rico.

– Vai contar alguma coisa sobre isto à Muriel?

– Claro que vou! Ela contratou-me para o encontrar, e encontrei... com a ajuda do meu colaborador. – Inclinou a cabeça na minha direção.

– Tem de lhe dizer... onde me encontrou?

– Francamente, não sei porque havia de salvar-lhe a pele – disse Bascom –, mas não tenho de contar-lhe nada para além de que o encontrámos. Isso cumpre com a missão que ela me deu.

– Quanto lhe está ela a pagar? – perguntou Chapman enquanto secava os olhos com um lenço.

– Isso é estritamente entre mim e a minha cliente – respondeu Bascom em jeito agressivo. – Vou ligar-lhe a dizer que vai voltar para casa. E, juro por Deus, se não for logo para casa, primeiro voltamos a encontrá-lo e depois a sua mulher descobre tudo sobre si e a sua exótica e excitante Mrs. Devereaux, da Avenida Park.

Como descobrimos mais tarde, Chapman foi logo para casa, embora o que disse à mulher tenha ficado entre eles. Depois de ele nos ter deixado, Bascom fechou a porta do gabinete e disse-me que me sentasse.

– Está bem, Goodwin, fizeste um trabalho e peras; tiro-te o chapéu. Agora explica-me como conseguiste.

– Bem, como sabe, comecei por procurar em lojas de fotografia e...

– Sim, e confesso desde já que pensei ser uma má ideia na altura. Se o tipo estava a tentar desaparecer, porque havia de voltar para o mesmo tipo de emprego que tinha antes? Já para não falar do risco que correu de alguém que se lembrasse dele do Macy's o reconhecer.

– As pessoas nem sempre são lógicas, especialmente quando se trata de amor. Calculei que alguma coisa o fizera desaparecer, e havia boas hipóteses de haver uma mulher na história. Achei que ele era sensível às, como chamar-lhes?... artimanhas femininas, pela forma como a mulher disse que ele nunca, nunca olhava para outra mulher. Pareceu-me um tipo que se esforça por não parecer interessado.

– Então encontraste-o nessa loja de fotografia da tal Devereaux?

– Sim, aí tive sorte. Ele podia ter estado de folga nesse dia, ou nas traseiras e fora de vista quando eu passei por lá. – Continuei a contar a Bascom como descobri as tendências de devoradora de homens de Alicia Devereaux ao falar com Kevin, o empregado do café.

– Eu realmente já li qualquer coisa sobre ela, mas nunca prestei muita atenção a esse mundo social – disse Bascom. – Uma coisa parece certa: fizemos um favor àquele pobre coitado do Chapman ao descobri-lo. Essa mulher tê-lo-ia devorado e abandonado dentro de seis meses, um ano, no máximo.

Assenti.

– E ele nem sequer nos agradeceu, o ingrato.

– Tenho outra pergunta para ti – disse Bascom, recostando-se e juntando as mãos atrás da cabeça. – Como convenceste o Chapman a vir aqui contigo?

– Mostrei-lhe isto – respondi, passando o bilhete que tanto abalara o tipo na loja de fotografia.

*A sua mulher tem saudades suas, Clarence, e está morta de preocupação. Quer que lhe diga onde está a trabalhar e a viver, ou prefere discutir isto comigo durante a hora de almoço? A escolha é sua.*

Bascom olhou para o bilhete escrito à mão e abanou a cabeça, sorrindo.

– Para um miúdo, comportas-te como se soubesses o que fazes.

– É que sou maduro para a minha idade. E, como disse quando aqui entrei, preciso de emprego.

– Ainda tenho outra pergunta para ti.

– Força.

– Reparei que me contaste todas as tuas conversas sem olhar para apontamentos, e parece que as disseste palavra por palavra.

– E foram palavra por palavra – disse-lhe. – Não tirei apontamentos, nem um.

– Sem tretas?

– Sem qualquer treta. Quando estava no liceu, tirei nota máxima num teste de História. O professor, o Mr. Mason, perguntou-me como me saí tão bem, porque nunca parecia tirar apontamentos quando ele falava. Disse-lhe que nunca tirava apontamentos em nenhuma aula, nem quando lia os meus livros, e só os lia uma vez. Foi nessa altura que ele me disse que eu devia ter uma coisa que tinham começado a chamar «memória total». Senti-me uma espécie de aberração.

– Aberração, que raio, é uma grande vantagem que tens, especialmente neste negócio! Proponho-te isto, Goodwin – disse ele, acendendo um charuto. – Dou-te cinquenta dólares pelo trabalho que fizeste no caso Chapman. É metade do que a mulher do tipo me pagou para o encontrar. E vou mostrar-te o cheque dela, para veres que não te estou a aldrabar. Ainda não o depositei, mas falei com um amigo no banco dela. Têm esse dinheiro e mais, na conta conjunta.



– Ainda bem, mas e...

– Ainda não acabei – disse Bascom, erguendo a mão como um sinaleiro. – Como já te disse, não posso pagar muito, mas, para começar, dou-te dez dólares por semana, e podes ficar com o gabinete vazio, que tem telefone. Além disso, se resolveres um caso como fizeste hoje, recibes vinte e cinco por cento dos honorários.

– Não cinquenta?

– Não cinquenta – disse Bascom, brusco. – Isso foi uma vez. Chama-me coração mole. Lembra-te, estou a fornecer-te espaço de escritório.

– Claro que gostaria de mais, mas está bem – disse-lhe. – Negócio fechado.

– Estás a orientar-te depressa nesta cidade, Goodwin – disse o detetive veterano, levantando-se e apertando-me a mão. – Gosto disso. E, já agora, vamos arranjar-te uma licença de investigador privado do estado de Nova Iorque. Eu ajudo-te a tratar da papelada.

– Acho que estou a gostar desta cidade – respondi, com um sorriso aberto. – Sou capaz de aqui ficar durante uns tempos.

## CAPÍTULO 5

E assim me tornei detetive. Até tinha um gabinete, se bem que pequeno e velho. E a Wilda deixou de me tratar como se eu fosse uma forma de vida inferior. Até parou de fungar quando eu entrava.

O que recebi pelo caso Chapman e o meu salário, embora pequeno, permitiram-me sair da pocilga onde morava e mudar-me para um apart-hotel modesto mas limpo no West Side, próximo da Rua Sessenta. Continuei a comer em máquinas de venda automática e tascas, apesar de não me queixar.

Gostava de Bascom. Parecia honesto. Não aceitava casos de divórcio e toda a espionagem a um dos cônjuges que geralmente os acompanha, mesmo quando tinha poucos casos, o que acontecia na maior parte do tempo.

– Muitas pessoas desprezam a nossa dita profissão, Goodwin – disse-me –, e Deus sabe que há muitos tipos por aí que lhe dão mau nome. Eu tento não ser um deles.

Nos dias parados, e havia muitos, contava-me sobre casos antigos, alguns dos quais com nomes saídos das páginas de livros de cordel, como *Black Mask* e *Dime Detective*.

– O caso Chapman, em que fizeste um trabalho tão bom, lembra-me, estranhamente, uma coisa em que trabalhei há uns anos – disse ele numa manhã chuvosa quando estávamos sentados no seu gabinete a beber café feito pela Wilda. – Um finório elegante chamado Fletcher, que era funcionário executivo de um banco, aparece-me à porta um dia e diz que a mulher desapareceu. O meu primeiro pensamento é que ela fugiu com outro tipo, mas claro que não o digo. Escuto.

«Ele diz-me que ela é uma mulher perfeita, que estão casados há oito anos, não têm filhos, vivem um apartamento bom no Upper East Side. Faz com que pareça um casamento ideal, coisa que não existe. Desata a falar sobre como ela é maravilhosa e bonita, blá, blá, blá.

«Pergunto sobre a família dela, e ele diz-me que é filha única, veio da Carolina do Norte, ambos os pais morreram já. Está disposto a pagar muito dinheiro para que eu a encontre, por isso decido tentar, que se lixe. Faço muitas perguntas sobre os hábitos e os amigos dela, e ele diz que ela é uma solitária, lê muito em casa. Parece-me esquisito, especialmente depois de ele me dar uma fotografia dela. É uma brasa, e ele diz-me que tem cabelo ruivo-vivo, que evidentemente não se vê numa fotografia a preto e branco.

«Pareceu-me uma mulher que andaria a sair pela cidade, com bons amigos, a desfrutar da vida – comentou Bascom, e depois acrescentou em tom de desculpa: – Se calhar estou a tornar isto muito longo, não?

– De todo, demore o que quiser – disse eu. – Gosto de uma boa história.

– De qualquer forma, começo por fazer o habitual: investigar a vizinhança onde vivem. Vou a mercearias, drogarias, lavandarias, esse tipo de coisa. «Ah, sim, é a Lucille», dizem as pessoas quando mostro a fotografia. «Senhora simpática, sossegada, não a tenho visto. Aconteceu-lhe alguma coisa?»

– Como responde a essa pergunta? – perguntei.

Bascom puxou uma fumaça do charuto.

– Falo de forma vaga e digo que não sei a morada exata, e que estou a tentar localizá-la porque um parente distante lhe deixou dinheiro. Em geral, nessa altura alguém me dá a morada, que é claro que já sei, mas pelo menos é um bom disfarce da razão pela qual ando a perguntar por ela.

«Tenho um palpite, não me pergunes porquê, que ela saiu de Manhattan. Por isso demoro-me nas docas do *ferry* de Staten Island, mostrando a fotografia dela aos trabalhadores. Sem sorte. Depois tento o *ferry*

de Hoboken, e um membro da tripulação reconhece-a, mas só depois de eu mencionar o cabelo ruivo. ‘Sim, creio que ela esteve num dos barcos em direção a oeste há umas semanas. Lembro-me do cabelo, e de outra coisa. Estava a chover, mas ela tinha óculos de sol.’

– Creio que talvez tenha um palpite – disse eu.

– Talvez tenhas mesmo – respondeu Bascom. – Começo a rondar os negócios em Hoboken, perto do terminal do *ferry*, a fazer perguntas em lojas e restaurantes. Mostro a fotografia dela a toda a gente e conto a mesma história que contara no Upper East Side. Acabo por descobrir que várias pessoas sabem dela, e uma empregada de mesa num café diz «Oh, é a Lucille Jones, vem cá muitas vezes, uma mulher maravilhosa, tão refinada, uma verdadeira senhora». Antes de eu conseguir perguntar, a empregada de mesa dá-me a morada onde ela vive, um edifício de apartamentos pequeno a cerca de três quarteirões.

«E lá está, uma das caixas de correio do átrio tem escrito ‘L. Jones’. Ela vive no terceiro andar, e carrego no botão. Quando ela atende, digo que sou da companhia do gás e estou a investigar uma fuga, e ela abre-me a porta.

«Está à minha espera à porta de casa, e tem um aspeto fantástico. O marido não exagerou quanto ao cabelo. É espetacular. Uma vez dentro do apartamento, digo-lhe quem sou realmente e a razão pela qual lá estou.

«Diabos me levem se ela não cai no sofá e começa a soluçar, com o rosto nas mãos. Sento-me à frente dela e espero que o choro pare. Então, ela olha para mim e diz ‘Não sei quanto é que o meu marido lhe está a pagar, mas pago-lhe mais para dizer que não me consegue encontrar’.

«Eu digo-lhe que não quero o dinheiro dela e pergunto porque é que não quer voltar para casa. É nessa altura que descubro que Fletcher tinha uns ciúmes loucos dela, não queria que ela saísse quando estava a trabalhar. Pior ainda, ela diz que ele lhe batia pelo menos uma vez por semana, por vezes com mais frequência, especialmente quando bebia. Não admira que ela passasse tanto tempo em casa.

– Então os óculos de sol no *ferry* de Hoboken eram para esconder um olho negro? – perguntei.

Bascom assentiu.

– E outras nódoas negras; ela até me mostra uma no braço que ainda não desapareceu. Depois, quase fica histérica, pegando num livro de cheques. Tem uma conta própria e pergunta-me o meu preço.

«Digo-lhe que nem pensar, que já recebi bastante do marido. Também lhe digo que já me esqueci que alguma vez a encontrei. Depois, vou embora.

– E é só isso?

– É só isso – diz Bascom. – Depois, disse ao Fletcher que, ao fim de uma busca minuciosa, utilizando vários colaboradores, fui incapaz de localizar a mulher, apesar de manter todos os centavos do generoso adiantamento. E não me sinto culpado por isso, nem por um segundo.

– Ele alguma vez a encontrou?

– Que eu saiba, não. Tens de te lembrar que, apesar de o Hudson, ou o rio North como nós, velhotes, lhe chamamos, só ter cerca de um quilómetro e meio de largura, podia ter cinquenta vezes mais que isso. Com que frequência vão os nova-iorquinos a Jérсия, se não contarmos com os que lá trabalham? Claro que, para além dos *ferries* e dos metropolitanos, agora também há o túnel Holland novinho em folha para os automóveis, mas, ainda assim, é outro mundo naquele lado do nosso velho Hudson, tão distante quanto Marte. Se a Lucille ficar em Hoboken, é provável que ninguém que ela conheça de Manhattan alguma vez a veja.

Conto esta história porque revela muito sobre Del Bascom, e também porque faz parte da minha formação contínua como detetive. Essa formação incluiu ainda toda a espécie de casos em que trabalhei com Bascom, entre os quais o assalto do Piano de Morningside, a vigarice da Galeria de Arte Rive Gauche, e o assalto Sumner-Hayes. Este último meteu-nos a ambos em sarilhos com a polícia durante uns

tempos.

Um dos mais memoráveis desses casos iniciais, no entanto, tem de ser o que envolveu um armazém em Long Island City, que fica do outro lado da ponte Queensboro. Andavam a desaparecer rádios, fonógrafos e bicicletas do edifício, e as suspeitas recaíram, sem surpresa, sobre o serviço de segurança que o guardava. A agência foi contratada para investigar, e Bascom deu-me o caso a mim e a um colaborador *freelance* chamado Fred Durkin.

Só o conheci no escritório, no dia em que íamos começar a vigilância do armazém. Bascom fez as apresentações. Durkin era da minha altura, um metro e oitenta, robusto e com cabelo fino, e tinha um rosto que parecia o mapa da Irlanda.

– Prazer em conhecê-lo, Goodwin – disse ele, sorrindo e apertando-me a mão com firmeza.

– Chama-me Archie.

– Assim farei, e tu chama-me Fred. Parece que esta coisa do armazém é um golpe feito a partir de dentro – disse ele a Bascom.

– Sim, parece mesmo. Pedi ao dono que mandasse os guardas para casa temporariamente. Ele disse à empresa que ia ficar sem segurança, pelo menos durante algum tempo, por causa de custos. Vocês os dois vão andar por lá pelo menos nas próximas noites, desde as nove até ao nascer do Sol.

– Cheira-me que a empresa de segurança vai suspeitar da razão por que foi substituída – disse Durkin.

– Sem dúvida que vai – respondeu Bascom. – Isso não é problema nosso; é problema deles. Parece que ou os funcionários deles têm mãos leves ou estão a ser pagos para deixar outras pessoas entrar no edifício. Pelo menos é assim que vejo o caso.

Durkin tinha a sua própria pistola, e Bascom deu-me um revólver de cano curto calibre 32. Foi a primeira vez que trabalhei para ele armado, e sabia que ele ainda tinha um medo profundamente enraizado de que eu tivesse um dedo rápido no gatilho.

Na primeira noite do caso, nada aconteceu. O armazém de tijolo estava silencioso como um túmulo, em todos os cinco andares. Quando saímos, por volta das seis da manhã, Durkin murmurou algo sobre aquilo ser «uma missão inútil». Eu estava disposto a concordar.

A noite número dois pareceu mais do mesmo, até às três da manhã, quando ouvi barulho vindo da direção do cais de carga. Estava no quarto andar nessa altura, e desci três lanços de escadas, evitando o ruído do elevador. Durkin e eu chegámos ao andar térreo juntos, cada um com a sua lanterna acesa. Ele segredou que devíamos estar em lados opostos das portas do cais de carga, que distavam cerca de seis metros uma da outra.

– Deixa-os entrar e esperamos até começarem a tentar tirar coisas lá para fora – disse Durkin, em sussurros. – Dessa forma, apanhamo-los com a boca na botija. – Dei graças por estar tão escuro, que ele não me via suprimir o riso. Não sabia que havia pessoas que ainda utilizavam a expressão «com a boca na botija» fora dos romances policiais baratos.

Separámo-nos, apagámos as lanternas e baixámo-nos. Ergui o revólver quando a porta deslizante do cais de carga se abriu com um ruído contido. A luz de um poste de iluminação na rua desenhou a silhueta de alguém com uma lanterna, na porta agora aberta. Enquanto o feixe de luz passeava pela sala abobadada, escondi-me atrás de pilhas de caixas, mas o meu pé bateu numa palete solta pousada no chão de cimento, fazendo um ruído de raspar que senti poder ser ouvido do outro lado do rio East, em Manhattan.

O feixe da lanterna iluminou-me e eu baixei-me e apontei o revólver na sua direção. O clique de um cão cortou o silêncio repentino. Antes de poder premir o gatilho, fez-se ouvir um tiro solitário, seguido de um grito de dor. Fred Durkin?

– Seu filho da mãe! – Era mesmo Durkin, mas não fora ele a gritar. – Há outro lá fora, Archie – disse

ele, numa voz rouca, enquanto eu corria para a porta aberta. Vi um homem alto e magro no parque de estacionamento, com as mãos no ar.

– Não dispare! – implorou. A pistola dele, automática, estava no chão a seus pés, em sinal de rendição. Saltei do cais de carga e cobri-o enquanto apanhava a arma e a metia no bolso.

O primeiro grito que ouvira tornou-se um gemido alongado. Obriguei o homem magro a voltar para o edifício, empurrando-o com o meu revólver. Encontrei Durkin de pé junto a um fuinha a contorcer-se, agarrado à mão que sangrava.

– O miserável ia apanhar-te, Archie – rosnou ele. – Não tive escolha. Tive de disparar.

– Tiraste-lhe o revólver da mão com um tiro? – perguntei, espantado. Durkin assentiu. – Isso é que é boa pontaria.

Ele abanou a cabeça.

– Não foi assim tão boa, Archie. O meu objetivo era matá-lo.

\*

Várias horas mais tarde, Bascom, Durkin e eu estávamos sentados a beber café no gabinete de Bascom, a rever os acontecimentos da madrugada. Fred e eu havíamos passado umas horas com membros da Polícia de Nova Iorque, na 10.<sup>a</sup> Esquadra. Mais uma vez, tive o prazer de ter uma conversa animada com o tenente George Rowcliff, apesar de, como na primeira vez, ter sido ele o principal participante na conversa.

– Acaba de chegar à cidade, Goodwin, e já o v-vi mais do que espero vê-lo no que resta da minha vida, o que conto ser m-muitos anos. Os sarilhos perseguem-no?

– Sou só um tipo a tentar ganhar a vida de forma honesta, tenente. Parece que estou sempre a cruzar-me com cidadãos da sua bela metrópole que têm armas apontadas a mim, com intenção de me fazer mal.

Podia contar-vos mais do nosso diálogo unilateral, mas basta dizer que o gaguejar de Rowcliff aumentou, à medida que o seu discurso inflamado se tornou mais alto. Já que eu não disparara um único tiro, ele não tinha muito para dizer, apesar de ter passado muito tempo com Durkin.

– O que podia o tenente fazer-me? – perguntou Fred. – Afinal de contas, apanhámos dois assaltantes armados para a polícia.

– Verdade – disse Del Bascom. – Mas não te esqueças que o Rowcliff já nasceu zangado. Precisa de desabafar ou explode. Algum de vocês viu o Cramer enquanto estavam na esquadra?

Durkin abanou a cabeça.

– Quem é o Cramer? – perguntei.

– Inspetor Lionel Cramer. É chefe do Departamento de Homicídios no lado ocidental da cidade – disse Bascom. – Duro, mas justo, e bastante mais inteligente do que o Rowcliff. Claro que este não é um caso de homicídio, razão pela qual não se deu ao trabalho de falar com nenhum de vocês. E, já agora, não sei porque é que o Rowcliff meteu o nariz. Também é dos Homicídios.

– Em geral, acho que foi um bom dia de trabalho – disse eu –, graças aqui ao Fred.

O rosto irlandês de Durkin corou com o elogio.

– Só fiz o que qualquer um de vocês teria feito na mesma situação – murmurou.

– Talvez – respondi. – Só sei que eu estava na mira daquele tipo. Mais uns segundos e teria acabado no comboio de amanhã, a caminho do Ohio, num caixão.

– Que raios, podia nem te ter acertado – disse Bascom, numa tentativa de aligeirar a conversa.

– Tudo é possível – admiti –, mas fico feliz por o Durkin ser rápido no gatilho, mesmo se ele diz ter má pontaria.

Fred voltou a corar, e acabámos o café em silêncio, a pensar no que acontecera e no que poderia ter acontecido.

– Bem, tenho de ir para casa – disse o detetive encorpado, levantando-se. – A minha mulher não sabe onde ando. Vejo-vos mais tarde. Obrigado pelo trabalho, Del. Não arranjo trabalhos destes hoje em dia. Foi bom trabalhar contigo, Archie. Talvez os nossos caminhos se cruzem outra vez um dia.

– Será um prazer – respondi, com sinceridade.

## CAPÍTULO 6

Trabalhei em muitos mais casos com Del Bascom depois do caso do armazém em Long Island City, mas não foram nem de perto nem de longe memoráveis. Depois de estar ao serviço dele durante cerca de um mês, Bascom chegou tarde ao escritório um dia e pediu-me que fosse ao seu gabinete.

– Fecha a porta – disse, depois de eu ter entrado e de me dirigir a uma cadeira. Tinha de ser um assunto invulgar, porque o detetive não fechava a porta com frequência.

Sentei-me e ele olhava para o seu tinteiro, a franzir o sobrolho:

– Archie, o que te vou contar é confidencial.

– Como sabes, já guardei um segredo ou dois.

– Claro, claro. Está bem, o caso é o seguinte: fui convidado a integrar uma equipa que está a investigar um rapto, e quero que venhas também.

Assenti.

– Quem foi raptado?

– O filho do Burke Williamson.

O nome não significava nada para mim, e o meu rosto deve tê-lo revelado, porque Bascom bateu com a palma da mão na testa.

– Desculpa, estou sempre a esquecer-me que és novo na cidade. Burke Williamson deve ser um dos dez homens mais ricos de Nova Iorque, talvez até um dos cinco mais ricos. É dono da cadeia de hotéis Olympus, a que tem o *slogan* «O Olympus Alberga Um Mundo de Viajantes, Todos os Dias».

– Dos hotéis já ouvi falar. O nome é conhecido, mesmo nos cantos mais recônditos do Ohio.

– O filho dele de oito anos, Tommie, foi raptado de uma grande casa de campo que eles têm em Long Island ontem de manhã. Não saiu nada nos jornais.

– Se são tão ricos como diz, porque não tinha o miúdo mais proteção?

– Boa pergunta – disse Bascom.

– Além disso, com tanto dinheiro, porque não pagam aos raptadores?

– Outra boa pergunta, Archie. Teremos de perguntar ao Nero Wolfe.

– Quem?

– Nero Wolfe, o detetive privado mais inteligente da cidade, e talvez do mundo, na minha opinião. O caso está nas mãos dele, mas ele pediu-me para integrar a equipa. Tem três colaboradores com quem costuma trabalhar, e por vezes recorre a mim. Esta é uma dessas vezes, e quero que venhas também.

– Por mim, tudo bem. Nero, hã? Onde arranjou ele esse nome?

– Não sei, mas vais ter hipótese de lhe perguntar, se não te importares com a reação que vais obter. Temos de estar em casa dele às onze.

Vinte minutos depois, estávamos no táxi a caminho da residência de Wolfe, que descobri ser no lado ocidental da Rua Trinta e Cinco, perto do Hudson.

– Prepara-te para uma experiência – disse Bascom. – Este homem é diferente de todos os que conhecestes ou conhecerás.

Encostámos em frente a uma casa de aspeto normal, que fazia parte de uma fila contínua de residências semelhantes, entre as avenidas Dez e Onze, no que parecia ser um quarteirão típico de Nova Iorque, se tal coisa existisse.

A porta foi aberta por um homem baixo de cabelo branco, com um bigode impecavelmente aparado e avental de empregado de mesa branco.

– Ah, Mr. Bascom, Mr. Wolfe está à sua espera – disse ele com o que me pareceu um sotaque francês. – E o senhor é Mr. Goodwin, creio? – acrescentou, virando-se para mim com o início de uma vénia.

– Em pessoa. Mas pode chamar-me Archie, toda a gente o faz.

Ele sorriu, pegou nos nossos casacos e pendurou-os num bengaleiro no átrio, e depois levou-nos por um corredor alcatifado, até à segunda porta à esquerda. Entrámos numa sala grande que parecia acolhedora. Reparei, por ordem, numa secretária de cerejeira sem ninguém lá sentado, numa parede de estantes de livros, num tapete oriental que era principalmente amarelo, e no maior globo que já havia visto, pelo menos quatro vezes maior do que o da sala de História de Mr. Mason, no meu liceu.

Só nessa altura me apercebi de que havia três pessoas na sala, uma das quais reconheci.

– Olá, Arch – disse Fred Durkin do seu lugar no sofá, acenando e sorrindo. – Não demorou assim muito para nos voltarmos a ver, pois não?

O homem ao lado de Fred parecia uns quatro anos mais velho do que eu e não era mal parecido, se se conseguisse ignorar o sorriso convencido que tinha no rosto. Parecia alguém com muito boa opinião de si próprio, e desafiava qualquer um a sugerir o oposto. O terceiro tipo estava sentado numa cadeira de couro vermelho na ponta da secretária desocupada. Tinha os ombros caídos e um rosto que parecia ser quase todo nariz, mas os seus olhos escuros mexiam-se rapidamente, apanhando tudo.

– Olá, Del – disse ele a Bascom, e depois virou-se para mim. – Sou Saul Panzer, e vejo que já conhece o Fred. A autodenominada dádiva de Deus às mulheres a seu lado é Orrie Cather. E o senhor é...?

– Archie Goodwin.

– Bem-vindo, Goodwin – disse Panzer. – Mr. Wolfe deve descer dentro de... um minuto – disse, depois de consultar o relógio de pulso.

Bascom puxou uma das cadeiras amarelas em frente da secretária e eu sentei-me numa igual junto a ele. Fiquei de costas para a porta, por isso só vi o nosso anfitrião chegar quando ele entrou na minha linha de visão. E que visão.

Grande não chega para descrever Nero Wolfe. Não estava preparado para alguém do seu... *volume*, que de repente eu diria ter no mínimo cento e dez quilos. Foi para trás da sua secretária com uma graciosidade surpreendente, e colocou um ramo pequeno de flores de tom magenta num vaso no seu tinteiro. Não pareciam de todo as flores ganhadoras de prémios que a minha tia Verna tinha em Chillicothe.

O nosso anfitrião sentou-se, endireitou-se numa cadeira grande e observou a sala sem qualquer expressão.

– Saul, Fred, Orrie, Mr. Bascom. – Falou num tom seco, baixando a cabeça um pouco na direção de cada um. E, na minha direção, um olhar de leve curiosidade. – O senhor é o Archie Goodwin de que Mr. Bascom me falou ao telefone. – Foi uma afirmação, não uma pergunta.

Assenti.

– Isso mesmo. Ele elogia muito as suas capacidades, e não é um homem que o faça de forma leviana.

Já vira bastantes pessoas gordas na minha terra, mas todas haviam parecido desgrenhadas... não necessariamente desleixadas, apenas descuidadas com a roupa e a aparência geral. Nero Wolfe não era nenhuma dessas coisas. Tinha um fato castanho às riscas, com colete, uma camisa amarela engomada e uma gravata às riscas amarelas e castanhas. O seu rosto grande e quadrado era coroado por cabelo castanho-escuro bem cortado, e os seus olhos tinham uma intensidade que fazia com que uma pessoa sentisse que podiam atravessar-nos.

– Cavalheiros, temos muito que ver hoje de manhã – disse ele. – No entanto, primeiro, seria mau



anfitrião se não oferecesse refrescos. Eu vou beber cerveja. Alguém se junta a mim? Ou, dada a hora, talvez café. O Fritz acabou de o fazer. – Fred Durkin escolheu cerveja, os restantes café.

Não sei como Wolfe o fez, mas, em quarenta e cinco segundos, o homem que nos recebera à porta, que eu agora sabia chamar-se Fritz, trouxe um carro de servir para o escritório. Nele estavam três garrafas de cerveja canadiana, dois copos de cerveja gelados, uma cafeteira, e três chávenas com pires.

Fritz pousou duas garrafas e um copo à frente de Wolfe, e abriu a terceira cerveja, entregando-a, juntamente com o outro copo, a Durkin. Depois, serviu-nos café e pousou as chávenas fumegantes em mesinhas junto às nossas cadeiras. Tudo foi feito com uma eficiência rápida, mas sem pressas.

Observei enquanto Wolfe tirou a cápsula de uma das cervejas com um abridor que tirara da gaveta central da secretária. Olhou para mim enquanto servia a cerveja.

– Mr. Goodwin – disse –, pela sua expressão, está a perguntar-se como tenho em minha posse isto que o governo dos Estados Unidos considera contrabando. Um homem em Toronto acha que tem uma dívida para comigo por causa de um serviço que lhe fiz há vários anos, e tenho cobrado essa dívida de forma livre e desavergonhada. Ele envia-me carregamentos de cerveja regularmente, utilizando um canal que prefiro não especificar.

«Se a posse e o consumo desta bebida constituírem um ato criminoso, assim seja. Em minha defesa, que admito não ser validada por nenhum tribunal, assinalo que a lei Volstead é um decreto infame ratificado por entidades legislativas insensatas que sentem necessidade de legislar sobre a moralidade. Os resultados desastrosos desta emenda constitucional são óbvios, até para o leitor mais casual de jornais em Nova Iorque, Chicago, ou qualquer uma das inúmeras cidades que estão nas mãos do crime organizado, que lucra com a proibição do álcool pelo governo.

Nessa altura, bebeu metade da cerveja que tinha no copo e pousou-o.

– Agora – disse ele, secando os lábios com um lenço –, chegamos ao motivo desta reunião. Ontem de manhã, pouco antes de ir para a escola, Tommie Williamson, oito anos, filho do hoteleiro Burke Williamson, desapareceu da propriedade de campo da família nas redondezas de Garden City, em Long Island. Passadas horas, a família recebeu um bilhete de resgate a pedir cem mil dólares em troca do regresso do rapaz.

– O Williamson chamou a polícia? – perguntou Orrie Cather.

– Não. Receou que a polícia local pusesse o Tommie em perigo, de alguma forma, com o que chamou «tentativa desastrada» de libertar o filho. Procurou-me porque lhe fui recomendado por um amigo próximo, um homem que em tempos salvei de uma situação difícil com um chantagista que agora reside numa das instituições penais deste estado.

Saul Panzer assentiu.

– Mostra-lhes o bilhete?

– Vou passá-lo em volta. O Fritz já procurou impressões digitais, e as únicas que encontrou são de Burke Williamson. Tirámos as impressões digitais dele quando estive aqui ontem à tarde.

A folha rodou pela sala. Fora rasgada de um bloco de papel barato, do tipo disponível em qualquer drogaria ou loja.

– O bilhete veio num envelope branco simples, que também não tinha impressões digitais para além das de Mr. Williamson – continuou Wolfe. – Foi entregue à porta de casa da sua residência de Long Island por um rapaz com cerca de doze anos, segundo o mordomo, que nunca vira o jovem.

– E suponho que o miúdo virou costas e nunca mais foi visto – contribuiu Cather.

– Supõe de forma correta, Orrie. Saiu a correr depois de entregar o bilhete – disse Wolfe enquanto eu lia a mensagem, que estava bem escrita a tinta, em maiúsculas:

MR. WILLIAMSON,

O SEU FILHO ESTÁ EM SEGURANÇA. E REGRESSARÁ PARA SI, EM SEGURANÇA TAMBÉM, MAS APENAS DEPOIS DE SEREM RECEBIDOS 100 000 DÓLARES. ELE NÃO CORRE QUALQUER PERIGO DE SER FERIDO. EM BREVE RECEBERÁ INSTRUÇÕES SOBRE COMO O DINHEIRO DEVE SER ENTREGUE. NÃO CONTACTE A POLÍCIA EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA.

– O rapaz não é vigiado quando está no jardim? – perguntou Del Bascom.

– Devia ser – resmungou Wolfe. – Tem uma ama, chamada... – virou-se para Saul Panzer.

– Sylvia Moore – disse Panzer. – Fui à propriedade hoje de manhã cedo. Como pode imaginar, a casa está em tumulto. Falei com a jovem cujo trabalho é vigiar o Tommie, ajudá-lo com os trabalhos de casa, esse tipo de coisa. Está transtornada, culpa-se pelo que aconteceu.

– O que aconteceu, de facto? – perguntou Cather com um rosnado.

Panzer ergueu a mão.

– Lá chegarei. O Tommie frequenta uma escola privada cara perto de casa, Academia MeadesGate. O motorista da família leva-o e vai buscá-lo todos os dias. Ontem de manhã, por volta das oito, quase uma hora antes de ter de sair para a escola, o Tommie estava no jardim a recolher tipos diferentes de folhas da relva e das árvores, para um projeto escolar. Sylvia Moore estava com ele. Depois, um dos membros do pessoal doméstico gritou da casa a dizer que Miss Moore tinha um telefonema urgente.

– Deixe-me adivinhar – interrompi, cansado de ser apenas um ouvinte. – Quando ela pegou no aparelho, não havia ninguém na linha. E, quando voltou para o jardim, o rapaz desaparecera.

– Bingo em ambas as coisas. Desapareceu assim – disse Panzer, estalando os dedos. – O Williamson estava no seu escritório em Manhattan, mas a sua mulher, Lillian, e todo o pessoal passaram o terreno a pente fino, um total de 32 mil metros quadrados, sem sinal dele. E há uma vedação de ferro forjado com um metro e oitenta de altura à volta da propriedade. A única interrupção são os portões na entrada, junto à estrada principal.

– Alguém verificou de onde veio a chamada? – perguntou Cather.

– Eu verifiquei – respondeu Panzer. – Sem sorte. A companhia telefónica local não tem essa capacidade.

Wolfe acabou a sua primeira cerveja e abriu a segunda garrafa.

– Saul, tiveste oportunidade de conhecer todo o pessoal doméstico da propriedade dos Williamson hoje de manhã, por mais brevemente que tenha sido. Por favor transmite a tua impressão deles, assim como da propriedade em si.

Panzer abriu o bloco de notas.

– Ora bem, primeiro, a casa é uma verdadeira mansão, de tijolo, ao estilo inglês, três andares, telhado de ardósia, com uma garagem para cinco carros, campo de ténis e piscina. Também tem anexos, uma estufa e estábulos. A Mrs. Williamson é um ginete e tanto. Para que entendas, um ginete é alguém que anda a cavalo – disse Panzer com um sorriso, virando-se para Orrie.

– Eu sei o que quer dizer – respondeu Cather.

– Quanto ao pessoal, são oito ao todo – disse Panzer. – O manda-chuva é o mordomo, Waverly, só usa um nome, embora o seu nome próprio seja Earl. Tem cerca de cinquenta e cinco anos, antiquado, alto, quase careca, fala com um sotaque britânico que calculo seja afetado. Está com a família há vinte anos e, segundo Williamson, a sua confiança nele é absoluta.

«Emily Stratton é a governanta, uma solteirona, está na casa há quinze anos. É esquelética e empertigada. Diria que tem quarenta e muitos anos. Conseguir que diga cinco palavras é um feito. Nem tu, Orrie, com os teus muitos encantos, conseguirias levá-la.

Cather escarneceu.

– Com base na tua descrição, de certeza que não quereria fazê-lo.

– A cozinheira é Mrs. Price, apesar de não ser claro se alguma vez foi casada. Baixa, cabelo branco, na casa dos sessenta, e com pelo menos dez quilos a mais. Como o mordomo e a governanta, transborda de soberba e comporta-se como se a casa ficasse em ruínas sem ela. No entanto, é sensível à lisonja. Quando sugeri que deve ser boa para conseguir preparar refeições para a família, o rosto dela ficou vermelho como um semáforo, e ela ficou sem saber o que dizer.

«A empregada de limpeza, Mary Trent, deve ter no máximo dezanove anos. É magra, de cabelo escuro, e tímida de uma forma atraente. Vem de uma família de classe trabalhadora de Yonkers, onde o pai é gerente de uma bomba de gasolina e oficina. Só está com os Williamson há um ano, desde que acabou o liceu. Faz a maior parte das limpezas e serve à mesa juntamente com Emily Stratton.

«Charles Bell trata dos serviços de motorista. Está com os Williamson há mais de três anos e tem boa figura, pavoneia-se no seu uniforme, chapéu e botas engraxadas. Não me parece que os outros membros do pessoal gostem muito dele, aparentemente por causa da sua arrogância. O jovem, pois é provável que esteja na casa dos trinta, parece muito convencido. Talvez seja por causa dos carros que o deixam conduzir. A frota dos Williamson inclui atualmente um sedã *Packard*, um *phaeton Pierce-Arrow*, e um *roadster* da *Auburn*, que Burke Williamson gosta de conduzir ao fim de semana.

– Provavelmente para impressionar os vizinhos – murmurou Durkin.

– Não me parece, Fred – respondeu Panzer. – A maioria dos vizinhos é provavelmente quase tão rica como ele, e além disso ele parece um bom tipo, muito mais modesto e discreto do que vários membros do seu pessoal doméstico.

– Bem, mas vejam quem ele é. Não tem de impressionar ninguém – salientou Bascom.

– Verdade. Continuando, há Sylvia Moore, a já mencionada ama. E, Orrie, desta gostarias. Tem vinte e seis anos, é magra, loira e inteligente. Andou numa daquelas escolas elegantes para raparigas na Nova Inglaterra. Foi contratada há cinco anos para cuidar do pequeno Tommie e dar-lhe aulas antes de ele começar a escola, e ainda trabalha nas lições com ele, para além de ajudar Mrs. Williamson com o seu trabalho de caridade. Não falei muito com ela, no entanto, por estar tão arrasada.

«Há mais dois membros do pessoal – continuou Panzer. – Lloyd Carstens trata da estufa e dos jardins, incluindo os canteiros de flores, que já ganharam uns prémios locais. É um tipo ríspido, provavelmente perto dos cinquenta anos. Não fala mais do que o necessário e parece passar muito tempo sozinho.

«Depois, há o tratador dos estábulos, Mark Simons, que eu diria ter quarenta e cinco anos, e que trabalhou com cavalos a vida toda. Cuida dos três animais que Mrs. Williamson tem, e fiquei com a distinta impressão de que ele e o Carstens não se dão bem. Tem a ver, pelo menos em parte, com quem manda no caminho equestre de oitocentos metros que dá a volta à propriedade. Ambos acham que é sua responsabilidade.

– Essas pessoas vivem todas na mansão? – perguntou Bascom.

– Todas exceto o Carstens e o Simons – disse Panzer. – Tomam o pequeno-almoço e almoçam com o resto do pessoal numa sala de jantar dos empregados, na cave, mas vão para casa todas as noites. Vivem a poucos quilómetros de distância.

– Mais alguma coisa a relatar? – perguntou Wolfe.

– Não, senhor, é tudo.

Wolfe olhou para o copo de cerveja vazio de forma furiosa, depois ergueu o olhar, inspirando imenso ar e expirando-o lentamente.

– Vão todos à casa dos Williamson; a família está à vossa espera. O Saul vai dirigir a operação. Ele e Mr. Goodwin falarão com os Williamson e Miss Moore, a... como lhe chamaste, Saul?

– A ama.

Wolfe fez uma careta.

– Termo nojento. Orrie, vai interrogar a cozinheira, o mordomo e a empregada. Fred, a tua missão é o jardineiro e o tratador dos estábulos, e, Mr. Bascom, fale com o motorista e a governanta.

– Todas essas conversas devem ser privadas, sem mais ninguém presente. Devem descobrir onde cada um deles esteve entre as sete e meia e as nove da manhã de ontem. Presumo que a casa seja governada por uma série de rotinas bem definidas. Determinem se houve algum desvio dessas rotinas ontem de manhã. Verifiquem as áreas de trabalho de todos os empregados e determinem quais delas têm telefone, seja uma extensão ou uma linha separada para o exterior. Mr. Williamson não pareceu interessado nesse detalhe quando aqui veio, mas estava sob uma grande pressão. Alguma pergunta?

– Cabemos todos no seu carro, Mr. Wolfe – disse Panzer. – Posso partir do princípio de que vamos levá-lo?

– Podem fazê-lo – respondeu, levantando-se e saindo da sala.

– Então Wolfe não vai lá dar uma olhadela em pessoa? – perguntei a Bascom, entre dentes, quando nos levantámos para sair.

– Estás a brincar? Ele quase nunca sai daqui, miúdo. Limita-se a sentar-se àquela secretária grande dele e pensar nas coisas. E raios me partam se não acerta todas as vezes. Pelo menos foi assim, sempre que estive por perto.

## CAPÍTULO 7

Saul Panzer conduziu o grande sedã *Heron* de Wolfe até Long Island. Cather chegou ao carro primeiro, quando saímos da casa, por isso sentou-se no lugar do passageiro, deixando Bascom, Durkin e eu apertados no banco de trás, pois não havia um assento suplementar na traseira. A conversa no caminho centrou-se, claro, no rapto.

– Não consigo perceber como é que alguém tirou o miúdo da propriedade tão rapidamente – disse Durkin. – A ama só esteve dentro de casa três ou quatro minutos no máximo, pelo menos segundo o que nos disseram.

– Sim, e tinham de fazer com que o rapaz passasse por cima da vedação de ferro que rodeia a casa, de alguma forma – acrescentou Del Bascom.

– O que eu não entendo é por que razão o Wolfe parece tão descontraído em relação ao caso – disse Cather. – Se fosse meu filho, eu queria ação mais rápida do que esta, e provavelmente também chamaria a polícia.

– Como devias saber por esta altura, Mr. Wolfe sabe sempre o que faz, Orrie – disse Panzer, de modo brusco. – Para além de uma conversa rápida que tive com o homem, Wolfe é o único entre nós que falou com Williamson, e tem melhor perceção do grau de urgência. – Eu concordava com Cather nesta instância, mas era de longe o tipo com o estatuto mais baixo, por isso limitei-me a observar a paisagem enquanto nos dirigíamos para leste na ilha grande, deixando a cidade para trás.

Saul Panzer não exagerou ao descrever a propriedade dos Williamson. Passámos por uma entrada com portões de ferro abertos, presos a pilares de tijolo sobre os quais havia globos de iluminação foscos, do tamanho de bolas de basquetebol. A estrada alcatroada passava por uma ponte pequena, sob a qual havia o que presumi ser o caminho equestre.

Depois de termos percorrido cerca de quatrocentos metros numa alameda ladeada por canteiros com flores, a casa ficou à vista: tijolo e pedra, da largura e comprimento de um campo de futebol, com três andares, telhados de duas águas no andar superior e uma entrada de cocheiro sob a qual os convidados e hóspedes desembarcavam dos seus automóveis chiques sem que a chuva ou a neve lhes caíssem nas cabeças ricas e bem cuidadas.

Saímos do carro aos tropeções e, antes de Saul bater à porta com a aldraba de latão polido, a porta de madeira escura decorada abriu-se, revelando um homem magro e calvo de uniforme, que era obviamente o mordomo Waverly.

– Ah, sim, Mr. Panzer, seja novamente bem-vindo. Mr. Williamson está à espera de todos os cavalheiros. Por favor, entrem – disse, com sotaque britânico, ou uma imitação razoável. Seguimo-lo por um átrio de teto abobadado com tamanho para uma banda de baile de primeira categoria, e para uma sala com paredes de madeira sem janelas, com luz indireta, que era o escritório de Burke Williamson. – Ele virá ter convosco muito em breve – disse Waverly, virando-se de forma repentina antes de sair.

– É uma bela casa – observou Fred Durkin, olhando para as paredes de pau-rosa, as estantes com livros até ao teto, a lareira e o bar cromado embutido na parede mais distante. – Eu habituava-me a isto.

– Como se alguma vez tivesses hipóteses – escarneceu Orrie Cather. – Isto não é propriamente o teu tipo de casa...

Foi interrompido pela entrada do nosso anfitrião. Burke Williamson, que eu diria ter entre quarenta e quarenta e cinco anos, tinha o aspeto de alguém rico, desde o seu cabelo castanho bem cortado, com um toque de grisalho, até ao fato em espinha e os brogues engraxados. No entanto, o rosto mostrava sinais de

tensão.

– Cavalheiros, obrigado a todos por terem vindo – disse, com uma voz grave de locutor de rádio. – Por favor, sentem-se. Alguém quer uma bebida?

Todos recusámos, sentando-nos, enquanto Williamson permaneceu de pé.

– Claro que já conheci Mr. Panzer hoje e, como todos sabem, visitei Mr. Wolfe ontem. Segundo sei, querem interrogar todo o pessoal, apesar de eu não imaginar porquê. Ninguém que trabalhe aqui é capaz desta... coisa.

– É muito provável que tenha razão – disse Panzer com um aceno de cabeça –, mas um deles pode ter visto ou ouvido algo que nos possa ajudar a descobrir o seu filho, algo que nem sequer tenha consciência de ser uma pista. Já recebeu alguma chamada do raptor?

Williamson engoliu em seco, tentando manter a compostura.

– Não, e esta espera... esta maldita espera tem sido difícil para mim, e ainda mais para a minha mulher. Estou sempre ansioso por que o telefone toque. – Acendeu um cigarro com uma mão trémula.

Panzer, cuja diplomacia me impressionou, disse algumas palavras de comiseração a Williamson e depois apresentou-nos.

O magnata hoteleiro assentiu, sério.

– Já disse ao pessoal que todos seriam entrevistados e foi precisamente essa palavra que utilizei, *entrevistados*, porque não quis que sentissem que iam ser interrogados. Espero que todos entendam e apreciem essa diferença.

Foi a vez de Panzer assentir.

– Entendemos, caro senhor, e todos nós tentaremos fazer o nosso melhor por que as conversas com o seu pessoal sejam cordiais e sem confrontações. No entanto, sei que quer que façamos tudo o que podemos para encontrar o seu filho, e isso será a nossa prioridade, e a sua também, e não a possibilidade de ofender um membro do seu pessoal doméstico.

– Tem razão, claro – disse Williamson, nervoso, mordendo o lábio inferior. – Não sei quais são as vossas missões específicas, mas o Waverly pode dirigir-vos às pessoas. – Carregou num botão na secretária e, em poucos segundos, o mordomo apareceu à porta, pronto para o serviço.

– Estes cavalheiros vão precisar de ser orientados, Waverly. – Depois, virou-se para nós. – E agora, se me dão licença, tenho de ir lá para cima ter com a minha mulher – disse, enquanto os outros seguiam o mordomo.

– Mr. Goodwin e eu estamos encarregados de falar convosco – disse Panzer, calmo mas firme.

Williamson virou-se rapidamente, de sobranceiras arqueadas.

– Com a Lillian e comigo? Mas porquê?

– Mr. Wolfe pediu que interrogássemos todas as pessoas da casa.

O nosso anfitrião ficou claramente irritado, mas suspirou de forma resignada.

– Quer-nos juntos ou separados? – perguntou a Panzer.

– Separados seria preferível, Mr. Williamson.

– Está bem, então pode começar comigo, agora mesmo. Vamos despachar isto. – Deixou-se cair na cadeira atrás da sua secretária elegante, enquanto os seus ombros almofadados descaíram.

– Estava cá quando o seu filho desapareceu?

– Não, não – respondeu, zangado. – Já disse isso ao Wolfe. Tinha ido a Manhattan, ao meu escritório na sede dos hotéis Olympus, na Quinta Avenida. O Charles conduziu-me até à estação da vila, a cerca de dois quilómetros daqui, e apanhei o comboio das 7h35 para a Penn Station.

– Creio que também disse a Mr. Wolfe que a companhia telefónica daqui não tem capacidade de localizar chamadas.

– Como diretor da companhia local, lamento admitir que isso é verdade – disse o hoteleiro em tom sombrio, abanando a cabeça. – No entanto, se eu tiver voto na matéria, e creio que terei, essa condição vai mudar em breve. Têm de compreender que só temos aparelhos de disco rotativo nesta área há pouco mais de um ano.

– Quantos telefones tem aqui? – perguntou Panzer.

Williamson franziu o sobrolho e olhou para o teto.

– Vejamos... contando um na estufa, um nos estábulos, e na cozinha lá em baixo... temos sete, não, oito.

– Todos com o mesmo número?

– Com certeza que não! Cada aparelho tem uma linha exterior separada. É a minha forma de tentar promover maior utilização telefónica, conseguir que as pessoas tenham mais de uma linha em casa. Na verdade, há uns meses um jornal local fez uma reportagem sobre todas as nossas linhas telefónicas, que eu encorajei. E eu... – parou e olhou para Panzer, com ar severo. – Porque está tão curioso em relação aos nossos telefones?

Panzer endireitou os ombros estreitos, como que a preparar-se para uma discussão.

– É possível que a chamada que levou Miss Moore a entrar em casa vinda do jardim tenha sido feita de outra parte da casa ou da propriedade, não é?

– É possível, sim. Mas não é de todo provável! De todo! Como já lhe disse, caro senhor, ninguém ao meu serviço aqui é capaz desta... desta... – Williamson expirou ruidosamente, e bateu com a palma da mão na secretária, como que a completar a frase.

– Mr. Wolfe quer que exploremos todas as possibilidades – disse Panzer em tom calmo mas firme. – O senhor contratou-o porque ele tem fama de ser minucioso, e espera que as pessoas que trabalham para ele o sejam também.

– Sim, claro – disse Williamson, num sussurro. – Desculpe, mas os meus nervos estão em franja.

Panzer assentiu.

– É completamente compreensível. Houve tentativas anteriores de raptar o seu filho?

– Nenhuma, embora a minha mulher e eu fôssemos irresponsáveis se não fizéssemos todos os esforços para proteger o Tommie – disse ele, com a voz a começar a quebrar. – É levado para a escola de carro todos os dias, e nunca brinca no jardim sozinho, com a exceção... – Não teve de acabar a frase.

– Tem alguma teoria em relação à forma como o Tommie desapareceu da propriedade?

Williamson assumiu uma expressão carrancuda.

– Mais uma vez, estamos a falar de coisas que já discuti com Nero Wolfe. Não, estou completamente baralhado em relação ao que aconteceu.

– Os portões da propriedade estão sempre abertos? – perguntei.

– Sim. Não há motivo para os fechar. Temos muitas entregas, comerciantes, merceiros e assim. E o Tommie nunca brinca à frente da casa.

– O senhor ou alguém do seu pessoal reparou em alguém na propriedade ou na vizinhança que não parecesse ter razão para aqui estar?

– Não, não vi nem ouvi ninguém invulgar ou deslocado a rondar. Para além do rapaz que entregou o bilhete de resgate, claro.

– Obrigado, senhor – disse Panzer. – Podemos falar com Mrs. Williamson agora?

– Eu vou lá acima buscá-la – respondeu Williamson, levantando-se com esforço e saindo a caminhar de forma rígida.

– Há demasiadas malditas linhas telefónicas nesta casa – disse eu, depois de ele sair. – Williamson não é apenas um barão dos hotéis, também parece ser um magnata dos telefones.

– E um magnata que está decidido a exhibir o produto – comentou Panzer.

– Então, como eu, calcula que seja um trabalho feito a partir de dentro?

– Parece isso mesmo – respondeu ele, coçando o nariz grande. – Mas talvez os outros descubram alguma coisa que nos aponte noutra direção. – Mas não pareceu convencido.

– Bem, eu acho... – Parei porque uma mulher alta e elegante com um robe malva entrara na sala. Lembrou-me de muitas senhoras que eu via no *country club* da minha terra, onde trabalhei como *caddy*, em miúdo. Imaginei que, montada num cavalo, ela ficasse com ar de pertencer à realeza.

– Sou a Lillian Williamson – disse ela, num tom calmo e fino, quando ambos nos levantámos e nos apresentámos. – Por favor, sentem-se. – Sentou-se e cruzou as mãos bem tratadas sobre o colo.

Panzer agradeceu-lhe por falar connosco, e perguntou se tinha alguma ideia sobre quem poderia ter raptado o filho.

– Nenhuma, de todo – respondeu, com lágrimas a começar a formar-se nos olhos.

– O seu filho tem muitos amigos próximos na escola? – perguntei.

Ela encolheu os ombros.

– Não muito próximos. Oh, já cá estiveram um ou dois rapazes a brincar umas vezes depois das aulas. De todas as vezes, veio um pai ou um motorista também. Somos todos bastante protetores dos nossos filhos por aqui.

– O Tommie também foi a casa de algum colega?

– Sim, foi sim, algumas vezes. Foi sempre levado pelo Charles, Charles Bell, o nosso motorista, que ficou lá enquanto ele brincava e depois o trouxe para casa.

– E Mr. Bell leva-o para a escola e trá-lo para casa todos os dias, correto? – perguntou Panzer.

– Sim. A escola do Tommie, a Academia MeadesGate, fica a cerca de nove quilómetros daqui, uma viagem de dez a quinze minutos – disse ela, observando as mãos.

– Que faz a ama do rapaz, Sylvia Moore, enquanto ele está na escola todo o dia? – perguntou Panzer.

– É muito útil aqui, de muitas formas – respondeu Lillian Williamson. – Trabalha como minha secretária social oficiosa. Eu estou envolvida em muitas organizações de caridade e eventos de angariação de fundos, aqui e na cidade, e isso acarreta muita correspondência. A Sylvia, além de maravilhosa com o Tommie, ajudando-o com os trabalhos escolares e isso, sabe estenografia e é uma excelente datilógrafa. Chegou a escrever-me quarenta cartas por dia.

– Tem muita sorte por ter alguém tão versátil a trabalhar para si – disse Panzer.

– Tenho, sim, e também é uma companhia muito apreciada. Como talvez saiba, eu ando muito a cavalo, tanto competitivamente como por prazer. Temos um caminho equestre na propriedade. A Sylvia acompanha-me com frequência. É uma companhia maravilhosa, e uma ouvinte excelente das ideias que me ocorrem para as obras de caridade com que tenho o privilégio de trabalhar.

– Onde estava quando o seu filho desapareceu? – perguntei.

Ela voltou a olhar para baixo, como se a estudar o colo.

– Estava no meu quarto, no andar de cima, a falar ao telefone com o meu copresidente de um baile de caridade que estamos a planear no Hotel Plaza. O Burke já saíra para o escritório e a Sylvia gritou-me de lá de baixo a dizer que o Tommie... desaparecera. – Enterrou a cabeça nas mãos e começou a soluçar.

Ficámos sentados em silêncio durante quase um minuto. Lillian Williamson ergueu o olhar e respirou fundo uma vez, e depois outra, a fungar.

– Por favor desculpem-me, cavalheiros – disse, recompondo-se.

– Não temos nada a desculpar – respondeu Panzer. – Agradecemos que nos tenha dado algum tempo. Posso partir do princípio de que não tem suspeitas em relação a ninguém que esteja ao seu serviço?

– Totalmente correto, Mr. Panzer. Confio em todos, completamente e sem reservas. E simplesmente não consigo entender quem poderia ter telefonado à Sylvia e não estar em linha quando ela entrou. É tudo tão



horrível.

Ambos concordámos, e Panzer perguntou a Mrs. Williamson se podíamos falar com Sylvia Moore.

– Eu vou buscá-la – respondeu ela, levantando-se e saindo da sala com a graciosidade de quem aparentava controlar completamente as emoções, apesar de sabermos que não era assim.

Cerca de cinco minutos depois, uma mulher loira, magra e bonita, com rosto em forma de coração, entrou na sala em pontas de pés. Parecia mais jovem do que os seus vinte e seis anos.

Sorri de uma forma que esperei ser encantadora.

– Miss Moore?

Obtive um aceno, mas nenhum sorriso.

– Por favor, sente-se – disse Panzer. – É claro que se lembra de ter falado comigo brevemente, ontem.

– Lembro, sim – disse ela, sentando-se numa cadeira de forma cautelosa, ficando sentada na pontinha, e parecendo pronta a sair a correr pela porta à primeira oportunidade.

– Este é o meu colega, Mr. Goodwin. Estamos aqui a pedido de Mr. Williamson, e temos algumas perguntas que gostaríamos de fazer-lhe.

– São polícias?

– Investigadores privados. E asseguro-lhe que queremos exatamente o que quer também: o regresso de Tommie Williamson a casa, são e salvo.

– Oh sim, oh sim! – Ela pestanejou os seus olhos azuis raiados a vermelho, e parecia não ter dormido bem.

Panzer inclinou-se para a frente, com os cotovelos nos joelhos e uma expressão sincera.

– Primeiro, seria útil saber um pouco sobre a rotina da casa. Ontem de manhã, o Tommie desapareceu do jardim antes de sair para a escola. É normal ele estar lá fora de manhã?

Ela pigarreou antes de falar, e amassou um lenço com ambas as mãos.

– Sim, muito normal. A mãe gosta que ele faça exercício ao ar livre depois do pequeno-almoço, se o tempo estiver bom. Ele não tem mais oportunidade de estar lá fora até ao intervalo do meio-dia na escola, quando os alunos têm um período de recreio depois de almoço.

– E geralmente está lá fora com o Tommie? – perguntei.

– Sempre, pelo menos até... até ontem. – Voltou a torcer o lenço.

– O que faz ele normalmente, durante esse tempo?

– Ontem estive a recolher tipos diferentes de folhas para um trabalho da escola – disse ela. – Por vezes, brincamos com um papagaio de papel, jogamos ténis, nadamos um pouco na piscina, ou ele anda num dos cavalos da mãe, o mais dócil. Quando isso acontece, que é uma ou duas vezes por semana, eu vou junto dele noutro cavalo.

– Todos os membros do pessoal doméstico estão familiarizados com essas rotinas? – perguntou Panzer.

– Oh, sim. Claro que o nosso horário varia um pouco no verão, quando o Tommie não tem aulas, mas mesmo nessa altura vamos lá para fora durante a manhã. A propriedade é tão grande e bem equipada, que há sempre alguma coisa para fazer.

– Ficou surpreendida por ser chamada ao telefone ontem?

– Sim, nunca tinha acontecido.

– Por favor descreva a situação.

– Eu estava... no jardim, a uns dez ou quinze metros da casa, a ajudar o Tommie a identificar folhas, quando a Mary, Mary Trent, a empregada, veio à porta do terraço e me disse que eu tinha um telefonema e que parecia urgente. A minha mãe mora na Virgínia e tem andado muito doente, problemas cardíacos, e tive medo de que a chamada fosse por causa disso. Corri para dentro sem... bem, sem pensar no Tommie.

– Os Williamson e os outros membros do pessoal estavam a par dos problemas de saúde da sua mãe? –

perguntou Panzer.

– Oh, sim. Somos um grupo bastante unido, em especial as mulheres, o que é reconfortante.

– Então correu para a casa. E depois?

– A Mary estava à espera junto das portas envidraçadas e disse-me que a chamada foi feita para o aparelho do corredor junto da sala de jantar. Quando lá cheguei e peguei no auscultador, não havia ninguém na linha. Carreguei no descanso várias vezes, mas não obtive resposta, nada de nada. Receio ter começado a gritar «Quem é?» ou algo parecido. Depois, falei com a telefonista, mas ela não me conseguiu ajudar. Perdi esse tempo todo, enquanto o Tommie estava... – Ergueu os ombros e deixou-os cair.

– O que lhe disse Mary Trent sobre a voz da pessoa que ligou e o que essa pessoa lhe disse?

– Contou-me que era um homem, e que lhe disse numa voz frenética, rouca, «Tenho de falar com Sylvia Moore imediatamente. É muito importante, um assunto de vida ou morte! Chame-a e, por favor, despache-se!».

Panzer passou uma mão pelo cabelo.

– Quanto tempo diria que esteve dentro de casa?

– Hum, talvez três ou quatro minutos; creio que não foi mais do que isso. No entanto, é muito difícil de dizer ao certo, porque estava transtornada por causa da minha mãe. E também demorei algum tempo a conseguir falar com a telefonista.

– E depois voltou a sair para o jardim?

– Sim. Como não vi o Tommie onde o deixara, pensei que ele devia ter entrado enquanto eu estava ao telefone. Mas nós, eu, a Mary e a Emily Stratton, a governanta, procurámos pela casa e não o conseguimos encontrar em lado nenhum. Foi nessa altura que contámos a Mrs. Williamson o que acontecera, e fomos todos para o terreno. Todo o pessoal se juntou às buscas.

– O resto, isto é, o resto do pessoal, sabia que estaria lá fora com o Tommie a apanhar folhas, de manhã? – perguntei.

– Ora... Sim, sabiam. Mencionei-o quando estávamos a jantar na nossa cozinha na noite anterior, mas isso não é de todo invulgar. Eu falo muitas vezes sobre os projetos que faço com o Tommie. Os outros, especialmente as mulheres, gostam de saber o que ele anda a fazer. Gostam todos muito dele – disse ela, com o lábio superior a tremer.

Panzer olhou para ela de forma compreensiva.

– Miss Moore, já lhe ocorreu que o propósito dessa chamada foi levá-la para dentro de casa e afastá-la do Tommie?

Ela esforçou-se por manter a compostura.

– Só passado algum tempo, depois de ter telefonado à minha mãe e descoberto que ela estava bem, e que ninguém de lá fizera uma chamada interurbana para mim. O que não consigo entender é como é que a pessoa que ligou sabia que eu ia estar lá fora com o Tommie naquele preciso momento, e como passou a informação à pessoa que levou o Tommie.

– É isso que tencionamos descobrir – disse Panzer –, e muito rapidamente. Pode mostrar-nos o lugar exato no jardim onde o Tommie estava quando foi chamada para dentro de casa?

Saímos da casa, atravessámos um terraço com mesas e guarda-sóis, e descemos quatro degraus para um jardim que parecia infinito, para lá da piscina e dos campos de ténis. Para a esquerda havia uma estufa e o que depois vim a saber tratar-se dos estábulos.

Atravessámos um caminho de gravilha que curvava à frente da casa e levava à garagem. Uns metros para lá do caminho, Sylvia baixou-se e apontou para um pequeno monte de folhas.

– Era isto que o Tommie estava a recolher quanto o deixei aqui mesmo – fungou, apanhando as folhas e

entregando-as como se fossem objetos preciosos. Não chovia havia dias, por isso quaisquer marcas na relva estavam fora de questão, e a gravilha no caminho parecia ter sido alisada por um ancinho recentemente.

– Mais alguma coisa que devamos saber? – perguntou Panzer à jovem.

Sylvia abanou a cabeça e fitou os sapatos.

– Só que isto é tudo culpa minha – murmurou ela –, tudo culpa minha.

– Não creio que os Williamson a culpem – disse eu, pousando-lhe uma mão no ombro.

– Pois deviam! – respondeu ela, enquanto caminhava de volta para a mansão.

## CAPÍTULO 8

Enquanto nos amontoávamos no sedã *Heron* para fazer a viagem de volta a Manhattan, Fred Durkin chegou primeiro que Orrie Cather ao lugar do passageiro, fazendo com que este franzisse o sobrolho.

– Oh, deixa-te disso, Orrie, és mais magro que eu – disse Fred, com brusquidão, olhando sobre o seu próprio ombro. – Aguentas aí atrás melhor do que eu.

– Não tenho culpa de seres gordo. Além disso, fui eu que descobri como o miúdo foi levado da propriedade.

– O quê? – gritou Bascom. – Quando descobriste...?

– Basta – interrompeu Panzer, ao ligar a ignição. – Não vamos discutir nada sobre o caso até estarmos com Mr. Wolfe. Ele precisa de ouvir tudo fresco, não depois de termos esmiuçado o caso entre nós.

– Ah, sim? Quem te nomeou chefe? – perguntou Cather, quase silvando.

– Por acaso foi Mr. Wolfe. Pergunta-lhe, se não acreditas em mim.

Isso calou Cather e, durante o resto da viagem para Manhattan, a conversa focou-se nos campeonatos desportivos e se tanto os Giants como os Yankees iam chegar às finais. O veredito: Yankees sim, Giants não. Nenhuma das equipas acabou por lá chegar. Quando nos aproximámos do lado ocidental da Rua Trinta e Cinco, Panzer olhou para o relógio.

– Mr. Wolfe deve estar a descer agora mesmo.

– Descer de onde? – perguntei.

– Das salas das plantas, Archie – respondeu o Durkin. – Passa quatro horas por dia numa estufa no último andar de sua casa, onde cultiva centenas de orquídeas, todas de cores diferentes. Só lá estive uma vez, mas nunca esquecerei o que vi. Não acredito que haja uma estufa com mais orquídeas do que aquela, em lado nenhum.

– Raios me partam. Quatro horas por dia?

– É verdade – disse Panzer. – Das nove às onze e das quatro às seis. É muito rigoroso em relação a isso, quase nunca falha um dia, mesmo quando está atolado num caso.

– E tem lá em cima um jardineiro resmungão para o ajudar a cuidar das orquídeas – disse Cather. – Um velho rezingão chamado Horstmann.

– Qualquer pessoa ficaria rezingona se tu fosses a casa dela, Orrie – disse Durkin. – É provável que só fique resmungão quando estás por perto.

– Crianças, crianças... – disse Panzer, ao encostar o *Heron* ao passeio em frente à casa de Wolfe. – Lembrem-se de que estamos a trabalhar, e o trabalho não inclui discutir como um bando de meninos de escola.

Fritz, cujo apelido eu sabia ser Brenner, abriu a porta da casa e guiou-nos para dentro de casa. Fomos pelo corredor até ao escritório, sentando-nos nos mesmos lugares onde já havíamos estado. Wolfe estava instalado à sua secretária, com duas garrafas de cerveja e um copo à frente.

– Cavalheiros – disse, com um aceno da cabeça quase impercetível. – Posso oferecer-vos umas bebidas?

Desta vez, todos aceitaram. Saul pediu um uísque com gelo, Orrie um *bourbon* com água com gás e limão, e Fred e Del, cerveja. Calculando que estivesse na altura de aprender a beber, pedi um uísque com água.

Depois de Fritz nos ter servido com eficiência, Wolfe engoliu a cerveja, secou os lábios com um lenço,

e fitou Saul Panzer.

– Então?

– Cada um de nós falou com as pessoas que nos foram atribuídas – disse.

– E não discutiram as vossas descobertas uns com os outros? – Saul abanou a cabeça. – Satisfatório.

Por favor, continua.

Saul apresentou o que me pareceu ser um relato fiel das nossas reuniões com o casal Williamson e Sylvia Moore. Por várias ocasiões, olhou para mim de forma interrogativa, como se a pedir confirmação da sua exatidão. De todas as vezes assenti, impressionado com a memória dele e jurando que seria tão bom, ou melhor, que ele.

Depois do relatório, Wolfe pediu a Saul que lhe desse a sua impressão das três pessoas.

– Estão todos bastante abalados, o que, dadas as circunstâncias, não é muito surpreendente. O Williamson tenta parecer forte, impassível, mas a espera pela chamada do raptor está a transtorná-lo, não concordas, Archie?

– Completamente. O tipo está a tentar controlar as emoções, mas parece prestes a explodir. É doloroso de ver.

– Quanto à mulher – continuou Panzer –, mostra mais a pressão e, tal como o marido, rejeita qualquer sugestão de que algum membro do pessoal doméstico esteja ligado ao rapto, e isso inclui o jardineiro e o tratador dos cavalos. – Olhou para mim e eu assenti em concordância.

– Depois, temos a... ama – disse Panzer, e Wolfe fez um esgar. – Sylvia Moore parece ainda mais transtornada do que os pais do menino, claro que em parte porque se culpa pelo que aconteceu. Disse-nos que não faz ideia de quem terá telefonado e depois desligado quando ela atendeu. A mãe dela, na Virgínia, tem andado muito doente e, quando a empregada a chamou do jardim a dizer que alguém queria falar-lhe com urgência, ela imaginou de imediato o pior, e apressou-se a entrar, apesar de o senhor já saber isto, com toda a probabilidade, por ter falado com Williamson.

– Ele contou a ocorrência da mesma forma, essencialmente, depois de também ter ouvido a descrição de Miss Moore – disse Wolfe.

Panzer continuou.

– Perguntei-lhe se vira alguém suspeito na propriedade, e ela disse que não. Esqueci-me de alguma coisa, Archie?

– Não, está aí tudo.

Wolfe olhou pela sala, passando por Orrie Cather, que se contorcia na cadeira como um aluno que quer ser chamado pelo professor porque sabe a resposta.

– Fred, o teu relatório?

Durkin puxou do seu bloco de notas e franziu o sobrolho ao folhear as páginas.

– Primeiro, falei com o jardineiro, Lloyd Carstens, que trabalha para os Williamson há cerca de onze anos. E tinhas razão em relação a ele, Saul. É um personagem ríspido e resmungão, que claramente não queria perder tempo comigo. Encontrámo-nos na estufa, uma coisa enorme, e ele passou o tempo a dizer-me que estava ocupado. Não me pareceu muito preocupado com o rapto. Pareceu mais interessado nas suas flores e arbustos, e disse insistentemente que é um trabalho muito difícil manter a propriedade e que trabalha imenso.

– Ele tem ajuda no trabalho?

– Tem sim, Mr. Wolfe – respondeu Durkin. – Diz que leva equipas de fora para cortar a relva e plantar flores que estejam em época. Mas disse que nenhum desses trabalhadores em *part-time* esteve na propriedade nas últimas semanas. Perguntei se ele vira alguém por perto recentemente que lá não pertencesse, e ele respondeu que não, com toda a certeza.

«Carstens tem um apartamento em Lynbrook, que disse ficar a cerca de doze quilómetros da casa dos Williamson. É casado e não tem filhos.

Wolfe esvaziou o copo de cerveja e abriu uma segunda garrafa.

– O Saul mencionou que havia alguma animosidade entre Mr. Carstens e Mark Simons, que cuida dos estábulos. Verificaste se é o caso?

Durkin assentiu.

– Veio à baila, sim, senhor. Carstens queixou-se de que Simons se comporta sempre como se fosse a pessoa mais importante da propriedade e que passa a vida a queixar-se de que cortar a relva estraga o caminho equestre, que tem depois de alisar com o ancinho durante imenso tempo.

– Há algum telefone na estufa? – perguntou Wolfe.

– Há – disse Durkin. – Fiz questão de o localizar. O Carstens tem um escritório num canto da estufa, com o aparelho numa secretária. E a linha é exterior.

– Também falou com Mr. Simons?

– Falei, sim, senhor. Trabalha para os Williamson há pouco mais de nove anos. É tão rezingão como o Carstens e ainda mais arrogante. A diferença principal que detetei entre eles é que o Simons parece muito mais preocupado com o menino raptado. Também parece muito dedicado a Mrs. Williamson e fala dela quase como se fosse uma santa. Disse que costumava cavalgar pelo caminho equestre com ela, até Sylvia Moore ser contratada. Agora é ela que acompanha a patroa habitualmente, e fiquei com a impressão de que o Simons não gosta muito da jovem.

– Ele teceu comentários acerca de outros membros do pessoal?

Durkin respondeu que não.

– E, quando perguntei, ele disse que não vira ninguém invulgar a rondar a casa ou a propriedade. Os estábulos dele estão muito limpos e arrumados, pelo menos para estábulos. Ao todo, há três cavalos, e ele falou imenso sobre os animais magníficos que são, quase como se falasse dos filhos. E ah, sim, tem um telefone com linha exterior no seu pequeno escritório, como o Carstens. Na parede junto à secretária há a fotografia de um cavalo. Ele diz que é o *Man O' War*, o melhor pedaço de carne de cavalo que alguma vez houve ou vai haver.

Consultando o seu bloco de notas, o detetive encorpado continuou:

– O Simons vem todos os dias de Hempstead, a poucos quilómetros da propriedade. Diz que tem o que descreve como uma «pequena casa de campo» onde vive com a mulher. O filho, casado e com dois filhos, tem uma casa perto da sua.

Wolfe assentiu na direção de Durkin e virou-se para Del Bascom, mais uma vez ignorando o ansioso Orrie Cather, que estava obviamente morto por falar.

– Falou com o motorista e a governanta?

– Sim, falei com a governanta primeiro, Mr. Wolfe – disse Bascom. – Como o Saul descreveu, Emily Stratton é magra, quase demasiado, apesar de andar muito direita, e o seu comportamento condiz com a postura. Obter respostas dela às perguntas mais inofensivas é como arrancar dentes. Parece pensar que qualquer coisa que diga pode ser desfavorável aos patrões e a si própria.

«No entanto, persisti e quanto mais falámos mais me pareceu que ela não gosta de nenhum dos outros membros do pessoal. Oh, não os atacou diretamente, foi mais pelo que não disse. Se eu perguntava por um deles, ela fazia uma careta ou encolhia os ombros. O mais perto que chegou de criticar diretamente foi quando perguntei acerca de Sylvia Moore. Disse: ‘Bem, nunca achei que o pequeno Tommie fosse cuidado da forma mais atenta. Agora, estamos a ver os resultados desse descuido.’

– Miss Stratton indicou se houve outras ocasiões em que o menino foi deixado sem supervisão? – perguntou Wolfe.

– Não, mas eu pressionei-a quanto a isso – respondeu Bascom –, e ela ignorou. Acrescentou que nunca houvera outra tentativa de rapto do menino, pelo menos que ela soubesse.

– Fale-nos do motorista.

– Charles Bell é muito presunçoso, e isso é dizer pouco. Conduz os Williamson há três anos, e comporta-se como se fosse a melhor coisa que aconteceu à família. Adora falar sobre os carros que conduz e diz que Williamson segue sempre os conselhos dele quando se dispõe a comprar um automóvel novo.

Bascom consultou os apontamentos e continuou.

– Bell é solteiro, nunca foi casado, ao que diz. Vive num apartamento de quatro quartos agradável, sobre a garagem, com uma linha telefónica exterior. Mostrou-me a residência e tem muito orgulho nas instalações. Eu também teria. Disse com insistência que nunca viu ninguém suspeito a rondar a casa e a propriedade, e diz que estava nos seus aposentos a barbear-se e a preparar-se para levar o Tommie à escola quando o menino desapareceu. Não ouviu nada – disse.

Wolfe moveu o seu peso considerável e franziu o sobrolho.

– Nas suas viagens de e para a escola com o menino, Mr. Bell alguma vez sentiu que estava ser seguido?

– Não, senhor – respondeu Bascom. – Fiz-lhe essa pergunta, e ele disse-me que é sempre vigilante quando leva o Tommie a qualquer lugar, seja à escola seja a casa de algum amigo. Pode ser um tipo meio snobe, mas fiquei com a forte impressão de que é muito protetor do menino. A certa altura, disse: «Se alguma vez encontrar o patife que fez isto, vou...» Deixou de falar, mas tinha uma expressão feroz e bateu com o punho na palma da outra mão.

– Teve a impressão de que estava a exagerar?

Bascom fez uma pausa antes de responder.

– Não, na verdade não, senhor. Na verdade, foi a única altura da nossa conversa que deixou de se comportar como um idiota pomposo e arrogante. Pareceu-me que estava a ver o verdadeiro Charles Bell nesse instante, sem nenhum dos ares que ele gosta de dar.

– Orrie – disse Wolfe –, o teu relatório, por favor.

Cather ficou tenso, inclinando-se para a frente no sofá como se estivesse prestes a levantar-se de um salto.

– Sei como levaram o miúdo! – exclamou, depressa.

– A sério? – As sobranceiras de Wolfe arquearam-se, e ele afastou o copo de cerveja dos lábios sem beber um golo.

– Sim, imagino que tenha sido assim...

– Basta, Orrie – disse Wolfe brusco, erguendo a palma da mão. – Já devias saber que gosto de receber os meus relatórios de forma metódica, e na ordem por que a informação foi obtida.

Cather pareceu desiludido, mas apenas por um momento.

– Bem, primeiro falei com a cozinheira, Mrs. Price, nome próprio Hazel, e o Saul tem razão: a mulher nunca foi casada, apesar do título. Pelo ar dela, gosta muito dos seus próprios cozinhados, e governa a cozinha como uma rainha, cozinha essa que tem o dobro do tamanho do meu apartamento. Mesmo sendo na cave, tem um teto alto e...

– Já chega de descrição, Orrie.

– Sim, senhor. A primeira coisa que lhe perguntei foi se acontecera alguma coisa invulgar ontem, e foi nessa altura que descobri. – Olhou para os restantes com um sorriso aberto, como se a saborear o seu momento de fama. Um olhar de Nero Wolfe fê-lo recuar. – Contou-me que foi um dia muito parecido com os outros, apesar de uma coisa a intrigar um pouco. Por volta das 8h45, disse que alguém bateu à porta

exterior da cozinha, uma que abre para uns degraus que dão para o caminho e para o jardim das traseiras. É a porta onde são feitas as entregas. De qualquer modo, ela abre a porta e está lá um tipo que nunca vira antes, com duas caixas de legumes. Era alto e bastante magro, disse ela, com cabelo escuro e risco ao meio. «A sua encomenda da Mitchell & Sons Purveyors, Mrs. Price», disse-lhe ele. «Nunca ouvi falar dessa empresa Mitchell & Sons Purveyors», respondeu ela. «Encomendo os meus víveres à Baxter & Hart, e faço-o há anos.» Nessa altura, o homem pegou numa folha escrita à máquina com uma encomenda de legumes, cenouras, espinafres, brócolos, e coisas dessas. Segundo ela, o papel tinha o nome dela e a morada dos Williamson em cima. Disse ao tipo, cujo nome nunca descobriu, que houvera um erro e pediu-lhe que levasse a comida embora. Ele discutiu, tentando convencê-la a aceitar os legumes, e ela contou-me que por fim teve de quase empurrá-lo porta fora.

– Quanto tempo demorou essa algazarra toda? – perguntou Wolfe.

– Ela disse que não tem a certeza, talvez um ou dois minutos, cinco no máximo. Perguntei porque não mencionara nada sobre isso antes, e ela disse-me que não achou importante. Apenas um erro, ou então uma empresa a tentar roubar os clientes de outra, respondeu.

– Então não contou isso a ninguém? – perguntou Wolfe, de sobranceiras arqueadas.

– Só a mim – disse Cather, orgulhoso.

– Ela viu o veículo do homem? – interrompi, recebendo por isso um olhar furioso de Wolfe.

– Viu, sim – respondeu Cather, olhando para mim como se se tivesse esquecido que eu estava na sala. – Seguiu-o pelos degraus da cave acima e viu-o entrar numa carrinha branca pequena, daquelas utilizadas por comerciantes de comida. São tão vulgares como carrinhos de cachorros-quentes. Mas claro que não ficou com a matrícula, e não sabe o suficiente sobre carros e camiões para saber a marca.

– E a carrinha não tinha quaisquer letreiros, certo? – perguntei.

– Exato! – disse Cather. – Quanto querem apostar que o miúdo Williamson estava lá dentro?

– Mais alguma coisa da cozinha, Orrie? – perguntou Wolfe.

– Não, senhor, na verdade não, apesar de ela parecer intrigada por eu estar tão interessado no comerciante misterioso. «Essa palermice não pode ter nada a ver com o Tommie e o seu... o que aconteceu», disse ela. Quando lhe perguntei se tinha mais alguma ideia sobre quem poderia tê-lo raptado, limitou-se a abanar a cabeça e começou a murmurar algo sobre o mal que há no mundo hoje em dia. Achei que ia começar um sermão sobre o pecado.

– E os outros que interrogou?

– A seguir conversei com o mordomo, Waverly, num salão pequeno junto à sala de estar, e fui eu que falei durante noventa por cento do tempo. Digo-lhe que o tipo é um túmulo. Se lhe perguntasse se o Sol nasceu hoje, ele pensava na resposta. Disse-me que estava no seu quarto, no último andar da casa, a rever as contas, quando o menino desapareceu. Diz que só descobriu quando a governanta, Stratton, lhe bateu à porta a gritar «aconteceu uma coisa terrível!». – Orrie bebeu um golo da sua bebida e continuou. – Perguntei-lhe se a família se preocupou, ao longo dos anos, com a possibilidade de o Tommie ser raptado, e ele disse que se certificavam sempre de que havia um adulto com ele quando ia para o jardim. Mas acrescentou que a maioria das famílias dos outros miúdos da escola do Tommie também era muito protetora, dada a riqueza da zona.

– Houve outros incidentes de rapto nas redondezas? – perguntou Wolfe.

– Perguntei-lhe – disse Orrie com orgulho – e ele respondeu que, pelo que sabia, não houvera nenhum, pelo menos nos vinte anos em que trabalhou para os Williamson. Antes disso, diz que esteve em Inglaterra. Também o pressionei sobre o que pensava dos outros membros do pessoal, mas nesse tema ficou muito calado. Se tem algum sentimento negativo em relação a algum deles, não se dispôs a contar-me.



Wolfe esvaziou a segunda cerveja.

– Mais alguma coisa a acrescentar quanto a Mr. Waverly?

– Não, é só isto. Depois, falei com a empregada jovem, Mary Trent. O Saul descreveu-lha de uma forma muito precisa, é baixa e tem cabelo escuro, parece mais nova do que os seus dezanove anos, e é muito tímida, diria até assustadiça. Talvez seja compreensível, já que é de longe a pessoa mais nova entre o pessoal, e é o primeiro emprego dela.

«Foi quase tão difícil fazê-la falar como o mordomo. Disse-me que gosta muito do Tommie e que passava algum tempo a brincar com ele quando Sylvia Moore andava a cavalo com Mrs. Williamson ou se ocupava com outras coisas. Perguntei-lhe se reconheceu a voz da pessoa que telefonou a Miss Moore, e achei que ela hesitou um segundo a mais antes de dizer que não, como se talvez fosse realmente alguém que ela conhecia... como se talvez fosse outra pessoa da casa com a voz disfarçada.

– Claro que isso é especulação da sua parte, Orrie – disse Wolfe, fungando –, apesar de poder ter algum mérito. Agora, se pudermos... – Wolfe foi interrompido pelo toque do telefone, e fez uma expressão carrancuda ao pegar no aparelho.

– Sim? Estou a ver... – Pegou numa caneta e escreveu num bloco de notas durante mais de um minuto. – Sim, sim, já escrevi. Entendo, senhor. Sim. Contactá-lo-ei em breve, e confirmaremos o plano que discutimos antes – disse ele, pousando o auscultador e olhando para cada um de nós. – Cavalheiros, era Mr. Williamson. Recebeu instruções pelo telefone do alegado raptor.

## CAPÍTULO 9

– Aqui está o conteúdo da mensagem que Mr. Williamson recebeu por telefone em casa, há uns minutos – disse Wolfe, lendo do bloco. – «O seu filho está bem. Não tencionamos fazer-lhe nenhuma espécie de mal. Mas ele só regressará a si depois de recebermos o dinheiro mencionado no bilhete, em notas não sequenciais, sem marcas. Hoje à noite, deve levar o dinheiro numa pasta ou saco a uma cabine telefónica na esquina de Grand Concourse e Bedford Park Boulevard, no Bronx. Às nove horas em ponto, o aparelho na cabine tocará e receberá mais instruções. Deve ir sozinho. Sem polícia. Será vigiado.»

– Onde vai o Williamson arranjar esse dinheiro tão depressa? – perguntou Durkin.

– Já o tem – respondeu Wolfe. – Imediatamente depois de receber o bilhete ameaçador, levantou cem mil dólares em notas usadas, de cinquenta e cem dólares. Esse dinheiro está agora numa mala.

– Deve ser bom ter esse tipo de carcanhol – disse Cather.

– Será muito melhor ter o teu filho de volta em casa contigo – observou Bascom.

Wolfe inspirou e expirou.

– Claro que Mr. Williamson está preparado para se separar desse dinheiro, e mais ainda se necessário, como recompensa pelo regresso do filho. A minha única missão é devolver o rapaz aos pais. A eventual recuperação do dinheiro é de importância secundária, se tiver de facto qualquer importância para a família Williamson. Saul, conheces todos os cantos e ruas de Nova Iorque e arredores. Descreve o local onde o dinheiro deve ser entregue. Chama-se Grand Concourse?

– Sim, senhor – respondeu Panzer. – A Concourse é uma avenida larga, com uma faixa divisória relvada e com árvores a separar as vias. Durante o crescimento rápido do setor da construção que conduziu à crise, construíram-se ao longo da rua edifícios de apartamentos modernos e elegantes, com janelas com blocos de vidro e esquinas curvas, alguns deles com mais de quinze andares, e algumas pessoas gostam de chamar-lhe «Rua Central do Bronx».

– Quer isso dizer, claro, que a atividade na rua poderia ser facilmente observada da janela de qualquer um dos muitos edifícios altos que ladeiam a avenida – comentou Wolfe com uma expressão carrancuda –, o que motivou sem dúvida a razão de escolha do local. Mas, para citar um comentário que ouvi Mr. Panzer fazer em mais do que uma ocasião, «por vezes não temos escolha a não ser jogar a mão que nos foi dada». Esta parece ser uma dessas vezes.

– Agora mesmo, ao telefone com Williamson, mencionou um plano que haviam discutido – disse Panzer.

– Sim. Decidimos em conjunto que, quando ele recebesse instruções quanto à entrega do dinheiro do resgate, seguiria no seu carro para o lugar estipulado, mas que um dos meus colaboradores, um de vocês, se esconderia no veículo para o caso de acontecer algum imprevisto. Claro que eu estaria disposto a desempenhar esse papel, mas, como podem bem ver, não sou muito adequado a tal operação. Nem o Fred, nem o senhor, Mr. Bascom, por razões semelhantes mas não tão extremas. Restam o Saul e o Orrie.

– Não se esqueça de mim! – exclamei. – Posso não ser tão magro como o Panzer, mas não tenho uma pança incipiente como o Cather. E sou mais jovem do que ambos. Sou o homem indicado.

Wolfe virou-se para mim, de olhos arregalados, e começou a falar, mas Cather interrompeu-o.

– Fala o temerário rápido no gatilho, o tipo que matou dois tipos nas docas do rio North há uns tempos. Quer mesmo metê-lo numa situação delicada como a que temos em mãos?

Wolfe olhou para Panzer com ar interrogativo.

– O Goodwin parece-me bastante estável – disse o colaborador de nariz grande. – Com base no pouco que vi, faz perguntas inteligentes e sabe quando ficar calado. Posto isto, estou perfeitamente disposto a esconder-me no carro do Williamson.

– Por tudo o que vi, o Archie é bom – acrescentou Del Bascom. – Trabalha bem para mim e gosto do discernimento dele. Além disso, os dois tipos que ele matou nas docas eram do mais puro lodo. Era ele ou eles. E esta velha cidade está bem melhor com eles mortos e enterrados.

Foi a vez de Durkin.

– Concordo com o Del. Estivemos naquele caso do armazém em Long Island City que saiu nos jornais, e o Archie não disparou numa altura em que poderia ter começado a fazê-lo. Eu confiaria nele numa situação difícil, em qualquer altura.

– Mr. Goodwin, parece ter conseguido um conjunto de admiradores num período de tempo muito curto – observou Wolfe.

– Só porque sou o tipo mais novo aqui, não quer dizer que não tenho coragem – disse-lhe.

– Ah! És pouco mais novo do que eu – ripostou Cather. – E não tens a minha sensibilidade para as ruas, nem nada que se pareça. Raios, eu nasci nesta cidade, e é provável que aqui morra, de forma pacífica ou não.

– Cavalheiros, não estamos aqui reunidos para discutir qualificações – disse Wolfe. – Embora admire a experiência, também admiro o engenho. Mr. Goodwin, se acompanhar Mr. Williamson, apesar de se manter fora de vista, acha que consegue agir no interesse dele e, mais importante, no interesse da criança raptada?

– Sim, senhor, acho.

– Também eu – disse Nero Wolfe num tom que desencorajou qualquer discordância. – Saul, dá uma das armas do cofre a Mr. Goodwin. Parto do princípio de que os outros estão armados. – Todos assentiram. – Não vejo razão para que haja tiroteio, mas devemos estar preparados para qualquer contingência.

«Saul, tu, o Orrie, o Fred e Mr. Bascom vão hoje à noite de carro para um local previamente combinado perto da propriedade dos Williamson, juntamente com Mr. Goodwin, não chegando depois das oito horas. Mr. Goodwin, vai voltar para a cidade com Burke Williamson, para o encontro no Bronx, apesar de viajar escondido, provavelmente agachado no chão do banco de trás. Sem dúvida que vai estar desconfortável – disse ele com um esgar –, mas infelizmente isso não pode ser evitado.

«Mr. Goodwin entra no carro do Williamson e eles partem. Vocês os quatro vão seguir o carro a uma distância discreta, para assegurar que ninguém mais o faz. E também vão vigiá-los, mais uma vez a uma certa distância, quando chegarem à cabine telefónica na Grand Concourse. Saul, tu e Mr. Williamson devem combinar um ponto de encontro para depois de toda esta atividade, incluindo o regresso do jovem Williamson, como esperamos. Perguntas?

– Sim – disse Panzer, coçando o queixo e inclinando-se para a frente na cadeira de couro vermelho junto a uma das pontas da secretária de Wolfe. – Ou muito me engano ou vamos encontrar-nos com Williamson num local longe de casa dele para que nenhum dos seus empregados saiba o que está a acontecer, certo?

– Está de facto certo. Mr. Williamson insiste de uma forma teimosa na crença de que todos os membros do seu pessoal doméstico estão acima de suspeita. Não partilho dessa crença admirável mas ingénua. Quando ele sair de casa esta noite, a única pessoa que conhecerá o seu destino será a mulher dele. Insisti nesse ponto, sugerindo que ele invente uma razão plausível para a sua ausência, se algum dos funcionários lhe fizer perguntas. Mais dúvidas, cavalheiros?

Olhámos uns para os outros e, depois, para o nosso anfitrião. Ninguém falou.

– Reitero que o único propósito desta missão é o regresso de uma criança de oito anos, em segurança,

para junto dos pais. Embora gostássemos, é claro, de prender os raptos e recuperar o dinheiro de Mr. Williamson, esses objetivos, mesmo que louváveis, não são os que motivaram a nossa contratação. – Wolfe olhou outra vez para cada um de nós, como se para detetar algum sinal de desacordo.

– Muito bem. Se algum de vocês não tiver o número de telefone deste escritório deve escrevê-lo agora – disse ele, lendo os algarismos enquanto eu os anotava. – Telefonarei a Mr. Williamson e estabelecerei o ponto de encontro.

Meia hora mais tarde, entrámos os cinco no sedã *Heron*, com Saul Panzer mais uma vez ao volante, e o destino foi um cruzamento perto da propriedade dos Williamson, em Long Island.

– Porque é que Wolfe não sabia nada sobre a tal Grand Concourse? – perguntei. – Parece muito conhecida, já que lhe chamaste a «Rua Central do Bronx».

Isto fez com que os outros se rissem, mas Panzer permaneceu sério.

– Mr. Wolfe é brilhante, mais do que qualquer pessoa que já vi ou alguma vez verei. Já desvendou casos que eu diria serem impossíveis de resolver, e não faço ideia de como o fez. Mas também tem umas, digamos, pequenas *excentricidades*. Quase nunca sai de casa; porque havia de o fazer? Tem tudo o que precisa ali mesmo: as suas dez mil orquídeas finas naquela estufa no telhado, com o seu próprio jardineiro, o velho Horstmann; as suas refeições *gourmet* preparadas por Fritz Brenner; o seu fornecimento infinito de cerveja; e livros suficientes para abastecer uma biblioteca pública pequena.

«Lê três ou quatro jornais por dia, por isso sabe o que se passa no mundo exterior, onde raramente põe um pé – continuou Panzer. – Mas, por razões que só ele sabe, Mr. Wolfe não tem interesse em geografia, local ou não, apesar de ter aquele globo terrestre grande no escritório. Por exemplo, se eu lhe desse um mapa de Manhattan, duvido muito que conseguisse localizar Greenwich Village, a Universidade de Columbia ou a Avenida Madison sem estudar o mapa minuciosamente. E a verdade é que ele não quer saber. É parte da razão pela qual tem tipos como nós a trabalhar para si. Entre nós, conhecemos quase todos os bairros, ruas e becos nos cinco distritos, e tu também vais conhecê-los, Archie, se ficares nesta cidade tempo suficiente.

– Vou dar-te um exemplo do que o Saul está a dizer – disse Cather, com um riso amargo. – Há cerca de um ano, o Fred e eu estávamos a trabalhar num caso para Wolfe em que tivemos de falar com um advogado financeiro influente que tinha um escritório no Edifício Chrysler, que é novinho em folha, e Wolfe perguntou-nos onde ficava. É o arranha-céus mais alto, mais famoso, da cidade, embora o tal Empire State que estão a construir o vá superar, e Wolfe não fazia a mínima ideia da sua localização. Só sabia que ficava algures na ilha de Manhattan. O Saul tem toda a razão. Wolfe não precisa de saber onde as coisas ficam, enquanto nos tiver por perto.

– No geral, eu diria que o sistema funciona bastante bem – disse Durkin. – Nós saímos e recolhemos fragmentos de informação, muitos deles sem qualquer significado para nós, e pousamo-los no colo de Wolfe. E depois ele, não me perguntes como, pega nesses fragmentos e junta-os, para resolver um quebra-cabeças.

– E, em inúmeras ocasiões, esse quebra-cabeça é um homicídio – disse Saul. – Em todos os anos que o conheço, Mr. Wolfe fez o trabalho da polícia mais vezes do que consigo contar.

– Que acham os polícias disso? – perguntei.

– Ah! – resfolegou Bascom. – Faz essa pergunta ao inspetor Cramer, velho amigo de Wolfe.

– Ah, sim, já ouvi esse nome.

– E sem dúvida que o ouvirás outra vez, Archie, se fizeres mais trabalhos para Wolfe – disse Bascom. – Eles são amigos de longa data.

– Bem, talvez o inspetor Cramer não se envolva neste caso – observou Saul Panzer –, já que é um rapto e não um homicídio.

Quão errada viria a revelar-se esta suposição.

## CAPÍTULO 10

Saul Panzer conduziu o *Heron* por uma alameda campestre escura, nas redondezas da mansão dos Williamson, e encostou junto de um cruzamento com outra estrada de duas faixas, deixando o motor ligado. Ficámos ali durante cerca de dois minutos e outro carro, um sedã *Packard* luxuoso com pneus nas laterais, encostou perto de nós. Dele saiu Burke Williamson, com uma expressão sombria.

Todos saímos do *Heron* enquanto Panzer e Williamson reviam o plano.

– Archie Goodwin vai estar no carro consigo, fora de vista, como Mr. Wolfe lhe disse – disse Panzer. – Nós vamos atrás de si para a cidade, para nos assegurarmos de que não é seguido. Não nos verá. Tem o dinheiro?

– Está no carro – disse o hoteleiro. – Entendam que não quero tiroteios.

– Nem nós – respondeu Panzer. – Vamos.

Entrei para o banco de trás do *Packard* grande.

– Eu agacho-me no chão quando nos aproximarmos do Bronx – disse eu.

Williamson assentiu rapidamente enquanto arrancávamos.

– Parece muito jovem – comentou. – Já fez alguma coisa deste género?

– Não exatamente, apesar de estar neste ramo há mais tempo do que possa pensar – respondi, exagerando a minha experiência. Fomos em silêncio no resto do trajeto e, mesmo à luz ténue fornecida pelos postes de iluminação, eu via as veias salientes nas mãos de Williamson agarradas ao volante. De vez em quando, eu olhava pela janela de trás, mas não via faróis atrás de nós. Ou o quarteto estava mais recuado do que eu pensava ou Panzer conduzia com os faróis desligados.

Eu não tinha olhado para nenhum mapa e não fazia ideia da direção em que seguíamos, mas apercebi-me de que entráramos na parte de Nova Iorque que era Queens.

– Estamos perto do Bronx? – perguntei a Williamson.

– Sim, e saberá que chegámos quando atravessarmos uma ponte sobre água – disse ele com uma voz rouca. – Vai aparecer em breve, e é nessa altura que tem de se agachar.

A ponte apareceu e eu instalei-me no chão atrás do banco da frente, sentindo no bolso do casaco o volume frio da pistola automática que Panzer me trouxera do cofre de Wolfe. Era uma *Webley*, dissera ele, e estava carregada.

– Estamos na Grand Concourse – anunciou Williamson. – Devem ser só mais dois ou três quarteirões... Sim, lá está a cabine telefónica, estou a vê-la. Tenho cinco minutos para as nove, Goodwin. O que diz o seu relógio?

– A mesma coisa – disse-lhe, mal vendo o mostrador do meu relógio na quase escuridão do chão bem alcatifado do automóvel.

Ele encostou o carro ao passeio, saiu e caminhou para a cabine, enquanto eu me ajoelhei e espreitei pela janela. Às nove horas em ponto, o aparelho tocou e Williamson atendeu ao primeiro toque. Consegui ver os lábios dele moverem-se e a cabeça assentir duas vezes. Depois, pousou o auscultador e voltou para o carro.

– A voz disse-me para ir a uma segunda cabine, a três quarteirões daqui, no cruzamento do lado oriental da Rua 201 e a Avenida Briggs. Foi-me dito que receberei outra chamada lá. E claro que tenho de levar o dinheiro.

– É natural. Estão a tentar ver se tem reforços. Espere uns minutos, para o caso de termos perdido o

nosso outro carro.

– Não quero deixá-los à espera – disse Williamson, com uma ponta de pânico na voz.

– Sabe como chegar lá a partir daqui?

– É simples; a voz deu-me direções.

– Um homem?

– Sim, uma voz grave, muito precisa, sem sotaque que eu conseguisse discernir – disse Williamson.

– Está bem, acho que é seguro ir agora. O Panzer parece um tipo que sabe seguir alguém.

– Volte para o chão, Goodwin.

Passados menos de cinco minutos, o *Packard* voltou a parar. Este cruzamento era muito mais calmo, embora eu visse, ao levantar-me um pouco e olhar para fora, edifícios de apartamentos com vários andares em todas as esquinas. A noite podia ter muitos olhos. Depois, vi outra coisa enquanto Williamson caminhava para a cabine telefónica com a mala cheia do dinheiro do resgate. Era uma figura, parecia um homem, encostado ao edifício mais próximo da cabine telefónica, a contorcer-se.

Saí do carro.

– Cuidado, pode ser uma armadilha! – avisei, numa espécie de sussurro gritado. Williamson já reparara na figura, um tipo com casaco e boné cinzentos, a gemer agarrado ao estômago. Tirei a minha *Webley* e dirigi-me a ele devagar, antecipando sarilhos. Mas o homem não se moveu, para além de continuar a gemer e a agarrar o abdómen com ambos os braços.

Ajoelhei-me junto a ele.

– Que aconteceu? – perguntei, debruçando-me sobre o seu rosto agoniado.

– Alvejado... silenciador... barriga. – Começou a jorrar sangue por entre os dedos e caiu para a frente, de boca aberta e olhos cegos. Palpei-lhe o casaco, rapidamente, e senti um volume espalmado no bolso.

– O que está ele a dizer? – silvou Williamson.

– Não vai dizer mais nada – respondi. – Está morto. Vamos sair daqui.

– Mas a chamada!

– Agora não vai haver chamada nenhuma, acredite! – gritei. – Temos de ir. – Agarrei Williamson pelo ombro e puxei-o para o *Packard*. Ele tentou fincar os pés, mas eu puxei com mais força e levei-o a ele e à sua mala cheia de dinheiro para o carro.

– Mas o meu filho, tenho de...

– Tem de entrar, mas não está em condições para conduzir. Eu conduzo. Dê-me as suas chaves. Não podemos ficar aqui.

Atirou-me as chaves e ambos entrámos no *Packard*. Arranquei a toda a velocidade no momento em que o *Heron* apareceu no retrovisor.

– Onde devemos encontrar-nos com os outros?

– No mesmo cruzamento de antes – disse ele, com as mãos na cabeça enquanto eu comecei a fazer o caminho de volta para Long Island. – Oh, Deus, o que fazemos agora, o que fazemos a seguir?

– Primeiro, uma chamada para Wolfe – respondi, parando junto a mais uma cabine telefónica do Bronx. Tirei a carteira e peguei na folha de papel com o número da casa de Wolfe, discando-o.

– Sim? – respondeu Wolfe ao primeiro toque.

– Archie Goodwin, Mr. Wolfe. – Comecei a contar-lhe onde estávamos e o que acontecera. – O tipo estava armado, tinha uma automática no bolso. Tirei o Williamson de lá depressa. Se a polícia tivesse aparecido enquanto lá estávamos, teríamos sido levados e teríamos muito a explicar. E depois, quem sabe, os raptos podiam ter entrado em pânico, e, bem...

Ele soltou um som que eu descreveria com um rugido.

– Diabos, não esperava este desfecho.

– Se quer a minha opinião, houve uma desavença no bando, sejam eles quem forem, e um deles, o tipo que está morto no passeio, estava a tentar enganar os colegas ali mesmo na esquina e tirar o guito a Mr. Williamson.

– Não pedi a sua opinião, Mr. Goodwin, mas por acaso concordo com ela. Onde estão os outros?

– Creio que a dirigir-se ao ponto de encontro previamente combinado. É para lá que vou agora com Mr. Williamson, que não está em muito bom estado.

– Compreensível – disse Wolfe. – Muito bem, diga ao Saul que me telefone assim que for possível.

Voltámos para Long Island em silêncio, e só tive de pedir indicações a Williamson uma vez. Esperámos dez minutos no cruzamento que nos era agora familiar, antes de o *Heron* se juntar a nós.

– Que diabos se passou ali atrás? – perguntou Panzer quando todos saíamos dos carros e nos dispúnhamos em círculo na berma da estrada campestre.

– Eu fui ver como estava o tipo no passeio, que disse ter sido alvejado por uma pistola com silenciador – expliquei –, e foram essas as últimas palavras dele. – Acabei o meu relato e disse a Saul que Wolfe queria falar com ele.

– Mas o que vai acontecer a seguir? – perguntou Williamson, frenético.

– Quer envolver a polícia nisto agora? – disse Panzer.

– Não! Não, não quero. Os raptores disseram nada de polícia, e não quero fazer nada que ponha o Tommie em perigo. Oh, céus, não posso voltar e enfrentar a Lillian. Ela está a rezar para que eu o traga para casa comigo.

– Mr. Williamson – disse Panzer. – Continuo a estar convencido que o seu filho está ileso, apesar de tudo o que aconteceu esta noite. Julgamos – olhou em volta para nos incluir – que o homem morto era um dos raptores, ou pelo menos alguém que eles conhecem, e que planeou intercetar o dinheiro do resgate antes que este chegasse às mãos dos outros. Vai com certeza receber outra chamada, talvez esta noite ainda, com novo conjunto de instruções.

– Não sei se aguento muito mais disto – disse o milionário –, mas suponho que não tenho escolha, se quero o meu filho de volta. – Com esforço, endireitou os ombros. – Agora, Mr. Goodwin, se tiver a bondade de me dar as minhas chaves, vou para casa.

Depois de conduzirmos de volta à cidade, Panzer encontrou outra cabine telefónica e ligou a Wolfe, que disse querer-nos a todos no seu escritório às onze da manhã.

– Nesta altura, não faço deia do que ele quer fazer, por isso sugiro que depois de chegarmos à cidade todos tenham uma boa noite de sono, e isso aplica-se a ti também, Orrie.

– O que queres dizer? – disse Cather. – Eu durmo sempre bem.

– Estou a sugerir que talvez seja melhor dormires sozinho esta noite – respondeu Panzer, arrancando um coro de risos dos restantes.



## CAPÍTULO 11

Dormi até tarde e tomei pequeno-almoço ao balcão de um café do qual viera a gostar, no mesmo quarteirão do meu quarto no Melbourne Hotel. Exercitando os dentes com a salsicha e os ovos estrelados, recordei as atividades da noite anterior, tentando perceber em que pé estávamos e o que Nero Wolfe ia propor a seguir. Não achei que as probabilidades estivessem a nosso favor, com um cadáver e o rapaz ainda em cativeiro. Mas não era eu quem mandava.

– Obrigado, Mort – disse ao empregado de balcão, deslizando dez centavos para baixo do meu prato enquanto me levantava. – Se este não for o melhor café da cidade, então não sei mesmo qual será.

– Continua a dizer-me isso, Archie, e em breve penduro um letreiro à porta a dizer «Este é o melhor café da cidade» e assino «A. Goodwin, conhecido *gourmet*».

– Força. O único pagamento que quero por essa citação serão chávenas grátis do teu belo café.

– Que já tens de qualquer forma – riu-se ele, enquanto eu saía para a manhã soalheira e agradável.

Por esta altura, já começava a sentir-me nova-iorquino e gostava da sensação. A casa de Wolfe ficava a trinta quarteirões para sul, o que me oferecia um passeio calmo, a descer a Oitava Avenida, durante o qual sorri a várias jovens loiras, morenas e ruivas com silhuetas agradáveis que caminhavam na direção oposta. Cinco delas retribuíram-me o sorriso, o que me pareceu uma boa percentagem. Combináramos encontrar-nos às onze, que sabia agora ser a hora em que Wolfe descia da sua sessão matinal com todas as flores na estufa do telhado.

Cheguei à morada na Rua Trinta e Cinco às onze menos cinco e toquei à campainha, respondida por Fritz.

– Mr. Goodwin – disse ele com uma vénia, indicando que devia pendurar o meu chapéu no bengaleiro do átrio. Assim fiz e caminhei para o escritório, onde já se encontrava uma multidão, todos com cafés. Panzer estava na cadeira de couro vermelho na ponta da secretária, Durkin sentara-se numa das cadeiras amarelas e Cather e Bascom partilhavam o sofá. Eu sentei-me na outra cadeira amarela e aceitei a oferta de Fritz de uma chávena de café. Era tão bom como o do Mort, talvez até melhor.

– Bom dia, cavalheiros. Dormiram bem? – perguntou Wolfe enquanto se movia atrás da secretária e colocava um ramo de orquídeas roxo-claras no vaso da secretária. Recebeu assentimentos gerais como resposta à sua pergunta, independentemente de termos ou não na verdade descansado de forma adequada. Cather, pelo menos, parecia precisar de uma sesta.

Fritz Brenner pousou a habitual caneca gelada e duas garrafas de cerveja canadiana à frente de Wolfe, que abriu uma e a serviu, observando a espuma desaparecer. Bebeu, e depois olhou para cada um de nós.

– Confesso-vos que não previ os acontecimentos da noite passada. A experiência diz-me que os raptos não são assassinos, nem uns dos outros nem dos seus prisioneiros. O homicídio faz diminuir grandemente as hipóteses de receber um resgate.

– Então em que ficamos? – perguntou Cather.

– Já lá chego, Orrie – disse Wolfe, em tom severo. – Estive a conversar com Mr. Williamson. Ele telefonou quando eu estava na sala das plantas, para me contar que recebeu outra mensagem telefónica dos raptos. Até puseram o filho em linha, brevemente. O Tommie estava a chorar, mas, com base nas palavras que disse ao pai, o rapaz não está ferido fisicamente, apesar de podermos pensar que a psique sofreu danos.

Panzer pigarreou.

– E ele continua a não querer envolver a polícia, mesmo que agora se tratasse dos polícias influentes de Nova Iorque, dado o lugar onde o homicídio ocorreu?

– Não, Saul, não quer. Agora aqui está a nossa... sim, Fritz, o que foi?

– O inspetor Cramer está a tocar à campainha – disse Brenner, da porta para o átrio. – Deixo-o entrar?

Wolfe fez uma cara carrancuda e assentiu com ar grave. Uns segundos depois, um homem encorpado e zangado com um fato amarrotado irrompeu pela sala adentro, parando quando nos viu a todos.

– Bem, diabos me levem – disse ele. – Tens aqui a tua equipa toda, e mais alguns, Wolfe. Bascom, não te importas com o tipo de companhia com que és visto, hã? – gritou a Del, e depois virou-se para mim. – A ti, não te conheço.

– Chamo-me Archie Goodwin – disse eu.

– Ah! Esse nome conheço – murmurou Cramer, tirando o chapéu. – Mataste dois miseráveis nas docas do rio North há uns tempos. O Rowcliff falou-me de si, disse que eras um bocado espertalhão. Suponho que achas que te deviam agradecer por teres livrado a comunidade daqueles dois rufias. Jovem, deixe-me dar-te um conselho: volta para o lugar de onde vieste, e depressa. Conviver com este grupo não te trará nada a não ser desgostos.

– Inspetor Cramer! – Wolfe não levantou a voz, mas as palavras cortaram o ar como uma faca acabada de afiar. – Entra por aqui dentro sem ser anunciado, interrompe a nossa reunião de modo rude e obriga-me a erguer o olhar para si, quando sabe que prefiro falar com as pessoas olhos nos olhos. Agora, por favor sente-se.

– Mexa-se, Panzer – rosou Cramer, enquanto Saul cedeu a cadeira de couro vermelho em silêncio e se retirou para um lugar ao fundo da sala. O inspetor sentou-se, tirou um charuto, enfiou-o na boca sem o acender e inclinou-se para a frente, lançando um olhar furioso a Wolfe. – Quero saber o que andam a fazer.

– Caro senhor, sou um investigador privado devidamente licenciado pelo estado de Nova Iorque, assim como o são todos estes homens, incluindo Mr. Goodwin. Não tenho ideia de ter feito alguma coisa que pusesse em perigo o meu direito de manter essa licença.

– Essa decisão cabe-me a mim – respondeu Cramer, rapidamente. – Creio que possui um sedã *Heron* cinzento.

– É correto.

– Interessante. Um vigarista chamado Barney Haskell, que tem um cadastro enorme, foi morto na Concourse, no Bronx, ontem à noite, e uma testemunha disse ter visto um *Heron* no local do crime.

– Inspetor Cramer, por acaso sabe quantos *Hérons* há na cidade de Nova Iorque? – perguntou Wolfe.

– Por acaso sei, porque pusemos três homens a ver os registos automóveis durante as primeiras horas da manhã, página a página. Há cento e dezanove. Como deve saber, não se fazem muitos carros desses. É um carro de homem rico – acrescentou, num tom de escárnio.

– E a sua testemunha disse que o automóvel no local do crime era cinzento?

Cramer franziu o sobrolho.

– Ele acha que sim.

– Acha que sim. E quantos dos *Hérons* de Nova Iorque são cinzentos?

– Trinta e sete.

– A testemunha anotou a matrícula?

– Não, não anotou. Estava demasiado escuro – murmurou Cramer, continuando a roer o charuto.

– Então, vamos rever os factos, o meu carro é um de trinta e sete sedãs *Heron* registados na cidade, o que quer dizer que tem uma hipótese de... dois vírgula sete por cento de ser o automóvel específico, se é que o *Heron* no local do crime era de facto cinzento, o que parece incerto.

O rosto corado de Cramer ficou ainda mais corado.

– Só que, quando há sarilhos nesta cidade, há uma percentagem muito mais alta de o senhor estar metido neles.

– Disparates. Veio aqui para me atormentar, caro senhor, coisa que me ofende. Um homem foi morto, e é compreensível que queria encontrar o assassino. Mas insiste em empreender o que é, de forma muito óbvia, uma missão de atirar barro à parede, sem qualquer prova que me associe, a mim ou aos homens que estão nesta sala, ao crime.

– Está bem – disse Cramer olhando em volta para nós –, como é que, na manhã a seguir a este homicídio no Bronx, tem por acaso todo o seu exército aqui reunido?

– A razão pela qual estamos aqui presentes e o que estamos a discutir não são assunto seu, por acaso – disse Wolfe, muito calmo. – Eu podia ter barrado a sua entrada nesta casa, partindo do princípio de que não tem mandado de busca, mas decidi permitir que entrasse porque é um agente da lei, com uma alta patente, que conheço há uns anos. Agora que aqui estive e disse ao que veio, peço que vá embora.

– Raios! Alguma coisa aqui não cheira bem – disse Cramer, bruscamente, atirando o charuto para o cesto de papéis, e falhando por vinte centímetros. – Se descubro que anda a pisar o risco, retiro-lhe a sua preciosa licença num piscar de olhos. – Saiu, furioso, de chapéu na mão, e reparei que Fritz Brenner o seguiu até à porta de casa.

Wolfe pegou no vaso que estava na sua secretária e semicerrou os olhos ao observar a orquídea, franzindo o sobrolho.

– Todos vocês, com exceção de Mr. Goodwin, sabem da minha ambivalência no que diz respeito ao inspetor Cramer – disse. – É incontestavelmente honesto, e corajoso, duas qualidades que, tristemente, nem sempre caracterizam os membros da polícia desta cidade. No entanto, também é impetuoso, autoritário e facilmente irascível, quando uma reação mais ponderada o serviria muito melhor. Enfim.

«Agora, passemos ao caso em mãos. Alguns de vocês podem pensar que a nossa missão é imprudente e mal concebida, mas creio que hoje à noite Tommie Williamson regressará em segurança para junto da família. É provável que os raptos tenham cometido um homicídio, apesar de haver uma possibilidade remota de o assassinato de Barney Haskell ter sido cometido por alguém que não esteja ligado a este caso.

«De qualquer modo, as pessoas que mantêm o Tommie prisioneiro estarão ansiosas por pegar no dinheiro e fugir, libertando o rapaz de boa vontade. Eles, e utilizo este pronome com reservas, já têm sarilhos que cheguem e têm simplesmente demasiado a perder se ferirem uma criança de oito anos.

– O que fazemos hoje à noite? – perguntou Panzer.

– Fazemos isto: primeiro, Saul, vais alugar um automóvel, um sedã de uma marca vulgar, conhece-os bem melhor do que eu. Não podemos correr o risco de o *Heron* ser visto outra vez. Ainda assim, tivemos a sorte de a testemunha da noite passada não conseguir ler a matrícula.

«Isto já está – continuou Wolfe, olhando para uma folha de papel. – A pessoa que fez a chamada ordenou a Burke Williamson que estivesse no portão do jardim zoológico do Bronx, que fica no Southern Boulevard, hoje às nove horas da noite com o dinheiro. Disse a Mr. Williamson que atendesse o telefone na cabine junto à entrada do zoo, que tocará às nove em ponto, e então receberá mais instruções.

– Caramba, estes tipos adoram cabines telefónicas, não adoram? – disse Durkin.

– Essa abordagem permite-lhes permanecer anónimos e invisíveis pelo máximo de tempo possível – explicou Bascom.

– Mr. Bascom tem razão – disse Wolfe – e, infelizmente, temos de jogar segundo as regras dele, pelo menos até que o rapaz seja libertado. Assim como na noite passada, Mr. Williamson conduzirá de casa até ao ponto de encontro especificado com Mr. Goodwin escondido no automóvel. Ele pediu

especificamente que fosse Mr. Goodwin outra vez, porque gostou da forma como ele se comportou quando encontraram o homem moribundo.

«Saul, voltas a conduzir o segundo automóvel, e com os mesmos passageiros, a não ser, claro, que algum de vocês prefira evitar o que poderá ser uma situação perigosa.

– Que diabos, eu não perderia esta festança por nada neste mundo! – exclamou Orrie Cather, batendo palmas.

– Nem eu – disse Durkin.

– Contem comigo – acrescentou Del Bascom. – Há semanas que não vejo tanta ação. Quase me sinto jovem outra vez.

– Aqui está onde a operação desta noite será diferente – disse Wolfe. – O carro conduzido pelo Saul irá à frente do automóvel de Mr. Williamson para a zona, uns quinze minutos, estacionando a um quarteirão de distância, para... Saul?

– O Southern Boulevard corre de norte para sul, com o zoo a leste, e nós estaremos a sul do portão.

– Mas estarás em condições de ver a entrada do zoo e a cabine telefónica em questão, correto?

– Sim, senhor.

– Todos os quatro estarão armados novamente e devem ficar dentro do automóvel. Mr. Williamson saberá que estão lá, e sabe que deve fazer-vos sinal se for necessário.

– E eu? – perguntei.

– Permanecerás fora de vista, mas preparado para correr em auxílio de Mr. Williamson, se necessário, ou para salvar o rapaz. Mas resiste ao impulso de te fazeres de herói e tentares evitar a transferência do dinheiro para os raptos. Como Mr. Williamson já me disse duas vezes: «Podem ficar com o maldito dinheiro, todos os centavos. Não significa nada para mim.» Mais alguma pergunta?

– Parece estranho que tenham escolhido uma rua movimentada como o Southern Boulevard – disse Saul –, onde correm o risco de ser vistos por um carro de patrulha que passe por lá, ou um transeunte que acabe por chamar a polícia. A localização na Concourse fazia sentido, porque o telefonema inicial levou Williamson para uma rua mais calma.

– É provável que sigam o mesmo padrão aqui, e podem acabar por dar por vocês numa rua pequena e pouco utilizada outra vez – disse Wolfe. – Mais alguma preocupação ou pergunta?

Ninguém falou, e levantámo-nos. Wolfe ergueu-se também e deu a volta à secretária, olhando para cada um de nós.

– Percebo perfeitamente que esta missão não é isenta de perigo, como certamente percebem vocês todos. Mas, se cada um utilizar a sua inteligência, orientada pela experiência, tenho confiança no desfecho.

Ao sair da casa, desejei sentir-me tão confiante como Nero Wolfe.

## CAPÍTULO 12

Eu descreveria os acontecimentos que antecederam o encontro junto ao jardim zoológico do Bronx, mas isso seria, no fundo, uma repetição do sucedido da noite anterior. Uma diferença foi que, quando fomos os cinco, com Panzer ao volante de um *Ford Modelo A* alugado, ao ponto de encontro com Williamson em Long Island, ninguém teve muito a dizer, ao contrário da nossa viagem vinte e quatro horas antes, quando todos nos rimos e brincámos com as excentricidades de Nero Wolfe, incluindo a sua falta de conhecimento geográfico. Nesta noite, ninguém pareceu ter vontade de brincar.

Uma segunda diferença foi que, nesta segunda viagem para o Bronx, me deitei no chão de outro dos carros de Burke Williamson, o seu *phaeton Pierce-Arrow* vermelho e elegante.

– À semelhança dos homens de Wolfe, hoje mudo de carro – disse Williamson, de forma nervosa. Claro que estava inquieto, mas todos nós estávamos. – Bem, Goodwin, estou a virar para o Southern Boulevard agora, a menos de quilómetro e meio do zoo. É uma coisa estranha, não é? Há exatamente um ano, a Lillian e eu trouxemos o Tommie aqui, no seu sétimo aniversário, e agora... – Williamson não conseguiu acabar a frase, o que me fez pensar se ele conseguiria aguentar a pressão durante muito mais tempo. – Espere um minuto – disse, em tom zangado. – Há aqui obras, raios!

Levantei-me rapidamente e vi a barreira e o letreiro a dizer ESTRADA CORTADA.

– O cavalete não ocupa a rua toda – disse-lhe. – Dê a volta.

– Parece uma tábua – queixou-se Williamson enquanto saltitávamos para norte, pelo pavimento difícil, a cerca de quinze quilómetros por hora, passando por betoneiras e camiões que esperavam pela chegada de equipas na manhã seguinte. Também passámos pelo *Modelo A* escurecido de Panzer, que estava estacionado junto ao passeio, virado para norte.

– Pode ser por isso que escolheram este local – disse eu. – É uma forma de garantir privacidade, partindo do princípio de que não atraem a polícia ao ignorar o letreiro.

Havíamos percorrido cerca de um quarteirão, com o zoo escurecido e as suas árvores indefinidas à nossa direita atrás de uma vedação de ferro.

– Lá está a cabine telefónica – segredou ele –, e são agora 20h57. Cá vai.

Saiu do carro, levando a mala consigo, e entrou na cabine telefónica, fechando a porta. Observei-o pela parte de baixo da janela de trás, de mão na *Webley* e a boca tão seca como uma bolacha de água e sal. Consegui ouvir o som distante do telefone a tocar, e observei Williamson a atender e a dizer umas palavras, assentindo com seriedade, como se a voz do outro lado o conseguisse ver a concordar.

– Ora bem – disse ele, voltando a entrar no carro. – Tenho de apagar os faróis e continuar a conduzir até ver outro carro estacionado ali à frente, junto a outra cabine telefónica. O homem, a voz, disse que seria daqui a dois quarteirões, numa curva ligeira. Quando lá chegar, tenho de sair com a mala e dirigir-me à cabine. Meu Deus, espero nunca mais ver outra cabine telefónica na vida.

– Antes de começar a andar, carregue no travão três vezes depressa, três vezes devagar, depois três vezes depressa outra vez – disse-lhe eu.

– O quê?! Porquê?

– As suas luzes de travão vão dar o código morse de SOS, o que fará com que o outro carro se aproxime.

– Nunca ouvi tal coisa!

– É um procedimento rotineiro – respondi, sem lhe dizer que tirei a ideia de uma história que li numa revista de detetives barata.

– Mas achei que o plano era que ficassem para trás – disse Williamson. – Não queremos problemas, lembra-se?

– Não tem de se preocupar; o Panzer também vai desligar os faróis. Nem sequer vai ver que ele está atrás de nós, a uma certa distância. É só boa ideia ter reforços, para o caso de acontecer algo inesperado.

– Não gosto nada disto – bufou Williamson, mas carregou no travão como eu instruíra, e depois desligou os faróis e avançou lentamente pela estrada acidentada, que no seu estado atual não parecia nada uma avenida.

– Lá está o outro carro, Goodwin! – disse ele, numa voz rouca. À nossa frente, estacionado junto à cabine telefónica de onde viera certamente a chamada, estava um sedã discreto que parecia um *Chevrolet*. Era difícil ver se estava alguém dentro do carro, por causa do brilho ténue produzido pelos postes de iluminação.

Williamson expirou ruidosamente.

– Bem, cá vai – disse, saindo do carro com a mala. Tirando a *Webley* do bolso e certificando-me de que a segurança estava destravada, preparei-me para saltar do *Pierce-Arrow*.

Williamson caminhou de forma rígida na direção da cabine e, ao fazê-lo, um grito de «papá, papá!» saiu dos arbustos junto à vedação de ferro forjado que separava o zoo do passeio e da avenida.

– Tommie! – gritou o pai, dirigindo-se para a voz. Mas foi intercetado por um homem alto vindo do *Chevrolet*. Tinha um chapéu *fedora*, e uma espécie de máscara, talvez uma meia de vidro de mulher, cobria-lhe o rosto.

– Pare aí mesmo, Mr. Williamson. Já vai ver o seu filho – disse ele, gesticulando com uma pistola automática banhada a níquel, que brilhava, apesar da luz fraca. – Agora a mala, por favor. Dê-ma.

O milionário estendeu a mão com a mala e o homem alto agarrou-a, recuando na direção do *Chevrolet*, mantendo a arma erguida. Depois, parou e ajoelhou-se, empurrou as molas da mala e abriu-a, espreitando para dentro. Aparentemente satisfeito com o que viu, fechou a mala e levantou-se, recuando para o carro com a arma ainda erguida.

– Papá! – voltou a surgir o grito angustiado, e Williamson moveu-se na direção da vizinha em pânico. Eu saí do carro devagar e, nesse momento, ouviu-se o som de um tiro. O homem que transportava a mala cambaleou uma vez, recuperou o equilíbrio, e disparou, aparentemente para o seu atacante. Deitei-me no passeio e vi Orrie Cather disparar e gritar:

– Seu patife raptor de crianças, vamos ver se gostas disto!

Cather e o homem alto trocaram mais tiros, pelo menos dois ou três cada um, e ouvi um gemido algures atrás de mim. Parecia a voz de Fred Durkin. O homem alto agarrou-se ao abdómen e entrou para o banco do passageiro do *Chevy*, enquanto o carro arrancou a chiar, aos saltos no asfalto irregular. Disparei duas vezes, agachado, a fazer pontaria a um dos pneus, mas a única coisa que atingi foi a mala do carro.

– O Durkin foi atingido! – gritou Del Bascom enquanto ele e Saul Panzer corriam para se juntar a Cather, que estava na estrada a praguejar e a ver o carro dos raptos desaparecer na noite.

– Jesus, Orrie, sabias que não devias começar aos tiros! – rosou Panzer, ao ajoelhar-se junto de Fred.

– Estou bem, Saul – disse o homem grande, a esforçar-se por se levantar. – Acertou-me de raspão no ombro e fez-me rodopiar. O que ficou mais ferido foi o meu orgulho.

– Estamos aqui! – gritou Williamson. – Deem-nos uma ajuda.

Fomos todos para um lugar junto da vedação de ferro forjado do zoo, onde Tommie Williamson soluçava, e por boas razões. O rapaz estava algemado à vedação, apesar de não parecer ferido.

– Há alguma forma de lhe tirar isto? – implorou o pai, ajoelhando-se na relva junto do filho.

– Tem ferramentas na mala? – perguntou-lhe Panzer.

– Nada que funcione aqui – disse Williamson, quando começámos a ouvir uns ruídos estranhíssimos

vindos da escuridão do zoo, rugidos, balidos, uivos, grasnados e outros sons bizarros vindos de criaturas estranhas. Havíamos acordado os residentes.

Também chamámos a atenção de uns exemplares de uma espécie específica com duas pernas. Um carro-patrolha, com a sirene a tocar, encostara e estava a apontar-nos um foco.

– Que é isto tudo, e os tiros? – perguntou um polícia encorpado ao sair do carro de revólver em punho, e apontando a lanterna para o quadro estranho de um menino a chorar algemado a uma vedação e seis homens em seu redor.

– É uma longa história – disse-lhe, quando vi que mais ninguém respondia.

– Aposto que sim, jovem – respondeu –, mas eu e o meu parceiro temos muito tempo para ouvir.

## CAPÍTULO 13

Comecemos pelo princípio. O polícia e o seu parceiro tiraram uma ferramenta de corte da mala, que utilizaram para libertar o choroso Tommie Williamson da vedação. Todos nós, incluindo os polícias, estávamos ansiosos por saber pormenores da provação do rapaz, mas o pai recusou-se a deixar que alguém falasse com ele.

– Sou Burke Williamson, talvez tenham ouvido falar de mim – disse ele à autoridade –, e o meu filho foi raptado anteontem. Graças a estes homens, tenho-o de volta, e agora vou levá-lo para casa, quer queiram quer não. Terei todo o prazer em discutir o caso convosco ou com os vossos superiores, mas não hoje.

Ficou claro pela expressão dos polícias que sabiam de facto quem Williamson era, e não fizeram qualquer tentativa de o deter quando ele pegou no filho, que ainda chorava, e o levou para o *Pierce-Arrow*.

– Ora bem, rapazes – disse o polícia, chamado Finnegann, enquanto Williamson se afastava no seu carro –, fiquem onde estão enquanto ligo para a esquadra. Depois, vamos todos para lá, para que possam ter uma conversinha com o tenente. Ele vai querer saber como é que esta parte tranquila do Bronx se tornou um tiroteio do Faroeste.

– Não ouviu o Williamson? – gritou Saul Panzer, enquanto Finnegann entrava na cabine telefónica. – O filho dele foi raptado e, enquanto estamos aqui parados, eles estão a fugir, a subir o Southern Boulevard num *Chevy coupé* preto.

– E quem são vocês todos? – perguntou Finnegann, esticando o queixo como se a desafiar alguém a dar-lhe um murro.

– Como o Williamson disse, encontrámos o rapaz – disse Panzer. – Ele contratou-nos. Somos todos investigadores privados.

– A polícia não era suficientemente boa para tratar do caso, hã? – perguntou o seu parceiro enquanto Finnegann utilizava o aparelho na cabine.

Panzer, sensato, não respondeu.

– Ora bem, todos dentro do vosso carro, e nós vamos logo atrás. Sabem onde fica a Avenida Webster? – perguntou Finnegann a Panzer, que assentiu. – É para onde vamos, a 52.<sup>a</sup> Esquadra. A menos de seis quarteirões daqui. Nós estaremos mesmo atrás de vocês, e eu não tentaria fugir. Este nosso carro tem muitos mais cavalos do que a vossa chocolateira, e vocês já estão metidos em sarilhos que bastem. Quando chegarmos à esquadra, nós fazemos sinais de luzes para o caso de não a reconhecerem, ou de talvez decidirem não parar.

Entrámos todos no *Ford* e avançámos lentamente pelo asfalto esburacado do Southern Boulevard com o carro-patrolha mesmo atrás de nós.

– O que vai o Wolfe dizer, diabos? – lamentou-se Orrie Cather.

– Preocupemo-nos com isso mais tarde – disse Panzer, furioso. – Fred, como estás? Precisas de um médico?

– Nã – disse Durkin, agarrado ao ombro. – A bala passou de raspão. Já olhei e quase não há sangue. Uma ligadura será suficiente, quando tivermos tempo.

– Todos têm as vossas licenças de investigador privado convosco? – perguntou Panzer.

Todos dissemos que sim.



Encostámos em frente à velha esquadra e fomos levados para dentro pelos dois polícias.

– Sargento, são estes os pistoleiros que andaram aos tiros no Southern Boulevard – anunciou com orgulho Finnegan ao sargento de serviço, um espécime robusto cujo bigode grisalho farfalhado compensava, pelo menos em parte, a total falta de cabelo na sua cabeça lustrosa.

– Não parecem ter grande ar de pistoleiros – observou o sargento com um sorriso irónico. – Diria que são um grupo bastante diverso. O tenente quer falar com eles.

Fomos levados por um corredor longo e escuro, com tinta a sair do teto e das paredes nuas, e acabámos numa sala deprimente cheia de cadeiras de madeira de costas retas, mesas de madeira simples, e duas secretárias encostadas às paredes. Antes de nos podermos sentar, um tipo alto e magro vestido com camisa, gravata e suspensórios entrou de rompante e olhou para nós com um sorriso nervoso.

– *Cowboys* aqui no Bronx, hã? Que virá a seguir? Sentem-se todos. Sou o tenente R.L. Knapp, com K, caso alguém queira apresentar uma queixa formal contra mim. Agora, quero nomes, identificações, e a história toda sobre o que diabo se passou. Com certeza que não vão ficar surpreendidos por saber que alvoraçaram as pessoas da zona, já para não falar dos animais do zoo.

Todos tirámos as nossas licenças e entregámo-las.

– Raios me partam, são todos detetives privados – disse Knapp enquanto remexia nas identificações. – Há algum de vocês que fale em nome do grupo todo?

– Eu falo – disse Saul, erguendo a mão.

– E você é...?

– Panzer.

– Bem, Panzer – disse Knapp, sentando-se ao canto de uma mesa –, que tal contar-me de que se trata isto tudo? Não deixe nada de fora, ou terá de contar tudo outra vez.

Saul contou a história toda de facto e, de cada vez que mencionou Burke Williamson, o tenente retesou-se.

– Interessante, Mr. Williamson contratá-lo a si e a este bando para encontrar o rapaz – disse Knapp, depreciativo. – E o que vos torna assim tão especiais?

– A maioria de nós anda nisto há muito tempo.

O polícia acendeu um cigarro e escarneceu.

– Deixe-me perguntar de outra forma: Quem é o vosso patrão? Tem de haver um patrão.

Saul encolheu os ombros, obviamente desconfortável.

– É Nero Wolfe – murmurou, após uma pausa longa.

– Aquele gordo excêntrico que nunca sai de casa? Bem, raios me partam a dobrar. Portanto, de alguma forma, ele soube do rapto e foi ter com Williamson para conseguir uma missão?

– Foi ao contrário. Williamson foi ter com ele.

– Ah! Está bem, vou telefonar a Mr. Nero Wolfe agora mesmo e ouvir a história dele. Tem o número à mão, ou tenho de procurar?

Saul deu-lhe o número e o tenente marcou-o num telefone que estava sobre uma das mesas.

– Nero Wolfe? Daqui fala o tenente Knapp, com K, a ligar da 52.<sup>a</sup> Esquadra do Bronx... sim, correto, do Bronx. Tenho aqui cinco investigadores que dizem trabalhar para si. São – Knapp remexeu nas nossas identificações – Orville Cather, Archie Goodwin, Delbert Bascom, Saul Panzer e Frederick Durkin... Então são funcionários seus? Ahã, sim... E Burke Williamson contratou-o para encontrar o filho?

O rosto de Knapp corou ao ouvir o que Wolfe estava a dizer.

– Sim, ouvi dizer que o miúdo está de volta a casa em segurança, mas casos destes na verdade são da competência da polícia e não de amadores... não, os raptos, devo dizer alegados raptos, fugiram. Trocaram tiros com os seus homens, ali mesmo na via pública... oh, já falou com Williamson. Ele disse o quê? Bem, acho que isso não é muito justo com a polícia. Apanhámos inúmeros raptos ao longo dos anos.

O tenente esmagou o cigarro na perna da mesa e passou um lenço na testa.

– Não, não estamos a pensar em detê-los, apesar de esta cidade não precisar de um bando de vigilantes aos tiros nos nossos bairros... Nós... o quê? Ele quer falar consigo – rosnou Knapp para Panzer, passando-lhe o telefone.

– Sim, Mr. Wolfe, está bem. Lá estaremos. Sim, senhor. – Saul pousou o telefone.

– Eu ainda não tinha acabado de falar com ele! – gritou Knapp.

– Desculpe, ele desligou.

Knapp olhou para todos nós de forma furiosa, expirando ruidosamente.

– São um belo bando, e uma boa razão para termos padrões mais rigorosos na certificação de detetives privados nesta cidade e neste estado. Porque não voltam todos para Manhattan, onde pertencem, e ficam longe do Bronx? Não precisamos da vossa laia aqui. – Atirou as nossas licenças para a mesa e saiu furiosamente, batendo a porta atrás de si. Durante vários segundos, limitámo-nos a olhar uns para os outros.

Orrie Cather quebrou o silêncio.

– Eu gostava mesmo de ter ouvido o lado de Mr. Wolfe daquela conversa – disse, sorrindo.

– Consigo adivinhar algumas das coisas que foram ditas – contribuiu Del Bascom.

– Em vez de especular, vamos sair daqui antes que o tenente mude de ideias – disse o Saul. – Mr. Wolfe quer ver-nos às onze da manhã, amanhã.

– Estas reuniões matinais em casa dele estão a tornar-se rotineiras – observei. – O rapaz dos Williamson está de volta a casa, e seguro. De que precisamos de falar agora?

Saul lançou-me um olhar.

– Archie, ainda não conheces Nero Wolfe muito bem. Apesar de ter merecido o dinheiro do Williamson, não vai ficar satisfeito enquanto os raptos andarem à solta. É uma questão de orgulho. No que lhe diz respeito, o trabalho está feito pela metade.

– E há a pequena questão do inspetor Cramer – salientou Durkin enquanto saíamos da esquadra. – Ele ainda acha que tivemos alguma coisa a ver com o homicídio da noite passada, e nada lhe agradaria mais do que acusar Wolfe, e a nós, do crime. Acha que o homicídio está, de alguma forma, ligado ao rapto.

Cather soltou uma risada de cavalo.

– Cá para mim, o Cramer tem razão quanto à última parte. Não foi coincidência.

– Acho que todos concordamos, Orrie – disse Panzer enquanto ligava o *Modelo A* alugado e arrancávamos da 52.<sup>a</sup> Esquadra, felizes por nos despedirmos do Bronx e do tenente Knapp com K.

Mal sabíamos que, passado pouco tempo, todos estaríamos de volta àquele distrito.

## CAPÍTULO 14

Estávamos os cinco a beber café no escritório de Wolfe na manhã seguinte, quando ele desceu das salas das plantas e se instalou na cadeira feita à medida da secretária. Assentiu para cada um de nós e tocou a campainha, para pedir cerveja.

– Aquele tenente cretino do Bronx tentou intimidar-me, mas claro que todos sabem isso. Espero que tenham podido sair da esquadra imediatamente após a minha conversa telefónica com ele – disse Wolfe.

– Muito rapidamente – respondeu Saul Panzer. – Alguma coisa que lhe disse pareceu transtornar o agente.

– Sem dúvida – comentou Wolfe, as pregas das suas faces a afastar-se dos cantos da boca, no que descobri mais tarde ser uma versão de um sorriso. – Mr. Williamson telefonou-me minutos depois de o filho ter sido libertado. Eu disse ao tenente Knapp que o executivo hoteleiro estava a pensar escrever uma carta a um ou mais dos jornais diários a elogiar os nossos esforços para libertar o filho e questionar se a Polícia de Nova Iorque se teria saído tão bem.

– Acha que o Williamson vai avançar com essa carta? – perguntei.

– Confesso que a sugestão de tal epístola partiu de mim, apesar de, quando abordei a possibilidade, Mr. Williamson dizer que pensaria nisso, portanto não passei uma invenção completa ao tenente – disse Wolfe. – Agora, aos negócios. Primeiro, uma coisa para cada um de vocês. – Pegou num monte de envelopes e passou-os a Panzer, que os distribuiu. Abri o meu e tirei um cheque, da conta de Wolfe, de 500 dólares. Satisfeito, e imaginando que o meu teria a quantia mais pequena entre os cinco, não fiquei surpreso por ver grandes sorrisos nos rostos dos outros. – Mr. Williamson vem cá mais tarde para jantar comigo e, nessa altura, tenciono pressioná-lo para que nos deixe continuar a investigação – disse Wolfe, entrelaçando as mãos sobre o abdómen. – Como temia, ele parece contentar-se com o encerramento do caso, agora que o filho está seguro em casa. Claro que não esperarei nenhuma remuneração subsequente da parte dele, pois já foi mais do que generoso. Mas vou pedir acesso continuado ao seu pessoal doméstico, porque creio que a solução do rapto e do homicídio no Bronx se encontra perto da casa dos Williamson. Aqui está a minha pergunta para todos vocês: tendo em conta as quantias que acabam de receber, estariam dispostos a considerar essas quantias como pagamentos adiantados por trabalho adicional no caso? Se não, entendo perfeitamente.

– Não posso falar pelos outros – disse Saul Panzer, acenando o seu envelope –, mas isto é mais dinheiro do que ganhei nos últimos oito meses juntos. Conte comigo.

– Comigo também – apoiou Del Bascom. – Detesto ver um trabalho inacabado.

Fred Durkin assentiu em concordância.

– Conte comigo. Como no caso do Saul, este cheque é uma bênção. Vai fazer de mim um herói aos olhos da minha mulher, coisa difícil de fazer.

– Estou disposto a isso – disse Orrie Cather. – Que diabo, não tenho mais nada neste momento.

– Por mim é unânime – disse eu. – Além do mais, trabalho para o Del, e se ele estiver ocupado com isto, não há mais nada para eu fazer no escritório. E, para mais, quero ver como isto se resolve.

– Satisfatório – disse Wolfe. – Informarei o Saul sobre o nosso próximo passo, e ele transmitir-vos-á a informação. Mais duas coisas: ponto número um, fiquei ligeiramente perturbado por Mr. Williamson me dizer que houve um tiroteio ontem à noite. Iniciou-o, Orrie?

Cather assentiu, com uma expressão vexada.

– Iniciei, sim, mas nessa altura o miúdo já estava em segurança com o pai junto à vedação, e os raptos estavam prestes a arrancar. Detestei ver os patifes a fugir ilesos. Creio que acertei num, apesar de ele não cair e entrar no carro. O Archie também disparou uns tiros. Eles ripostaram e o Fred foi atingido de raspão.

– Não foi nada, quase nem um raspão – murmurou Durkin.

– Os tiros transtornaram Mr. Williamson, apesar de terem muito menos importância para ele do que recuperar o Tommie. Já agora, o rapaz parece estar ileso e de boa saúde – disse Wolfe. – Ponto número dois: já que nenhum de vocês o mencionou, estarei correto em presumir que o raptor que viram, por mais brevemente que fosse, não tinha semelhanças com ninguém do pessoal doméstico ao serviço dos Williamson?

– Correto, da minha parte – disse Panzer. – Este tipo era mais alto, e mais magro, do que qualquer um dos homens: o mordomo, o motorista Bell, o jardineiro Carstens, e o responsável pelos estábulos Simons. Alguém viu a coisa de modo diferente?

– Eu não – respondeu Durkin. – O tipo era magro como um esqueleto, parecia subnutrido.

– Ao contrário de ti – disse Cather, e todos nos rimos.

– Cavalheiros, reunir-nos-emos em breve – declarou Wolfe, levantando-se. Era a nossa deixa para irmos embora, e assim fizemos.

\*

Bascom e eu apanhámos um táxi para o seu escritório, falando sobre o caso durante todo o trajeto.

– É o caso mais estranho em que já estive metido, Archie – disse ele, acendendo um charuto e baixando a janela traseira do táxi. – O Williamson recuperou o rapaz, que é a coisa mais importante, de longe, claro. Mas não parece minimamente incomodado por ter perdido aquele dinheiro todo.

– Bem, dizem que é um dos homens mais ricos de Nova Iorque, certo? – perguntei. – É provável que o resgate só lhe tenha feito uma moça pequena na carteira recheada.

– Talvez, mas, ainda assim, creio que queria recuperar aquele carcanhol todo. Orgulho, e tudo isso. Além do mais, é possível que quem levou o Tommie também tenha matado aquele vigarista há duas noites na rua, o que quer dizer que o nosso Mr. Williamson pode ter um homicida a seu serviço.

– Seria interessante descobrir o que o rapaz sabe.

– Isso se o Williamson alguma vez o autorizar a falar com alguém – resmungou Bascom.

– Ou se o Williamson nos deixar sequer voltar a falar com o pessoal – disse eu. – A lealdade é bonita, mas pode ser levada ao exagero.

Bascom tirou uma nota de cinco dólares e pousou-a no joelho com um gesto forte e floreado.

– Cinco dólares em como um dos empregados está por trás disto tudo.

– Não aposto – ri-me –, a não ser que me dê uma margem de probabilidade, uma margem muito grande.

Não havia razão nenhuma para eu passar tempo na agência de detetives Bascom, dado que não tínhamos nenhum trabalho no momento, para além do caso Williamson, por isso deixei Del lá com a sua papelada e os seus charutos baratos, e fui ao meu banco depositar a maior parte da quantia do cheque de Wolfe, levantando o suficiente para me sentir verdadeiramente cheio de dinheiro pela primeira vez desde que chegara a Nova Iorque.

Naturalmente, o meu passo seguinte foi comemorar a minha nova prosperidade com um verdadeiro jantar. Havia semanas que passava por um restaurante perto da Rua Sessenta que parecia estar para lá das

minhas posses. Toalhas engomadas, flores em todas as mesas, talheres polidos, copos de cristal e clientes de ar elegante que não pareciam ter noção de que atravessávamos uma crise.

Abri caminho por uma porta giratória de vidro e cromado e fui cumprimentado por um tipo elegante de bigode, encostado a um pódio, de *smoking*, cravo e um sorriso arrogante.

– Sim, senhor? Posso ajudá-lo? – pigarreou, olhando-me de cima a baixo, de uma forma que sugeriu que eu devia arranjar um alfaiate novo.

Quando lhe disse que estava ali para jantar e que não tinha reserva, ele voltou a pigarrear, examinou a tabela de mesas e estalou os dedos, o que fez com que um empregado de mesa de avental branco viesse a correr para junto de si.

– Leve este cavalheiro para a mesa dezanove – disse o chefe de sala, virando-se para cumprimentar de forma calorosa um casal bem vestido, obviamente clientes habituais, que acabara de entrar.

A mesa dezanove estava escondida num canto ao fundo da sala de jantar de paredes de mogno, perto das portas de vaivém da cozinha. O empregado de mesa entregou-me um menu e disse que voltaria em breve para anotar o meu pedido. Assim fez, e ficou claramente surpreendido quando pedi o bife mais caro do menu, com todos os acompanhamentos.

Sozinho, mas não só, numa mesa para dois, comi a que foi provavelmente a melhor refeição da minha vida, com uma tarde de maçã com gelado para finalizar. No entanto, o café não estava ao nível do que era servido no restaurante do Mort a poucos quarteirões de distância nem pelo Fritz em casa de Wolfe.

– Prazer em conhecê-lo – disse eu ao bigodes da receção, à saída. – A comida não é má aqui. Até posso considerar voltar um dia destes para comer outro bife. – Não esperei para ver a reação dele.

Na manhã seguinte, cheguei ao gabinete de Bascom uns minutos depois das nove e encontrei-o debruçado sobre as palavras cruzadas do *Gazette*.

– Estas malditas coisas – murmurou. – Enlouquecem-me, mas estou sempre a fazê-las. Suponho que sou masoquista... Ah, o Nero Wolfe ligou há uns minutos. Quer ver-nos às onze.

– Outra reunião com o grupo todo, hã?

– Não. Desta vez, só nós os dois.

– Ah! De que se trata?

– Não faço ideia, mas, depois do pagamento que recebemos ontem, quando Wolfe liga eu salto. Espero que também te tenha tratado bem – disse Bascom.

– Não me queixo. Gastei uma parte pequena com o meu estômago, ontem à noite.

– E porque não? Quanto a mim, levei a mulher a jantar no seu restaurante italiano preferido perto de nossa casa. Até nos deram vinho tinto, disseram que era sumo de uva. Não jantávamos fora há meses. Foi um prazer.

– Bem, como já nos pagaram por este trabalho, espero que não tenhamos de passar muito tempo a fazer pelo dinheiro.

– O Wolfe sempre foi honesto comigo – disse Bascom, puxando uma fumaça do charuto. – Não tenciona explorar-nos. Se acabarmos por fazer muito mais, ele compensar-nos-á, garanto-te.

Como parecia agora ser uma rotina diária, sentámo-nos no escritório de Wolfe às onze, com café.

Ele entrou, colocou orquídeas num vaso na secretária e sentou-se, apontando o queixo para nós.

– Obrigado por terem vindo – disse. – Como sabem, Mr. Williamson jantou comigo ontem. Partilhou duas coisas interessantes. Primeiro, recebeu um telefonema do inspetor Cramer da Brigada de

Homicídios, que o pressionou acerca de uma possível ligação entre o rapto do filho e a morte daquele homem, Barney Haskell, numa rua do Bronx.

«De acordo com Mr. Williamson, o inspetor pareceu muito ansioso por me implicar, e por extensão os meus agentes, na morte. Para mérito seu, Mr. Williamson rejeitou a ideia e disse ao inspetor que ele, e apenas ele, foi ao Bronx naquela noite, e descobriu Haskell morto no passeio. Pediu desculpa por não ter chamado a polícia, mas disse que estava transtornado por não ter conseguido recuperar o filho.

– O Cramer não o descompôs por não ter ido à polícia imediatamente? – perguntou Bascom.

– Claro – disse Wolfe –, mas Mr. Williamson insistiu que fizera bem em vir ter connosco. E, quando o Cramer observou que não devia ter pago um resgate, a resposta dele foi: «Tenho o meu filho de volta em segurança, não tenho? Fim de discussão.»

– Referiu duas coisas interessantes – disse eu.

Wolfe baixou a cabeça ligeiramente.

– Sim. O motorista da família, Charles Bell, despediu-se de forma abrupta, deixando apenas um bilhete curto.

– Bastante suspeito, diria eu – observou Bascom.

– Mr. Williamson contou-me que Bell se queixou de que os outros membros do pessoal suspeitavam do envolvimento dele no rapto.

– Alguém fez uma acusação direta?

– Parece que foi bastante mais subtil do que isso – disse Wolfe. Olhares furtivos, conversas a pararem repentinamente quando Mr. Bell entrava numa sala. Por isso, os Williamson precisam de um motorista, razão pela qual vos pedi que aqui viessem.

Ambos devíamos estar com um ar confuso, porque Wolfe continuou rapidamente.

– Mr. Bascom, seria muito inconveniente ceder Mr. Goodwin durante uns dias, possivelmente mais tempo?

Del ergueu os ombros e deixou-os cair.

– O Archie tem sido uma lufada de ar fresco no nosso pequeno escritório, um verdadeiro buldogue, Mr. Wolfe, mas tenho de ser sincero... não há muito trabalho na cidade hoje em dia, por isso se tiver uma missão para ele, não vou impedi-lo. Um dólar é um dólar.

Wolfe endireitou o corpo e bebeu cerveja.

– Quando Mr. Williamson esteve cá e me falou da partida inesperada do seu motorista, sugeri que contratasse Mr. Goodwin, em regime temporário claro, como uma mistura de motorista e guarda-costas para o rapaz. Ele ficou impressionado com a desenvoltura de Mr. Goodwin sob pressão naquela primeira noite no Bronx, e recebeu a minha sugestão de forma favorável.

– Mas ninguém se lembrou de perguntar a Mr. Goodwin se queria o trabalho – rosnei.

– Um ponto importante – admitiu Wolfe. – No entanto, você parece gostar de um desafio, por isso pareceu-me natural sugerir o seu nome.

– Não seja condescendente comigo, Mr. Wolfe – disse eu. – Posso ainda não poder votar, mas sou capaz de perceber quando puxam pela pouca vaidade que tenho.

– Bem dito! – respondeu Wolfe, de sobrancelhas arqueadas. – É a primeira vez que sou acusado de ser condescendente com alguém, e asseguro-lhe que não era a minha intenção. Se o trabalho não lhe agrada, assim seja.

– Eu não disse isso, posso estar aberto à ideia, mas gostaria de saber o que pensa conseguir com a minha presença lá como motorista e guarda-costas.

– Uma pergunta justa. Continuo convencido de que a chave do rapto do rapaz e do homicídio de Barney Haskell se encontra na residência dos Williamson.

– E o motorista, Charles Bell? – perguntei. – Como o Del diz, o desaparecimento dele é suspeito, muito suspeito. Parece-me que é o seu homem.

– É possível – disse Wolfe, recostando-se e pousando as palmas das mãos na secretária. – Mr. Bascom e os outros vão investigar essa via.

– Há outra coisa, claro – disse eu. – Vários dos membros do pessoal doméstico já me conheceram, e com certeza que vão dizer aos outros quem sou. Serei visto como um espião infiltrado.

– Não necessariamente – respondeu Wolfe. – Mr. Williamson vai apresentá-lo ao pessoal como o jovem que tem os atributos necessários para proteger o pequeno Tommie.

– Parece-me um pouco rebuscado – disse eu.

Wolfe observou-me.

– Estaria a ser condescendente se lhe dissesse que acho que consegue convencê-los? – perguntou.

– Suponho que não. Mas, quanto à parte do trabalho como motorista, deve saber que não sou especialista em carros. O mais perto que estive de ser mecânico foi quando mudei as velas da carrinha velha do meu pai.

– Segundo creio, Mr. Bell também não é mecânico – disse Wolfe. – As reparações nas viaturas dos Williamson são todas feitas numa oficina na vila junto à propriedade.

– Está bem, digamos só, para efeitos de conversa, que aceito o emprego. O que espera que eu descubra? O mais provável é que ninguém se abra comigo.

– Não a princípio – admitiu Wolfe –, mas poderá conseguir integrar-se na vida da propriedade mais depressa do que pensa. Claro que uma das suas responsabilidades será levar o Tommie à escola e ir buscá-lo de carro, e parto do princípio de que ele e você desenvolverão uma amizade, amizade essa que agradará aos outros membros do pessoal, que são dedicados ao rapaz. Lembre-se também de que Mr. Bell não era admirado por todos os colegas, portanto você poderá ser encarado como uma melhoria.

– Por falar do Tommie, espera que eu lhe peça detalhes do rapto? – perguntei.

– Não de forma declarada. Mas pode ser que certas coisas específicas acerca da provação saiam aos poucos, durante as vossas viagens de e para a escola. Tem alguma experiência a falar com rapazes pequenos?

– Alguma. Tenho dois sobrinhos de seis e dez anos, no Ohio, e sempre me dei bem com eles. Parecem achar que sou engraçado, no sentido de cómico e não estranho.

– Talvez o jovem Williamson também o ache divertido – disse Wolfe. – Enquanto conduz os automóveis dos Williamson e conhece o pessoal, será feito um esforço deste lado para localizar Mr. Bell, que aparentemente levou toda a sua roupa e pertences quando partiu à pressa.

– Espera-se que eu viva nos aposentos do motorista, na propriedade?

– Sim, para ajudar a estabelecer a ilusão de uma semipermanência no papel.

– Estupendo. Estar num apartamento sobre uma garagem em Long Island é muito diferente das luzes brilhantes e emoção de Manhattan – queixei-me.

– A emoção toma muitas formas – disse Wolfe. – E, quem sabe, pode ser que desenvolva uma afinidade pela vida do campo.

– Não é provável. Crescer no Ohio já me chegou de campo para a vida inteira.

## CAPÍTULO 15

Na manhã seguinte, Saul Panzer levou-me à mansão de Williamson, no *Heron* de Wolfe.

– Como já disse, tens aqui uma tarefa interessante, Archie – comentou ele, enquanto entrávamos na propriedade com uma chuva tempestuosa e dávamos a volta à casa grande até às traseiras.

– Não tenho a certeza como define «interessante», mas espero que não signifique «aborrecido» – disse eu. – Preferia ir convosco à caça de Charles Bell. Para mim, ele é a chave deste caso.

– Talvez, apesar de Mr. Wolfe julgar que é importante ter-te aqui, o que me faz pensar que pelo menos parte do quebra-cabeças está com um ou mais membros do pessoal dos Williamson, para além de Mr. Bell.

– Observá-los-ei a todos com olhos de lince. Quem sabe, posso apaixonar-me por um dos membros femininos do pessoal e fugiremos juntos para fazer uma vida nova numa ilha dos mares do Sul.

– Andaste a ler aquelas tuas revistas de detetives baratas outra vez? – perguntou Panzer.

– Não, é só o meu lado romântico a vir ao de cima.

– Credo, espero que não seja contagioso. A única coisa que eu quero da vida é o meu apartamento pequeno e tranquilo no lado oriental da Rua Trinta e Oito com o seu piano, prateleiras com bons livros, charutos cubanos, champanhe no frigorífico, e um jogo de póquer de vez em quando para manter a mente aguçada e a carteira cheia de Lincolns, Hamiltons, e se for especialmente sortudo, Jacksons<sup>1</sup>.

– Não é pedir muito – respondi.

– É isso que penso exatamente, Archie. Ah, quase me esqueci, vais precisar disto no teu novo papel – disse ele, entregando-me um cartão que vi ser uma licença de motorista do estado de Nova Iorque.

– De onde veio isto? Não preciso de fazer um teste? E quem arranjou a minha morada?

– Não é a morada certa? – perguntou Panzer.

– Sim, mas...

– Archie, não faças perguntas. Acabaste de ver o poder de Burke Williamson em ação. Ele tratou de tudo.

– Parece que sim, de facto – respondi, deslizando a licença para dentro da carteira.

– Bem, boa sorte com a tua missão – disse Panzer, enquanto eu tirava a minha mala do banco traseiro e me dirigia à casa. – Diverte-te no mundo dos super-ricos.

Minutos depois, sentei-me com Burke Williamson no seu escritório.

– Apresentá-lo-ei ao pessoal antes do almoço – disse ele. – Claro que já conheceu vários membros, e quase todos suspeitarão de si. Explicarei que está aqui num papel combinado de motorista e guarda-costas do meu filho, e que o seu trabalho como detetive privado o treinou bem para o segundo papel.

– Como estão os membros do seu pessoal a reagir ao desaparecimento de Mr. Bell?

– Creio ser correto dizer que estão todos chocados, em graus variados. Tendo acontecido tão rapidamente após o rapto do Tommie, abalou toda a gente ainda mais, como pode imaginar.

– Tem alguma explicação para o desaparecimento dele?

– Como disse a Mr. Wolfe, o Charles acreditava que outros membros do pessoal, não disse quem, achavam que ele tinha algo a ver com o que aconteceu ao Tommie. Disse-lhe que era um disparate completo, mas o meu apoio não o consolou. Parece que partiu ontem à tarde depois de trazer o Tommie da escola. Levou tudo o que tinha e deixou um bilhete breve a dizer que nos informaria da sua nova morada, para onde poderíamos enviar o correio que recebesse aqui.



– Como partiu?

– Tinha o seu próprio automóvel, um *Plymouth coupé*, que guardava aqui na garagem. Temos lugar para cinco carros, e eu tenho três, por isso havia muito espaço.

Williamson recostou-se.

– Meu jovem Mr. Goodwin, tenho de ser sincero consigo. Não foi ideia minha que viesse para cá, foi de Mr. Wolfe. Ele insiste, e eu continuo a discordar totalmente, que alguém ao meu serviço ajudou a arquitetar o rapto. Cedi à vontade dele por duas razões: primeiro, tenho uma dívida incalculável para com ele, por ter recuperado o meu filho; segundo, fiquei impressionado com a forma como você se comportou sob pressão no Bronx há duas noites. Parece muito maduro para a sua idade. Se Wolfe tivesse sugerido outra pessoa para este papel, eu poderia ter recusado.

– Obrigado pelo voto de confiança, Mr. Williamson.

– Não se apresse a agradecer-me. Continuo preocupado com a sua presença aqui, que tem o potencial de criar mais inquietação no pessoal, já de si enervado. Sem dúvida que eles, ou alguns deles, vão encará-lo como um Caleb no meio deles.

– Um Caleb?

– Uma referência bíblica. Era um espião no Antigo Testamento.

– Suponho que não fui à catequese nesse dia. Mr. Williamson. Farei o possível por não parecer um detetive.

– Agradeço. Agora vamos à garagem. Mostrar-lhe-ei os veículos que conduzirá, e também os seus aposentos. Parece ser próximo da estatura de Charles Bell, por isso os uniformes dele servir-lhe-ão. Se não servirem, pode usar um fato normal até os alterarmos.

Os uniformes de Bell acabaram por ser de um tamanho quase perfeito, apesar de, quando me vi ao espelho da minha nova casa, me ter sentido bastante tolo, de fato e chapéu pretos. Parecia que ia conduzir um carro funerário.

– Está muito bem – disse Williamson, assentindo de forma aprovadora. – Agora vamos lá abaixo à cozinha e apresentá-lo-ei. Devem estar a juntar-se para almoçar.

Quando entrámos na cozinha, as conversas pararam a meio, e todos os olhares se voltaram para mim.

– Desculpem entrar assim – disse Williamson –, mas gostaria que conhecessem Mr. Archie Goodwin, que vai assumir as obrigações de motorista por agora, e também servir como guarda-costas do Tommie. Creio que um ou mais de vocês o terão conhecido quando aqui esteve no início da semana com os outros detetives.

Williamson apresentou-me a cada membro do pessoal. A maioria acenou-me sem expressão, apesar de a cozinheira corpulenta, Mrs. Price, avançar a sorrir.

– Escolheste um belo dia para começar, rapaz – disse ela. – Como está um dia chuvoso e ventoso, decidi fazer o meu guisado de borrego para o almoço. Aqui todos gostam dele.

– Tenho a certeza de que também gostarei. Sempre foi um dos meus pratos preferidos – respondi, fazendo com que ela sorrisse mais e que o seu rosto corasse.

Fomos para uma mesa de madeira comprida e robusta numa das pontas da cozinha grande, na cave. Esperei que os outros estivessem sentados, imaginando que tivessem lugares reservados. Depois, sentei-me na última cadeira livre, o que me colocou entre a governanta, Emily Stratton, e o jardineiro, Lloyd Carstens, e à frente de Sylvia Moore, o único membro do pessoal que eu já conhecera. Ela assentiu na minha direção, com um ligeiro sorriso. Eu sorri-lhe abertamente e depois virei-me para Carstens, já que a governanta estava a falar com Waverly, o mordomo, à sua direita.

– Os jardins aqui são mesmo bonitos – disse eu a Carstens. – Parece mais um parque do que um jardim. Ele assentiu, sem expressão.

– Maior do que qualquer pretense jardim que encontrará. São trinta e dois quilómetros quadrados, o que dá um trabalhão para cuidar.

– Tenho a certeza que sim. Gosta do seu trabalho?

Outro aceno de assentimento.

– Sim, e aqui a época de crescimento é maior do que no Maine, de onde sou.

Nessa altura, Emily Stratton fez um ruído com a garganta para me chamar a atenção, e passou-me uma bandeja de guisado de borrego. Agradei-lhe e recebi um aceno de lábios apertados. Não parecia uma pessoa muito sorridente.

Estava a tornar-se claro que não haveria muita conversa animada, pelo menos na minha presença. De facto, ninguém falou muito durante o almoço. Se isso tinha ou não a ver com a minha presença, não soube dizer, mas fiquei um pouco desiludido, porque esperara ser interrogado quanto ao meu conhecimento de automóveis, e estava pronto com variadíssimas respostas.

Uma coisa que não me desiludiu, porém, foi o guisado de borrego de Mrs. Price, do qual me servi duas vezes. Durante a refeição fiz umas tentativas fracas de conversar com Carstens e Miss Stratton, e ambas falharam por falta de participação deles.

Depois de almoço, apresentei-me no escritório de Williamson, como ele pedira. Iria comigo buscar o Tommie à escola, já que eu não sabia o caminho.

– Como correu o almoço? – perguntou.

– Em geral pareceram um grupo bastante calado.

– Não saberia dizer, pois nunca me intrometi nas refeições do pessoal – disse ele –, mas talvez estejam apenas a habituar-se à sua presença. No entanto, avisei-o de que suspeitariam de si.

– Pode muito bem ser, e tentarei como puder aliviar essa suspeita – disse-lhe, enquanto nos dirigíamos à garagem e entrávamos no *Pierce-Arrow*, comigo ao volante.

– Quando chegar ao fundo da rua, vire à esquerda – disse Williamson.

O automóvel conduzia-se muito bem, nada como a carrinha velha do meu pai.

– Disse ao Tommie que teria um motorista novo esta tarde – disse o pai.

– Como reagiu ele à notícia?

– Oh, pareceu reagir bem. Em geral é um rapaz bastante estoico, e não creio que alguma vez tivesse sentimentos fortes, fossem positivos ou negativos, por Charles Bell.

– Mais importante, como está ele desde... bem, desde que voltou?

– Surpreendentemente bem. A mãe e eu estávamos muito preocupados com os danos emocionais que aquilo poderia ter causado, mas até agora não vimos sinais de nenhum... digamos... trauma?

– Ele falou muito sobre o que aconteceu?

– Um pouco. Foi vendado e enfiado na carrinha do merceeiro, deveria dizer falso merceeiro, e levado para algures na cidade de Nova Iorque, não conseguiu dizer ao certo, provavelmente o Bronx, dado que foi onde nos disseram que fôssemos com o dinheiro em ambas as noites. Disse que era um apartamento no segundo ou terceiro andar. Foi levado ao colo, por isso não tem a certeza. E todas as persianas estavam fechadas, por isso nunca conseguiu ver pelas janelas.

– E os raptores?

– Eram dois homens – disse Williamson, enquanto me dava indicações para virar à direita, numa rua que corria ao longo de carris. – Usavam ambos óculos de sol sempre que o Tommie não estava vendado. E, para responder à sua próxima pergunta, nenhum deles se parecia com ninguém que esteja ao meu serviço e isso inclui o homem que veio substituir.

– O Tommie foi bem tratado? – perguntei.

– Absolutamente. Foi bem alimentado e nunca foi ferido, de forma alguma. Deram-lhe um pijama

lavado, e lavaram-lhe a roupa. Vire aqui à esquerda, é só mais um quarteirão.

A Academia MeadesGate era recuada em relação à estrada, um edifício de tijolo de dois andares com ar respeitável, com portadas brancas e telhado de lousa. Williamson guiou-me por uma alameda serpenteante com gravilha fina que se enrolava à volta da estrutura e conduzia a um parque de estacionamento nas traseiras, onde estavam vários automóveis com os motores a trabalhar, aparentemente todos à espera de alunos. Reparei que dois dos veículos eram *Rolls Royce*, e outro um veículo com aspeto exótico que calculei ter sido feito no continente europeu. Entre os outros carros, também vi um *Duesenberg*, um *Cadillac*, dois *Packards*, um *Lincoln* e um *phaeton Graham Paige*.

– Podiam organizar um congresso de motoristas aqui todas as tardes – observei.

– Sim, e apostaria que vários deles andam armados.

– Inclua-me nisso – disse eu, dando palmadas no meu ombro esquerdo.

Williamson lançou-me um olhar.

– Isso é mesmo necessário?

– Não quer uma segunda surpresa em relação ao seu filho, pois não? Afinal de contas, também estou a trabalhar como guarda-costas, para além de operar esta bela máquina.

Ele começou a responder e depois acenou pela janela aberta enquanto os alunos, todos rapazes e identicamente vestidos com *blazers* escuros, gravatas, calções e meias até ao joelho, saíam da escola. Um rapaz aloirado acenou de volta, pondo o boné e correndo na direção do automóvel.

– Olá, papá – disse ele, abraçando o pai, que saíra do veículo.

– Tommie, apresento-te Mr. Goodwin. Ele vai trazer-te à escola durante uns tempos. Porque não vais à frente com ele? – perguntou Williamson, passando para o banco traseiro.

– Prazer em conhecê-lo, Mr. Goodwin – disse o rapaz, estendendo uma mão. Apertei-a.

– Prazer em conhecê-lo, Tommie. Teve um bom dia?

– Suponho que sim – respondeu. – Fizemos um simulacro de incêndio, e toda a gente teve de sair da escola em fila indiana.

– Eu tinha dessas coisas de vez em quando na escola.

– Deve ter sido há muito tempo.

– Tommie! – disse o pai. – Mr. Goodwin não é assim tão velho, sabes?

Ri-me.

– É tudo relativo. Fiquei surpreendido quando descobri que o meu pai não era vivo quando Lincoln foi presidente.

Isto arrancou uma risada do miúdo, por isso parecemos ir no bom caminho. De volta à mansão, Williamson levou o filho para junto de Sylvia Moore, que, ao que soube, o ajudava com os trabalhos de casa durante pelo menos uma hora todas as tardes.

– O Tommie gosta de si – disse o pai. – Mas ouça, Goodwin, e ouça bem: não quero que interrogue o meu filho sobre o que ele passou. Tenho a certeza de que uma das razões pelas quais Nero Wolfe quis que viesse para cá foi para lhe arrancar informação, mas eu não admito, coisa que também disse a Wolfe. Fui claro?

– Totalmente – respondi, pondo o carro na garagem e subindo para desfazer as malas e instalar-me.

Os aposentos do motorista, no andar de cima, eram bastante espaçosos, um quarto grande com janelas que davam para o terreno grande nas traseiras, e duas aguarelas de montanhas cobertas de neve; uma sala de estar ainda maior que o quarto, com janelas, um sofá, duas cadeiras, mais aguarelas, estas de quedas de água, e um rádio elegante de madeira que parecia acabado de vir da loja; e uma casa de banho com azulejos amarelos com banheira e chuveiro. Calculei que era provável que fosse mais espaço do que qualquer outro dos membros do pessoal tinha nos seus aposentos no andar superior da mansão, o que

podia ter contribuído para a hostilidade de algumas pessoas para com Charles Bell, que se fora embora recente e subitamente. E, para mais, ele tinha *dois* telefones, um no andar de cima e outro na garagem, apesar de ambos estarem na mesma linha exterior.

Dei uma olhadela ao apartamento, e não de forma ligeira. Parecia limpo e não tinha pó, e não havia nada que eu visse que indicasse que Bell passara ali três anos. Para além dos seus uniformes, os armários e as gavetas da cómoda estavam mais limpos do que o bisturi de um cirurgião antes de uma operação, e as estantes na sala de estar também não tinham nada à exceção de um vaso de cerâmica vazio e um cinzeiro de lata que fora surripiado de um restaurante chinês em Trenton, na Nova Jérсия. Pendurei o meu fato, o meu *blazer* e calças, e enchi três gavetas com o resto da minha roupa, incluindo um monte de camisas.

Se tinha de passar tempo ali na província longínqua, pelo menos não me podia queixar da qualidade da estadia. Pensei em dar um passeio exploratório pela propriedade, mas cancelei o plano rapidamente, pois poderia ter sido interpretado, e bem, como bisbilhotice de detetive, pelo pessoal já suspeito da razão da minha presença entre eles.

Deitei-me na cama e olhei para o teto, pensando na situação. Esperava-se de mim que estivesse alerta mas não demasiado curioso na presença dos outros membros do pessoal, amistoso com o Tommie mas não abertamente interessado na sua provação recente, e respeitoso para com os Williamson sem ser subserviente.

Está bem, eu conseguia lidar com esses desafios. Se a minha estadia neste retiro palaciano ia ter resultados concretos aos olhos de Nero Wolfe era outra questão.

<sup>1</sup> Notas americanas que correspondem a 5, 10 e 20 dólares, respetivamente. (*N. do T.*)

## CAPÍTULO 16

Nessa noite ao jantar, a conversa foi mais uma vez mínima. O mordomo, Waverly, conduziu uma oração de agradecimento por o Tommie ter regressado são e salvo para junto dos pais. Sylvia Moore disse que o rapaz estava tão animado como sempre durante as suas sessões vespertinas de trabalhos de casa. Emily Stratton acrescentou, muito séria, que Mrs. Williamson «Voltou a ter cores nas faces e recuperou as forças. Temi pela saúde da nossa patroa. A querida senhora já não é muito forte à partida, como todos sabem». Quis questionar esta última afirmação, dado que Mrs. Williamson era uma cavaleira de talento e parecia estar em muito boa forma, mas tive tento na língua.

O grupo do jantar era mais pequeno do que o do almoço, já que Carstens e Simons já haviam regressado a suas casas. Mary Trent, a empregada jovem, não falou durante a refeição, principalmente assentindo quando os outros faziam declarações breves. E Mrs. Price, cujo assado era excelente, pareceu reservada, talvez porque ninguém elogiou os seus cozinhados apesar de todos terem limpo os pratos. Não me fizeram perguntas sobre o meu primeiro dia de trabalho, e eu nada disse.

De volta aos meus aposentos confortáveis, telefonei a Nero Wolfe às nove horas, como havíamos combinado.

– Não há grande coisa a relatar – disse-lhe –, apesar de estar lentamente, aliás muito lentamente, a conhecer o reservado pessoal desta casa senhorial. Não vai ficar surpreendido por saber que me encaram com uma dose salutar de suspeita. Também conheci o Tommie hoje. Creio que vamos dar-nos bem, apesar de ter de levar a coisa devagar. O Williamson avisou-me para não interrogar o rapaz acerca dos pormenores do seu cativo.

– Ainda assim, suspeito que nos próximos dias pode descobrir algumas coisas sobre esse acontecimento.

– É esse o meu plano. Tem mais algumas instruções?

– Continue a agir com contenção. A pressa é a ferramenta dos tolos.

– Isso é muito bom. Quem o disse?

– Fui eu.

– Ah. Bem, com certeza que evitarei a pressa, e telefonar-lhe-ei à mesma hora amanhã. Não fique surpreendido se o meu relatório for outra vez breve. Passa-se alguma coisa com a investigação do vosso lado?

– Não, a não ser que o Saul e os outros tenham feito alguma descoberta esta noite que eu não saiba. Boa noite.

Na manhã seguinte, desci para a cozinha antes de todos os outros e tomei café com Mrs. Price.

– Céus, é madrugada – disse ela. – Habitualmente, comemos perto das oito. Se quiser, posso arranjar-lhe uns ovos. Eu estou sempre aqui às seis e meia.

– Não quero transtornar a sua rotina. Contento-me com este excelente café.

– Não transtorna minimamente a minha rotina, rapaz. Fico feliz por ter aqui alguém que aprecie o meu trabalho. Reparei que comeu muito ontem ao almoço e ao jantar.

– Suponho que estou em idade de crescimento.

– Bem, então vou começar a fazer o *bacon* e ovos mexidos para os outros, e será o primeiro a ser

servido antes sequer de eles chegarem, se quiser.

– Obrigado. O meu antecessor tinha bom apetite?

– Mr. Bell? Oh, suponho que sim – disse, ela sem entusiasmo.

– Posso presumir que não gostava dele?

Mrs. Price encolheu os ombros.

– Não quero falar mal, agora que ele se foi embora, mas era um tipo estranho que parecia desprezar-nos a todos, como se não fosse adequado para ele estar ao serviço. Para mim, o serviço é uma vocação nobre, algo de que nos devemos orgulhar sempre.

– Alguma ideia quanto ao lugar para onde ele terá ido?

– Não, apesar de não gostar dos pensamentos que tenho tido.

– Ah?

Ela pareceu pensar se haveria de dizer mais ou não. Virou-me as costas e debruçou-se sobre o fogão, a trabalhar.

– Desculpe. Não quero ser intrometido. É um mau hábito que tenho.

– Não se preocupe, rapaz – disse ela, virando-se de novo para mim e pousando uma mão rechonchuda no meu ombro. – Não estava a ser intrometido, apenas curioso, o que é perfeitamente natural, já que tomou o lugar dele. É só difícil, para mim, dizer o que me tem passado pela cabeça.

– Não perguntarei.

– Mas talvez me ajude desabafar – disse ela, pousando um prato com *bacon* e ovos no meu lugar e sentando-se à mesa à minha frente. – Não consigo deixar de pensar que, de algum modo, o Charles esteve... esteve envolvido no que aconteceu ao querido Tommie. – Baixou a cabeça e olhou para as mãos, que tinha sobre o colo. – Sei que parece uma coisa horrível de se dizer, mas porque fugiria ele deste modo, Mr...

– Archie, só Archie.

– Porque fugiria ele, Archie? Não era o que eu chamaria um indivíduo excessivamente amistoso, mas parecia-me mais ou menos satisfeito com a sua posição aqui.

– Acha que talvez tenha sentido que os outros membros do pessoal tinham as mesmas suspeitas que a senhora?

Ela apertou as mãos.

– Só posso dizer que, quando o pobre rapaz estava desaparecido, toda a gente andava inquieta, nervosa, irritadiça e a discutir, e é possível que alguém tenha olhado para o Charles com maus olhos. Espero não o ter feito. Lembro-me de que, no segundo dia do desaparecimento do Tommie, ele... quero dizer o Charles... se zangou muito com Mr. Simons, dizendo algo como «Sei exatamente o que está a pensar, diabos. Consigo ler-lhe o pensamento!».

– Simons disse alguma coisa ao Bell?

– Não creio, mas não tenho a certeza, e... – Parou a meio da frase quando Waverly entrou na cozinha.

– Bom dia, Mrs. Price. Bom dia, Mr. Goodwin – disse o mordomo. – Interrompo alguma coisa?

– De todo – respondi, com um grande sorriso. – Na verdade, estava só a elogiar Mrs. Price pelos seus ovos mexidos. Os melhores que já comi.

– Utilizo sempre muita manteiga e pimenta acabada de moer – disse ela. – É isso que os torna diferentes.

– Bem, fico ansioso por comê-los muitas mais vezes – disse-lhe, ao levantar-me. – Agora vou preparar o *Pierce-Arrow*, para levar o Tommie à escola. – Senti o olhar de Waverly sobre mim ao sair.

Tinha o automóvel pronto em frente à garagem quando o Tommie veio a correr com os seus livros. Abri-lhe a porta do passageiro, mas ele disse:

– Eu sento-me sempre no banco de trás.

– Mas não preferia vir aqui?

Ele mordeu o lábio e pareceu inseguro.

– Devia sentar-me atrás.

– Quando o fomos buscar à escola ontem, o seu pai mandou-o sentar-se aqui à frente comigo.

– Suponho que isso foi especial – disse ele.

– Talvez, mas tenho uma ideia. E se entrar para o banco de trás agora, para o caso de alguém estar a ver, e depois andarmos um quarteirão e pararmos para que possa passar para a frente?

– Eu gostava!

E, assim, o Tommie foi ao meu lado enquanto nos dirigíamos para a escola.

– Algum dos seus colegas anda no banco da frente? – perguntei-lhe.

– Só o Billy Reynolds. Eles têm um *Duesenberg* fantástico.

– Se quiser posso parar na rua anterior à da escola e pode passar para o banco de trás outra vez.

– Não, quero ficar aqui. Na escola não se importam. De onde é, Mr. Goodwin?

– Chame-me Archie, todos o fazem. Cresci no Ohio. Sabe onde fica?

– Estudamos os estados na aula de Geografia. Lembro-me que, no Ohio, Toledo faz vidro, Cleveland faz aço, Akron faz pneus e Cincinnati faz sabão.

– Sabe muito mais sobre o meu estado do que eu. Eu sou do Sul, perto do rio Ohio, de uma cidade pequena. A única dessas cidades onde já estive é Cleveland, e só lá fui para apanhar o comboio quando vim para Nova Iorque.

– Eu gostava de andar de comboio.

– Tenho a certeza de que andarás.

– Alguma vez jogou futebol... Archie?

– Sim, no liceu. Era *halfback*, e cheguei a fazer um ensaio uma vez, contra os nossos grandes rivais de Portsmouth. Foi o mais perto que cheguei de ser um herói. Joga futebol em MeadesGate, Tommie?

– Não, só os rapazes mais velhos é que jogam. A escola tem uma equipa que joga contra outras escolas. Mas recebi uma bola de futebol nos anos.

– Costuma jogar em casa a apanhá-la?

– Às vezes com o meu pai, mas não muitas vezes. Ele trabalha muito, ou viaja para os seus hotéis. Já estive no mundo todo.

– Que tal isto? Amanhã é sábado. Se não tiver muitos trabalhos de casa para fazer, podemos fazer alguns lançamentos de bola no jardim.

– Isso seria divertido. Tenho os trabalhos de casa em dia, e além disso creio que Miss Moore vai passar o fim de semana fora.

– Então fica combinado. Atiramos a pele de porco um ao outro.

Tommie enrugou o nariz.

– A bola de futebol é feita de pele de porco?

– Agora já não. Mas a certa altura, segundo a História, era disso que as bolas eram feitas.

– Ainda bem que deixaram de ser – disse ele, quando chegámos ao jardim da escola. Ele saltou do carro, correndo para junto dos seus colegas de turma que entravam no edifício sob o olhar vigilante de vários professores.

No dia seguinte, às nove, o Tommie e eu estávamos no relvado grande da propriedade dos Williamson a lançar a bola de futebol um ao outro, sob o sol quente da manhã. Ele era melhor do que eu pensava,

dada a sua estatura. Apanhou quase todos os meus passes tremidos e lançava a bola com uma força surpreendente.

– Ena, é muito bom – disse-lhe. – Tem a certeza que não tem andado a praticar mais do que me disse?

– Não. Como lhe disse, o meu pai é bastante ocupado, e Mr. Bell nunca pareceu interessar-se por desporto. Até lhe perguntei uma vez se queria fazer lançamentos com uma bola de beisebol, e ele disse que não, que não fazia essas coisas.

– Pena para ele, pobre sujeito. Perdeu muita diversão. O que estamos a fazer é bom exercício, apesar de o meu braço se ressentir amanhã. Há muito tempo que não lançava uma bola de futebol.

– Mas podemos voltar a fazê-lo, não podemos?

– Claro que podemos – disse eu. – E também podemos praticar chutar a bola. Aqui há muito espaço.

Nessa altura, Lillian Williamson e Mark Simons apareceram, a cavalo, num passo lento pelo caminho equestre.

– Olá, rapazes! – disse ela, com um aceno.

– Olá, mãe. Olha este passe – respondeu o Tommie, enviando numa espiral perfeita a bola na minha direção. Consegui apanhá-la com as pontas dos dedos.

– Boa – disse a mãe, com um grande sorriso. – Não cansas o Mr. Goodwin. Precisamos que ele me leve, a mim e ao teu pai, à cidade amanhã.

– Vamos fazer uma pausa – disse eu. Fomos para o terraço e, enquanto nos sentávamos, Mrs. Price subiu da cozinha com um jarro e dois copos.

– Vi que estavam a jogar à bola, e achei que precisariam de uma limonada fresca – explicou ela. – Está muito calor para outubro, hoje.

– Obrigado! – dissemos em uníssono. Depois, tirei um lenço e limpei a testa húmida. – Isto é que é vida – disse eu ao Tommie, esticando as pernas e vertendo limonada para os nossos copos.

– Sim! Então da próxima vez podemos chutar, está bem? Não sou muito bom a fazer isso.

– Vai melhorar com a prática. Só depende do tempo.

Ele sorriu enquanto bebia a limonada, e depois a sua expressão mudou.

– Sabia que fui raptado?

– Sim, ouvi falar disso – respondi, apercebendo-me com alívio mas sem surpresa que ele não me reconheceria da noite junto ao zoo do Bronx.

– A minha mãe e o meu pai não querem que fale disso. Foi um bocado assustador.

– Tenho a certeza que deve ter sido.

– Eu estava na relva, ali mesmo – disse ele, apontando para um lugar junto ao caminho de gravilha que dava a volta à casa e conduzia à garagem. – Estava a apanhar tipos diferentes de folhas para a escola, e Miss Moore estava a ajudar-me. Ela recebeu um telefonema e foi lá para dentro, e mesmo nessa altura uma carrinha apareceu. Um homem saiu e disse que queria perguntar-me uma coisa, por isso aproximei-me dele, e ele agarrou-me e atirou-me para a traseira da carrinha. Depois, vendou-me e amarrou-me, e ele e outro homem que eu não tinha visto arrancaram. Comecei a gritar e um deles enfiou-me qualquer coisa na boca, como um lenço.

– Viu-os bem?

– Não. Usaram sempre óculos de sol, mesmo à noite quando eu estava no quarto, onde quer que fosse que me levassem. Mas não devia estar a falar disto.

– Compreendo.

– Eles não foram nada maus comigo. Nunca me bateram, deram-me cachorros-quentes, chili e cereais *Rice Krispies* para o pequeno-almoço.

– Disseram alguma coisa que pudesse ajudar a identificá-los?



- O meu pai também me perguntou isso. Não creio. Eram parecidos, por isso talvez fossem irmãos.
  - Ou eram parecidos porque usavam ambos óculos de sol?
  - Talvez. Tentei ouvir o que diziam à noite, quando achavam que eu estava a dormir, mas falavam muito baixinho. Achei ter ouvido uma palavra que pareceu «Barney», uma vez. – Baixou o olhar. – Não devia estar a falar disto.
  - Como achar melhor – respondi.
  - Sei que falei ao telefone muitas vezes, mas não consegui ouvir muito do que diziam. Puseram-me num quarto e a porta estava quase sempre fechada.
  - Mas deixaram-no ir.
  - O meu pai disse que isso foi porque uns detetives de Nova Iorque nos ajudaram. Os homens de óculos de sol levaram-me de carro à noite e algemaram-me a uma vedação. O meu pai veio com uma mala que disse estar cheia de dinheiro e deu-lha. Depois, uns desses detetives e os raptos começaram aos tiros, que foi mesmo assustador. Estava escuro, por isso não sei quem eram as pessoas todas que estavam aos tiros, ou se alguma delas ficou ferida.
  - Mas a boa notícia é que está livre.
  - Sim, mas tive muito medo.
  - Isso não é nada que o deva envergonhar. Quando o levaram de carro nessa noite, quanto tempo demorou a viagem?
  - Hum, não muito tempo, talvez dez minutos, talvez um pouco mais.
  - Então devia estar num lugar perto do sítio onde o algemaram à vedação?
- O Tommie assentiu de forma calma e continuou a contar-me como a polícia veio e o soltou.
- Foi então que descobri que estávamos junto ao zoo onde eu já estivera – disse ele. – Depois do tiroteio, os animais começaram todos a rugir e a rosnar.
  - É uma história e tanto.
  - Sim. Não diga aos meus pais que lhe contei, está bem?
  - Fica um segredo nosso. E voltamos a lançar e a chutar a bola, talvez um dia para a semana, está bem?
  - Claro – respondeu ele, a sorrir.

Nessa noite, telefonei a Wolfe e relatei a minha conversa com o Tommie.

- Há uma coisa que deve saber – disse ele.
- Sou todo ouvidos.
- Um homem cuja descrição corresponde à do seu antecessor, Mr. Bell, foi encontrado morto a tiro.
- Diabos me levem.
- Sem dúvida. Não partilhe esta informação com ninguém por aí, incluindo a família. Pode ser elucidativo observar o comportamento deles até que as notícias se tornem domínio público. E, mesmo nessa altura, esteja alerta às reações de toda a gente.
- Os meus ouvidos estão abertos e a minha boca, fechada – disse-lhe, e fui recompensado com um grunhido mesmo antes de a linha morrer.

## CAPÍTULO 17

A nossa reunião para o almoço nesse domingo foi pouco numerosa, já que Lloyd Carstens e Mark Simons haviam ido passar o resto do fim de semana a casa, como era seu costume, e Sylvia Moore ficaria hospedada na casa de uma tia solteira em Filadélfia durante os dias que se seguiam. Conforme as ordens de Mrs. Williamson, eu levava Sylvia de carro à estação de comboios que ficava perto da casa nessa manhã, para que ela pudesse apanhar um comboio local para Manhattan e mudar na estação Penn para um comboio com destino a Filadélfia.

– É muito chegada à sua tia? – perguntei a Sylvia, quando fomos para a estação suburbana.

– Sou, sim. Ela é irmã da minha mãe e vamos conversar muito sobre se a minha mãe deve mudar-se da Virgínia para viver com ela em Filadélfia. Como já lhe disse, a minha mãe, que é viúva, tem problemas cardíacos sérios, e preocupa-me que esteja sozinha naquela casa grande e velha em Richmond, onde cresci. Mas sei que vai ser difícil convencê-la a deixar a casa onde viveu quase quarenta anos.

– Bem, parece uma boa solução. Espero que a senhora e a sua tia a convençam.

– Obrigada. Como se está a dar aqui? – perguntara-me Sylvia nessa altura. Como com o Tommie, eu sugerira com alguma insistência que ela se sentasse à frente comigo, e ela gostou da ideia.

– Bem, apesar de, em geral, o pessoal doméstico parecer um grupo bastante calado.

– Oh, eram exatamente assim quando eu comecei – disse ela. – São muito desconfiados de recém-chegados.

– E a Sylvia, também é?

Ela enrugou o seu nariz bonito.

– Não diria isso. Sou mais calada, e algumas pessoas julgam que isso é altivez. Espero que não ache isso.

– Não, não acho. Parti do princípio de que era tímida. Deve estar aliviada, agora que o Tommie regressou.

– Oh, céus, sim, estou sim. Foi uma provação grande para todos. Bem, já sabe isso. Claro, foi um dos detetives que vieram falar connosco depois do rapto.

– Fui, sim, mas como sabe estou aqui agora numa posição diferente, como motorista e, mais importante, como guarda-costas do Tommie.

– Parece muito jovem para ser detetive e guarda-costas – disse ela.

– Tenho mais experiência do que pensa, apesar de ser realmente o membro mais inexperiente da equipa quando cá estive antes.

– Bem, pelo pouco que sei, o Archie e os restantes investigadores devem ter feito o vosso trabalho bem, conseguindo que o Tommie voltasse para nós. Mas como veio a acontecer que trabalhe aqui agora? Andava à procura de emprego como motorista ou guarda-costas?

– Na verdade, não. Também estava com Saul Panzer quando ele interrogou Mr. Williamson, e suponho que por alguma razão ele gostou da forma como me comportei. Não estava a tentar impressioná-lo. Seja como for, quando Charles Bell abandonou o emprego, Mr. Williamson telefonou a um dos outros detetives e perguntou se eu estaria interessado neste emprego. Eu tenho andado à procura de emprego, sabe como as coisas têm sido difíceis desde a crise, e pensei «Porque não?». Sempre me interessei por automóveis, e cá estava uma oportunidade de conduzir alguns mesmo bons, para além de cuidar do Tommie. Não tenho a certeza se ele corre algum perigo agora, mas creio que a minha presença faz com

que os pais dele se sintam melhor.

– Acha que o Tommie ficou traumatizado pelo que aconteceu? – perguntou ela. – Não senti nada.

– Nem eu. Parece que nos estamos a dar muito bem.

– Concordo – disse Sylvia, com sinceridade. – Sei que ele anda encantado por jogar futebol consigo.

Estou muito feliz por o senhor estar aqui.

– Fico feliz por estar feliz – disse eu, enquanto parávamos no pequeno apeadeiro onde ela ia apanhar o comboio para a cidade. Ela apertou-me o braço e agradeceu-me de forma calorosa pela boleia quando saiu do carro. E, se sabia alguma coisa sobre o que acontecera a Bell, o seu comportamento não mo revelou.

De volta ao almoço de domingo. Sentámo-nos os cinco nos nossos lugares habituais, deixando os lugares dos ausentes vazios. Deus nos livre de alguém mudar de cadeira. Waverly conduziu-nos numa breve oração, e começámos com as sanduíches de fiambre e queijo e a salada russa de Mrs. Price.

– Lembro, Mr. Goodwin, que hoje não é servida refeição aqui, à noite – disse a cozinheira. – Ao domingo à noite, qualquer um pode vir cá abaixo cozinhar alguma coisa para si, desde que arrume e limpe tudo depois de acabar. Gosto da minha cozinha limpa e arrumada. – Miss Stratton revirou os olhos, sugerindo que já ouvira aquelas palavras.

– Obrigado, Mrs. Price, mas vou estar na cidade à hora de jantar – disse eu. – Vou levar Mr. e Mrs. Williamson a Manhattan para um concerto no Carnegie Hall, e também os trarei de volta.

– É verdade – disse a habitualmente silenciosa Mary Trent, assentindo com vigor. – Como Miss Moore está para fora, eu vou tomar conta do menino Tommie hoje à noite.

– E não o deve perder de vista em nenhuma circunstância – advertiu Waverly. – Estarei presente toda a noite, se houver problemas.

– Acho que não vai haver problema, Mr. Waverly – disse a rapariga, mordendo o lábio inferior. – Eu própria nunca deixaria que nada acontecesse ao Tommie.

O mordomo fungou.

– Não? Bem, nós não pensámos que ia haver problemas na outra manhã, pois não, minha menina? E olhe só o que aconteceu.

Com este comentário circunspeto, todos voltámos a comer. Eu não me esquecera da diretiva de Nero Wolfe para procurar sinais de algum conhecimento de que Charles Bell havia sido morto, mas se alguma das pessoas à volta da mesa o sabia, ninguém deu qualquer indicação. Já lera os três jornais de domingo que eram entregues na casa e nenhum deles fazia menção do acontecimento.

Enquanto os outros saíam da cozinha depois de almoço, Mrs. Price pousou um braço no meu ombro.

– Como vai estar em Nova Iorque até tarde, rapaz, tenho todo o gosto em preparar-lhe um cesto de comida – disse ela. Agradeceu-me pela sua gentileza mas disse que já fizera planos com amigos enquanto os Williamson estivessem no concerto.

Burke Williamson dissera-me previamente que ele e a mulher queriam ir para a cidade no *Packard*, por isso passei meia hora nessa tarde a passar um pano suave sobre a sua superfície cor de vinho macia. Trajava o uniforme completo, incluindo o chapéu, quando saíram pela porta da frente e desceram as escadas, ele de *smoking* e a mulher com um vestido de noite bege comprido.

– Ah, esta velha carripana está com um ar maravilhoso, Goodwin. Poliu-o?

– Não, senhor, passei apenas um morim na superfície e puxei o lustro. O polimento é tão bom que só foi preciso isso – disse eu, segurando na porta para que eles entrassem para o banco de trás.

– Como vão as coisas lá em baixo? – perguntou Williamson, já a caminho. – Voltou tudo ao normal

depois da... bem, da emoção que tivemos nos últimos dias?

– Sim, diria que sim, apesar de ser tão novo que não sei exatamente o que é normal para o pessoal.

– Claro, bem visto. Para além de tudo mais, estava preocupado que a partida repentina de Bell pudesse transtornar os outros.

– Então, Burke, por favor tenta esquecer isso tudo durante algum tempo – disse Lillian Williamson, pousando a mão enluvada no braço dele. – Vamos passar a noite na cidade, e devíamos concentrar-nos em divertir-nos. Vamos tirar da cabeça tudo o que não seja a música do senhor Brahms e do senhor Tchaikovsky, que vamos ouvir em breve. Descontraí.

Eu planeara o trajeto para Nova Iorque num dos mapas que Bell guardava na garagem e, depois de chegar a Manhattan, conhecia essas ruas perfeitamente. Deixei o casal à frente de Carnegie Hall meia hora antes de o concerto começar.

– Vemo-lo aqui outra vez às dez – disse Williamson.

Arranquei de entre a multidão de táxis e carros de luxo que entupiam a Sétima Avenida à volta do auditório, e dirigi-me ao West Side.

Apesar do que dissera a Mrs. Price, não tinha planos para o jantar, embora tencionasse fazer uma visita a Nero Wolfe. Encostei o *Packard* devagar ao passeio frente à casa, no lado ocidental da Rua Trinta e Cinco, e subi os degraus até à porta.

Fritz abriu, olhando para mim e para o meu uniforme de forma interrogadora.

– Sei que não liguei a marcar hora, mas será que Mr. Wolfe poderá dispensar-me uns minutos?

– Deixe-me perguntar – disse ele, fechando a porta devagar. Voltou passado menos de um minuto. – Mr. Wolfe recebê-lo-á. Por favor, entre.

Wolfe estava sentado à secretária com uma cerveja e um livro.

– Desculpe aparecer sem avisar, mas por acaso estava na cidade hoje, a conduzir os meus patrões a um concerto – disse-lhe. – Gostaria de saber o que tem acontecido.

Ele pousou o livro e observou-me.

– Já sabe da morte de Charles Bell, claro.

– Sei que ele foi morto porque o senhor mo disse. E as circunstâncias? O que sabemos?

– Por favor, sente-se. Quer beber alguma coisa? Café? Cerveja?

– Nada, obrigado.

– Que tal jantar? O Fritz fez *cassoulet de Castelnaudary*, e sobrou o suficiente para que ele lhe prepare um prato.

– Já comi – menti, sem saber o que era o prato.

Ele endireitou-se e fez um esgar.

– Muito bem. Perguntou-me sobre as circunstâncias. Aqui estão: recebi um telefonema ontem à tarde do inspetor Cramer, muito agitado, a informar-me de uma morte. O cadáver de um homem foi encontrado na noite de sexta-feira, num beco entre dois edifícios no Bronx. Fora alvejado três vezes, e não tinha identificação consigo.

«O inspetor, a meio do seu discurso atabalhoado, sugeriu que eu estava de algum modo envolvido nessa morte, especialmente porque ocorreu perto do tiroteio que vitimou Mr. Haskell, outro acontecimento em relação ao qual ele suspeita do meu envolvimento.

– O que o faz pensar que o cadáver era de Bell?

– Deduzi, mas precisava de verificação, que já recebi.

– Como?

Wolfe adotou uma expressão presunçosa.

– Saul Panzer pediu a um conhecido dele, mas que a polícia não conhece, que fosse à morgue dizer que

um amigo seu do Bronx tinha desaparecido e falhado um encontro importante. Mostraram-lhe o corpo.

– Que suponho que ele disse que não era o amigo.

– Correto. Mas memorizou as feições, incluindo o queixo com covinha, um sinal na face direita, e uma cicatriz pequena mas visível sobre o olho esquerdo, tudo coisas em que o Saul reparou quando conheceu Bell na sua primeira visita à casa dos Williamson.

– Então presumo que o inspetor Cramer ainda não sabe que o cadáver é do Bell.

– Correto outra vez. E o inspetor manteve o incidente fora dos jornais até que o corpo seja identificado e os parentes, informados.

– Mas falou-lhe do homicídio.

– Sim, numa tentativa fútil de me arrancar alguma espécie de admissão de envolvimento. Foi apenas atirar o barro à parede. Ele sabia que não chegaria a lado nenhum, razão pela qual telefonou, em vez de fazer o esforço de vir aqui e incomodar-me. Esta última tática acaba muitas vezes com ele a sair furiosamente.

– Sim, já o vi em pessoa. Faz alguma ideia de quanto tempo o inspetor Cramer vai abafar a história?

– Não, apesar de suspeitar fortemente que vai deixar sair detalhes do tiroteio nos próximos dias, esperando que alguém apareça para identificar o corpo. Não pode esperar para sempre.

– Isto pode ter alguma coisa a ver com o rapto, mas também pode ter sido um simples assalto à mão armada que correu mal – comentei. – Afinal de contas, disse que os bolsos de Bell estavam vazios, sem carteira, sem dinheiro. Pode ter resistido a um assaltante e ter sido alvejado por isso mesmo.

– Nunca acreditei muito em coincidências – comentou Wolfe. – É mais provável que Mr. Bell tenha sido morto por causa de alguma ligação que tinha ao rapto do Williamson. A carteira foi levada para que parecesse um assalto, e talvez também para prejudicar tentativas de identificação.

– É sem dúvida uma possibilidade – admiti. – Planeia revelar ao inspetor Cramer a identidade de Bell?

– Não neste momento. Já descobriu alguma coisa na casa dos Williamson desde a última vez que falámos?

Fiz um relatório completo de todas as minhas conversas desde a última vez em que faláramos ao telefone.

– Acrescentou algum floreado? – perguntou, depois de eu acabar.

– Floreado? Não conheço essa palavra.

– Neste contexto, quer dizer melhorar uma narrativa acrescentando ficção.

– Não há nada de fictício no que acabei de lhe contar. Foi assim, palavra por palavra.

Wolfe arqueou as sobrancelhas.

– Ah, sim, realmente Mr. Bascom disse-me que tem a capacidade de recitar passagens longas de diálogo palavra por palavra. Confirma?

– Sim, senhor. Sempre fui capaz de fazer isso, desde que me lembro.

– Faz-me a vontade e repete tudo?

Não vi que sentido fazia, mas disse-lhe todas as palavras. Ele sentou-se de olhos fechados e mãos entrelaçadas sobre a barriga. Quando acabei, arregalou os olhos.

– Muito interessante.

– Fico feliz por achar isso. Não descobri nada de valor em relação ao rapto durante o tempo em que estive no palácio dos Williamson. E é mesmo um palácio. Até os aposentos do motorista são de primeira classe, quatro divisões e uma casa de banho. Tem instruções específicas para mim?

– Continue apenas alerta e observador, e continue a telefonar-me todas as noites, às nove. A sua estadia lá pode não durar muito mais tempo, embora, pelo que disse, a missão não seja propriamente uma tarefa árdua.

– Não, de todo. Oh, admito que tenho saudades de estar na cidade mas, não me interprete mal, não ando a chorar. A comida é boa, os carros que conduzo são de alta qualidade, e as redondezas são próprias da realeza, o que suponho que os Williamson são.

– Não fez qualquer menção de remuneração.

– Não, senhor.

– Creio que isso vai ser resolvido.

Calculei que «remuneração» tivesse alguma coisa a ver com pagamento, mas já demonstrara a minha ignorância em relação a uma palavra utilizada por Wolfe, e diabos me levassem se lhe ia dar a satisfação segunda vez. Além disso, eu sabia utilizar o dicionário, e, se ia passar tempo com Wolfe, teria de comprar um.

## CAPÍTULO 18

Na manhã seguinte, estava levantado e vestido antes mesmo da madrugada Mrs. Price. Os jornais matutinos eram entregues na porta da frente antes do nascer do dia, e apanhei-os uns minutos antes das seis. Sentei-me nos degraus de tijolo e folheei o *Times* primeiro, página a página. Não havia nada sobre a morte de Bell. A seguir, atirei-me ao *Herald-Tribune*, com o mesmo resultado. Restava o *Daily News*, que os Williamson compravam para o pessoal doméstico e que cobria melhor notícias sobre crimes do que os dois jornais finos. Na página 22, em baixo, vi um artigo curto com um cabeçalho de uma coluna que dizia «HOMEM MORTO EM BECO NO BRONX».

Os detalhes eram poucos, descrevendo «o corpo de um homem que não foi identificado, aparentando estar na casa dos trinta» encontrado num beco do Bronx por um transeunte. O artigo dizia que fora alvejado três vezes, de acordo com a polícia, e que «os vizinhos não ouviram tiros, sugerindo que terá sido utilizado um silenciador na morte». O artigo acabava, como muitos do género, com «a polícia está a proceder a uma busca minuciosa para encontrar o criminoso e também a investigar a identidade do falecido».

Pousei o *Times* e o *Herald-Tribune* na mesa do átrio e levei o *Daily News* para a cozinha, onde Mrs. Price já começara a fazer o pequeno-almoço.

– Céus, levantou-se cedo outra vez – disse ela, virando-se do fogão, onde estava a fazer ovos mexidos.

– Deus ajuda... já sabe.

– Eu sei, «a quem cedo madruga». Bem, em vez da ajuda de Deus, que tal *bacon* e ovos? E o café está pronto.

– Está bem-disposta hoje – disse-lhe.

– E porque não? O sol brilha, os pássaros cantam, o menino Tommie voltou para nós, e o talhante traz hoje um carregamento de carne de vaca, incluindo bifes do lombo, que são os que Mr. W adora, mal passados. A crise não atingiu esta casa, pelo menos até agora.

– Alguma dessa carne de vaca é para nós, ou é toda consumida lá em cima?

– Bem, claro que alguma é para nós, Mr. Archie Goodwin – disse ela, abanando um dedo na minha direção a fingir que me ralhava. – Os patrões sempre quiseram que o pessoal fosse bem alimentado, e Deus sabe que eu faço o melhor que posso para que isso aconteça.

– E, com base nestes últimos dias, não há dúvida de que consegue, Mrs. Price.

– Bem, fico tão feliz por o ouvir dizer isso – respondeu ela. – Nem toda a gente é tão amável, nem grata, como o senhor. Agora, veja lá, comece a comer enquanto o *bacon* e os ovos ainda estão quentes.

– Ah, e antes de começar, está aqui o *Daily News* de hoje – disse eu, pousando o tabloide na mesa.

– Ah, anda a fazer o meu trabalho? – perguntou ela com uma risada. – Geralmente, trago os jornais matutinos para dentro. O que fez aos outros dois?

– Pousei-os na mesa redonda lá em cima no átrio.

Ela bateu palmas de aprovação.

– É exatamente isso que eu faço. O patrão gosta de ler o seu *Times* e *Tribune* com o pequeno-almoço na sala de jantar, antes de apanhar o comboio para o trabalho.

Os outros começaram a entrar na cozinha. Primeiro Waverly, depois Emily Stratton e Mary Trent e, por fim, Carstens e Simons. Os dois últimos, apesar de não viverem na propriedade, tomavam o pequeno-almoço em casa dos Williamson aos dias de semana porque, como Mrs. Price me confidenciara com

orgulho, «aqui têm refeições melhores do que em casa. Provavelmente também prefeririam jantar aqui, mas teriam de explicar as razões às mulheres».

Lloyd Carstens sentou-se e pegou no *Daily News*, folheando-o enquanto tomava café.

– Hum, um tipo foi morto a tiro no Bronx, sem identificação. A polícia calcula que estava na casa dos trinta. Talvez seja o nosso desaparecido Mr. Charles Bell – disse ele, com uma risada amarga.

– Isso não tem nada de engraçado – respondeu Emily Stratton de forma irritada, lançando-lhe um olhar furioso.

– Oh, não saberia o que é uma graça nem que eu lhe desse uma pancada na cabeça – disse Carstens, pousando o jornal e começando a comer.

– Infelizmente, o senhor também não – ripostou a governanta.

– Não se fique, Emily! – rugiu Simons, batendo palmas. – Ele é só um velho...

– Ninguém lhe pediu que se metesse, senhor Bafo de Cavalo – zombou Carstens. – Fique-se pelos seus estábulos cheios de estrume, que é onde pertence, com esterco até aos joelhos.

– Por favor, cavalheiros, por favor! Mostremos um pouco de civismo à mesa – implorou Waverly. – Toda a gente tem andado nervosa desde que o pequeno Tommie foi levado, mas agora está são e salvo em casa. Devíamos estar a dar graças por isso e não a discutir.

– Não é por isso que estamos nervosos – queixou-se Carstens. – É ele. – O jardineiro apontou um dedo indicador enrugado para mim. – É um espião no meio de nós. Sabe tanto como eu sobre ser motorista. E gostava de saber que credenciais tem como guarda-costas. Não passa de um detetive privado de segunda categoria.

– Mr. Williamson escolheu-o para o posto. Isso devia pôr fim a qualquer discussão, seja qual for o assunto – declarou o mordomo, de forma severa.

– Ah! Pode ser quase um miúdo, mas lembrem-se de que veio cá com os outros detetives – insistiu Carstens. – O que lhe diz isso? Está aqui para nos observar.

– Mr. Williamson contratou-me para ser guarda-costas do Tommie, para o levar e trazer da escola, pelo menos por enquanto – disse eu. – E, como Mr. Bell se foi embora, combinei a tarefa com o emprego de motorista, também por enquanto.

– Bem, a parte de motorista pode bem tornar-se permanente, se o corpo do artigo no *Daily News* acabar por ser o Bell – disse Carstens com um sorriso arrogante.

– Realmente! – Era Emily Stratton outra vez. – Acho-o muito ofensivo.

– Não é a única com essa opinião – disse Simons. – Além disso, aparecem pessoas mortas em Nova Iorque todos os dias da semana. Passa-me ao lado a razão pela qual Carstens acha que este morto em especial é o Bell.

– Talvez Mr. Carstens tenha razão sobre uma coisa, no entanto: eu sou a verdadeira razão da tensão que reina aqui durante as refeições – disse eu. – A partir de agora, comerei a horas diferentes dos senhores.

– Não, não comerá! – disse Mrs. Price, furiosa, levantando-se. – Não se esqueça que esta cozinha é minha e eu decido, juntamente com Mr. Waverly, quem come e quem não come aqui. Tem alguma objeção a Mr. Goodwin comer aqui connosco? – perguntou ao mordomo, de mãos nas ancas largas e o queixo apontado para fora, como se a desafiar uma contradição.

– Nenhuma, Mrs. Price – disse ele, rígido. – Assunto encerrado.

– Eu acho que Mr. Goodwin é muito simpático – disse Mary Trent, delicadamente. Estas últimas palavras, as únicas que disse ao pequeno-almoço, pareceram acalmar a situação pelo menos temporariamente, e todos passaram o resto da refeição em silêncio, atacando a comida e não uns e outros, incluindo eu.

Quando saímos para a escola nessa manhã, Tommie Williamson entrou de imediato para o meu lado,



claramente sem se importar se os pais o viam no banco da frente.

– Podemos dar uns chutos na bola de futebol depois das aulas, hoje? – perguntou, antes mesmo de termos saído da propriedade.

– E os trabalhos de casa?

– Geralmente não tenho muitos à segunda-feira – disse o Tommie rapidamente, à espera da pergunta. – Além disso, Miss Moore está fora até amanhã.

– Então não faz os trabalhos de casa se ela não está cá, é isso?

– Não, faço sempre, mas quando ela está cá ajuda-me. Nem sempre preciso da ajuda dela, mas deixo-a pensar que sim. Ela sente-se bem.

– Quanto tempo passa a fazer os trabalhos de casa por dia?

– Cerca de uma hora.

– Que tal isto? Quando chegar a casa de tarde, faz os seus trabalhos de casa durante uma hora, e ainda teremos tempo para o futebol antes de jantar. Ainda vai estar dia. Mas tem de ter autorização da sua mãe, porque não quero arranjar problemas com ela. Parece-lhe bem?

– Parece sim, Archie – respondeu, com um grande sorriso.

– Por falar em Miss Moore, está ansioso por a ter de volta?

– Acho que sim. Ela é bastante simpática, exceto ultimamente, quando às vezes fica muito triste, como se fosse começar a chorar. Tenho pena dela, mas não sei o que dizer.

– Faz alguma ideia do que a anda a deixar triste?

– Sei que a mãe dela tem estado doente, talvez seja por isso.

– Sim, pode ser essa a razão. Ela sempre se mostrou triste?

– Não, só talvez nos últimos dois meses.

– Bem, creio que o Tommie é a pessoa que a pode animar – respondi. – Tenho a certeza de que ficou terrivelmente preocupada quando desapareceu.

– Realmente chorou quando voltei e abraçou-me tanto que pensei não conseguir respirar.

– Isso mostra o quanto ela gosta de si. Tenho a certeza de que os outros membros do pessoal sentem o mesmo.

Ele encolheu os ombros, olhando pela janela.

– Não creio que Mr. Simons goste muito de mim. Gosto de ir ver os cavalos nos estábulos às vezes, mas ele parece sempre zangado quando lá vou.

– É possível que esteja apenas a tentar protegê-lo. Os cavalos podem ser bastante maus às vezes, eu sei. Quando tinha cerca de dez anos, um cavalo deu-me um coice na quinta do meu tio no Ohio, e eu só estava a tentar fazer-lhe uma festinha.

– Caramba, ficou ferido?

– No meu orgulho, mas também ganhei uma nódoa negra na canela, que ficou de todas as cores. Manquei durante duas semanas. De qualquer forma, talvez Mr. Simons esteja preocupado que lhe aconteça algo do género.

– Continuo a achar que ele não gosta de mim.

– E Mr. Carstens?

– Ele não fala muito, mas vejo que fica preocupado sempre que estou lá fora a brincar, com medo que pise as flores dele. Brinquei com um papagaio de papel no jardim das traseiras na primavera, e ele ficou zangado porque o papagaio caiu num canteiro de tulipas amarelas. E nem sequer tocou em nenhuma.

– Dá-se bem com Miss Stratton?

– Ahã, suponho que é simpática, mas um pouco mandona. Dá muitas ordens à Mary, e creio que também tentaria dar ordens a Mrs. Price, se pensasse que conseguia safar-se – disse o Tommie com uma risada.

– Gosta de Mrs. Price?

– Gosto. Está sempre a preparar sobremesas mesmo boas, e devia ter visto o bolo que fez no meu último aniversário. Era pelo menos deste tamanho – tinha as mãos a uma distância de cerca de quinze centímetros –, e fez o desenho de um comboio em cima, com cobertura de cores diferentes. Ela sabe que gosto de comboios.

– E também sabe que gosta de bolos?

– E tartes, e bolachas.

– E a Mary é simpática?

Ele assentiu.

– Brinca comigo quando Miss Moore está fora, como agora. Ontem à noite jogámos cartas, um jogo que ela me ensinou chamado «burro». Foi muito divertido, só que acho que ela me deixou ganhar.

– Pode ser que seja só bom jogador.

– Talvez, só que acho que ela podia ter ganho ontem à noite. Engraçado, quando estávamos a jogar no meu quarto, Mr. Waverly subiu lá quatro vezes, para ver como estávamos.

– Talvez também quisesse jogar convosco.

– Não creio que Mr. Waverly jogue a alguma coisa. Parece demasiado sério. Não sorri muito.

– Ele zanga-se?

– Não, tem uma voz muito suave, e fala de um modo diferente porque é inglês, mas eu acho que soa bem. Chama-me sempre «menino Tommie».

– Creio que os ingleses tendem a ser muito formais – disse-lhe, ao entrarmos na propriedade bem cuidada da Academia MeadesGate. O Tommie saltou do carro para se juntar aos colegas de turma que entravam no edifício.

Quando voltei para a propriedade dos Williamson, entrei com o *Pierce-Arrow* na garagem devagar, e começara a subir os degraus para os meus aposentos quando ouvi alguém sussurrar o meu nome. Era Mary Trent, que entrou pela porta de correr que estava aberta e olhou em volta, como se fosse seguida.

– Mr. Goodwin, desculpe incomodá-lo, mas preciso de falar consigo. Podemos ir para os seus aposentos?

– Não creio que isso seja muito boa ideia, Miss Trent.

– Não sou uma criança, sabe? É provável que tenha quase a sua idade.

– Não estou a sugerir que seja uma criança. Mas podemos falar aqui, na companhia dos automóveis. Tenho uma pequena secretária no canto, e uma cadeira para visitas também.

– Eu preferia um lugar mais privado – disse ela, como se tivesse medo de que a ouvissem.

– Então tornemos este sítio mais privado – respondi, baixando a porta da garagem. – Agora, sente-se e diga-me de que quer falar.

Ela sentou-se na ponta da cadeira de costas retas, de forma insegura, e fitou-me com olhos castanhos grandes. Não era de todo desagradável à vista.

– Lamento que lhe tenham falado de um modo tão rude à mesa do pequeno-almoço, Mr. Goodwin.

– Não me incomodou. E, por favor, chame-me Archie.

– Chamarei, se me chamar Mary.

– Combinado. Quer dizer mais alguma coisa?

– É mesmo detetive?

– Sou, sim.

– Há coisas que o senhor e os seus colegas deviam saber – disse ela, apertando as mãos pequenas no

colo.

– Continue.

– Para começar, Miss Stratton e Mr. Carstens são muito bons amigos.

– Não pareceu nada ao pequeno-almoço.

– Estavam a representar, Mr... Archie. Creio que tem alguma coisa a ver com o rapto do Tommie.

– A sério?

Ela assentiu, empertigada.

– Tento não ouvir as conversas dos outros, mas por vezes ouço coisas, porque trabalho de forma silenciosa. No dia a seguir ao Tommie ter regressado a casa, ouvi parte de uma conversa entre os dois. Estava a limpar o pó na sala de jantar, e Mr. Carstens entrara no salão. Quase nunca entra em casa, mas foi óbvio para mim que procurava Miss Stratton.

«‘O que está aqui a fazer?’ perguntou-lhe ela com voz severa, e ele respondeu: ‘Temos de ser cuidadosos, muito cuidadosos agora. Preocupa-me que o Charles tenha...’ Nessa altura, Archie, Mr. Carstens parou de falar e passou pela porta que dá para a sala de jantar. Eu escondi-me atrás de um biombo chinês que separa os empregados de servir dos convivas. Sabia que ele não me vira, e ouvi-o dizer a Miss Stratton: ‘Só queria ter a certeza de que não havia ninguém por perto.’ Depois, foram para outro lugar, calculo que para acabar a conversa.

– Ahã. E de que acha que tratou essa conversa?

– Bem, sei que é uma coisa terrível de dizer sobre duas pessoas com quem trabalho, mas creio que pode ter sido... bem...

– Pode ter sido o quê?

– Pode ter sido... relacionado com o rapto – murmurou ela.

– Então o que acha que o Carstens ia dizer sobre Charles Bell quando parou de falar a meio da frase?

– Creio que ia dizer a Miss Stratton que o preocupava que o Charles tivesse descoberto o plano para raptar o Tommie.

– Então acredita que o caso começou dentro de casa?

– O senhor não? – respondeu ela.

– Bem, julgo recordar-me de que disse a um dos outros detetives que não reconheceu a voz do homem que telefonou a Miss Moore para a levar para dentro de casa, e para longe do Tommie.

– É verdade, não reconheci.

– Bem, se foi um trabalho de alguém da casa, a pessoa que telefonou tinha de ser um de quatro homens: Waverly, Bell, Carstens ou Simons.

Ela abanou a cabeça.

– Não pareceu nenhum deles, Archie.

– Lembre-se de que a pessoa que ligou pode ter disfarçado a voz, na verdade *deve* tê-lo feito, se fazia parte do pessoal. Também pode ter sido uma mulher a disfarçar a voz, para parecer um homem. Agora pense bem, Mary, e veja se consegue lembrar-se da voz.

– Não adianta – declarou ela, com convicção. – Não acredito que seja nenhum deles. Lamento muito.

– Não tem de lamentar nada. A única coisa que isso prova é que uma ou mais pessoas de cá podem ter trabalhado com alguém de fora, como parece provável.

– Queria ter sido mais útil – disse ela ao levantar-se. – É melhor voltar, ou eles, isto é Miss Stratton, vão perguntar-se onde estou. Obrigada por me escutar... Archie. – Ela pôs-se em pontas de pés e beijou-me de forma firme nos lábios. Comecei a afastá-la, mas depois beijei-a de volta, arrependendo-me rapidamente.

– Creio que ambos queríamos fazer isto há uns dias – disse ela num tom rouco, e, antes de eu poder

responder de forma afirmativa ou negativa, virou-se e saiu pela porta pequena que ficava ao lado da porta grande da garagem.

Amaldiçoei-me silenciosamente e passei um lenço no rosto para me livrar do batom que com certeza ela tinha deixado como marca.

O resto do dia passou sem ocorrências, até ter ido buscar Burke Williamson ao fim da tarde, ao apeadeiro local. Quando aceitara o trabalho, uma das coisas que me surpreenderam foi que este homem, um dos mais ricos de Nova Iorque, apanhava o comboio de Long Island para o trabalho e de volta para casa na maioria dos dias, juntamente com inúmeros vendedores, secretárias, corretores da bolsa, funcionários de lojas e uma quantidade incontável de outras pessoas que trabalhavam nos desfiladeiros de cimento e aço de Manhattan.

Como se a responder à minha pergunta muda, ele dissera-me: «Há milhares de pessoas vulgares que ficam hospedadas nos meus hotéis todas as semanas, e quero passar tempo com essas pessoas, sentir-lhes a energia, observá-las, falar com elas, saber um pouco sobre elas, pelo menos duas vezes por dia, nesses comboios. Faz-me sentir ligado à minha clientela.»

Williamson não pareceu ligado a nenhum dos passageiros nessa noitinha, pois saiu do comboio e dirigiu-se apressadamente ao carro estacionado, com o rosto franzido e corado, braços a moverem-se como pistões. Parecia um homem zangado.

– Goodwin, vamos ver Nero Wolfe esta noite! – rosnou ele, ao sentar-se no banco de trás e pousar a pasta com força a seu lado.

– Sim, senhor.

– Depois do jantar. Eu podia conduzir, mas a minha visão noturna não é muito boa. Já foi mau ir ao Bronx naquelas duas noites quando o Tommie estava desaparecido, mas nessa altura não tive escolha. Agora tenho. Recebi um telefonema no meu escritório hoje, de um tal inspetor Cramer da polícia, que me informou que Charles Bell foi encontrado, morto a tiro, há três dias no Bronx.

– Bell, morto? Assassinado? – perguntei, com uma voz chocada, fazendo o que podia por fingir ignorância e surpresa.

– O corpo foi identificado na morgue pela irmã dele, que ficou preocupada quando ele não apareceu em sua casa em Nova Jérсия. Ele devia ter-se mudado para casa dela e do marido temporariamente, depois de ter saído de nossa casa tão apressadamente. De qualquer forma, o inspetor Cramer quer encontrar-se comigo amanhã para falar sobre a morte do Charles. Liguei a Wolfe para lhe pedir conselhos e, ao que parece, ele também recebeu um telefonema do inspetor, um telefonema furioso, segundo disse.

– Ou seja, o senhor sente que é necessário encontrar-se com Wolfe?

– Ele quer ver-me, diz que temos muito a discutir. Perguntei-lhe se podíamos encontrar-nos no meu escritório amanhã, antes de o inspetor vir ver-me, mas ele diz que nunca sai de casa em negócios. O que acha disso?

– Mr. Wolfe parece ser... como lhe chamaria... excêntrico?

– Sim, chamar-lhe-ia excêntrico, de facto – respondeu Williamson, zangado. – Disse-lhe que você me levaria, e ele disse que estava bem, e que podia assistir à conversa.

– Suponho que me sinto lisonjeado.

– Ah! Eu próprio não acho nada lisonjeador que me digam, ou melhor ordenem, que apareça num lugar qualquer. Acho isto muito arrogante.

– A que horas saímos?

– Consegue chegar a casa do Wolfe em meia hora?

– À noite, sim. Foi o tempo que demorámos a chegar a Carnegie Hall.

– Então sairemos às oito e vinte de casa. Ele espera-nos às nove – rosnou Williamson.

Sorri para dentro. Aqui estava um dos dez homens mais ricos de Nova Iorque a dançar ao ritmo de Nero Wolfe.

## CAPÍTULO 19

Na verdade, demorámos vinte e seis minutos de porta a porta, de acordo com o meu relógio, que mostrava serem 20h46 quando encostámos à frente da casa de Wolfe, no lado ocidental da Rua Trinta e Cinco. Williamson resmungou durante toda a viagem sobre ter sido «convocado por um detetive privado de ego inchado».

Era óbvio que Burke Williamson não estava habituado a ser convocado por ninguém a nenhum lugar. Eu quis lembrar-lhe que o detetive privado de ego inchado e respetivos colaboradores eram responsáveis pelo regresso do seu filho de oito anos a casa são e salvo, mas tive tento na língua no interesse de uma boa relação de trabalho.

Fiquei um pouco surpreendido quando a porta da casa foi aberta, não por Fritz Brenner mas sim por Saul Panzer.

– Olá, Archie. Olá, Mr. Williamson. Por favor, entrem – disse Saul, afastando-se de modo elegante. Nem Waverly o teria feito melhor.

Williamson murmurou qualquer coisa como «obrigado» e percorremos o corredor até ao escritório, onde Wolfe estava sentado a ler um livro. Pousou-o quando entrámos.

– Boa noite, Mr. Williamson. Obrigado por ter vindo. Quer beber alguma coisa? Eu estou a beber cerveja.

– Não vim cá para beber – respondeu Williamson de forma brusca, deixando-se cair na cadeira de couro vermelho.

– De facto. No entanto, tenho uma seleção de bebidas espirituosas, vinhos e licores. E também, se posso sugeri-lo, um *brandy* soberbo, adjetivo que não utilizo com frequência.

– Então está bem – disse o hoteleiro, ainda rezingão. – Aceito um desses.

– Mr. Goodwin? – perguntou Wolfe.

– Para mim, um copo de leite. Estou a conduzir.

Wolfe acenou com a cabeça de forma ligeira para Panzer, que foi até um carrinho de bebidas encostado a uma das paredes e serviu um líquido cor de âmbar para o que mais tarde vim a saber ser um copo de balão. Depois, colocou-o na mesinha junto a Williamson e saiu da sala, presumivelmente para ir buscar o meu leite.

– O Panzer está a substituir o Brenner? – perguntei, para fazer conversa.

– Até o Fritz precisa de se afastar da cozinha por vezes – respondeu Wolfe, enquanto Saul me entregava um copo de leite e me piscava o olho. – Agora precisamos de discutir a situação em que nos encontramos, Mr. Williamson.

– Está bem, já que me dei ao trabalho de cá vir, porque não me explica tudo?

– Assim farei, senhor. A morte violenta de Mr. Bell parece sugerir que o rapto do seu filho pode muito bem ter sido facilitado, até certo ponto, por um ou mais membros do seu pessoal doméstico, uma noção que sei que acha hedionda, devido a uma conversa anterior entre nós.

– Ainda não acredito que o Charles tenha tido alguma coisa a ver com o que aconteceu.

– Tem alguma explicação para a morte dele?

– Não, exceto que... meu Deus, este conhaque é incomparável – disse Williamson, erguendo o copo à luz de um candeeiro. – Como se chama este néctar?

Um dos cantos da boca de Wolfe ergueu-se ligeiramente, o que pode ter sido um sorriso.

– *Remisier*. Há menos de cinquenta garrafas no país todo, e bem mais de metade delas está na minha adega. Hoje sairá de cá com uma. Estava a dizer qualquer coisa sobre a morte de Mr. Bell.

– Sim. A única coisa que posso concluir é que, de alguma forma, ele descobriu o plano e as pessoas que nele estavam envolvidas. É provável que as ameaçasse de denúncia e, bem...

– É um cenário possível – admitiu Wolfe, bebendo cerveja. – Continua intransigente quanto ao facto de ninguém ao seu serviço estar envolvido no rapto?

– Completamente. Todos eles estão ao nosso serviço há bastante tempo, com a exceção de Miss Trent, claro, que faz parte do pessoal há pouco mais de um ano.

– Por falar em Miss Trent – interrompi –, ela confidenciou-me algo que, creio, ambos acharão interessante.

Williamson virou a cabeça para mim com um movimento súbito, e começara a falar quando Wolfe disse:

– Continue.

Relatei a conversa palavra por palavra. Pelo canto do olho, vi a expressão de Burke Williamson passar do choque a fúria e, depois, a descrença. O rosto de Wolfe não revelou emoção alguma.

– Isso é tudo um disparate! – disse Williamson, com escárnio. – Mary Trent é praticamente uma criança. E sem dúvida que a imaginação fértil dela resulta de ver demasiados daqueles filmes falados que parecem estar em cada esquina hoje em dia.

– Talvez – disse Wolfe –, mas não cumpriríamos o nosso dever se não considerássemos, pelo menos, o que a jovem relatou a Mr. Goodwin.

– Bá! Considero a história dela um mero devaneio. Recuso-me terminantemente a acreditar que Miss Stratton e o Carstens estejam envolvidos nalguma conspiração. A ideia é ridícula.

– Pode ser – declarou Wolfe. – No entanto, segundo todos os relatos, Miss Trent tem sido uma funcionária exemplar, não é verdade?

– É verdade, tem – assentiu Williamson, bebendo o resto do seu *Remisier*. Panzer, que estava sentado na cadeira amarela junto à minha, foi buscar rapidamente a garrafa e voltou a encher-lhe o copo.

– Basta de falar dessa jovem por agora – disse Wolfe. – Voltemos a nossa atenção para Charles Bell. Mr. Panzer tem uma informação de interesse, e depois falaremos sobre o inspetor Cramer.

Panzer pigarreou.

– Depois de descobrirmos a identidade de Mr. Bell, falei com uma pessoa que conheço que tem contactos na morgue. Através desse indivíduo, cheguei à irmã de Mr. Bell, Arlene Perkins, que identificou o cadáver. Segundo as instruções de Mr. Wolfe, visitei-a em sua casa em Nova Jérсия...

– Devia ter sido eu a falar com ela e transmitir-lhe os nossos pêsames – interrompeu Williamson –, mas o Charles não deixou uma morada. E também devia pagar o...

– Por favor, Mr. Williamson – disse Wolfe, erguendo uma mão. – Isso pode esperar. Deixe Mr. Panzer continuar.

– Descobri, da parte da irmã de Mr. Bell, que ele planeava despedir-se dos Williamson há algum tempo. Contou-me que ele aludiu a isso, dizendo que tinha «grandes planos» mas que guardou segredo quanto aos pormenores. Quando sugeri que esses planos podiam ter a ver com o rapto do Tommie e o pagamento do posterior resgate, Mrs. Perkins ficou muito zangada e...

– Também eu teria ficado – disse Williamson, embora com menos fervor do que antes. Talvez o *Remisier* o começasse a acalmar.

– Ela zangou-se comigo – continuou Panzer –, por isso mudei de tema rapidamente. Perguntei sobre os amigos dele, e ela disse que não os conhecia, que ela e o irmão não eram próximos há uns anos e que raramente se viam. Disse-me que ficou surpreendida por, depois de todo esse tempo, ele ter pedido para

ficar com ela e o marido até se reinstalar.

– Mrs. Perkins disse alguma coisa sobre o motivo por que o irmão saiu de casa dos Williamson quando o fez? – perguntei.

– Sim, Archie, disse mesmo. O Bell contou-lhe que os outros membros do pessoal se comportavam como se ele fizesse parte da conspiração do rapto, e que já não aguentava as suspeições deles para consigo.

– Isso é um ultraje – disse Williamson, abanando a cabeça. – Se ao menos eu soubesse que esse tipo de coisa estava a acontecer sob o meu teto. Foi tudo tão injusto para com o pobre Charles, Deus o tenha.

– Há mais – disse Panzer, depois de beber um golo do seu uísque. – Mrs. Perkins disse-me que, durante o tempo em que esperou que Bell se mudasse para sua casa, recebeu três telefonemas para o irmão, todos do mesmo homem, voz grave, sem sotaque perceptível. Ela perguntou sempre se ele queria deixar recado e ele respondeu sempre que tornaria a ligar.

– Aí tem o que sabemos sobre Mr. Bell – disse Wolfe. – Seria elucidativo conhecer os movimentos dele desde a altura em que deixou o emprego até à morte, mas sem dúvida que será difícil determiná-los.

Virei-me para Williamson.

– Mencionou que Bell saiu de sua casa no seu próprio veículo, creio que disse um *Plymouth coupé*?

– Eu não estava lá quando ele partiu, e sim, o carro dele era um *Plymouth* que eu permitia que guardasse num lugar vazio. Parto do princípio de que ele se foi embora no veículo, porque já não está na nossa garagem.

– O automóvel foi localizado? – perguntei.

Wolfe olhou de forma interrogativa para Panzer e Williamson, e ambos abanaram a cabeça.

– Saul, tem alguma sugestão quanto à forma de localizar esse... o que era, *Plymouth*?

A expressão de Panzer foi de embaraço.

– Lamento, Mr. Wolfe. Isso devia ter sido a primeira coisa a pensar. Fá-lo-ei cedo, amanhã de manhã.

– Quando puder – disse Wolfe, com uma sacudidela da mão. Aos seus olhos, parecia que Saul não cometia erros. – Agora, Mr. Williamson, discutamos a sua reunião iminente com o inspetor Cramer. Pelo meu telefonema breve e rancoroso com ele, tornou-se claro que a polícia ligou por fim três acontecimentos: o homicídio de Barney Haskell, o rapto do seu filho e a morte a tiro de Mr. Bell. O inspetor vai tentar intimidá-lo, sem dúvida, e o meu conselho é que responda às perguntas com sinceridade e o melhor que souber. Isso inclui o meu envolvimento e o envolvimento dos operacionais ao meu serviço.

– Não conheço esse Cramer, para além da voz irritada ao telefone – disse Williamson –, mas não me intimida. Por acaso sou amigo íntimo do patrão dele, o comissário de polícia Humbert, que conheço há anos. E, mais, é provável que seja o maior doador individual da liga atlética da polícia, que patrocinou muitos programas bons para as crianças mais pobres da cidade. Não digo isto para me vangloriar, mas para descrever o meu estatuto junto da polícia.

– Não quis insinuar que o senhor se poderia sentir intimidado pelo inspetor Cramer – disse Wolfe. – O que eu queria dizer é que o tempo lhe revelou o nosso jogo. Eu, tal como o senhor, não me deixo intimidar pelo inspetor, por mais prepotente que ele seja. Ainda assim, aprendi que por vezes se torna vantajoso ceder-lhe alguns pontos, especialmente quando ele sente que a sua autoridade foi usurpada. Tal atitude da nossa parte fará com que seja mais provável que ele partilhe parte do que a polícia descobriu, com base nos anteriores contactos que tive com ele.

– Quer isso dizer que devemos submeter-nos aos desejos dele?

– De forma alguma. Mas lembre-se de que o inspetor Cramer comanda um exército de homens, ao passo que nós possuímos apenas uma mão-cheia de soldados, pese embora intrépidos e talentosos. Sugiro



que falemos com o inspetor juntos, apresentando uma frente unida.

– Para que as nossas histórias sejam consistentes? – perguntou Williamson, com um sorriso apertado.

– Em parte – admitiu Wolfe. – Mas, além disso, juntos apresentamos uma combinação tremenda: o senhor é uma figura pública conhecida e respeitada, e um benfeitor cívico, e eu sou conhecido por já ter resolvido casos criminais que confundiram a polícia.

– O senhor não é dado à modéstia, pois não?

– Não, senhor. E suspeito que o senhor também não. A falsa humildade é um pedido óbvio de elogio e reconhecimento, coisas que não considero valerem a pena o fingimento.

– Bem dito! – disse Williamson com um grande sorriso, batendo uma palma. A sua disposição melhorara bastante desde que bebera o *Remisier*. – Presumi que nos encontraríamos com o inspetor aqui.

– Correto.

– Gostaria de pedir que Mr. Goodwin estivesse presente. Nos últimos dias, comecei a apreciar a perspectiva e as opiniões dele.

– Como possui as mesmas qualidades, Mr. Panzer também participará na discussão – disse Wolfe.

– Quando nos encontraremos? – perguntou Williamson, levantando-se.

– Amanhã, às nove da noite – respondeu Wolfe, acenando com a cabeça para Panzer, que se levantou sem dizer uma palavra e saiu da sala.

Quando chegámos à porta de casa, Panzer aproximou-se e colocou um objeto na mão de Williamson.

– Para si, senhor, com os cumprimentos de Mr. Wolfe – disse.

O magnata pegou na garrafa de *Remisier* selada, segurou-a e sorriu-lhe como se fosse o seu filho primogénito.

– Agradeça a Mr. Wolfe por mim – disse, numa voz calma. Enquanto nos dirigíamos ao carro, o maior hoteleiro do mundo caminhou com uma energia que estivera ausente mais cedo.

## CAPÍTULO 20

No caminho de volta para Long Island, Williamson afundou-se no banco traseiro bem estofado e adormeceu, enquanto eu pensava na nossa reunião com Cramer no dia seguinte, e no caso em geral. Parecia inquestionável que o falecido Charles Bell estava envolvido no rapto, mas de que forma? Claro que eu já revistara os aposentos dele da forma que julgava ser própria a um detetive, à procura de qualquer coisa que pudesse oferecer uma pista, mas sem sucesso.

Bell deixara a sua antiga casa mais despida que o famoso armário da Velha Mãe Hubbard<sup>2</sup>. E ele próprio fez a mudança, como eu descobrira através de Emily Stratton, que me disse que ele nunca queria mais nenhum membro do pessoal doméstico nos seus aposentos. «Não que algum de nós quisesse pôr um pé lá, de qualquer maneira», comentara ela, com um fungar. «Não com o tipo de coisas que láse passavam.»

Quando lhe lancei um olhar interrogador, ela baixou a voz, assentiu, e formou a palavra «mulheres» com a boca, em silêncio, como se a palavra fosse uma doença.

Fiz a minha melhor imitação de um olhar escandalizado. «Oh, não me diga.»

«Oh, sim, muitas vezes, e muitas mulheres.» Voltou a assentir, virou-se e afastou-se, a cabeça altiva e sentenciosa.

Ao mesmo tempo que me felicitei por ter vasculhado as divisões no andar de cima, apercebi-me por fim de que havia outros lugares onde devia ter procurado. Os porta-luvas dos três carros dos Williamson, para começar. E claro, a própria garagem, onde aparentemente nunca entrava uma empregada e que é maior do que a maioria das casas, com mais sítios para esconder uma possível pista do que um armário de mágico cheio de adereços.

Passava das onze quando regressámos à propriedade. Williamson, ainda atordoado da sesta, bocejou, desejou-me boa-noite e entrou em casa, com a sua preciosa garrafa de *Remisier* junto ao peito. Depois, comecei a busca.

Os porta-luvas não renderam mais do que mapas da área metropolitana de Nova Iorque e da Nova Inglaterra, manuais do proprietário e documentos de registo automóvel. Apesar de a garagem estar em geral bem iluminada, havia uns cantos escuros. Depois de virar o feixe da lanterna para as paredes e o chão, e abrir todas as gavetas de ferramentas automóveis, comecei pela secretária de madeira que servia de gabinete do motorista.

Descobri que Charles Bell tinha feito muito pouco trabalho de escritório durante os anos que passara com os Williamson, ou, mais uma vez, fizera uma purga meticulosa de todos os objetos das instalações. Mesmo o cesto de papéis situado entre a secretária e a parede estava tão vazio como as promessas de campanha de um senador. Ao virar-me desse recetáculo de lixo feito de rede, quase não o vi. Um pedaço de papel amarrotado que devia ter entrado no cesto ficara entalado numa fenda entre a parede e o rodapé. Puxei a folha e alisei-a em cima da secretária: tinha uma só palavra escrita a lápis, *Pollard*, presumivelmente pela caligrafia de Bell.

Por palpite, tirei o monte de listas telefónicas da estante sobre a secretária e comecei a folheá-las. Para os leitores fascinados por estatísticas, havia trinta e oito entradas com o apelido Pollard na lista de Manhattan, vinte e uma na do Bronx, e quarenta e três na de Queens. Esses números eram mais do que aqueles com que eu queria lidar, por isso fui às páginas-amarelas. Abrindo a página com as listagens por ordem alfabética, encontrei uma Empresa de Gravuras Pollard, uma loja de mobília Pollard, e veja-se,

um serviço de aluguer de carrinhas Pollard. Ainda mais interessante, este último estabelecimento ficava no Bronx.

Um olhar rápido ao relógio disse-me que talvez fosse demasiado tarde para telefonar para casa de Del Bascom, mas liguei o número de qualquer forma. Ele respondeu ao segundo toque.

– Aqui fala Goodwin. Acordei-o?

– Nã, Archie, a mim não. Eu e a minha mulher ficamos acordados até à meia-noite, por vezes mais tarde. Ambos gostamos de ler. Para ela, coisas românticas, para mim o velho Zane Grey e as suas histórias do Faroeste. Como estão as coisas no palácio Williamson?

– A ficar cada vez mais interessantes. Por acaso alguma vez fingiu ser polícia?

– Por vezes, embora não goste de o fazer. É uma forma rápida de ficar sem a licença, provavelmente para sempre. Já aconteceu a alguns detetives ao longo dos anos, que eu saiba.

– Mas não tipos tão espertos como nós, pois não?

– Oh, oh. Não estou a gostar do que ouço, Archie.

– Ouça só, está bem?

Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, disse a Waverly que, depois de deixar o Tommie na escola, ia a Nova Iorque fazer um recado a Burke Williamson e voltaria ao fim da manhã ou ao princípio da tarde. Como o mordomo era o meu supervisor, por assim dizer, quis ficar nas boas graças do inglês formal. Se o recado fosse pedido por Mr. Williamson, Waverly teria de concordar.

Depois de ver o Tommie saltar do carro e correr para junto dos amigos no recreio da Academia MeadesGate, encostei num lugar sossegado da estrada e tirei o casaco do uniforme, substituindo-o por um *blazer* e trocando o chapéu de motorista por outro de feltro de aba fina. Olhando ao retrovisor para endireitar a gravata, segui uma rota que se tornara familiar para entrar em Nova Iorque, especificamente para o distrito do Bronx.

O serviço de aluguer de carrinhas Pollard ocupava um edifício de tijolo de um andar com ar triste numa parte da Avenida Jerome reservada ao comércio, e que tinha uma linha de comboio elevada a correr sobre ela. Junto ao edifício havia um terreno cheio de camiões e carrinhas de várias formas e tamanhos. Estacionei o carro a um quarteirão de distância e olhei para o relógio. Bascom chegaria daí a cinco minutos.

Ele apareceu à hora certa, caminhando pelo passeio e vendo o *Pierce-Arrow*. Era um Del Bascom que eu nunca vira: chapéu *fedora* e uma gabardine cintada com a gola levantada, mãos enfiadas nos bolsos, e uma expressão agressiva no rosto.

– Chamo-me tenente Danahey – murmurou, pelo canto da boca, ao sentar-se no banco da frente, junto a mim – e tu és o sargento Rourke. E, por Deus, é bom que isto valha a pena, Archie.

– Ficarão com suspeitas se não virem um carro-patrolha?

– Não tenciono dar-lhes tempo para pensarem nisso. O plano é fazer com que estes parvos fiquem tão assustados e tão rapidamente que nem se lembrem dos próprios nomes, certo? Vamos.

Saímos do carro e caminhámos de forma decidida pelo quarteirão, na direção do nosso destino. Perguntei-me se parecíamos polícias à paisana para os transeuntes. Esperei que sim, apesar de não ter certeza de parecer ter idade suficiente para ser qualquer tipo de polícia.

Com Bascom à frente, entrámos no escritório atravancado e sujo da empresa de aluguer.

– Posso ajudar? – perguntou em jeito arrastado, de trás do balcão, um espécime gordo vestido com camisola interior e uma barba de três dias, como se não tivesse qualquer interesse em ajudar-nos.

– Sim, creio que pode – disse Bascom, brusco. – Estamos à procura de informações sobre uma carrinha

que acreditamos ter sido alugada aqui. – Deu a data do rapto.

– E quem são vocês para andarem a fazer perguntas? – perguntou o homem gordo, num tom grosseiro.

– Tenente Danahey da Brigada de Homicídios, é quem sou, amigo. E este é o sargento Rourke. Estamos a investigar um homicídio. – Tirou um distintivo de polícia que me pareceu verdadeiro, voltando a enfiá-lo no bolso rapidamente.

– Ah, sim? – disse o balofo, apoiando os cotovelos gordos no balcão. – E porque haveria isso de me dizer respeito?

– Eu explico, chefe – respondeu Bascom, rude, debruçando-se sobre o balcão e esticando o queixo até que quase tocou no tipo porcalhão. – Há uns tempos, tivemos um caso em que o dono de um restaurante não quis colaborar connosco a propósito da identidade de uns seus clientes habituais procurados por homicídio. Fechámos o tasco no dia seguinte, e nunca mais abriu. Posso dar-lhe a morada se quiser ir vê-lo, coberto por um tapume. E até era um lugar agradável. – Bascom olhou em volta de forma ociosa. – Seria uma pena se isso acontecesse aqui, sendo que é uma empresa funcional. Já agora, como se chama? – perguntou, pegando num bloco de notas e num lápis.

– Skelton, Ken Skelton. Está bem, agente, está bem – disse ele, erguendo as mãos, enquanto gotas de suor lhe apareciam na testa. – Que tipo de carrinha era? Temos todos os tamanhos e modelos aqui.

– Uma carrinha pequena e fechada, branca. Não tinha letras. Do tipo que os comerciantes de comida utilizam.

– Deixe-me verificar o registo. Fazemos muito negócio. – Repetiu a data que Bascom lhe dera.

– Sim, ou talvez tenha sido alugada no dia anterior – respondeu o alegado polícia.

Skelton abriu um livro-razão pesado e folheou umas páginas.

– Vejamos – disse, descendo pela página com um dedo. – Ora bem, tem de ser esta, e foi alugada na data anterior à que o senhor mencionou, e devolvida menos de vinte e quatro horas depois: uma das nossas carrinhas de entregas de luxo *Ford*, Modelo A. Temos três na nossa frota. A *Ford* vende-nos as carrinhas pretas, claro, mas nós pintamo-las de branco. Fá-las ter mais classe, sabe o que quero dizer?

– Nome da pessoa que a alugou – exigiu Bascom, fingindo-se impaciente.

– Vejamos... Lloyd Evanson, morada no número 690 do lado ocidental da Rua Oitenta e Sete, em Manhattan.

– Queremos uma descrição – disse Bascom. – E esse Lloyd Evanson veio cá sozinho?

– Isso não sei dizer-lhe, senhor tenente – respondeu Skelton, limpando a testa húmida com um lenço sujo. – Eu trabalho no turno das sete às três, e a carrinha foi alugada, vejamos... às quatro e dez. Isso quer dizer que deve ter sido o Kirby a tratar da papelada neste caso.

– Gostaria de falar com Mr. Kirby, agora mesmo!

– Sim, senhor, tudo para ajudar a polícia. Ele deve estar em casa agora. Quer ligar-lhe de cá? Pode usar este aparelho. Eu marco o número – disse Skelton.

Bascom assentiu, mantendo a pose de polícia forte e calado. Levou o auscultador ao ouvido e, quando Kirby atendeu, deu-lhe o mesmo número que dera a Skelton.

– Então, Mr. Kirby, descreva-me Lloyd Evanson. Sim, estou a ver – disse ele, escrevinhando no bloco. – Ele veio sozinho? Verdade? E pode descrevê-lo? – Bascom escutou e depois escreveu mais.

«E Evanson tinha uma carta de condução de Nova Iorque válida? Está bem, sim... Como se comportaram ele e o outro homem? Pagaram em dinheiro ou com um cheque? Estou a ver... E sabe como planeavam utilizar a carrinha? Ah, sim? Bem, há mais alguma coisa que me possa dizer que seja útil? Está bem, obrigado. Talvez tenha mais notícias nossas.

Bascom pousou o auscultador e empurrou o telefone para Skelton.

– Obrigado, apreciamos a colaboração – disse Bascom ao homem gordo. – A polícia conta com a

colaboração dos cidadãos.

– Sim, senhor, fico feliz por ajudar. Então... isto tudo é por causa de um homicídio?

– É sim, Mr. Skelton. Infelizmente, o regulamento impede-me de comentar os pormenores, como o senhor certamente entende – respondeu Bascom, tocando na aba do chapéu e virando-se de uma forma elegante.

– Oh, entendo, sim, senhor, entendo – disse Skelton, respirando de alívio. Não teve pena de nos ver partir.

– Brigada de Homicídios, hã? Caso de homicídio, hã? Diria que foi muito atrevido.

– Perdido por cem, perdido por mil – disse Bascom, encolhendo os ombros. – Quando os enchemos de medo, como fiz com aquele tipo, acreditam em quase tudo que lhes dizemos. Nessa altura, o objetivo principal dele é livrarem-se de nós.

– Bem, as maneiras dele melhoraram de forma notória depois de lhe explicar como eram as coisas, tenente Danahey – disse eu.

– Faço o que posso, sargento Rourke – respondeu, com um sorriso torto.

– Entendi grande parte da conversa telefónica com o Kirby ao ouvir a sua parte, mas pode completar o que falta? – pedi.

– Está bem, foi o seguinte: o Kirby descreveu o Evanson, se é mesmo assim que ele se chama, como alto, rondando o metro e oitenta e cinco, muito magro, e com olhos encovados e cabelo preto com risco ao meio. Rosto longo, sem barba nem bigode. Houve outro homem que lá foi, que o Kirby disse poder ser irmão do Evanson, pois eram parecidíssimos. O segundo homem não falou. O que disse chamar-se Evanson tinha uma carta de condução de Nova Iorque válida. Ah, e pagou o aluguer em dinheiro. O Kirby disse que não aceitam cheques, só dinheiro vivo.

«E quando perguntei ao Kirby se sabia para que o Evanson queria a carrinha, ele fungou e informou-me que os tipos da Pollard nunca perguntam aos clientes a razão pela qual precisam de uma carrinha. ‘Não é assunto nosso’, informou-me. Quem diria que se encontraria um imbecil pomposo a trabalhar ao balcão de uma empresa de aluguer no Bronx?

– Está sempre a sugerir que Evanson não é um nome verdadeiro. Mas ele tinha uma carta de condução que o comprovava, certo?

– Archie, eu tenho idade mais do que suficiente para me lembrar de quando não se precisava de carta neste estado para pilotar um automóvel na via pública. Desde que temos cartas, não sei dizer se se conduz melhor do que há quinze ou mais anos. Mas uma coisa sei: as cartas são fáceis de falsificar, e são falsificadas por todo o tipo de razões. Hoje em dia não as considero um meio muito credível de identificação.

– Então, em que ficamos?

– Primeiro, vale a pena pelo menos procurar o Evanson, só para ver se existe e vem na lista – disse Bascom, dirigindo-se a uma cabine telefónica na esquina, no instante em que um comboio elevado ribombou por cima da rua, fazendo com que as montras das lojas próximas abanassem. – Estamos com sorte – comentou sobre o ombro, ao entrar na cabine. – Há aqui uma lista de Manhattan. – Folheou-a e depois fez uma expressão carrancuda. – Agora ficámos sem sorte – disse com um ronco, fechando a lista. – Não há nenhum Lloyd Evanson com morada no número 690 da Rua Oitenta e Sete, nem em mais nenhum lugar da ilha, já agora.

– Não era isso que eu queria ouvir.

– Nem eu, apesar de não me surpreender.

– Como disse há um minuto... em que ficamos?

– Parece que talvez seja melhor fazer uma visita a esta morada da Rua Oitenta e Sete – disse Bascom –, só para ver o que se passa.

– Ainda estamos de serviço, tenente? – perguntei, enquanto entrávamos no *Pierce-Arrow*.

– Oh, porque não? Só nos podem enforçar uma vez. Consegues chegar ao Upper West Side daqui?

– Ei, com quem acha que está a falar? Já sou um veterano nesta zona. Vamos embora.

Provei que sabia realmente orientar-me na cidade. Não olhei para o relógio mas creio que chegámos ao lado ocidental da Rua Oitenta e Sete em quinze minutos, apesar de ter passado por muitos semáforos verdes. Perto do rio Hudson, encontrámos a morada, o Hotel Old Dutchman, um edifício de quatro andares num quarteirão cheio de lojas de penhores, restaurantes, uma padaria, uma lavandaria chinesa e umas lojas obscuras que Del Bascom calculou transformarem-se em bares clandestinos à noite.

– Eu devia ter adivinhado – disse Bascom, quando viu o Old Dutchman. – Uma pensão barata, mais adequadamente referida como um albergue noturno, Archie. Cheio de bêbados, vigaristas, ex-presidiários e pobres diabos que perderam os empregos depois da queda da bolsa e que talvez nunca encontrem outros, a não ser que se conte pedir esmola nas esquinas. O mais provável é que ninguém neste sítio tenha ouvido falar de Lloyd Evanson. Mas, já que aqui estamos, vamos descobrir o que pudermos.

Estacionámos e atravessámos a rua até ao edifício, cuja entrada com toldo ornamentado era, como disse Bascom, «do tempo em que isto era provavelmente um hotel a sério, antes de a vizinhança ter ficado arruinada».

O átrio podia ter sido uma zona glamorosa e acolhedora para os hóspedes em tempos, mas esses dias haviam acabado, provavelmente para sempre. Mais de metade das lâmpadas nos candeeiros de latão decorado estava fundida, e a tinta do teto e das paredes começara a sair. As cadeiras com um estofado demasiado grosso, em tempos ocupadas por homens de *smoking* a fumar charutos enquanto esperavam que as mulheres se arranjassem e descessem para irem passar uma noite na cidade, agora estavam vazias, com a exceção de um espécime barbudo e mal vestido, que ressonava de forma discreta, a sua maçã de Adão a subir e descer a cada expiração rouca.

Um tipo baixo e magro com bigode fino, gravata suja e uma expressão carrancuda olhou para nós com ar desconfiado do seu posto no balcão.

– Posso ajudar-vos, cavalheiros? – perguntou, num tom cansado.

– Creio que pode – disse Bascom, mostrando o distintivo outra vez. – Tenente Moran, da Brigada de Costumes, e este é o sargento Baker. Temos umas perguntas a fazer-lhe.

– Costumes? Não temos aqui problemas de costumes – respondeu ele, na defensiva.

– Deixe-nos a nós decidir isso – disse Bascom, bruscamente. – Como se chama?

– Peterson, Merle Peterson.

– Bem, Merle, andamos à procura de um homem chamado Lloyd Evanson.

– Não há nenhum por aqui – murmurou ele. – Não me lembro de ter ninguém com esse nome hospedado connosco.

– Hum. Talvez tenha usado um nome diferente. Ele é alto, uns centímetros acima do metro e oitenta, e magro, com olhos escuros e encovados. E cabelo preto com risco ao meio. Tem um amigo que se parece muito com ele.

O rosto bexigoso de Merle transformou-se com um grande sorriso matreiro.

– Raios, não é amigo, é o irmão. Deve estar a falar dos rapazes Jasper, um casal de vagabundos intratáveis e vigaristas. Tenho o prazer de dizer que se foram embora.

– Foram para onde? – perguntei.

– Não faço ideia. Fizeram o *check-out* há dois ou três dias. E estavam felicíssimos.

– Jasper, hã? – disse Bascom. – Quais são os nomes próprios deles?

– Leon e Edgar. Foi o que escreveram quando se registaram há cerca de um mês.

– Preencheram um cartão de registo?

– Não, não somos assim tão formais. Só escreveram os nomes no livro.

– Vamos ver – exigiu Bascom.

Merle revirou os olhos, como se lhe estivessem a pedir que fizesse trabalho extenuante. Virou páginas até assentir e estalar os lábios gretados.

– Cá estamos. – Virou o livro grande para Bascom, apontando um dedo indicador ossudo a uns nomes.

– Leon e Edgar assinaram ambos, vejamos... há mais de três semanas, mas não escreveram uma morada prévia – disse Del.

– A maioria deles não o faz – respondeu Merle. – Gostam de manter a privacidade.

– E nem sempre utilizam os nomes verdadeiros, pois não? – perguntei.

– Não fazemos muitas perguntas aqui, sargento. Se tiverem dinheiro, sempre adiantado já agora, têm um quarto.

– E estes irmãos Jasper são gémeos? – perguntou Bascom.

– Não. São parecidos, mas o Leon deve ser o mais velho, porque ouvi-o chamar «irmãozinho» ao Edgar umas vezes. E o Leon também é ligeiramente mais alto.

– Não gostou deles, pois não?

– Eram maus tipos, tenente, não demorei muito a ver isso. Passaram por aqui muitos tipos duros desde que comecei a trabalhar na receção nestes últimos quatro anos, mas estes dois deram-me arrepios, posso dizer-lhe.

– Ah, sim? De que forma?

– Entravam e riam-se de alguém que haviam acabado de espancar, só para se divertirem. Uma noite, ouvi o Edgar dizer ao Leon que deitara um velho ao chão na Avenida Amsterdam e, quando os óculos do pobre coitado haviam caído, pisara-os e partira-os, e depois roubara-lhe o dinheiro, uns dois ou três dólares ao todo. Riram-se ambos disso. Meteu-me nojo.

– Compreendo. Disse que ficou feliz quando se foram embora.

Merle assentiu.

– Muito feliz. Desceram do quarto a rir-se, pousaram a chave no balcão e um deles, não me lembro qual, disse-me: «Adeus, otário. Podes morrer aqui, mas nós não, isso é que não. Encontrámos o pote de ouro no fim do arco-íris.»

– E claro que não lhe disseram para onde iam nem a sua nova morada, certo?

– Certo. Mas isso não surpreende. A maioria das pessoas que vai embora não nos deixa uma nova morada. Muitas das vezes é provável que os próprios não saibam para onde vão. O mais provável é que seja para outro hotel mais barato do que este.

– Mais uma coisa, Merle – disse Del Bascom –, o nome Barney Haskell diz-lhe alguma coisa?

Ele coçou a cabeça, assentindo.

– O vigarista velhote? Ele não foi morto a tiro?

– É esse mesmo. Conhecia-o?

– Não, só de nome; era bastante conhecido nas ruas. Mas nunca aqui ficou, pelo menos desde que trabalho cá.

– Bem, obrigado pelo seu tempo, Merle. Agradecemos – disse Bascom, enquanto saíamos da pensão barata e maltrapilha.

– É difícil imaginar que haja sítios mais baratos do que este – disse eu quando estávamos lá fora.

– No que diz respeito às pensões baratas desta velha cidade, ainda não viste nada, Archie. Algumas

têm mais ratazanas do que pessoas. Esta é elegante comparada com outras, se é que acredita.

– Terei de acreditar em si. Bem, parece que não há dúvida quanto a quem eram os dois tipos que tinham o Tommie no carro naquela noite no Bronx. Ambos altos, morenos e magros. Os Jasper, se é que esse era o nome verdadeiro deles, para usar a sua expressão. E um deles corresponde à descrição do tipo que foi à cozinha dos Williamson para ocupar a cozinheira com a história falsa sobre entregar mercearias que ela encomendara. Tudo isso enquanto o outro tipo, provavelmente o irmão, raptava o Tommie Williamson do seu próprio jardim.

– Parece que eram mesmo eles, apesar de nunca ter visto nenhum deles bem, na confusão dos tiros e da escuridão. O Cather acertou num de raspão, não foi?

– Sim, creio que sim. O tipo gritou. Bem, tenho de voltar para Long Island e ir buscar o Tommie à escola. Depois, vou a casa de Nero Wolfe, hoje à noite, com Williamson, para nos encontrarmos com o inspetor Cramer. Parece que vai ser uma sessão muito interessante.

– Sem dúvida. Deixa-me na estação de metro mais próxima. Quando voltar para o escritório, vou telefonar a Saul Panzer e ver se ele conhece um par de irmãos que faça vigarices. Ele tem muitas fontes. E apostado que, quando os encontrarmos, os seus nomes não vão ser nem Evanson nem Jasper.

– Não vou apostar nada, Del. Dou muito valor ao meu dinheiro.

<sup>2</sup> Referência à rima infantil em que uma velha pobre descobre o armário vazio, quando procura comida para alimentar o seu cão faminto.  
(*N. do T.*)



## CAPÍTULO 21

No caminho para Manhattan nessa noite, Burke Williamson sentou-se à frente comigo, e eu tinha vestido um fato e gravata em vez do meu uniforme. «Goodwin, vai como meu colaborador e não meu motorista», dissera ele antes. «E, nesse papel, quero que se lembre de tudo o que for dito. Disse-me em tempos que tem uma memória capaz de recordar tudo.»

– Sim, senhor, ao que parece tenho.

– Ainda bem, porque será como ter um estenógrafo presente. Não quero que o Cramer se engane a citar-me, nem a mim nem a outra pessoa.

Chegámos a casa de Nero Wolfe cinco minutos antes das nove, encostando no passeio atrás do que era com certeza um sedã da polícia. Fritz Brenner levou-nos ao escritório, onde Cramer e Panzer já estavam sentados. O inspetor lançou um olhar furioso do seu lugar na cadeira de couro vermelho junto à ponta da secretária de Wolfe, mas não disse nada quando entrámos.

Panzer assentiu de um sofá ao fundo, ao passo que Williamson e eu nos sentámos nas duas cadeiras amarelas. Teria sem dúvida havido um silêncio desconfortável se Wolfe não tivesse entrado na sala uns momentos depois de nos sentarmos.

– Cavalheiros – disse ele ao instalar-se na sua cadeira –, gostariam de beber alguma coisa? Eu vou beber cerveja. – Olhou diretamente para Cramer quando falou, desafiando o inspetor a contestar a sua indiferença às leis federais.

– Sabe muito bem que não vim cá para tomar uma bebida, Wolfe – rosnou. – Na verdade...

Wolfe interrompeu-o.

– A sua presença é apreciada, senhor inspetor, assim como a sua tolerância por concordar encontrar-se aqui. Mais alguém quer uma bebida?

Dispostos a desafiar a lei na presença de um polícia de alta patente, Panzer e Williamson pediram uísque com água, enquanto eu escolhi leite. Depois de Brenner servir bebidas e Wolfe ter tomado o primeiro golo, Cramer debruçou-se e bateu com a palma da mão na secretária.

– Antes de começarmos, quero que fique registado que tenho objeções em ser manipulado para vir a esta reunião. A única razão pela qual concordei em vir foi por respeito a Mr. Williamson, que é um amigo leal da polícia e dos seus programas de caridade há muitos anos. – Cramer pontuou o seu comentário tirando um charuto e enfiando-o na boca sem o acender.

– A sua objeção fica anotada, inspetor – disse Wolfe. – No entanto, apesar da localização, esta reunião é na verdade sua. Quería ver-nos, por isso continue.

– Quería vê-lo a si e a Mr. Williamson, mas separados, não juntos. E sem um exército presente – disse ele, olhando em redor da sala.

– Mais duas pessoas não são propriamente um exército, senhor inspetor. É possível que Mr. Panzer e Mr. Goodwin contribuam para a discussão.

– Talvez. Quanto a si, Goodwin, vejo que não aceitou o meu conselho e insiste em associar-se com o bando de Wolfe – rosnou Cramer, mastigando o charuto. – Como quiser, mas prometo que vai arrepender-se. Ora bem, vamos às coisas que interessam, sendo que algumas delas são palhaçadas. Infelizmente, muitas vezes demora algum tempo até que as notícias da atividade policial viajem do longínquo Bronx até Manhattan, mas isso é problema da polícia e não vosso, e lidaremos com isso.

«É com isto que me vejo a braços: primeiro, o rapto não comunicado de um menino de oito anos;

segundo, a morte a tiro de um velho vigarista chamado Barney Haskell numa rua do Bronx; terceiro, um tiroteio, também numa rua do Bronx, entre uns raptos e um bando de detetives privados pistoleiros, no qual a criança corre perigo mas é salva, de alguma forma; quarto, a fuga dos raptos, que continuam à solta; e quinto, a morte a tiro, adivinharam, numa rua do Bronx, do motorista da família da criança raptada. – Cramer recostou-se e expirou, abanando a cabeça, enojado.

– Inspetor, há uma razão que creio ser válida para não ter comunicado o rapto do meu filho – disse Williamson.

Cramer olhou para o hoteleiro, furioso.

– É melhor que seja boa, senhor.

– Os raptos disseram-nos que, se chamássemos a polícia, isso poria a vida do Tommie em perigo.

– Os raptos utilizam sempre essa ameaça para ganhar vantagem.

– Pode muito bem ser o caso, inspetor. Mas, com o meu filho nas mãos deles, eu não queria pôr à prova o *bluff*.

– A nossa força policial tem muitos anos de experiência com raptos.

– Lembre-se de que este rapto não ocorreu na sua jurisdição, mas no condado de Nassau, que não fica dentro dos limites da cidade de Nova Iorque, ao que sei.

– No entanto, trabalhámos bem com os condados vizinhos, quando foram cometidos crimes como homicídio e rapto – refutou Cramer.

– Cavalheiros – disse Wolfe, dirigindo-se a Williamson e Cramer –, para que a discussão avance, estipulemos que há uma diferença de opinião entre os senhores quanto à forma como se lidou com o rapto.

– Pode acreditar que há uma diferença de opinião – resmungou Cramer. – Não é o tipo de situação que deva ser deixado nas mãos de um bando de amadores de dedo no gatilho, como o seu grupo de vigilantes.

– Está mesmo num modo de Faroeste hoje – comentou Wolfe –, a utilizar termos como «bando» e «vigilantes». No entanto, depois de filtrar a grandiloquência, resta um facto central: Tommie Williamson está de volta a casa, sem dúvida abalado pela experiência mas, ainda assim, ileso.

– Está bem – disse Cramer –, chega de falar do rapto por agora. Mas continuamos com dois cadáveres, um deles funcionário dos Williamson. O que pode dizer-me sobre isso?

– Inspetor, não há palavras para lhe dizer como fiquei chocado com a morte de Charles Bell – disse Williamson. – Foi um empregado leal e dedicado durante vários anos e continuo a ter dificuldade em acreditar que teve alguma coisa a ver com o rapto do Tommie.

– E eu tenho dificuldade em acreditar que não teve nada a ver com isso – ripostou Cramer, acenando o charuto, ainda por acender. – Dado o que sei agora, este caso tem de ter sido feito, pelo menos em parte, a partir de dentro de casa.

– O inspetor tem razão – disse Wolfe. – Que outra explicação poderia haver para a chegada de uma carrinha inesperada à propriedade no momento exato em que o Tommie estava lá fora, e subitamente sozinho?

– Sim, gostaria de saber mais sobre essa carrinha – disse Cramer. – Ainda estou a descobrir tudo.

Williamson bebeu um golo do seu uísque e pousou o copo.

– A carrinha é mesmo um mistério. Um dos homens que a ocupavam foi à cozinha com mercearias que a cozinheira não encomendara. E, mais ainda, alegou ser de uma loja que ela não costuma utilizar.

– Alguém viu a carrinha? – perguntou Cramer.

Eu adotei a minha expressão mais neutra, e Panzer também.

– Mrs. Price, a nossa cozinheira, mandou o tipo embora, mas seguiu-o até à porta da cozinha e pelos degraus que levam ao jardim – contou Williamson. – Disse que a carrinha era fechada e branca, sem

letras.

– Claro que não tinha letras – disse Cramer, furioso. – Tem todos os indícios de um clássico golpe feito a partir de dentro. Alguém da casa, neste caso com toda a certeza o motorista, Bell, estava feito com alguém de fora para raptar o rapaz. Depois de receberem o dinheiro do resgate, o Bell quis a sua parte, compreensivelmente, e o homem ou homens exteriores não foram nessa. As coisas tornaram-se violentas e... – O inspetor virou as palmas das mãos para cima, em modo de explicação.

– É muito possível – disse Wolfe. – Saul, tem ideias?

Panzer encolheu os ombros.

– Parece que o inspetor acertou.

– Bem, muito obrigado pelo seu aval – disse Cramer com escárnio. – Quer sugerir quem esteve envolvido no caso da parte de fora? E, já agora, como encaixa esse vigarista de segunda, Barney Haskell, no caso? Pelo que sabemos dele, que é bastante, dado o seu cadastro enorme, não tem inteligência para planear nada tão complexo como isto. Não se perdeu grande coisa na comunidade, isto de forma oficiosa, mas eu sou o responsável pela Brigada de Homicídios nesta cidade, raios, e quando alguém é assassinado espera-se que o meu departamento descubra o culpado, seja qual for a classe social da vítima. Wolfe, afinal preciso de uma bebida, uísque com gelo, e se não disser nada sobre o facto de eu o beber, eu também não digo nada sobre o facto de o senhor o servir.

– Um acordo justo – disse Wolfe, esticando-se para carregar num botão sob a sua secretária que eu desconhecia. Uns segundos depois, apareceu Fritz Brenner.

– Ninguém respondeu à minha pergunta sobre Haskell – queixou-se o chefe da Brigada de Homicídios de Nova Iorque momentos depois de sorver a sua bebida ilegal. – Já que parece que toda a gente nesta sala sabe mais do que eu sobre o que se tem passado, recebo de bom grado qualquer contribuição.

Eu não conhecia Cramer, para além da sua reputação e de o ter visto naquela mesma sala uma vez, mas era óbvio que o homem estava a pedir ajuda, com relutância.

– Senhor inspetor, a não ser que mais alguém aqui tenha informações que eu desconheço, temo que não possamos ajudar – disse Wolfe. – Tem alguma prova que ligue Haskell ao rapto Williamson?

– Não tenho. No entanto, acho interessante que Charles Bell e o Haskell tenham sido ambos alvejados na mesma zona do Bronx, separados por uns dias.

– É raro haver mortes a tiro no Bronx? – perguntou Wolfe.

– Infelizmente, não.

– Dada a vida que Mr. Haskell escolheu, parece que a sua morte violenta não é muito surpreendente – observou Wolfe.

– Talvez, apesar de ele ser um criminoso de pouca monta. É difícil imaginar que as suas vigarices baratas fizessem com que alguém o quisesse matar. Não falou muito esta noite, Mr. Williamson – disse Cramer. – Já temos provas circunstanciais fortes que ligam Mr. Bell ao rapto. Será possível que um ou mais membros do seu pessoal doméstico tenham estado envolvidos?

– Claro que não! Já agora, não acredito que o Charles tenha tido alguma coisa a ver com o caso. Creio que foi morto por estar a tentar resolver o caso e se ter aproximado da solução – declarou Williamson, com o rosto corado e as veias do pescoço salientes. – Em vez de tentar implicar os meus empregados, devia tentar encontrar os homens que raptaram o Tommie, os que enfrentámos naquela noite junto ao zoo do Bronx. São eles os verdadeiros culpados, inspetor.

– Acredite, temos procurado, mas até agora não temos muitas pistas – respondeu Cramer. – O seu filho conseguiu dar-lhe alguma descrição, ou mais alguma informação?

– Só que eram dois, ambos altos, magros e morenos, e que, de cada vez que os viu, tinham óculos de sol. E também que foi preso num apartamento num segundo ou terceiro andar, provavelmente algures na

cidade, porque havia muito ruído das ruas.

Cramer inclinou-se para a frente, com os cotovelos nos joelhos.

– Gostaríamos de falar com o Tommie. Com a sua presença, claro.

– Não queremos que o transtornem – disse Williamson, fazendo com que me perguntasse até que ponto o homem conhecia o filho. Com base nas minhas observações dos últimos dias, o Tommie ultrapassara rapidamente o transtorno causado pelo seu infortúnio. O rapaz tinha genica.

– Asseguro-lhe que não o transtornaríamos – disse Cramer. – Temos pessoas que são peritas em falar com crianças, especialistas treinados para serem sensíveis.

– Falemos disso mais tarde – respondeu Williamson, de forma seca.

– Vamos também fazer todos os esforços para recuperar parte ou a totalidade do dinheiro do resgate – continuou Cramer. – Se nos tivesse incluído desde o início, é provável que o dinheiro nunca tivesse trocado de mãos. – Lançou um olhar a Wolfe, e depois a Panzer. Ao que parecia, eu não merecia um dos seus olhares furiosos.

– O dinheiro não me preocupa – disse Williamson. – É claro que seria bom recuperá-lo, mas não vou perder o sono se nunca mais vir um centavo.

Cramer virou-se para Wolfe.

– Sabe o que penso do seu envolvimento nisto tudo – disse. – Já chega. Isto é um caso de polícia, ponto final.

– Eu tenho uma dívida de gratidão imensurável para com Mr. Wolfe – interveio Williamson, erguendo o copo como se a fazer um brinde.

– Tudo o que ele faz tem um preço – observou Cramer, de forma seca. – Não se esqueça disso. Apesar de supor que não devia falar assim do meu anfitrião.

– A minha hospitalidade não depende das atitudes dos meus convidados para comigo – respondeu Wolfe. – Para mim, a relação entre anfitrião e convidado é sagrada, independentemente do convidado.

– Bem dito – disse Williamson. – E, só para repor a verdade das coisas, inspetor, eu abordei Mr. Wolfe com base na recomendação de um amigo, procurando a sua ajuda para salvar o Tommie. Propus-lhe um preço e ele concordou prontamente. Não fez qualquer contraproposta e sinto que valeu o que paguei.

– Fico satisfeito por estar contente – murmurou Cramer –, mas ainda há dois homicídios por solucionar e pelo menos dois raptos, que também podem ser assassinos, à solta. Precisamos da sua ajuda e da sua colaboração, Mr. Williamson.

– Ligue para o meu escritório amanhã, inspetor, e podemos discutir mais este assunto.

Cramer levantou-se.

– Assim farei. E Wolfe – disse, apontando um indicador ao seu anfitrião –, a partir de agora não se meta. E o mesmo vale para os seus capangas – acrescentou, desta vez favorecendo-me também, para além de Panzer, com um dos seus olhares furiosos. Saiu do escritório a passos largos e ruidosos, pelo corredor.

– O homem é irascível e vive permanentemente zangado, não é? – observou Williamson.

– Não seja demasiado duro com o inspetor Cramer – respondeu Wolfe. – O emprego dele é difícil e, muitas vezes, ingrato. Sofre ataques constantes de todos os lados. Os superiores dele na polícia exigem que faça detenções, os jornais exigem detenções, o público exige detenções. Concordo que é mal-humorado, agressivo e, por vezes, teimoso. Mas também é honesto, trabalhador e destemido. A polícia teria sorte se contasse com mais homens como ele nas suas fileiras.

– Bem, levarei isso em conta quando falarmos amanhã. Obrigado pela sua hospitalidade – disse Williamson, levantando-se e fazendo um gesto para que eu o seguisse.

No *Pierce-Arrow*, de regresso a Long Island, Williamson foi o primeiro a falar.

– Como acha que correu a noite? – perguntou.

– Não se fez muito, para além de Cramer desabafar um pouco. É óbvio que a polícia não chegou a lado nenhum com o caso, e o inspetor está para lá de frustrado.

– Acha que devo deixá-los interrogar o Tommie?

– Porque não? Talvez ele se lembre de alguma coisa que lhes seja útil. Além disso, o senhor estará presente para o caso de achar que estão a ser demasiado duros com ele.

– Ele falou consigo sobre o rapto?

– Não – menti. – Falamos de outras coisas, como desporto.

– O Tommie gosta muito de si – comentou Williamson. – Já me disse montes de vezes que o ensinou a fazer um passe em espiral.

– E ele fá-lo de maneira impressionante, dado o tamanho pequeno das suas mãos. É um miúdo muito simpático, muito entusiasmado. Devia jogar futebol com ele.

– Está a dizer-me como ser pai? – perguntou, de forma brusca.

– Não, senhor. Desculpe, passei dos limites.

Williamson suspirou.

– Raios! Não, na verdade não passou dos limites, Goodwin, fui eu que passei. Tem toda a razão. Preciso de passar mais tempo com o Tommie, e menos tempo com o meu trabalho. Agradeço realmente a atenção que lhe tem prestado. Não será igual quando se for embora.

– Bem, o trabalho era de curta duração. Todos sabemos isso desde o início.

– É verdade, e preciso de o atualizar quanto a esse assunto. Comecei a procurar um motorista novo, através de anúncios nos jornais e conversas com conhecidos. Sei que Wolfe quis que ocupasse o posto para determinar se um dos meus empregados tomou parte no rapto. Isso parece improvável, com a possível exceção do pobre Bell, que ainda acredito não estar envolvido. Tem alguma suspeita em relação ao pessoal doméstico?

– Nenhuma que consiga identificar.

– Então creio que chego a altura de partir. Mas o Tommie vai ter muitas saudades suas.

– Pela minha parte, senhor, também vou ter saudades dele. Há uma coisa que lhe deve agradar: reparei que ele parece ter muitos amigos na escola. Quando o deixo lá de manhã, há sempre quatro ou cinco rapazes que correm para o cumprimentar, e depois jogam sempre a qualquer coisa até serem levados para dentro. Eu espero sempre até ele estar dentro do edifício, e só depois arranco.

– É bom saber, e vou certificar-me de que o próximo homem que ocupe o seu posto faça a mesma coisa. Poderei até armá-lo, por segurança. Já agora, o Tommie também me disse a mim e à mãe que se dá bem com os outros rapazes. Calculo que não ache que o rapto o tenha traumatizado muito.

– Não, senhor, não acho. Não passei muito tempo com crianças de oito anos, mas ele parece-me muito bem adaptado.

– Bem, acredito que é pelo menos parcialmente responsável por isso, Goodwin. Olhe, tive uma ideia. Já que o Tommie parece gostar tanto de futebol, que tal irmos os três a um jogo da Universidade de Columbia nas próximas semanas, talvez contra Princeton? Tenho um bom amigo que consegue arranjar-nos lugares junto à linha das cinquenta jardas.

– Eu gostava.

– Ainda bem, vou tratar disso. Quais são os seus planos, depois de nos deixar?

– Ainda não pensei muito nisso, mas gostava de ver se consigo ter sucesso como detetive privado.

– Talvez pudesse trabalhar para Nero Wolfe – disse Williamson. – Ele parece gostar de si.

Ri-me.

– Ele já tem um bom grupo de colaboradores, especialmente aquele Saul Panzer, que conseguiria

encontrar um gato preto num monte de carvão sem lanterna.

– É capaz de ter razão, mas continuo a achar que Wolfe precisa de um jovem desenrascado como você.

– Bem, já me deu algo em que pensar – respondi, enquanto conduzia o automóvel grande através da escuridão de Long Island.

## CAPÍTULO 22

Menos de uma semana depois, o meu período como motorista dos Williamson chegou ao fim. O meu substituto era um tipo corpulento e simpático com cerca de cinquenta anos chamado Gentry, que fora durante muitos anos motorista de uma viúva, que falecera recentemente em Scarsdale, subúrbio próspero, como descobri.

– Achei que ia parar à sopa dos pobres no dia a seguir à morte da querida Mrs. Parnell, Deus a tenha – disse Gentry –, mas depois apareceu esta oportunidade, felizmente. Espero sinceramente que não o transtorne.

– De todo – disse-lhe, depois de revermos alguns pormenores do trabalho. – Era apenas um posto temporário para mim.

Antes de Williamson e o mordomo Waverly apresentarem Gentry ao pessoal, fiz questão de me despedir de cada um deles individualmente. As reações foram, no mínimo, variadas.

Waverly, sem surpresas, manteve-se rigidamente formal, apertando-me a mão e desejando-me o melhor «para todas as atividades futuras». Emily Stratton tossiu de forma delicada e observou que eu acabara por ser «mais maduro» do que ela esperara.

Lloyd Carstens parou de regar as plantas da estufa o tempo suficiente para me espreitar sobre os óculos.

– Ah! Está de saída, hã? Parece que chegou ontem. Sempre achei que era um bisbilhoteiro e, para ser sincero, não mudei de opinião quanto a isso. Espero que desta vez arranjem um motorista a sério, não alguém como você e aquele empertigado do Bell.

Simons, o responsável dos estábulos, foi apenas ligeiramente menos hostil do que Carstens.

– Achei que era demasiado jovem para lidar com aqueles carros caros – escarneceu ele. – Apostei comigo próprio que se despistaria com um deles, e creio que teria acontecido, se tivesse ficado mais tempo.

Mary Trent pareceu verdadeiramente triste por me ver partir, apesar de não me tentar beijar outra vez, talvez por haver mais pessoas por perto.

– Era a pessoa mais amigável aqui, além de Miss Moore – disse ela, estendendo a sua mão pequena. – Espero mesmo que nos encontremos outra vez... em breve. – Não tive resposta para isso, para além de dizer que esperava o mesmo.

Sylvia Moore disse-me que lamentava que eu tivesse passado pela casa dos Williamson numa altura tão infeliz, e esperava que eu não julgasse o pessoal pelas suas ações das últimas semanas.

– Toda a gente tem andado muito transtornada por causa do Tommie e, depois, do Charles Bell. São todos muito mais simpáticos do que o seu comportamento recente indica.

Achei que Mrs. Price me ia esmagar até à morte quando pôs os braços rechonchudos à volta da minha barriga e me puxou a cabeça para baixo para se poder aninhar no meu pescoço.

– Vou ter muitas saudades suas, rapaz. Nunca ninguém gostou tanto dos meus cozinhados como você – disse. – Gostava mesmo que ficasse connosco, mas um jovem como você, entendo que queira ver mais do mundo do que uma velha propriedade em Long Island.

A despedida mais difícil foi a do Tommie.

– Tenho muita pena que se vá embora, Archie – disse ele, fungando quando o levei à escola no meu último dia de trabalho. – Diverti-me mesmo consigo.

– Acho que vai gostar de Mr. Gentry – disse-lhe. – Ele parece muito amigável.

– Mas não vai querer jogar futebol comigo, nem brincar com um papagaio, como fizemos naquela tarde

– disse ele, com o maxilar cerrado e os braços cruzados sobre o peito.

– Por falar em futebol, eu e o Tommie vamos a um jogo com o seu pai na Universidade de Columbia daqui a umas semanas, por isso vamos ver-nos outra vez. É futebol a sério, num estádio e tudo. – Isto mudou-lhe a expressão rapidamente, de triste para feliz, e nesse momento apercebi-me como ia ter saudades do rapaz.

Nessa noite, depois de jantar, Gentry levou-me à estação com a minha mala, e apanhei um comboio da linha de Long Island até à estação Penn e, a seguir, o metro para norte, para o Hotel Melbourne. O meu quarto era muito mais pequeno do que os meus aposentos na casa dos Williamson, mas senti-me em casa, o que foi uma boa sensação. Adormeci uns segundos depois de pousar a cabeça na almofada.

Na manhã seguinte, voltei ao que fora a minha rotina habitual em Manhattan: levantar-me às sete e meia, quinze minutos de exercício, duche, vestir-me e depois caminhar lentamente pelo quarteirão até ao cafezinho do Mort, para tomar o pequeno-almoço.

– Archie Goodwin! – disse ele em voz alta quando entrei. – Não o vejo há imenso tempo. Achei que tinha desistido de Nova Iorque e voltado para o Indiana.

– Ohio – respondi, sentando-me num dos bancos ao balcão.

– Illinois, Indiana, Ohio, para mim são todos iguais – disse Mort, gesticulando para oeste e deslizando uma chávena de café pelo balcão, de uma distância de três metros. Parou mesmo à minha frente, sem verter uma gota.

– Como consegue fazer sempre isso? – perguntei, bebendo um golo do café delicioso.

– Anos de prática e bons movimentos de pulso – disse ele, dobrando um braço. – Onde tem andado nos últimos tempos? Achei que gostava deste café.

– Oh, e gosto, Mort, mas tive de ir para fora da cidade fazer um trabalho duro. Quando o dever chama, eu respondo.

Meia hora mais tarde, depois de ter comido bolos de trigo, *bacon* e ovos, caminhei para sul até à agência de detetives Bascom. Wilda ergueu o olhar quando saí do elevador, a boca a tremer no que poderia ser um sorriso.

– O homem está? – perguntei, e ela inclinou a cabeça para o gabinete.

– Entre, ele está à sua espera.

– Ah, regressado da terra dos ricos – disse Del, erguendo o olhar das palavras cruzadas da *Gazette* e apagando o que restava do seu charuto barato. – O Saul Panzer disse-me que tinhas sido libertado do teu trabalho difícil na ilha.

– Poupe a sua compreensão – disse-lhe, deixando-me cair na cadeira das visitas e pousando o chapéu no canto da sua secretária.

– Então, durante a tua estadia no campo, descobriste quem não é de confiança na casa dos Williamson?

– Não creio que confie muito em nenhum deles – respondi –, mas ainda não estou pronto para mandar ninguém para a cadeira elétrica. O que se tem passado aqui, entre a arraia-miúda?

– Bem, para começar, vamos ter mais uma reunião no escritório de Wolfe hoje, e tu foste convidado, rapaz sortudo.

– Ele não quer largar o caso, é isso? Como espera ser pago a partir de agora? O Williamson já gastou uma bela quantia para recuperar o filho.

– Archie, não finjo conhecer Nero Wolfe nem a sua forma de pensar tão bem como o Panzer e os outros



que trabalham com ele mais vezes do que eu, mas creio que se trata de uma questão de orgulho – disse Bascom. – É verdade, o plano dele conseguiu recuperar o rapaz, mas Wolfe ainda está incomodado com os dois homicídios e o dinheiro do resgate. Para ele, o trabalho está inacabado.

– Então, se posso perguntar, para quem trabalhamos agora? – perguntei. – E quem vai pagar-nos?

Bascom recostou-se e acendeu outro charuto.

– A verdade é que não tenho trabalho agora, o que quer dizer que tu também não. Estou disposto a arriscar que alguma coisa surja desta reunião com Wolfe.

– Está bem, para mim é suficiente. Se alinha, eu também alinho – disse-lhe. – Quando nos reunimos?

– Às onze. Pelo que o Panzer disse, parece que vão lá estar todos os colaboradores que Wolfe já utilizou.

– Caramba, um congresso de detetives. Que emocionante!

– Pronto, Archie, deixa-te de sarcasmo. Não creio que o nosso anfitrião vá estar com disposição para esse tipo de humor.

– A minha distinta impressão é que Nero Wolfe nunca está na disposição para nenhum tipo de humor, mas prometo que vou ser um bom menino e manter os ouvidos abertos e a boca fechada, mais ou menos.

– Boa ideia. O Wolfe parece gostar de ti, e deixo à tua consideração se é por causa dos teus comentários engraçadinhos ou apesar deles.

\*

Cinco minutos antes das onze, Fritz Brenner abriu a porta da casa na Rua Trinta e Cinco para que eu e Bascom entrássemos.

– Estão todos aqui, por favor entrem – informou. Os rostos habituais estavam sentados no escritório, mas havia um que não reconheci.

– Olá, Bill – disse Bascom a um tipo gordo e calvo sentado no sofá junto a Cather. – Este é Archie Goodwin, que trabalha comigo. Archie, este é Bill Gore, um detetive de primeira categoria com quem tive a honra de trabalhar umas vezes.

– Obrigado pelas palavras simpáticas, Del – disse Gore, levantando-se. Tinha pelo menos um metro e oitenta e cinco e cem quilos, e nenhum deles era gordura. Um bom homem para ter ao nosso lado quando as coisas ficassem violentas. – Prazer em conhecê-lo, Goodwin – disse ele, apertando-me a mão.

Wolfe entrou, cumprimentou-nos com o seu aceno de cabeça habitual, e foi para trás da secretária, tocando a campainha para pedir cerveja. Todos rejeitaram o seu convite para beber.

– Obrigado a todos por terem vindo – disse ele, endireitando o corpo volumoso. – Saul, presumo que informou Mr. Gore da situação.

– Sim, senhor, informei.

– Muito bem. Como todos sabem, já não tenho cliente, já que Mr. Williamson fechou as suas contas comigo depois de o filho ser libertado e o resgate, pago. Já agora, Mr. Goodwin, recebeu a remuneração pelos serviços que lhe prestou?

– Recebi um cheque – respondi, fazendo mais uma vez um apontamento mental para procurar «remuneração» no dicionário que ainda não comprara.

– Mereceu o pagamento – respondeu Wolfe, abrindo a primeira cerveja que Fritz colocara numa bandeja à sua frente. – Por falar em remuneração, quero que saibam todos que serão pagos pelo vosso trabalho neste caso, independentemente do nosso sucesso. Não vou poupar. Saul, se não se importa, uma revisão da situação.

Panzer pigarreou.

– Sabemos que os raptadores, que presumivelmente também mataram Barney Haskell e Charles Bell, são um par de irmãos altos e magros que há anos estão envolvidos numa variedade de vigarices e outros negócios sujos. Através de fontes que não interessam agora, encontrei três pares de irmãos que encaixam no perfil – disse ele, consultando o seu bloco.

«Por ordem alfabética, são: James e Melvin Harker; Reese e Ronald McCall; e Chester e Calvin Bagley. Não é surpresa que todos tenham cadastro, apesar de nenhum ser por homicídio ou sequer por assalto à mão armada.

– Então não há ninguém na sua lista chamado Edgar ou Leon Jasper? – perguntei.

– Não, porquê? – perguntou Panzer.

– Foram os nomes dados por um rececionista de hotel para dois tipos que o Del e eu achamos terem alugado a carrinha utilizada no rapto.

– Estas personagens nunca utilizam os nomes verdadeiros em hotéis – murmurou Orrie Cather.

– Verdade – disse Panzer. – Esses Jasper encaixavam na descrição?

Del Bascom assentiu.

– Sim, eram ambos altos, morenos e magros.

– Sei que todos vocês, com exceção de Mr. Gore, tiveram vislumbres de pelo menos um dos raptadores naquela noite no Bronx – disse Wolfe. – Com base nessa escaramuça breve, alguém acha que consegue fazer uma identificação?

Todos abanámos a cabeça.

– Bem me pareceu que não. Cavalheiros, aqui está a minha posição: apesar da satisfação e do pagamento de Mr. Williamson, continuo insatisfeito e irritado com o que considero ser um trabalho incompleto da minha parte. Quero que esses dois homens sejam encontrados e presos. Também quero que o dinheiro do resgate seja recuperado, se possível.

– E a polícia? – perguntou Durkin.

– O que tem, Fred? Estão zangados comigo, uma ocorrência normal e que não me incomoda. Mais importante do que isso, parecem não fazer ideia de como agir, para além de interrogar Tommie Williamson. Suspeito que Mr. Goodwin obteve mais informação do Tommie, sendo simplesmente paciente e falador, do que a polícia obterá com a sua abordagem desajeitada.

Wolfe bebeu cerveja, secou os lábios com um lenço, e continuou:

– Alguns de vocês podem acusar-me de petulância, e eu não negaria a acusação. Nesta altura, a minha autoestima exige compensação. Vocês são seis. Há três pares de irmãos à solta, um dos quais é com toda a probabilidade culpado de rapto e homicídio. Vão dividir-se em grupos de dois, cada grupo encarregado de encontrar um par de irmãos. Saul?

– Sim, senhor. Aqui está a forma como dividi as missões: Fred e Del, ficam com os Harker; Orrie e Bill, ficam com os McCall; e Archie e eu vamos atrás dos Bagley. Tenho algumas pistas, apesar de serem questionáveis, sobre onde poderemos encontrar esses rapazes simpáticos.

– Então decidiram que nenhum dos empregados dos Williamson esteve envolvido, hã? – perguntou Cather.

– Não necessariamente, Orrie – disse Wolfe. – Mas, se localizarmos os irmãos criminosos, é quase certo que descobriremos a identidade de qualquer pessoa que tenha estado envolvida no caso Williamson. Já formei algumas ideias a esse respeito.

Cather, de braços cruzados, não pareceu convencido. Panzer dirigiu-se aos homens com a informação que tinha sobre os pares de irmãos. Esperei a minha vez com paciência.

## CAPÍTULO 23

– Ora bem, aqui está o que sabemos sobre os Bagley – disse-me Panzer depois de informar os outros. – Estes dois andam a fazer vigarices de todos os tipos, na maioria golpes de dois homens, há pelo menos quinze anos em Nova Iorque, talvez há mais tempo. Podiam escrever um manual de instruções de vigarices. Como o jogo da vermelhinha, o golpe do pombo, o jogo do violino, o prisioneiro espanhol, o porco no espeto, o jogo do texugo, e mais meia dúzia deles.

– Está a falar uma língua que não aprendi no Ohio – disse eu. – Um dia vai ter de me traduzir isso. Só por curiosidade, como obteve toda essa informação?

– É uma história comprida, Archie, com muitos detalhes. Conheço muitas pessoas, algumas delas polícias, que sabem muito sobre outras pessoas. De volta aos irmãos: o pai deles, o falecido «Barril de Cerveja» Bagley, era muito conhecido na cidade. O homem elevou a vigarice a um nível novo. Diz-se que uma vez vigarizou um ladrão de joias veterano ao roubar-lhe diamantes roubados no valor de cinco mil dólares, dizendo que conseguia vendê-los pelo dobro.

– Então o ladrão que supostamente era esperto deu os diamantes ao Barril de Cerveja e nunca mais os viu, claro.

– Claro – disse Panzer. – E os filhos saem ao pai. Trabalham principalmente no Bronx, sob vários nomes, incluindo Keller, Cunningham e Schmidt. E, tal como a maioria dos vigaristas, mudam muitas vezes de morada, de um albergue ou pensão para outra.

– Ah, o bom e velho Bronx outra vez. Quer dizer que devem ser os tipos que procuramos.

Panzer abanou a cabeça.

– Não necessariamente, Archie. Parece que os três pares de irmãos são todos do Bronx.

– Então aquilo é um viveiro de vigaristas?

– Nunca pensei no distrito dessa forma, se alguma vez pensei nele, mas podes ter razão.

– Estou mesmo confundido pelos homicídios, Saul – disse eu. – O que ouvi dizer dos vigaristas nestas últimas semanas é que fazem tudo para evitar a violência. Segundo sei, não querem os problemas que a acompanham.

– Tens toda a razão na maioria dos casos, mas todos eles sonham em fazer um grande golpe que lhes dê uma vida boa, talvez para sempre. O rapto Williamson, com o seu resgate de cem mil dólares, encaixa nessa ideia. Quando o crime envolve esse tipo de dinheiro, há mais em jogo e os comportamentos mudam. Por exemplo, Archie: a maioria dos vigaristas não quer ter nada a ver com armas de fogo, mas pelo menos um daqueles dois estava armado na noite do zoo do Bronx, e aposto que o outro, o condutor, também estava armado.

– Acha que o Haskell, o tipo que foi morto, fazia parte da equipa e se zangaram? – perguntei.

– É mais provável que tenha descoberto o plano e tenha exigido ser incluído. Encontrei um meio-irmão de Haskell, um corretor de apostas que vive em Brooklyn, que me contou que o Barney lhe disse que tinha descoberto uma coisa «mesmo em grande» mas que não podia falar disso.

– Está bem. Então que fazemos agora?

O que fizemos foi dirigir-nos a mais um albergue no Bronx, um lugar que Panzer descobrira ser uma pista possível para encontrar os Bagley. Eu habituara-me a viajar no automóvel de Wolfe e a conduzir os

carros finos de Williamson, mas isso acabara. Nem Panzer nem nenhum dos outros colaboradores de Wolfe tinha carro. Se eu ia ficar nesta cidade, era melhor conhecer bem o sistema de transportes públicos, pensei ao sair do metro para uma rua comercial movimentada. Depois de caminhar meio quarteirão, chegámos a um estabelecimento de ar velho cujo letreiro esbatido dizia «HOTEL ELEGANT».

– Parece que a única coisa que faço ultimamente é ir a pensões baratas – queixei-me.

– Se vais ser detetive nesta metrópole grande e colorida, é melhor que te habitues – disse Panzer, quando parámos, antes de entrar. – Este nosso negócio não é o que se chamaria de glamoroso, apesar do que possas ler nas tuas revistas.

– Quando o Bascom e eu fomos a outra pensão barata perto daqui, ele fez-se passar por tenente da polícia – disse eu. – Qual é o plano aqui?

– Archie, consigo imaginar Del Bascom nesse papel, mas achas sinceramente que eu conseguiria convencer alguém de que sou polícia? – perguntou, gesticulando para o seu corpo magro e curvado. – Fingir ser um agente da lei não é a minha especialidade, e nunca foi. Tenho abordagens diferentes.

Entrámos no átrio escuro e estreito do Hotel Elegant e encontrámos uma loira oxigenada de idade incerta sentada atrás do balcão a pintar as unhas de vermelho vivo. Olhou para nós sob pestanas escuras e grossas o suficiente para serem penteadas com um pente.

– Posso ajudar-vos, cavalheiros? – perguntou a mulher, com sotaque sulista.

– Espero sinceramente que possa, Gloria – disse Saul Panzer, tirando o chapéu e sorrindo.

Ela arregalou os olhos castanhos, erguendo as pestanas fabulosas.

– Como sabe o meu nome?

– Quem não conhece a grande Gloria McCracken? Lembro-me bem de si dos seus tempos no Spider Web Club, na Rua Oitenta e Seis. Reconheci-a assim que entrámos.

– Bem, eu... engordei uns quilos desde esses tempos – disse ela, penteando o cabelo de forma insegura.

– Ah, mas para mim está igual – disse Panzer, encostando os cotovelos ao balcão. – E nunca esquecerei a forma como cantava «Let Me Call You Sweetheart». Tinha sempre o público na mão quando cantava essa. Creio que a pediam todas as noites, não era?

O olhar de Gloria tornou-se sonhador.

– Ah, lembro-me tão bem desses tempos! Foi mesmo antes de a maldita Lei Seca entrar e estragar tudo. Mas olhe que não parece ter idade para ter ido aos clubes nessa altura.

– Sou muito mais velho do que pareço, Gloria – respondeu Panzer. – Receio ter de confessar que já ando cá há muito tempo.

– Eu que o diga. Nestes últimos anos, bem... – Ergueu os olhos e deixou-os cair.

– Sei bem. É igual para toda a gente, e é por isso que estamos aqui.

– Conte-me, soldado – disse ela, esticando um braço para examinar as suas unhas pintadas de fresco.

Panzer passou uma mão pelo cabelo, fingindo nervosismo.

– É o seguinte: há uns tipos que me devem dinheiro, a mim e aqui ao meu sobrinho, e...

– Espere aí, soldado – disse Gloria. – Não são os primeiros que aqui vêm aldrabar-me. Sei que tenho reputação de sentimental, mas...

Desta vez foi Panzer que interrompeu.

– Não, não, Gloria, não estou a tentar cravar-lhe uns dólares, apesar de Deus saber que preciso. Estou é a tentar encontrar os tipos, que dizem ser irmãos. – Depois, descreveu-os e Gloria assentiu com um sorriso dos seus lábios finos.

– Sim, por acaso sei bem de quem fala. Como disse que se chamava?

– Não disse, mas é Berg, Norman Berg.

– Bem, Norman, deve estar a falar dos Schmidt. Pelo menos foi como disseram que se chamavam quando estiveram aqui hospedados. Esses dois são maus, mais desagradáveis do que quaisquer outros vigaristas que eu tenha visto.

– Verdade? Quando estiveram cá, Gloria?

– Já foi há umas semanas. Posso verificar, se quiser – disse ela, abrindo o grande livro de hóspedes sobre o balcão.

– Por favor – respondeu Panzer. – Agradecia, Gloria.

Ela folheou o livro.

– Vejamos... cá está. Entraram no dia dois deste mês, ficaram... até ao dia onze. – Virou o livro, para que pudéssemos ver. Um deles assinara «Earl Schmidt e irmão, Nova Iorque, EUA».

– Não ficaram muito tempo – disse eu.

– Oh, demasiado tempo! – respondeu Gloria. – Um par de patifes maldispostos, sempre a queixar-se do quarto, a utilizar linguagem profana, a cuspir no chão apesar de termos cuspidores por toda a parte. Que diabos esperavam pelo preço que estavam a pagar? Uma suíte no maldito Plaza? Já agora – disse ela, virando-se para Panzer –, como soube que eles ficaram aqui?

– Tenho um amigo que tem um amigo, sabe como é. Suponho que não deixaram uma morada para onde enviar correio?

– Não, nunca ninguém deixa – respondeu ela, rejeitando a pergunta com uma mão. – Mais de metade das vezes nem sequer sabem para onde vão. Eles... espere um minuto. Ouvi uma coisa que pode ajudá-lo a encontrá-los.

– Sou todo ouvidos, se não ligar ao meu narigão – disse Panzer, sorrindo.

– Bem, depois de terem saído daqui e de um dos irmãos ter feito um comentário sobre mim que não repetirei, o outro, que se dizia chamar Carl, disse para ele parar. «Temos de ir para casa do Barney», foi o que ele disse. «Casa do Barney.» Não sei se isso o ajuda.

– Pode bem ajudar, Gloria. Bem, obrigado. Foi um prazer vê-la. Ainda canta? – perguntou Panzer.

– Esses tempos já se foram, e a minha voz também, Norman – disse ela, tocando no pescoço. – Demasiadas noites longas, e demasiados cigarros, se me entende.

– É uma grande perda para nós – respondeu ele, virando-se para fazer uma vénia antes de sairmos.

– É mesmo incrível, lembrar-se da Gloria de há muitos anos – comentei com o Panzer, quando estávamos no passeio.

– Archie, nunca vi aquela mulher na minha vida.

– O quê? Mas sabia tudo sobre ela, o clube onde atuava, e aquela canção.

Ele olhou para mim com um sorriso torto.

– A minha fonte, a que sabia que os Bagley haviam ficado naquela pensão, também sabia muito sobre a Gloria e o seu passado. Além disso, que idade achas mesmo que tenho? Ela teve razão ao dizer que eu não parecia ter idade para ir a clubes antes de a Lei Seca começar.

– Bem, diabos me levem. Pelo menos conseguiu fazê-la sentir-se bem, senhor... como é? Norman Berg.

– Posso ter conseguido mais do que isso.

– É verdade, Saul. Os Bagley, se for esse o nome deles, como tudo indica, parecem estar realmente ligados a Barney Haskell, partindo do princípio de que era esse Barney que iam ver. Começa a parecer que são as pessoas que procuramos. Há outra coisa, Saul.

– Sim?

– Eu disse isto a Wolfe: quando os raptos tinham Tommie Williamson consigo, ele ouvi-os mencionar o nome Barney.

- Eu sei, Mr. Wolfe disse-me. No entanto, vamos falar com os outros para ver se descobriram alguma coisa sobre os irmãos Harker e McCall.
- Seja como for, acho que estamos a aproximar-nos – respondi.
- Também eu, Archie.

## CAPÍTULO 24

Conforme combinado, encontrámo-nos os seis na manhã seguinte, num café no lado ocidental da Rua Sessenta e Sete, para rever o que descobríamos e comparar notas. Fred Durkin e Del Bascom falaram primeiro.

– Aqui está a história de James e Melvin Harker – disse Del, consultando o seu bloco. – Encontrámos o apartamento onde viveram até agosto, num primeiro andar junto à Terceira Avenida, no Sul do Bronx. O porteiro do prédio disse que se tinham ido embora por terem, segundo disseram, «negócios importantes» em St. Louis. Deram-lhe uma morada nova e ele diz que lhes mandou umas cartas para lá.

– Isso não quer dizer que estejam mesmo lá – disse Cather.

– Claro que não, Orrie – respondeu Del, bruscamente, virando-se para Durkin. – Achas que não verificámos? Fred?

Durkin aproveitou a deixa.

– Tenho um bom amigo chamado Alvin, que está agora em St. Louis, um detetive com quem trabalhei quando estava a começar – disse. – Telefonei-lhe e dei-lhe a morada dos Harker, e ele foi ao apartamento, dizendo que era inspetor de pestes do município. James Harker engoliu a história toda e até mostrou ao Alvin a sua identificação, para provar a morada. O Alvin verificou umas coisas em seguida, e parece que os Harker forçaram a entrada no negócio de contrabando de álcool no Missouri através de um primo que lá têm. Arranjaram um belo negócio.

– Então podemos deixar os Harker de fora – concluiu Panzer. – Orrie, Bill: e os McCall?

– Também podes deixá-los de fora, Saul – respondeu Cather. – Um dos irmãos, de nome Ronald, mora nos Túmulos há já três meses.

– Os Túmulos? Que diabos é isso, um cemitério? – perguntei.

– Formalmente conhecido como Estabelecimento Prisional de Manhattan – esclareceu Panzer. – Porque é que está preso?

– Por fazer a vigarice do jogo da vermelhinha – respondeu Bill Gore. – Um polícia à paisana que ele tentou aldrabar prendeu-o. Parece que o Ronald não é exatamente um Einstein. Segundo a minha fonte, já é a sua terceira ou quarta viagem para a choça.

– Bem, isso deixa os Bagley – observou Del Bascom. – Que descobriram, rapazes?

Panzer reviu as nossas atividades recentes, e todos assentiram.

– Por isso agora só temos de os encontrar – disse ele.

– E que tal vermos nos hospitais? – perguntou Durkin. – Afinal de contas, o Orrie deu um tiro a um deles.

– Com todos os hospitais que temos, isso pode demorar uma eternidade – disse Panzer. – Além disso, o tipo pode ter ido diretamente a um médico desesperado por dinheiro para ser tratado, e ter-lhe pago para ficar calado. Há muitos médicos a tratar feridas de armas de fogo hoje em dia sem informarem as autoridades.

Cather riu-se.

– Bem, porque não? Esses rapazes não estavam propriamente com falta de dinheiro, pois não?

– Parece-me que, depois de o irmão ferido ter sido tratado, eles saíam da cidade – disse Gore. – Começariam uma vida nova noutro lugar.

– Não creio, Bill – disse Panzer. – É provável que pensem que ninguém sabe quem eles são. Afinal de

contas, o Haskell e o Bell morreram e eram talvez os únicos dois tipos que os poderiam denunciar. E acham que não os vimos muito bem durante o tiroteio. Não, creio que ficaram em Nova Iorque, onde se sabem orientar.

– Então o que fazemos agora? – perguntou Durkin.

Ninguém disse nada durante meio minuto. Por fim, quebrei o silêncio.

– Sei que sou o miúdo novo do grupo, mas não acredito que vocês os cinco, todos detetives veteranos, estejam perplexos. Será assim tão difícil encontrar estes dois?

– Muito difícil, Archie – argumentou Bascom. – É fácil uma pessoa perder-se nesta cidade. Lembras-te do vendedor de câmaras fotográficas que apanhaste? Quase se safou.

– Mas não se safou – respondi.

– Mas o Del tem razão – disse Panzer. – Há vários lugares onde os Bagley se podem esconder, e por muito tempo.

– E se oferecêssemos uma recompensa? – perguntei. – Todos vocês devem conhecer a vossa quota-parte de vigaristas, e alguns deles devem fazer alguma ideia do paradeiro dos Bagley. Ou será que os aldrabões todos se unem num código de silêncio?

Enquanto eu falava, Bill Gore corou.

– Está bem – disse –, é altura de confessar. Há anos, eu próprio fiz umas vigarices, coisas pequenas, antes de ficar honesto, se chamam a este nosso negócio honesto. De qualquer modo, o Goodwin tem razão. Quase todos estes tipos se venderiam um aos outros pelo preço de uma refeição decente ou de uma garrafa de *gin* feito na banheira. Conhecem a velha expressão «não há honra entre ladrões»? É verdade.

– Sim, mas onde vamos arranjar o dinheiro para oferecer? – rosnou Cather.

– O Wolfe deve estar cheio dele, com o que o Williamson lhe pagou para recuperar o filho – disse Durkin.

– Espera aí – interrompeu Panzer. – Creio que o Archie pode ter razão. Falarei com o Wolfe hoje e verei se ele alinha na ideia e arranja dinheiro para oferecermos. Concordo com o Bill que não vai demorar muito até aparecer alguém que nos fale sobre os Bagley.

Nessa tarde, estava sentado com Bascom no seu escritório a conversar quando ele recebeu um telefonema de Panzer.

– Isso é ótimo, Saul! – disse Del, para o auscultador. – Sim, o Archie e eu vemos-te lá. O Wolfe arranjou algum dinheiro que podemos usar – disse-me, depois de desligar. – Vamos encontrar-nos em casa do Panzer na Rua Trinta e Oito, entre a Lex e a Terceira Avenida, hoje à noite, e planear o que se segue.

Às sete e meia, estávamos sentados na grande sala de estar da casa de Panzer, no último andar de uma casa renovada. Era óbvio que ele se tinha saído bem como detetive por conta própria, como indicava o piano de cauda num canto e estantes até ao teto cheias de livros e relíquias, que incluíam pedaços de minerais e presas de morsa. Não sei nada sobre arte, mas os quadros de paisagens e retratos nas paredes pareciam-me poder estar num museu.

Como Wolfe, Panzer ignorava a existência da Lei Seca, oferecendo bebidas que iam desde cerveja e vinho até ao uísque, *bourbon* e *gin*. Todos aceitámos, eu um uísque com soda.

– Ora bem, como disse a todos ao telefone, Mr. Wolfe gostou da ideia de utilizar dinheiro para soltar línguas. Achei que podíamos dividir o dinheiro e avançarmos todos sozinhos, com a exceção do Archie,



que é tão novo que pode ir com o Del. Tenho um monte de notas de cinco para cada um. Ofereçam-nas com calma.

– Quem é que nos vai dizer alguma coisa por uma miséria de cinco dólares? – lamuriou-se Cather.

– Estás a brincar, Orrie? – perguntou Durkin. – O negócio das vigarices já não é o que era nesta cidade. O Bill tinha razão quando disse que quase todos estes tipos venderiam um colega vigarista pelo preço de uma refeição decente ou uma garrafa de quase tudo, quanto mais por uma nota de cinco.

– Raios, eu até sou capaz de trocar algumas dessas notas por notas de um – disse Bascom. – Alguns destes rapazes fazem o pino por uma nota com a imagem do Washington.

Panzer olhou para nós, um de cada vez.

– Toda a gente que aqui está, tirando o Archie, conhece muitos vigaristas ou pelo menos sabe onde eles se juntam. Não se consegue estar neste negócio durante muito tempo sem quase tropeçar neles em cada esquina. Por isso, cada um de vocês leva um monte de notas e vai para rua. Encontramo-nos aqui amanhã às onze, talvez com resultados.

– Isso não é muito tempo para descobrir alguma coisa – queixou-se Cather.

– Só que o Archie tem razão em dizer que andamos todos nisto há algum tempo e que não devemos deixar que isso nos demova. Vamos todos investigar – urgiu Panzer.

– Começamos agora mesmo? – perguntei ao Del, já na rua.

– Porque não? Só passa um pouco das nove, diabos. A noite é uma criança, especialmente no mundo da escumalha. Vamos começar num bar clandestino na esquina da Segunda Avenida com a Rua Vinte e Um, onde muitos desses aldrabões e patifes vão beber um copo nos intervalos das vigarices nas ruas.

Caminhámos até uma montra escura, com persianas.

– Parece fechado – disse eu.

– É assim que deve parecer – respondeu o Del, batendo com força na porta de madeira sem janelas. Abriu-se uma frecha.

– Bascom, raios me partam! – disse uma voz rouca. A porta abriu-se, revelando uma figura que fazia Nero Wolfe parecer magro. – Não te punha a vista em cima desde que o Hector era um bebé – disse o homem gordo com voz forte. – Entra.

– É bom ver-te outra vez, Tiny – disse o Del. – Realmente já passou algum tempo. Apresento-te o meu fiel companheiro, Archie.

– Prazer em conhecer, Archie. Qualquer amigo do Del... etc., etc.

A sala de teto alto estava pouco iluminada, mobilada de forma grosseira, e barulhenta, mas o sítio devia ter paredes grossas porque não se ouvia nada na rua. Encontrámos dois bancos ao balcão de madeira pouco tratada, e um tipo alto, magro, de barba e com cabelo grisalho comprido veio até junto de nós para anotar os nossos pedidos.

– Ora, se não é o velho Del – disse ele numa voz arrastada. – Pensei que tinhas arranjado um lugar melhor para beber hoje em dia.

– Tenho andado ocupado ultimamente – respondeu Bascom. – Archie, diz olá a Whiskey Dick, que gere este alegado estabelecimento.

– Que queres dizer com «alegado»? – ripostou Whiskey, tentando parecer ofendido, sem sucesso. – Só servimos a melhor clientela.

– Certo – disse Bascom –, isso se contares com bêbados, vigaristas, aldrabões de cartas e gatunos.

– Todos fios da grande tapeçaria que é a vida – observou o dono, servindo-nos duas cervejas.

– Dito como o verdadeiro dono de bar que és. O que tens ouvido nas ruas ultimamente?

– Ah, vieste cá para me sacar informação? Já devia saber, sendo tu detetive e tal. Ouço todo o tipo de coisas, e algumas até podem ser verdade.

– Dá-me umas amostras – disse Bascom, deslizando uma nota de cinco dólares pelo balcão. – Esta fotografia do Abe é mais do que a nossa conta.

– Não sei se tenho alguma coisa que esteja à altura dessa nota, Del. Posso dizer-te isto, no entanto: o pobre Barney Haskell foi alvejado no Bronx há uns dias – disse ele, enfiando a nota de cinco no bolso de uma forma elegante.

– Notícias velhas, Whiskey. Mas, já que falamos disso, fazes alguma ideia do que levou o Barney a ser apagado? Sempre o vi como um vigarista de segunda, inofensivo.

– E era realmente, Del – disse o empregado de bar, assentindo e pousando os cotovelos magros no balcão. – Ouvi dizer que ele se meteu em qualquer coisa que ia para lá da simples vigarice.

– Ah, sim? Como o quê?

Whiskey Dick debruçou-se no balcão e baixou a voz, o que era desnecessário devido ao ruído.

– Rapto – murmurou.

Bascom pareceu chocado.

– Barney Haskell envolvido num rapto? Acho difícil de engolir.

– Eu sei, eu também. Aparentemente, envolveu-se com um par de irmãos que planearam o rapto do filho de um ricaço, pelo menos é isso que tenho ouvido. E que tens a ver com isso, de qualquer maneira?

– Nada, provavelmente. Mas é uma história interessante, e eu gosto sempre de uma boa história. Fazes alguma ideia de quem são esses irmãos?

Os olhos raiados de sangue de Whiskey Dick semicerraram-se até serem duas gretas.

– Del, tu *estás* interessado, seu velho patife, ou não estarias a dar carcanhol. Por acaso essa nota de cinco tem uma prima?

– Pode bem ter, dependendo das respostas que obtiver. Agora, o que podes dizer-me sobre esses irmãos?

– Utilizam vários nomes, ou pelo menos é o que ouço dizer. Cunningham, Schmidt, Jasper, Bagley, talvez mais. Ao que sei, nunca cá vieram, felizmente. A história que sei é que trabalham mais para norte, principalmente no Bronx, e que são um par agressivo. Vou receber a nota de cinco agora? Sabes que há polícias com quem tenho de ser simpático se quiser manter isto aberto.

– Alto aí – disse Bascom, batendo com uma mão no bar. – O Archie e eu estávamos com esperanças que nos pudesses dizer onde os irmãos estão escondidos.

– *Estás* a brincar, Del? Como havia eu de saber isso? Não vigio todos os patifes de segunda que trabalham por aí.

– Talvez não, mas ouves dizer coisas. Por exemplo, sabias quem eram os raptos. Agora, eu adorava dar-te a segunda nota de cinco, mas não posso fazê-lo sem mais ajuda. Desculpa, mas é assim.

– Qual é o teu objetivo, Del? – perguntou Whiskey Dick. – E onde se encaixa o miúdo? – Apontou um polegar na minha direção.

– Responderei à segunda pergunta primeiro, seu velho contrabandista. Aqui o Archie é o jovem detetive mais inteligente que vejo desde há dez anos, talvez mais. Quanto ao meu objetivo, tenho um cliente que....

– Bem me parecia! E aposto que é aquele ricaço cujo filho foi raptado, não é?

– Não tenho liberdade para divulgar nomes, mas direi que há certas pessoas que estão extremamente interessadas em localizar esses irmãos.

– Aposto que sim; aqueles rapazes têm provavelmente uma mala cheia de dinheiro do resgate.

– É provável que tenhas razão – disse Del. – Agora vamos...

– Acho que talvez possamos chegar a acordo – disse Whiskey Dick, o seu rosto corado e bexigoso a assumir um sorriso com dentes tortos. – Se eu te conseguir encontrar os irmãos Schmidt, Bagley ou

Cunningham, seja lá qual for o nome deles, recebo uma parte de...

– É a minha vez de interromper, seu patife tagarela – disse Del, de forma severa. – Num minuto dizes que não fazes ideia de como encontrar esses tipos e, quando comesças a cheirar dinheiro a sério, de repente parece que consegues localizá-los. Porque me parece que tens a mão na minha carteira?

– Espera um segundo – respondeu o homem ao bar, erguendo as mãos como se a render-se. – Estava só a tentar ajudar-vos com o vosso problema.

– Está bem, está – disse Del com escárnio, debruçando-se para Whiskey Dick. – Ainda é possível que recebas aquela segunda nota de cinco, que tenho a certeza poder subornar muito bem um polícia. Afinal de contas, queremos que fiques aberto. Agora, como planeias encontrar os dois irmãos?

– Eu... não tenho a certeza, mas tive uma ideia. Mas é uma hipótese remota – disse o dono do bar.

– Nós gostamos de hipóteses remotas, não gostamos, Archie? – Eu assenti. – Diz lá – continuou Bascom, tirando uma nota de cinco do bolso e alisando-a no balcão.

– Bem, há um advogado que parece representar muitos dos vigaristas que já trabalharam de Staten Island a Yonkers, e todos os sítios no meio. Diz-se que safou muitas dessas personagens em tribunal, conseguindo apenas uma multa pequena ou uma advertência. É possível que conheça os dois que procuram.

– Como se chama?

– Harding.

– É parente do nosso falecido e pouco saudoso presidente?

Whiskey encolheu os ombros.

– Não faço ideia. O nome próprio dele é Stanley, ou talvez Steven. Nunca conheci o advogado, só ouvi o nome muitas vezes a tipos que falavam aqui dentro.

– Fazes ideia onde fica o escritório dele? – perguntei.

Ele abanou a cabeça e olhou com ar ansioso para a nota que estava no balcão.

– Força – disse Del –, pega nela, é tua. E toma pelas cervejas. – Pousou outro dólar no balcão. – Vamos, Archie. O Dick tem mais trinta clientes para servir. Não queremos monopolizá-lo.

Lá fora no passeio, virei-me para Del:

– O presidente Harding era do Ohio, meu estado natal.

– Faças o que fizeres, não te vanglories disso – respondeu. – Quanto mais depressa as pessoas se esquecerem desse vigarista, melhor.

## CAPÍTULO 25

– Já ouviu falar do tal Harding? – perguntei a Del quando nos afastámos do bar clandestino.

– Não, mas também não passei muito tempo com vigaristas – respondeu. – Mas parece um típico advogado duvidoso, especialmente pelo calibre da clientela.

Depois de caminharmos um quarteirão, entrei numa cabine telefónica, encontrando uma lista acorrentada à prateleira. – Aqui está, Stanley Harding, advogado, numa morada na Rua Catherine.

– No Lower East Side. Não é exatamente uma localização fina, apesar de eu não estar à espera que ele tivesse um escritório num arranha-céus do distrito financeiro ou na Avenida Madison – disse Del.

– Vamos vê-lo amanhã de manhãzinha?

– Não, Archie, temos tempo. Vamos apresentar-nos em casa do Saul às onze e ver o que os outros descobriram.

Fomos os primeiros a chegar a casa de Panzer no dia seguinte. Tinha uma cafeteira de café quente e *bagels* à espera.

– O teu café é tão bom como eu me lembrava – disse Del, saboreando o primeiro golo.

– É a chicória que ponho que faz a diferença – respondeu Panzer com um sorriso. – Agora já não consigo bebê-lo sem isso.

Os outros chegaram em catadupa, primeiro Durkin, seguido de perto por Cather e Gore. Panzer serviu todos de forma eficiente e sentámo-nos.

– Bem, quem quer fazer um relatório? – perguntou o nosso anfitrião.

– O Archie e eu tivemos uma noite interessante – disse Del. – Deixo que seja ele a contar-vos.

Relatei a nossa visita ao bar e a conversa com Whiskey Dick. Quando mencionei o nome Stanley Harding, Panzer e Orrie Cather começaram a rir-se. – O que tem tanta graça? – perguntei.

– Fala tu primeiro, Orrie – disse Saul.

Cather sorveu café e abanou a cabeça.

– Ontem à noite, procurei um vigarista especializado em aldrabices rápidas que conheço há anos, um maltrapilho que geralmente utiliza o nome Mercer, e ele disse-me que o homem que sabe mais sobre vigaristas nos cinco distritos é um advogado algo duvidoso chamado Harding. Pensei em ir vê-lo mais tarde hoje.

– É mesmo um mundo pequeno – disse Panzer, abanando a cabeça e sorrindo. – Tal como o Orrie, visitei um homem conhecido pela sua capacidade de separar otários do dinheiro que trazem. Alega não saber nada sobre o rapto Williamson, e apesar de não ser propriamente de confiança, nesta instância acredito nele. Quando lhe disse que havia dois irmãos que se dizia estarem envolvidos no rapto, ele também negou qualquer conhecimento deles ou do seu paradeiro.

«O que disse, no entanto, depois de eu lhe dar cinco dólares, foi que qualquer vigarista que se encontre em sarilhos com a lei irá provavelmente procurar a ajuda de um advogado chamado, adivinharam, Stanley Harding. Ele mesmo recorreu à perícia legal de Mr. Harding em mais do que uma ocasião quando arranjou problemas com a polícia, e disse que Harding lhe conseguiu uma pena leve. Fred e Bill, também vão contar que as vossas fontes mencionaram o mesmo indivíduo?»

Durkin e Gore abanaram ambos a cabeça e passaram a descrever as suas noites, que foram

essencialmente calmas. Quando acabaram, Panzer esfregou as mãos e olhou para todos nós.

– Cavalheiros, pergunto-me se estão todos a pensar o que eu estou a pensar?

– Deixa-me adivinhar – avançou Fred Durkin. – Vamos visitar Stanley Harding?

– Exatamente! – disse Panzer. – E fazemo-lo em grupo. Vejamos; são onze e meia. Se formos agora, podemos apanhá-lo no escritório antes de ele ir almoçar.

Amontoámo-nos em dois táxis e, quinze minutos depois, encontrávamo-nos numa rua com armazéns e outros edifícios anónimos a um quarteirão do rio East, onde duas estruturas, que depois vim a saber serem as pontes de Brooklyn e Manhattan, se arqueavam sobre a água cinzenta. A morada de Harding era um edifício de tijolo estreito de três andares, entalado entre duas outras estruturas igualmente velhas.

Subimos os seis por uma escadaria estreita até ao segundo andar, decidindo não confiar no elevador velho e no seu operador igualmente velho, que dormitava no banco, com uma revista erótica no colo. Pintadas a preto na parede de vidro ao cimo das escadas estavam as palavras S. HARDING ESQ. ADVOGADO. Panzer bateu uma vez no vidro e depois abriu a porta, enquanto uma voz de homem perguntava:

– Sim? Quem está aí?

Não havia ninguém sentado na secretária da sala de espera, onde presumi que uma assistente se sentaria, normalmente. A porta para o gabinete interior estava escancarada, e a voz falou outra vez.

Desta vez, Panzer disse:

– Mr. Harding? Há várias pessoas aqui para falar consigo.

– Entrem, entrem, por favor. A minha porta está aberta a todos.

Aceitámos a oferta, e o homem pequeno com cerca de cinquenta anos, que não podia medir mais de um metro e sessenta, mostrou-se chocado quando entrámos todos no seu gabinete pequeno e despido de decoração.

– Céus, céus, tantos – disse ele, endireitando os seus óculos de metal e passando uma mão na cabeça quase calva. – Como posso ajudá-los, cavalheiros? Receio não poder oferecer-vos cadeiras a todos. – Gesticulou para duas cadeiras com um encolher de ombros, em jeito de desculpa.

– Não há problema, nós ficamos de pé – disse Panzer. – Segundo sabemos, o senhor representa com frequência homens que... bem, que organizam uns jogos de azar e outras empreitadas duvidosas.

Harding assentiu e passou um dedo indicador pelo bigode fino e grisalho.

– Acredito de forma fervorosa que todos os americanos têm direito a uma defesa adequada e capaz em tribunal. Faz parte dos direitos de nascença de qualquer cidadão – disse ele, num discurso bem ensaiado.

– Estão todos à procura de advogado?

– De certa forma – respondeu Panzer. – Eu e os meus amigos andamos à procura de uns indivíduos e achamos que o senhor nos pode ajudar.

– Lamento dizer que as pessoas desaparecidas não são a minha especialidade. Para isso, têm de contratar um detetive privado – disse Harding, o seu rosto rígido a começar a revelar inquietação.

– Oh, acredito que nesta situação o senhor pode ser exatamente o que procuramos. Queremos localizar dois homens, irmãos que utilizam vários nomes, entre eles Jasper, Schmidt, Bagley e...

– Olhe lá, vieram ao lugar errado! – gritou Harding, levantando-se e apontando para a porta. – Quero que vão todos...

– Sente-se! – gritou Fred Durkin. – Creio que viemos ao lugar certo. – O Fred virou-se para Panzer.

– Concordo com o meu colega – disse Saul. – Como está a sua situação com a Ordem dos Advogados, Mr. Harding?

– O que quer dizer com isso?

– Exatamente o que disse. Pergunto-me se haverá mais queixas sobre si, porque eu e os meus amigos podemos decidir apresentar uma.

Harding tentou pegar no telefone, mas, antes de conseguir levantar o auscultador, a mão sapuda de Bill Gore agarrou-lhe no pulso. – Nada de telefonemas agora – grunhiu.

– Isto é um ultraje! – guinchou Harding. – Socorro! Socorro! – Desta vez, a mão de Bill Gore subiu ao pescoço do homem, agarrando-o. – Chega disso, ou vai ter uma boa razão para precisar de ajuda. Agora, sente-se e cale-se até acabarmos.

– Desculpe, mas o meu amigo tem mau temperamento – disse Panzer ao advogado. – Bill, já chega. Tenho a certeza de que o cavalheiro se vai acalmar agora, e espero que colabore. A situação é esta, Mr. Harding – continuou Panzer, sentando-se no canto da secretária e conversando como se fossem velhos amigos. – Uma coisa é defender e até albergar criminosos de pouca monta, como vigaristas que utilizam certos métodos para separar tolos gananciosos do seu dinheiro. Tudo bem, mas rapto é uma coisa diferente. Para ser mais exato, é um crime grave. E, neste caso particular, torna-se ainda mais notável porque se trata do filho de uma figura extremamente preeminente de Nova Iorque, que o senhor reconheceria de forma imediata.

– Eu... eu não faço ideia do que fala – disse Harding.

Panzer debruçou-se sobre o pequeno advogado.

– Eu acho que sabe, Mr. Harding. Os meus amigos querem saber exatamente onde podemos encontrar os irmãos mencionados, e não sairemos deste gabinete até sabermos onde esses homens estão. – Enquanto Saul falava, Orrie Cather tirou o revólver e começou a poli-lo com o lenço. – Voltemos à Ordem dos Advogados – continuou Panzer. – Parece-me provável que estejam interessados em saber que um dos seus membros, presumo que seja membro, conhece o paradeiro de alegados raptos.

– Não sabia nada sobre um rapto – gemeu Harding. – Eles disseram-me que... – Parou de falar a meio da frase, olhando para nós de forma nervosa.

– E o que lhe disseram? – perguntei, brusco.

– Ah, o que quero dizer é... bem... – Caiu na cadeira, de cabeça baixa.

– Mr. Harding, pode estar num grande sarilho, com a Ordem e com a Polícia – disse Panzer, paciente. – Também devo dizer-lhe que os homens que procuramos podem estar envolvidos em dois homicídios.

– Homicídio? Oh, meu Deus!

– É melhor falar connosco, e já.

– Mas, afinal, quem são vocês?

– Não interessa quem somos, para além de saber que não hesitaremos em denunciá-lo, por esconder o paradeiro de homens que são com certeza criminosos.

Harding produziu um som entre um suspiro e um gemido.

– Eles usam vários nomes, mas o seu apelido verdadeiro é Bagley. Eu era amigo do pai deles – disse.

Panzer assentiu.

– O lendário Barril de Cerveja.

– Também o conheceu?

– Só de reputação. Por favor, continue.

– Eu gostava do velhote – disse o advogado. – Os rapazes, bem, sempre pareceram arranjar sarilhos, apesar de limitarem as suas aventuras principalmente a pequenas vigarices. Não estou a vê-los meterem-se em rapto e homicídio, no entanto...

– Sim? – disse Cather. – Não pare agora.

– Apesar de terem um lado mau, mesmo em criança, o que me surpreendeu porque o pai, sendo um artista da vigarice, não tinha ponta de maldade. Fraudulento sim, mas nunca mau, que tenha memória.

– Interessante – disse Panzer. – Mas isso não nos ajuda a encontrar os irmãos. Sabe onde eles estão?

– Para que os querem?

- Isso é da nossa conta, Mr. Harding.
- Devo insistir numa coisa.
- Não está em posição de insistir, amigo – rosnou Durkin.

O advogado virou-se para Panzer.

– Por favor, Mr...?

– O meu nome não é importante, senhor doutor. O que quer?

– Se eu vos disser onde os Bagley estão, tem de me prometer não lhes dizer que fui eu a fonte.

– Isso podemos fazer – disse Panzer. – Mas estou curioso em relação a uma coisa. Como foi que eles

entraram em contacto consigo recentemente?

– Um deles, o Carl, telefonou-me ontem e disse-me que ele e o irmão estavam em sarilhos, não foi específico, e disse-me que talvez precisassem da minha ajuda. Quando perguntei onde estavam, para o caso de eu precisar de os contactar, ele contou-me.

– E agora vai contar-nos a nós.

Harding soltou outro suspiro.

– Estão num hotel na Avenida Webster, no Bronx, o Farnham.

– Sob que nome estão registados?

– Cunningham.

– Está bem – disse-nos Panzer –, vamos para o Bronx, exceto tu, Bill. Fica aqui e faz companhia a Mr. Harding até receberes uma chamada nossa. E nós não queremos que ele utilize o telefone, pois não?

– Com certeza que não – concordou Gore. – Na verdade, vou tomar posse do aparelho agora mesmo.

Alguma instrução para o caso de os irmãos em questão ligarem para este número?

– Não atendas chamadas durante uma hora, pelo menos. Quando ligarmos, serão duas vezes: eu desligarei após dois toques e depois telefonarei outra vez, passados segundos.

– Percebi. E comida?

– Leste-me o pensamento – disse Panzer. – Reparei que há uma charcutaria na esquina. O Archie e eu vamos lá buscar sanduíches para ti e para Mr. Harding. Que queres, Bill?

– Fiambre em pão de centeio – respondeu Gore. – Estou cheio de fome. Podes trazer duas?

– O dinheiro é do Wolfe, e tu estás em idade de crescimento. Feito! E o que podemos trazer para si, Mr. Harding?

– Não tenho fome – disse o advogado, petulante, cruzando os braços sobre o seu peito estreito, e amuando.

– Vá lá. Precisa de sustento – urgiu Panzer. – Tenho uma grande admiração por Mr. Gore, mas talvez não o ache grande companhia. Ele é bastante calado, por isso não é provável que haja muita conversa. Precisa de alguma coisa para passar o tempo, e o que é melhor do que comida?

– Oh, está bem – disse Harding, ainda amuado. – Carne de conserva em pão de centeio.

Já na rua, enquanto caminhávamos para a charcutaria, Panzer virou-se para mim:

– Queria falar contigo, só os dois. Estamos prestes a entrar numa fase nova desta operação, e preciso dos teus conselhos.

– Eu a aconselhá-lo a si? Parece-me que devia ser ao contrário.

– Não creio. Tenho-te observado nestes últimos dias, e aprecio os teus instintos e discernimento.

Vamos precisar dessas qualidades para avançar neste caso.

– E como acha que devemos enfrentar os Bagley?

– Vou responder a essa pergunta com outra: O que farias, Archie?

– Presumo que o plano é apanhá-los vivos.

– Presumes bem.

– Está bem, digamos que conseguimos fazer essa parte, darei mais pormenores dentro de um minuto. E depois?

– Entregamo-los a Nero Wolfe – disse Panzer.

– A polícia vai adorar isso – disse eu, com uma risada. – O Cramer vai ficar furioso.

– Sem dúvida. Mas foi o que Mr. Wolfe instruiu.

– Está bem, se é isso que foi acordado – respondi. – Agora que Bill Gore vai ficar aqui para vigiar o nosso amigo advogado, restamos cinco, todos armados, contra dois Bagley, também provavelmente armados.

– Continua – disse Panzer.

– Não sabem que os descobrimos, por isso temos o elemento da surpresa do nosso lado, não concorda?

Panzer assentiu.

– Concordo.

– Não aprendi tanto quanto devia ter aprendido no liceu, mas numa das aulas de História que frequentei, aprendi sobre táticas de diversão durante as guerras.

– E...?

– E acho que é isso que precisamos. Faz alguma ideia de como é o hotel no Bronx?

– Por estranho que pareça, faço – disse Panzer. – Uma vez apanhei um tipo que desviou fundos num quarto do Farnham, onde estava escondido com a namorada, uma flausina com o cabelo pintado de ruivo cujos melhores anos já haviam passado. Tem cinco ou seis andares, e está uns passos acima de um albergue noturno, bastante respeitável.

– Faz sentido – disse eu. – Os Bagley andam com muito dinheiro nesta altura. Até podiam pagar uma suíte no Plaza ou no Waldorf.

– Sem dúvida – concordou Panzer. – Estavas a falar de táticas de diversão, Archie. Continua.

– Podíamos tentar apanhar os irmãos no seu quarto de hotel, mas essa abordagem tem demasiados problemas. Para começar, como conseguiríamos que abrissem a porta? Podíamos tentar abrir caminho a tiro, claro, mas, com eles armados, corremos o risco de desencadear um tiroteio a curta distância, onde todos podem ficar feridos, ou pior. Temos de os fazer sair do edifício.

– Estou a ouvir – disse Panzer.

– O que faz com que as pessoas saiam de um hotel rapidamente?

Os seus olhos semicerraram-se.

– Archie, não me vais dizer que estás a planear um incêndio, pois não?

– É essa a minha ideia.

– Também é crime.

– Não é um incêndio verdadeiro, Saul. Um falso, mas que faz com que toda a gente saia a correr para a rua.

Panzer fez um sorriso torto.

– Um alarme de incêndio falso é crime, como calculo que saibas.

– Também o são rapto e homicídio.

– Está bem, diz-me exatamente como prevês que isto se desenrole, e dir-te-ei se acho que ficaste maluco.

Enquanto comprámos sanduíches na charcutaria, expus o meu plano ao pormenor a Panzer, vendo o seu rosto passar da descrença à surpresa e à aceitação, depois de volta à descrença e por fim aceitação outra vez.



## CAPÍTULO 26

Utilizando os assentos suplementares, apertámo-nos os quatro num táxi com direção a norte. Destino: o Bronx. Saul Panzer partira noutra táxi para informar Nero Wolfe dos nossos planos e para levar o sedã *Heron* de Wolfe, que esperávamos ser preciso mais tarde. Havíamos deixado Gore com Stanley Harding e, ao sairmos, o advogado aterrorizado não parou de nos implorar que não contássemos aos irmãos Bagley como os havíamos encontrado.

– Se ele continua com isto, vou amordaçar o estuporzinho – disse Bill.

O taxista parou a meio quarteirão do Hotel Farnham.

– É ali – disse ele, apontando para um edifício imponente de cinco andares feito de tijolo e pedra. Cather, Durkin, Bascom e eu saímos e ficámos no passeio à espera de Panzer.

– Continuo a dizer que este plano é uma confusão que nos vai deixar em sarilhos – lamentou-se Cather, como fizera todo o caminho no táxi. – Nem sequer sabemos se aqueles dois estão no quarto agora.

– É verdade – disse Bascom –, mas mais ninguém, incluindo tu, teve uma ideia melhor.

– Concordo – acrescentou Durkin. – Que temos a perder?

– Talvez as nossas licenças – ripostou Cather. – Já pensaram nisso?

– Vai correr tudo bem – assegurou Bascom. Como o mais velho entre nós, pela distância de uma geração, costumava ter um efeito calmante. Entrámos num café para um almoço rápido numa mesa junto à montra, a ver quando chegava o grande *Heron*. Estávamos a acabar quando o sedã encostou e Panzer saiu, olhando em volta.

Fui à porta do café e acenei-lhe para que entrasse.

– Estamos prontos? – perguntou.

– Sim! Tão prontos como havemos de estar – resmungou Cather. – O que achou Wolfe deste plano maluco?

– Arqueou as sobrancelhas quando comecei a descrever a operação – disse Panzer –, mas depois, quanto mais eu avançava, mais ele pareceu achar que podia resultar. Todos acham que reconhecerão os irmãos?

Assentimos.

– Está bem, todos sabem os vossos papéis? – perguntou Panzer. Mais assentimentos gerais, e, depois de a conta ser paga, saímos calmamente, atravessando a rua até ao hotel.

O átrio de tetos altos ainda tinha vestígios de uma prévia elegância, incluindo lustres finos, colunas acaneladas e um mural pintado com três metros de altura, ainda que esbatido, da linha do horizonte de Manhattan numa época anterior. Havia três personagens anciãos sentados em poltronas acolchoadas, dois a lerem jornais e outro que parecia dormir. O jovem rececionista de óculos estava sentado a falar ao telefone e não reparou quando caminhámos até à escadaria, passando ao lado do único elevador e do seu operador de uniforme.

Panzer permaneceu no átrio com um apito ao estilo policial, enquanto os restantes subiram as escadas. Eu parei no segundo andar, e sabia que Durkin iria para o terceiro, Bascom para o quarto e Cather para o quinto. Estávamos prontos. A espera não pode ter durado mais de trinta segundos, mas pareceu maior. Depois, o som do apito veio do fundo das escadas.

– Fogo! – gritei pelo corredor. – Fogo de lá de cima! Saiam, saiam todos! – As portas começaram a abrir-se, enquanto eu descia as escadas a correr, a ouvir os outros nos andares superiores gritarem as

mesmas palavras. – O fogo vem de lá de cima! – gritei, enquanto corria pelo átrio e me dirigia à porta.

Reconheci a voz forte de Fred Durkin, e creio que também apanhei a de Bascom. Na rua, encontrei-me com Panzer, e observámos enquanto as pessoas começaram a sair pela porta, muitas delas desarranjadas e aflitas. Um homem abotoava as calças de forma frenética, enquanto uma mulher com cabelo grisalho de chinelos agarrava um robe à volta da sua silhueta magra.

Durkin, Bascom e Cather foram dos primeiros a sair, e juntámo-nos do outro lado da rua, a observar os rostos aflitos dos hóspedes do hotel enquanto saíam para a luz do Sol, livres do que pensavam ser um inferno.

– Lá estão eles! – disse Cather, apontando para um par de homens magros e de cabelo escuro que saíram do edifício aos empurrões, dando uma cotovelada a um homem idoso. Os Bagley, e eram com certeza eles, atravessaram a rua, praguejando e rindo-se. Ficaram separados da multidão de hóspedes e espectadores, o que era perfeito para nós. Dirigimo-nos a eles devagar, sem que reparassem. Eles, como toda a gente, haviam-se concentrado no edifício e olhavam para cima, à procura de fumo e chamas.

Só se aperceberam de que estávamos atrás deles quando cada um sentiu uma coisa a espetar-se nas costas.

– Tem muita calma – disse Cather, empurrando o revólver contra o mais alto dos irmãos. – Um pio ou movimento da tua parte e estarás tão morto como as notícias de ontem. Se ainda não percebeste, esta arma tem silenciador, por isso o único som que haverá se te der um tiro será o da tua carcaça magra a cair ao chão.

Fred Durkin não falou tanto quanto Cather quando se dirigiu ao outro irmão por trás dele, mas, aparentemente, as palavras que não ouvimos foram eficazes, porque o tipo pareceu ficar aterrorizado. Então, todos nos aproximámos e rodeámos os Bagley, que foram revistados. Cada um tinha uma pistola automática, ambas as quais foram parar aos bolsos de Bascom. Depois, começámos a levá-los para o sedã *Heron*, quando dois carros dos bombeiros com as sirenes a uivar dobraram uma esquina e pararam em frente ao hotel.

O momento não poderia ter sido melhor para nós. A chegada dos carros dos bombeiros e das suas tripulações distraiu a multidão, que não nos prestou atenção quando levámos os irmãos pelo quarteirão abaixo, rodeando-os enquanto os puxávamos e empurrávamos para o carro.

– Vocês não parecem polícias – rosnou o mais alto – e isto não parece mesmo um carro-patrolha.

– Não te preocupes com isso. No que te diz respeito, é como se fôssemos polícias – ripostou Panzer. – Orrie, vai buscar as algemas. – Cather tirou dois pares de algemas do bolso e começou a colocar um deles num dos irmãos, que se sacudiu e puxou um punho atrás como se fosse dar-lhe um soco. Eu bati-lhe na têmpora com a coronha do meu revólver *Webley* e ele soltou um uivo, que não foi ouvido a mais de três metros por causa das sirenes dos bombeiros.

– Calma, Archie – disse Panzer. – Tenho a certeza de que estes rapazes se vão portar bem agora.

Assim fizeram, deixando que os algemássemos. Depois, foram enfiados no *Heron*.

– Está bem, é assim que isto vai ser – disse-lhes Panzer, enquanto, lado a lado, olhavam furiosamente do banco de trás. – Vamos levar-vos, não importa para onde, e este meu amigo – apontou para Cather – vai à frente comigo, mas vai observar-vos o tempo todo. E ele é do tipo nervoso, especialmente quando tem uma pistola na mão, por isso não vão querer fazer nada que o aborreça. Entenderam-me?

Ambos os irmãos estavam a suar agora.

– Nós temos dinheiro, montes dele, por isso... talvez possamos fazer um acordo, hã?

– Falaremos de dinheiro mais tarde – disse Panzer, afastando-se do automóvel para falar connosco enquanto Cather passou para o banco da frente com a pistola em riste, olhando para os Bagley de modo malicioso. – Vou levar estes rapazes para casa do Wolfe – disse Saul a Durkin, Bascom e a mim. –

Estejam onde vos possa contactar aos três, está bem?

– Que tal o meu escritório? – disse Del, escrevinhando o seu número de telefone numa folha e entregando-a a Saul.

– Muito bem. Ah, e telefonem ao Gore a dizer-lhe que pode sair do escritório do advogado. Vamos precisar de todos mais tarde, por isso digam ao Bill que também vá para o teu escritório.

– Qual é o plano? – perguntei.

– Vais descobrir em breve, Archie. Todos vão descobrir, assim que eu também souber, mas creio que Mr. Wolfe vai montar um dos seus espetáculos, provavelmente hoje à noite. – Depois de dizer isso, sentou-se ao volante do *Heron* e arrancou com dois irmãos algemados no banco de trás e um detetive de mão nervosa no gatilho a olhar para eles com malícia, do banco da frente.

Virei-me para Durkin e Bascom.

– A que espetáculos do Wolfe é que o Saul se refere?

Ambos os homens sorriram.

– Prepara-te para uma noite interessante e invulgar – foi a única coisa que Durkin disse, e Del limitou-se a assentir em concordância.

## CAPÍTULO 27

Wilda fez uma cafeteira de café de fim de tarde para nós os quatro, e sentámo-nos no gabinete de Bascom a beber de canecas. Para mim, foi mais uma sessão educativa sobre o mundo dos detetives privados em Nova Iorque, enquanto o trio de veteranos trocava histórias.

– Então lá estava eu, no *ferry* de Staten Island para sul, a seguir um fuinha que andava a roubar carteiras às passageiras dos barcos – contou Bill Gore. – A companhia dos *ferries* contratou-me para o apanhar porque ele era matreiro e ninguém o vira. Além disso, o tipo tinha jeito para disfarces, por isso as descrições das vítimas nunca coincidiam.

– Nesse caso, como sabias que estavas sequer a seguir o tipo certo? – perguntou Bascom.

Gore sorriu.

– Boa pergunta, Del. Por essa altura, eu já estava a investigar o caso há uma semana, e estava sempre a ver uma pessoa a vaguear pelo *ferry*, a caminhar de uma ponta a outra, só que era sempre um homem diferente, ou assim pensei. Fiquei com suspeitas porque os tipos eram todos mais ou menos do mesmo tamanho, e por fim percebi que eram todos a mesma pessoa.

«De qualquer forma, achei que dessa vez o tinha apanhado. Vi-o dirigir-se a uma mulher bastante grande junto à borda, com a carteira aos pés. Ele aproximou-se dela devagar e baixou-se para apanhar a carteira. Quando ele a agarrou, ela virou-se, gritou, e deu-lhe uma joelhada forte na virilha. O grito seguinte foi dele, que se dobrou quando ela lhe pisou a mão com o sapato de salto alto, amaldiçoando-o com palavras que nem alguns marinheiros conhecem.

– Então ganhaste o teu dinheiro – disse Durkin.

– Não exatamente. Eles pagaram-me pelo meu tempo, realmente, mas a mulher recebeu o dinheiro que me teriam dado por o apanhar em flagrante. Mas como podia eu discutir? Ela caiu-lhe em cima como um relâmpago. Uma mulher dura.

– Sim, e não querias lutar com ela pelo dinheiro – observou Bascom. – Não depois do que ela fez ao patife.

– Lembra-me de um caso que tive há uns anos – disse Durkin. – Havia um falsificador que tinha... – Foi interrompido pelo toque do telefone.

Bascom atendeu o seu aparelho antes de a Wilda conseguir atender na sua sala.

– Saul! Sim, estamos todos aqui. Sim, certo. O Bill deixou aquele advogadozinho, o Harding, bastante abalado, preocupado que os Bagley vão atrás dele por os ter denunciando... Não, suponho que não tem de se preocupar com isso, realmente... quando? Oito e meia, em casa do Wolfe? Todos? Lá estaremos.

Pousou o auscultador e virou-se para nós.

– Pronto, o espetáculo está montado, rapazes. Temos de estar em casa do Wolfe às oito e meia para receber instruções. Os convidados chegam às nove.

– Convidados? – perguntei.

– Ah, sim, Archie, bastantes. De certeza que vais achar a noite interessante.

Fritz Brenner abriu a porta de casa e convidou-nos a entrar. Tinha uma expressão preocupada no rosto.

– Está tudo bem? – perguntou Durkin.

– Um caso desagradável – disse Fritz, abanando a cabeça. – Homens desagradáveis, caso

desagradável. – Presumi que estivesse a falar dos Bagley, mas podia estar a referir-se a nós entrarmos e perturbarmos a santidade da residência de Wolfe.

Fomos pelo corredor até ao escritório, que estava cheio de cadeiras.

– Parece que vai haver uma palestra hoje à noite – observei.

– De certo modo, tens razão – disse o Panzer. Estava sentado numa das cadeiras amarelas, a tomar apontamentos num bloco.

– Pode dizer-se que Nero Wolfe vai ser a pessoa que vai dar a palestra?

– Absolutamente, Archie, e, como podes ver, vai ter um público grande. Estou a ver onde todos se vão sentar.

– E todos são...?

– Os Williamson, para começar, pai, mãe e filho. Depois, todo o pessoal doméstico. E com certeza que não nos queremos esquecer do inspetor Cramer, que vai trazer o sargento Stebbins consigo.

– Esse nome é novo para mim.

– Ah, então ainda não conhecestes Purley Stebbins. – Saul virou-se para Durkin. – Achas que o Archie vai gostar?

– Não diria gostar – respondeu o Fred. – O que acham, rapazes? – Del Bascom fez um gesto com o polegar para baixo e Bill Gore limitou-se a abanar a cabeça.

– Isso responde à pergunta – disse eu. – Onde está Wolfe?

– Oh, vai ser o último a entrar – respondeu Durkin. – Gosta de fazer uma entrada em grande.

– Está bem. E o Orrie Cather?

Panzer sorriu de forma suave.

– Está na cave, com dois dos nossos convidados. Na verdade, Bill e Fred, porque não vão lá abaixo fazer-lhe companhia? Tenho a sensação de que o Orrie não adora a ideia de ser o único carcereiro daqueles cretinos. – Os dois homens grandes encolheram os ombros, indicando a sua falta de interesse, mas saíram do escritório como lhes haviam instruído.

– Só assisti a duas das grandes noites de Wolfe – disse Del Bascom. – Como achas que esta vai correr?

– Nem vou tentar adivinhar – respondeu Panzer. – Eu estava aqui quando Mr. Wolfe ligou a convidar o inspetor Cramer, e consegui ouvi-lo gritar pelo auscultador a três metros de distância, por isso o chefe da Brigada de Homicídios local não virá com a melhor das disposições.

Bascom fungou.

– Quando é que o Cramer está com boa disposição?

– Bem visto, Del. Que me lembre nunca, pelo menos não quando está sentado neste escritório.

– Porque se dá ao trabalho de vir aqui? – perguntei.

– Acha que não pode dar-se ao luxo de não vir – disse Panzer. – Eles têm as suas desavenças, para não dizer pior, mas o Cramer sabe muito bem que Mr. Wolfe é inteligente, e sabe também a frequência com que fez o trabalho da polícia nos últimos anos. Não gosto demasiado do inspetor, mas também não o invejo.

– Como é que o tipo mantém o emprego?

– Uma coisa que deves saber, Archie, é que o inspetor Cramer não é de todo burro. Como Mr. Wolfe já observou em algumas ocasiões, incluindo aqui mesmo na outra noite, o inspetor é corajoso, honesto e inteligente na maior parte do tempo. No entanto, quando está nesta sala tende a perder as estribeiras.

– E hoje à noite pode realmente perdê-las – disse Bascom.

– Isso não seria uma surpresa – concordou Panzer. – Ora bem, acho que estamos prontos para a multidão. Como podes ver, o Fritz montou o carrinho das bebidas e acho provável que tenha clientes.

Às nove menos cinco, a campainha tocou, e Fritz trouxe para o escritório o inspetor Cramer, já zangado

e acompanhado por um tipo desajeitado, de rosto magro e orelhas grandes, maxilar quadrado e uma expressão tristonha.

– Inspetor, sargento – disse Panzer. – Purley, conhece Del Bascom, mas creio que ainda não conheceu Archie Goodwin, que trabalha conosco.

Purley Stebbins assentiu na minha direção de forma séria, sem dizer nada. Devolvi o aceno de cabeça e a expressão séria, sem nada dizer também.

– Onde está o Wolfe, raios? – gritou Cramer. – E porquê estas cadeiras todas? Achei que ia ser uma reunião com o Williamson.

Como se em resposta à pergunta do inspetor, a campainha voltou a tocar, e a voz de Burke Williamson foi ouvida no corredor. Não parecia feliz.

– Ora bem, onde está o Wolfe? – perguntou, ao entrar no escritório. – Trouxe a minha mulher, o meu filho e todo o meu pessoal doméstico, como ele insistiu. Tivemos de trazer dois carros, e não sei bem porque tudo isto é... oh, é você – disse ele, subitamente reparando em Cramer.

– Incrível, não é? – observou o inspetor. – O Wolfe estala os dedos e todos saltamos, como um grupo de focas amestradas. Ele até me disse que trouxesse um carro-patrolha. É melhor que isto valha a pena. – Enquanto falava, o grupo de Williamson entrou, liderado pela sua mulher e filho.

– Olá, Archie! – disse o Tommie, sorrindo quando me viu. – Sempre vamos ao jogo de futebol?

– De sábado a uma semana – respondi. – Certo, Mr. Williamson?

– Hã? Oh, sim, sim – disse Williamson, momentaneamente confuso. – Sim, vamos os três. O jogo com Princeton.

– Se posso chamar a atenção de todos – disse Panzer enquanto o pessoal dos Williamson entrava, enchendo a sala. – Alguém quer uma bebida? – Gesticulou na direção do carrinho, com as suas garrafas, copos e gelo.

– Sim, aceito um uísque, obrigado – disse o barão dos hotéis, virando-se para a mulher. – E tu, querida?

Lillian Williamson recusou com um abanar da sua cabeça bem penteada, talvez por não querer que os empregados a vissem beber.

Depois de entregar o uísque a Williamson, Saul Panzer sentou toda a gente de forma eficiente. Cramer ocupou o lugar que me apercebi ser o seu habitual, na cadeira de couro vermelho junto a uma das pontas da secretária de Wolfe. Os Williamson, pai, mãe e filho, sentaram-se nas três cadeiras amarelas na fila de frente que lhes foram oferecidas, com o seu pessoal na fila atrás da sua, sem nenhuma ordem específica que eu pudesse discernir. Quem estava mais perto de mim, no fundo da sala do lado esquerdo, virado para a secretária de Wolfe, era Waverly, o mordomo austero, que não pareceu confortável longe do seu ambiente.

A seu lado, estava a minha velha amiga Mrs. Price, a cozinheira, que me atirou um beijo e piscou o olho ao sentar-se. A seguir, por ordem, estava a jovem e nervosa Mary Trent, o jardineiro agressivo Lloyd Carstens, Emily Stratton a fungar, Sylvia Moore comedida, e Mark Simons com um sorriso de escárnio. Miss Stratton, Carstens e Simons apontaram todos os seus olhares mais reprovadores na minha direção. Já que não via Gentry, o meu sucessor como motorista, presumi que estava lá fora a vigiar os valiosos automóveis de Williamson.

O sargento Purley Stebbins, tendo rejeitado a oferta de uma cadeira por parte de Panzer, ficou ao fundo da sala, com os braços cruzados sobre o peito e o volume formado pelo seu coldre de ombro sob o *blazer*.

Del Bascom e eu sentámo-nos no sofá, deixando espaço para Panzer, que foi à secretária de Wolfe e tocou a campainha sob a gaveta central.

– Mr. Wolfe juntar-se-á a nós em breve – disse ele, obtendo um coro de queixas como resposta. Cerca de trinta segundos depois, Wolfe entrou, reconhecendo a presença da multidão com um aceno de cabeça rápido.

– Obrigado a todos por terem vindo – disse ele, ao sentar-se. – Já foram servidos todos o que queriam bebidas?

– Não estamos aqui para conviver, Wolfe – disse Cramer de forma rude, pegando num charuto e enfiando-o na boca.

– Claro que não, mas não estaria a cumprir o meu dever de anfitrião se não oferecesse. Mais alguém quer alguma coisa, para além de Mr. Williamson? – Olhou para um mar de rostos impassíveis e em silêncio, encolheu os ombros, e começou a tocar a campainha para pedir cerveja. No entanto, Fritz devia estar à espera junto da porta do escritório porque, passados segundos, pousou duas garrafas e um copo na secretária, à frente de Wolfe.

Depois de beber um primeiro golo, Wolfe observou o seu público e passou a dizer os nomes, da esquerda para a direita, dos membros do pessoal doméstico de Williamson. Pareceu-me que queria dar nas vistas, já que nunca vira nenhum deles, mas longe de mim questionar os motivos de um alegado génio. Bebeu um segundo golo, secou os lábios com um lenço e endireitou o seu corpo volumoso.

– Se me permitem, quero desfazer quaisquer enganos que existam: devem todos ter noção de que não tenho cliente – disse Wolfe. – Mr. Williamson contratou-me para recuperar o seu filho aos raptos, são e salvo. Depois de essa tarefa ser cumprida, ficou satisfeito, mas eu não. Não pretendo desrespeitar o meu antigo cliente – continuou Wolfe –, mas achei execrável que quaisquer raptos, especialmente de crianças, ficassem à solta. Decidi, com a ajuda de um grupo de homens que inclui estes aqui sentados no sofá, encontrar os espertalhões e apanhá-los. E assim fiz. – Calou-se, para deixar que as suas palavras fossem assimiladas, enquanto a sala se encheu de murmúrios e exclamações.

– É melhor que se explique, que diabos! – rugiu Cramer, batendo com o punho na secretária de Wolfe.

– Assim farei, senhor inspetor. Por favor deixe-me continuar. Desde o início que pareceu muito óbvio que esta operação fora feita a partir de dentro e de fora. Agora quanto...

– Então está a dizer que Charles Bell esteve realmente envolvido no plano – interrompeu Burke Williamson.

Wolfe ergueu uma palma.

– Se faz o favor, Mr. Williamson, gostaria de continuar sem interrupções. Haverá muito tempo a seguir para discutir. Agora, quanto à parte exterior do plano de rapto: como disse há um instante, pelo trabalho muito capaz dos detetives ao meu serviço, os homens que raptaram o Tommie, e que também receberam o dinheiro do resgate, foram apanhados e estão agora sob este teto, e presos.

– Não presos pela polícia, por Deus! – uivou Cramer. – Quero esses homens, e quero-os agora mesmo!

– E tê-los-á, inspetor – respondeu Wolfe, de forma calma. – Saul, se fazes o favor. – Panzer levantou-se e saiu da sala, enquanto Cramer ficou furioso e Purley Stebbins enfiou uma mão no *blazer*.

Nunca esquecerei a cena seguinte. Os dois Bagley, com olhares furiosos e pulsos manietados à sua frente, foram trazidos para a sala por Orrie Cather, com um sorriso enorme, seguido por Fred Durkin e Bill Gore. Houve bocas abertas, arquejos, e Mrs. Price levantou-se de um salto, apontando um dedo gordo a um dos Bagley:

– É ele! É o que entrou na minha cozinha com as mercearias que eu não encomendei! É o homem, é sim!

– Antes de Wolfe poder apresentar os irmãos, Stebbins avançou na sua direção.

– Eu tomo conta da situação agora – disse, de forma severa, sacando do revólver.

– Sargento, estes irmãos utilizam vários nomes e apelidos – disse Wolfe –, apesar de parecer provável que as suas certidões de nascimento digam Chester e Calvin Bagley. É mais do que provável que tenham

matado Barney Haskell e Charles Bell.

– E como supõe que determinemos isso? – disse Cramer.

– Quem tem as armas deles? – perguntou Wolfe.

– Tenho eu, aqui dentro – disse Fred Durkin, que ergueu um saco de papel.

– Inspetor, estas armas foram retiradas aos Bagley. Se conseguir que o novo gabinete de balística forense faça uns testes, estou confiante que descobrirá que uma ou ambas estas armas dispararam os tiros que mataram os senhores Haskell e Bell.

– Não tente ensinar-me a minha profissão – disse Cramer.

– Longe de mim querer fazê-lo – disse Wolfe, enquanto Stebbins levava os Bagley, presumivelmente para o carro-patrolha à espera. A última coisa que ouvimos deles, creio que de Chester, foi uma exigência para falar com o advogado.

– Bem, voltou a meter-se nos assuntos da polícia – rosnou Cramer, levantando-se.

– Se fizer o favor, senhor inspetor – disse Wolfe –, eu estava prestes a rever os aspetos internos do rapto e as razões das mortes dos dois homens.

O inspetor resfolegou, mas sentou-se.

– Parece-me que os «aspetos internos», como lhes chama, consistem na colaboração do motorista com esses irmãos.

– Em parte – concordou Wolfe. – Os Bagley conheciam Mr. Bell, de algum modo. Talvez a investigação da sua brigada descubra a ligação. O que aconteceu, provavelmente, é que os Bagley abordaram o motorista dos Williamson e o convenceram a fazer parte do plano para raptar o Tommie e pedir um resgate. Então, uma de duas coisas aconteceu quase de certeza: ou os irmãos recuaram no acordo, ou Mr. Bell exigiu uma parte maior do que a previamente acordada. Em qualquer dos casos, tornou-se dispensável aos olhos dos Bagley.

– Já que alega ser tão inteligente – ripostou Cramer –, porque foi esse tal de Haskell parar também à morgue?

– Admito que é conjectura, mas parece provável que Mr. Haskell, um vigarista de pouca monta que vivia à margem da sociedade, tenha sabido do plano de rapto por canais do submundo e tenha pressionado os Bagley para obter parte do lucro, ameaçando-os com denúncia se não entregassem um pagamento substancial. Tal como Mr. Bell, tinha de ser eliminado.

Cramer roeu o charuto, olhando para Wolfe sob sobranceiras espessas.

– Está bem, avancemos para o que denomina de «aspetos internos».

Wolfe bebeu cerveja e pousou o copo.

– Avancemos, pois. Há uma pessoa nesta sala que deve arcar com alguma da responsabilidade pelo rapto de Tommie Williamson.



## CAPÍTULO 28

Se a intenção de Wolfe foi chocar ainda mais o seu público, ganhou o *jackpot*. Os membros do pessoal doméstico tornaram-se tensos e olharam de lado uns para os outros. Lillian Williamson amassou as mãos e o Tommie olhou para mim com um sorriso.

– É melhor saber do que fala – disse Burke Williamson, severo.

– Digo o mesmo – rosnou Cramer. – Há uma coisa chamada calúnia, e foi ouvido por muitas testemunhas.

– Conheço as leis – disse Wolfe, claramente satisfeito com o alvoroço que causara. – Depois de identificar o indivíduo em questão, convido qualquer pessoa que queira a instaurar-me um processo em tribunal.

Observei o grupo, tentando ver alguém com uma expressão culpada ou nervosa no rosto, mas a única coisa que vi foram caras chocadas. Tínhamos um ator ou atriz muito bons no meio de nós.

– Não que eu acredite em si necessariamente, mas quem é? – perguntou Williamson, debruçando-se para a frente e olhando de forma furiosa para Wolfe.

– Não tente apressá-lo – disse Cramer. – Já participei nestes melodramas e ele anda à sua velocidade própria, independentemente de ser forçado ou não.

– O senhor, um agente da lei, intimidado por este homem?

– Eu *não* estou intimidado – retorquiu Cramer, zangado. – Mas já que estamos todos aqui, estou disposto a ouvi-lo, Mr. Williamson. Lembro-me de que o elogiou há pouco tempo por ajudar a libertar o seu filho.

Por enquanto, isso silenciou o magnata dos hotéis, que voltou a sentar-se na cadeira com um olhar desconfiado.

Todos os olhares se focaram em Wolfe, que pareceu decidido a demorar-se.

– Quanto mais descobria sobre o rapto, mais reconhecia que teve de ser uma operação complexa e bem coordenada, e que requereu vários indivíduos a trabalhar juntos – disse. – Duas dessas pessoas, pelo menos, tinham de ser membros do pessoal dos Williamson. Pareceu-me conclusivo que Mr. Bell era uma delas. Numa tentativa de identificar as outras pessoas envolvidas, enviei Mr. Goodwin para trabalhar entre elas, como guarda-costas do Tommie e motorista.

– Nunca me pareceu motorista – disse Carstens, trocista. – Demasiado jovem, para começar. E claro que todos sabíamos que estava lá como uma espécie de detetive. Também é bastante novo para isso.

– Talvez – concedeu Wolfe –, mas, apesar de ser jovem, tem capacidades, entre elas um sentido de observação bem desenvolvido e a capacidade de repetir conversas extensas palavra a palavra. O segundo atributo tem sido especialmente útil, mas falaremos sobre isso mais tarde. – Fez uma pausa para beber cerveja. – Ao rever os acontecimentos que antecederam o rapto, fiquei intrigado com o alegado telefonema que levou Miss Moore para a casa, deixando o Tommie sozinho no jardim.

– Oh, houve realmente um telefonema – atestou Waverly. – Estava no salão quando ouvi o aparelho a tocar. Estou disposto a jurar. Miss Trent atendeu o aparelho e disse algo como «Oh céus, oh céus!» e depois correu para as portas do terraço para chamar Miss Moore.

– Fica anotado, senhor – disse Wolfe ao mordomo, virando a sua atenção para Sylvia Moore. – Segundo sei, a sua mãe na Virgínia tem estado gravemente doente, com problemas de coração. É correto?

Ela assentiu de forma séria.

– É sim, senhor.

– Qual é a condição médica dela neste momento?

– Está muito melhor, obrigada.

– Visitou-a recentemente?

As faces de Sylvia coraram.

– Não, não a visito há vários meses. Mas na verdade devia fazê-lo.

– Sim, devia fazê-lo de facto. Conte-nos do telefonema.

– A Mary, Miss Trent, chamou-me do terraço, a dizer que estava um homem ao telefone a dizer que tinha de falar comigo imediatamente, que era um assunto de vida ou de morte. Claro que pensei logo na minha mãe. Fiquei terrivelmente transtornada, como qualquer pessoa nessa situação ficaria.

– Compreensível – disse Wolfe, virando-se para Miss Trent. – Lembra-se das palavras exatas ditas pelo homem que ligou?

A jovem mexeu-se na cadeira, claramente inquieta com a atenção que estava centrada nela.

– Foi como Miss Moore lhe disse – explicou, pigarreando. – O homem pareceu muito agitado e disse que tinha de falar com ela imediatamente, que era um caso de vida ou morte. Foram essas as palavras que utilizou. Eu sabia da mãe dela, por isso corri para o terraço e chamei-a para vir ao telefone.

– Reconheceu a voz?

– A princípio achei que talvez sim, mas agora não creio.

– Quem pensou que fosse inicialmente?

Ela olhou para o colo.

– Preferia não dizer.

– Vá, vá, Miss Trent. Estamos a investigar um rapto e dois homicídios. Não é altura de ser tímida.

– Ele tem razão – disse Cramer. – Responda à pergunta, ou pode dar por si a ter de a responder num ambiente muito menos agradável.

Ela inspirou e expirou lentamente.

– A voz pareceu-me a de... bem, de Mr. Simons.

– Isto é ridículo e calunioso! – disse o responsável pelos estábulos de forma brusca, levantando-se. – Não tenho de ficar aqui a ouvir isto. – Dirigiu-se à porta.

– Se gosta do seu emprego, sente-se agora! – rosnou-lhe Burke Williamson. Simons sentou-se.

Wolfe voltou a virar-se para Sylvia Moore.

– Diga-nos exatamente o que aconteceu quando atendeu o telefone.

– Nada. Isto é, não estava ninguém do outro lado. Devo ter gritado várias vezes ao auscultador. Entrei em pânico, e... esqueci-me completamente do Tommie. – Olhou com ar triste para o rapaz e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Ele sorriu-lhe, como se a dizer «não guardo rancor».

– Não lhe ocorreu, Mr. Waverly, ou a si, Miss Trent, olhar para o jardim para ver se o Tommie estava bem enquanto Miss Moore estava ao telefone?

O mordomo, claramente envergonhado, abanou a cabeça e ficou calado. A empregada continuou a olhar para o colo.

– O telefonema é, claro, a chave para tudo que aconteceu depois – anunciou Wolfe.

– Não acredito que tenha havido sequer um telefonema – disse Cramer, olhando intensamente para Mary Trent.

– Aí, tenho de discordar. Mr. Waverly e Miss Trent ambos atestam ter ouvido o toque, e Miss Trent diz-nos que ouviu uma voz de homem no aparelho. Creio que foi feita uma chamada, uma chamada pensada para coincidir perfeitamente com a chegada de uma carrinha fechada com mercearias ao jardim, mercearias essas que Mrs. Price disse não ter encomendado.

– Isso é verdade – declarou a cozinheira. – Nunca tinha ouvido falar daquele comerciante, e até o procurei nas listas telefônicas de Nova Iorque mais tarde. Não vinham na lista.

Wolfe assentiu.

– Dada a sua reação há momentos, posso partir do princípio de que estará disposta a identificar um dos homens que saíram daqui algemados?

– Sim, de facto, senhor. Era ele, sem dúvida nenhuma. Nunca esquecerei aquela cara enquanto for viva – afirmou Mrs. Price de forma dramática, cruzando os braços rechonchudos sobre o peito para sublinhar a sua certeza.

– Vai ter notícias nossas – disse-lhe Cramer. – Pronto, Wolfe, está agora pronto para partilhar connosco a sua conjectura?

– Não é conjectura, mas sim um facto. Já identifiquei as pessoas no mundo dos Williamson que acho terem conspirado no rapto. Terá de acreditar em mim quando lhe digo que, mesmo antes do seu desaparecimento e homicídio, eu já tinha marcado Mr. Bell como um dos participantes do plano dentro da casa.

Cramer escarneceu.

– E suponho que vai demorar o tempo que lhe apetecer até nos dizer quem mais esteve envolvido no plano.

– Só o tempo que demorar a explicar o meu raciocínio, senhor inspetor. De volta ao telefonema. Dadas todas as linhas exteriores que há na propriedade dos Williamson, a chamada poderia ter vindo de várias localizações: da cozinha, dos estábulos, da estufa, da garagem, de um quarto do andar de cima, até do escritório de Mr. Williamson. De todos estes lugares, os telefones com a melhor vista sobre o caminho que curva até às traseiras da casa são os da garagem e dos aposentos de Mr. Bell sobre a garagem.

– Não é preciso ser um génio para descortinar isso – disse Cramer, amargo.

– Não, não é. Mr. Bell, tal como o resto do pessoal, ele poderia ter facilmente sabido que o Tommie estaria lá fora a recolher folhas com Miss Moore. Sei que todos discutem as atividades da casa quando se juntam para as refeições – disse Wolfe, olhando para todos.

– Bastantes vezes – disse Mrs. Price. – Não me lembro se o projeto das folhas veio à baila. Alguém se lembra?

– Oh, tenho quase a certeza que mencionei qualquer coisa relacionada com isso – disse Sylvia Moore. – Falo sempre muito sobre o que o Tommie e eu andamos a fazer. Algumas pessoas gostam de saber das atividades dele. – Voltou a olhar para o rapaz, e voltou a obter um sorriso da sua parte.

– Então a chamada foi feita, e Miss Moore é levada para a casa, aterrorizada, com medo do estado da mãe – continuou Wolfe. – Os raptos têm de agir depressa, e assim fazem. O irmão que finge ser merceeiro sabe que será rejeitado na cozinha e vai embora, apesar de ter ocupado Mrs. Price tempo suficiente para o Tommie ser levado para a traseira sem janelas da carrinha pelo segundo irmão. Da mesma forma, Miss Moore está ocupada ao telefone, sem resultado, durante os mesmos breves minutos.

«O mordomo, Waverly, e Miss Trent estão ambos presumivelmente tão distraídos pelo pânico de Miss Moore ao tentar falar com alguém do outro lado da linha que se esquecem de vigiar o Tommie. Os raptos apostam, e bem, que Miss Stratton e os senhores Carstens e Simons estão tão ocupados com o seu trabalho noutros pontos da propriedade que o rapto do rapaz passará despercebido. Em geral, foi uma operação eficiente e bem executada.

Burke Williamson pigarreou.

– Parece ter acabado de refutar a sua teoria de que alguém do meu pessoal para além de Charles Bell esteve envolvido neste caso feio.

– Não era essa a minha intenção, Mr. Williamson. Uma das pessoas mencionadas desempenhou um

papel fundamental no acontecimento, e várias ocorrências aparentemente inócuas apontaram-me para esse cúmplice. Como já disse, Mr. Goodwin é exato no seu relato de conversas, e a minha percepção da culpabilidade do indivíduo em causa começou com o uso de uma palavra numa frase dita na presença de Mr. Goodwin: «Eu *própria* nunca deixaria que nada acontecesse ao Tommie.»

«Acentuei a segunda palavra, que creio foi incluída para sugerir que alguém que não a pessoa que falava era responsável pelo rapto do Tommie. Mais tarde, a mesma pessoa falou com Mr. Goodwin à parte de todos, contando-lhe uma história muito implausível sobre ouvir parte de uma conversa na sala de jantar dos Williamson entre Miss Stratton e Mr. Carstens, na qual pareciam falar de forma conspiratória sobre o rapto.

– Isso é ridículo! – disse Lloyd Carstens, furioso, saltando da cadeira. – Eu nunca, repito, nunca pus um pé na sala de jantar da casa. A única divisão em que estive é o escritório de Mr. Williamson, e foi para discutir a manutenção do jardim. Quem contou essa história fantasiosa?

Wolfe ergueu uma mão.

– Por favor sente-se, Mr. Carstens. Declarei que a história era implausível, e gostaria de avançar. A pessoa em questão sugeriu a Mr. Goodwin que lhe contaria a história sobre escutar uma conversa alheia nos aposentos do motorista, sugerindo que já lá passara algum tempo, talvez quando Mr. Bell ocupava os aposentos. – Enquanto falava, Wolfe virou-se para Miss Trent, que, apesar de pequena, parecia encolher-se na cadeira.

– Isso, isso não é... verdade – disse ela com uma voz que era quase um sussurro.

– O que é verdade, Miss Trent, é que disse de forma consistente que não reconheceu a voz ao telefone, até agora – comentou Wolfe. – E hoje diz-nos que a voz pode ser a de Mr. Simons.

– Mas não tenho a certeza – disse ela, perto das lágrimas e a esconder o rosto nas mãos.

– Não parece ter certeza de nada – disse Wolfe, brusco, enquanto o inspetor Cramer se deslocou para trás de Mary Trent. – Tem sugerido, em várias ocasiões, que Miss Stratton, Mr. Carstens e Mr. Simon estiveram envolvidos no rapto. Há mais alguém que queira implicar?

Entretanto, ela soluçava, apesar de a expressão dos que a rodeavam não revelar vestígios de compreensão.

– Miss Trent – disse Wolfe –, vou imaginar um cenário e convido-a a comentar. Durante o seu tempo como empregada na casa dos Williamson, você e Mr. Bell tornaram-se bons amigos, apesar de ambos se darem a muito trabalho para esconder a dimensão da vossa amizade.

– Não fizeram grande trabalho a guardar segredo – resmungou Emily Stratton. – Devia ter visto a forma como ela olhava para ele à mesa de jantar. Todos sabíamos o que se passava. Não somos cegos. Ele costumava dizer que não queria que limpassem os seus aposentos, mas aqui a boazinha desaparecia muitas vezes durante certas alturas, e sei bem para onde desaparecia.

– Alguma vez partilhou as suas observações sobre essa relação com algum dos meus investigadores? – perguntou Wolfe, severo.

– Não, claro que não – respondeu, zangada. – Não sou coscuvilheira. Não acho que seja minha responsabilidade comentar ou julgar a moralidade, ou falta de moralidade, de outros membros do pessoal. Se as pessoas exercessem mais autodisciplina, o mundo seria um lugar melhor. Não digo mais do que isto.

Wolfe olhou para a governanta de forma zangada, e depois voltou a virar-se para Mary Trent.

– Os dois fizeram planos para começar uma vida nova, mas tinham grandes sonhos, sonhos que precisariam de dinheiro. Mr. Bell conhecera os irmãos Bagley, e talvez saiba as circunstâncias do encontro deles. Juntos, os três conceberam o rapto de Tommie Williamson. Mr. Bell apercebeu-se rapidamente de que precisaria de um cúmplice dentro de casa para que o plano funcionasse, e quem

melhor para desempenhar esse papel do que a sua melhor amiga entre o pessoal?

«Talvez se tenha sentido inicialmente ambivalente em relação ao plano e ao seu papel. Só você sabe o entusiasmo com que participou. De qualquer forma, tornou-se o quarto membro de uma equipa, se assim podemos chamar-lhe.

«Os irmãos Bagley alugaram uma carrinha no Bronx. Sabemos isto graças ao trabalho de investigação de Mr. Goodwin e Mr. Bascom. Na manhã do rapto, os Bagley conduziram até à propriedade dos Williamson, certificando-se de que a sua chegada coincidia com o período em que o Tommie estaria no jardim a recolher folhas antes de sair para a escola.

«Mr. Bell, posicionado na garagem ou numa janela dos seus aposentos, marcou o número do telefone do primeiro andar no momento em que a carrinha encostou nas traseiras da casa. À espera da chamada, você, Miss Trent, rondava o telefone e atendeu, provavelmente ao primeiro toque. É provável que Mr. Bell tenha dito apenas uma ou duas palavras, talvez qualquer coisa como «chegaram!». Você soltou uma exclamação para que qualquer pessoa que estivesse por perto ouvisse. Depois, correu para o terraço, a chamar Miss Moore freneticamente e a dizer-lhe que tinha uma chamada urgente.

«Enquanto isto se passava, um dos irmãos Bagley, transportando uma caixa de mercearias, desceu à cozinha por uma porta nas traseiras da cave, depois de você ou Mr. Bell lhe revelarem a localização. Enquanto este falava com Mrs. Price, o segundo irmão saiu da carrinha no instante em que Miss Moore correu para dentro de casa e atraiu o Tommie até à carrinha. Acertei? – perguntou Wolfe, virando-se para o rapaz.

O Tommie assentiu, com uma expressão séria.

– Sim, senhor, aconteceu exatamente como disse. Miss Moore estava muito transtornada, vi-a correr para dentro e, logo depois disso, veio um homem ter comigo a dizer que queria a minha ajuda para tirar uma coisa da carrinha. A seguir, empurrou-me para dentro dela. Enfiou-me um pano na boca, e atou-me. Depois, arrancaram.

Mesmo já tendo com certeza ouvido a história, os pais do Tommie ficaram tensos quando ele contou o seu infortúnio, mas o rapaz pareceu completamente controlado. Creio que estava a gostar da atenção.

– E esse homem era um dos dois que acabaram de sair daqui? – perguntou Wolfe.

– Sim, tenho quase a certeza – respondeu o Tommie. – Só que antes tinham sempre óculos de sol.

– Bem, o irmão que eu conheci não tinha óculos de sol na cozinha – afirmou Mrs. Price – e, como já lhe disse, era com toda a certeza o mesmo homem que a polícia acabou de levar. E, como também já lhe disse, testemunharei em qualquer tribunal, se mo pedirem.

– Obrigado – disse Wolfe. – E agora, Miss Trent, o que acha do meu cenário? Tem alguma coisa a acrescentar?

Apesar do que ela fizera, eu quase, mas na verdade não, senti pena da jovem, que estava entretanto dobrada, a chorar para um lenço.

– Nós estávamos apaixonados – soluçou, como se a justificar os seus atos. – Quando o mataram, também quis morrer.

– Ocorreu-lhe que também podiam ter matado o Tommie? – gritou Burke Williamson a Mary, corado, enquanto a sua mulher lhe puxava a manga para o calar.

– Quer acrescentar alguma coisa? – perguntou Cramer, brusco.

– Não, senhor inspetor, já disse o que tinha a dizer.

– Miss Trent, peço-lhe que venha comigo – disse o inspetor de forma séria, pegando-lhe no braço e ajudando-a a levantar-se. Ela olhou para cada um dos colegas de trabalho, encontrando apenas hostilidade nos seus olhares. Começou a falar, mas depois mordeu o lábio e lançou um último olhar choroso à sala cheia de pessoas que nunca mais veria, exceto talvez num tribunal.

## CAPÍTULO 29

Foi pelos jornais que descobri muito do que aconteceu aos acusados de rapto e homicídio, depois daquela noite no escritório de Wolfe. Os Bagley tentaram que Stanley Harding os representasse em tribunal, mas o homenzinho recusou, alegando que não tinha experiência como advogado de defesa num caso de homicídio.

O dinheiro do resgate, menos algumas centenas de dólares, foi recuperado no apartamento da irmã dos Bagley em Brooklyn, onde eles o haviam escondido, por isso os irmãos não tinham fundos para contratar um advogado de primeira, ainda que isso não os tivesse ajudado. Foi-lhes atribuído um defensor oficioso, e, apesar de este, segundo os jornais, trabalhar arduamente para os seus clientes, os jurados chegaram rapidamente ao veredito de culpado de dois homicídios de primeiro grau e um rapto. Ambos os homens foram condenados à morte e electrocutados em noites consecutivas na prisão de Sing Sing, junto ao rio Hudson, a norte da cidade.

Nunca dois irmãos haviam sido condenados à morte em Nova Iorque no mesmo caso, e a imprensa popular transformou o processo num circo. Quando o veredito foi lido, o cabeçalho do *Daily News* gritava «GRELHADO DUPLO!». O pasquim rival, *The Mirror*, que recusou ficar atrás, ripostou com «UM PARA O DINHEIRO, DOIS PARA A CADEIRA!»<sup>3</sup>. Até o *Gazette*, normalmente sóbrio, se juntou ao espetáculo. com «HORA DE LIGAR A CORRENTE».

O destino de Mary Trent perdeu-se no furor das execuções. Foi considerada cúmplice de rapto e condenada a uma pena de três anos no que se chamava uma «instalação prisional de mulheres». Nunca mais li uma palavra sobre ela.

O dinheiro do resgate foi devolvido a Burke Williamson. Apesar de ter dito que o dinheiro não significava nada para si, aceitou-o e deu uma parte a Wolfe, que dividiu algum dele entre nós os seis, o que foi uma surpresa agradável.

Pouco depois da última reunião no escritório de Wolfe, Williamson, o filho e eu fomos ao jogo de futebol na Universidade de Columbia. Foi numa bonita tarde de outono, e o Tommie entrou no espírito do futebol universitário acenando uma bandeirola de Columbia que o pai lhe comprara e gritando «força, Lions!», juntamente com as *cheerleaders* e os estudantes sentados à nossa volta. O incentivo deve ter resultado, porque a equipa da casa derrotou os Tigers de Princeton concretizando um ensaio no último minuto do jogo.

Quando saímos do estádio, o magnata dos hotéis puxou-me e agradeceu-me em voz baixa por ter passado tempo com o Tommie durante o meu breve período como seu motorista.

– Talvez, sem tencionar fazê-lo, me tenha mostrado como ser melhor pai – disse Williamson. – Não jogava futebol há anos, mas agora o Tommie e eu jogamos várias vezes por semana, e o meu braço até deixou de doer. Quando chegar a primavera, vamos mudar para beisebol, e gostaria que viesse connosco ver um jogo, Goodwin. Yankees, Giants, Dodgers, seja qual for a equipa que o Tommie quiser ver.

Disse-lhe que seria uma honra, presumindo que ainda estaria a viver em Nova Iorque na primavera.

– Por que diabo não estaria? – perguntou Williamson.

– Hoje em dia é difícil arranjar trabalho de detetive, e não sei quanto tempo Del Bascom pode manter-me como empregado. Ele próprio está a passar um mau bocado, muito mau.

<sup>3</sup> Referência à expressão «One for the money, two for the show, three to get ready, four to go», popular na cultura americana e cujas origens remontam a jogos de crianças. (*N. do T.*)

## CAPÍTULO 30

Na verdade, cerca de duas semanas depois desse jogo de futebol, Del chamou-me ao seu gabinete. Vi pela sua expressão que estava prestes a dar-me más notícias.

– Fecha a porta, Archie, e senta-te.

Fechei-a e sentei-me.

– Tu lêes os jornais. Não tenho de te dizer como está a vida – disse ele, acendendo um dos seus charutos baratos. – Diabos, não temos um caso de espécie alguma há quase duas semanas, e o que tivemos mal deu para pagar as contas da luz e do telefone, já para não falar do salário de rainha da Wilda.

– Não tem de andar com rodeios comigo, Del. Já sou crescidinho, e já estou à espera disto há algum tempo.

– Lamento mesmo muito – disse o detetive veterano, abanando a cabeça. – Mas digo-te uma coisa: podes manter o teu gabinete aqui durante o tempo que quiseres, e se por acaso arranjares algum caso sozinho não há problema comigo. E se quiseres tentar trabalhar com outra agência, dou-te uma boa referência, muito boa referência. E todas as palavras vão ser sinceras.

– Agradeço. As coisas estão difíceis para todos neste ramo agora, não estão?

– Bastante. Sei que o Durkin, o Cather e o Gore estão todos a passar um mau bocado. A única coisa que os mantém, a eles e a nós, é aquele dinheiro de agradecimento que Wolfe distribuiu depois de o Williamson receber o dinheiro do resgate de volta.

– Sim, foi muito útil. E o Panzer?

– Oh, o Saul está bem. A reputação dele na cidade é imaculada. Consegue seguir uma pessoa como um cão de caça, e desaparecer quando não quer ser visto. Não creio que alguma vez lhe faltará trabalho, e já agora, a Nero Wolfe também não. A grande diferença é que Wolfe precisa de muito mais dinheiro do que o Saul para viver da forma a que se habituou. Aquelas orquídeas todas, aqueles livros todos, aquelas refeições maravilhosas. Quase todos os bons restaurantes de Manhattan contratariam Brenner num instante se tivessem hipótese.

– Está bem, Del, vou aceitar a sua oferta de manter o gabinete, por enquanto. Mas se por algum milagre eu arranjar algum caso dou-lhe uma comissão, como é justo.

Ele não discutiu comigo.

Passaram mais umas semanas, sem sucesso. Uma manhã, estava eu sentado à minha secretária a ler os anúncios de emprego no jornal, o Del entrou.

– Nero Wolfe quer que lhe liguês – anunciou.

– Que quer ele?

– Não disse. Está aqui o número, para o caso de o teres perdido – disse o Del, entregando-me um pedaço de papel. Eu não o esquecera.

– Ah! Talvez me vá dar uma parte maior daquele último pagamento do Williamson – disse eu.

– Se for isso, diz-me – respondeu ele, a rir-se –, porque também vou pedir mais.

Marquei o número.

– Sim? – A voz de Wolfe.

– Archie Goodwin. Pediu para lhe ligar.

– Sim, Mr. Goodwin. Teria disponibilidade para vir ao meu escritório ao fim da tarde? Digamos às seis horas?

– Claro, posso ir aí. De que se trata?

– Gostaria de discutir um assunto consigo, mas apenas pessoalmente.

– Vê-lo-ei nessa altura.

Às seis horas em ponto, pelo meu relógio, toquei à campainha da casa no quarteirão tranquilo da Rua Trinta e Cinco. Fritz Brenner abriu a porta e convidou-me a entrar.

– É um prazer vê-lo, Mr. Goodwin – disse.

– É bom ser recebido de forma tão acolhedora – respondi. – Creio que estão à minha espera.

– De facto, e chegou mesmo a horas. Mr. Wolfe acabou de descer das salas das plantas.

Percorri o corredor até ao escritório com Fritz e encontrei o meu anfitrião sentado à sua secretária, prestes a abrir uma de duas garrafas de cerveja canadiana que estavam numa bandeja à sua frente.

– Ah, Mr. Goodwin, obrigado por ter vindo. Quer beber alguma coisa?

Pedi uísque com água, do qual começara a gostar. Fritz apressou-se a ir buscá-lo, enquanto me sentava na cadeira de couro vermelho da qual o inspetor Cramer parecia gostar tanto.

Wolfe bebeu a cerveja, lambeu os lábios e olhou para mim, sem dizer nada. Olhei para ele. Passado cerca de um minuto, pigarreou.

– Mr. Bascom falou muito bem do seu trabalho.

– Fico satisfeito. Aprendi muito com ele nas últimas semanas, e ainda estou a aprender.

– No entanto, ele disse-me que não consegue continuar a pagar-lhe um salário, por razões económicas.

Assenti.

– Neste momento, simplesmente não há trabalho, e ninguém sabe quando haverá.

– Ainda é relativamente novo nesta cidade – observou Wolfe –, mas o tempo que aqui passou não foi muito calmo.

– Lá isso é verdade – respondi, perguntando-me para onde esta conversa iria.

– Sei que o seu primeiro trabalho em Nova Iorque acabou consigo a alvejar dois homens fatalmente.

Que sente em relação a isso?

– Não tenho orgulho nenhum nisso, mas é provável que saiba das circunstâncias.

– Sei. Creio que dispararam sobre si.

– Sim, senhor, dispararam de facto. Sinto que estive muito perto de morrer ali mesmo no cais do rio North. Se não pensasse estar em perigo imediato, teria continuado a disparar para o ar.

Wolfe baixou o queixo um centímetro, o que tomei como um assentimento.

– A razão pela qual menciono esse incidente, Mr. Goodwin, é que não estou interessado em ninguém que utilize armas de fogo de modo indiscriminado. No entanto, há ocasiões em que não há outra opção a não ser agir com expediência, como fez nessa noite.

– Fico feliz por o ouvir dizer isso. Fui despedido porque o patrão do cais achou que disparei demasiado cedo. Não concordo com ele, e também não peço desculpa pelo que aconteceu naquela noite.

– Nem deve. Acredito que agiu de forma adequada, dadas as circunstâncias, Mr. Goodwin, e tenho uma proposta para si.

– Sou todo ouvidos.

– Gostaria que trabalhasse para mim.

– A sério? Que tipo de caso é?

– Entendeu-me mal. Estou à procura de um assistente a tempo inteiro.



Isto apanhou-me de surpresa, e disfarcei bebendo um golo de uísque.

– O que acarretaria o emprego, exatamente? – perguntei, depois de engolir.

– Várias coisas. Para começar, preciso de um homem que se movimente com à-vontade pela cidade.

Como pode ver, não sou móvel, nem estou interessado em sê-lo.

– Ah, quer um agente de campo, é isso?

– Em parte, sim.

– Porque não contrata Saul Panzer? Por tudo o que vi e ouvi, ele conhece a cidade por dentro e por fora. É inteligente, corajoso e sabe quando ficar calado.

– Concordo que Mr. Panzer possui todos os atributos que mencionou, e muitos mais ainda. No entanto, ele prefere trabalhar por conta própria, e, com os seus talentos e reputação bem merecida, encontra uma lista de cliente estáveis com facilidade. Dou-me por feliz quando consigo obter os serviços dele para um caso.

– Disse que ser agente de campo seria uma parte do emprego. Que outras coisas tem em mente?

– É preciso muito dinheiro para financiar a vida que escolhi ter, o que quer dizer que tenho de utilizar os talentos que me foram dados. No entanto, confesso que na maioria das alturas acho o trabalho desagradável, e preciso de alguém que me encoraje a atuar.

– Quer dizer alguém que lhe dê uns chutos?

Ele fez um esgar.

– Se insiste em dizê-lo dessa forma.

– Bem, eu tendo a ser um pouco irrequieto, por isso talvez seja o tipo certo para, como foi que disse?, «encorajá-lo a atuar». Gosto de me manter ocupado, sempre. Mais alguns deveres?

– Sim. Presumo que sabe trabalhar com uma máquina de escrever?

– Bem, não sou o mais rápido do mundo, mas dou-me bem com o teclado. Porquê?

– Posso pedir-lhe que responda à minha correspondência, assim como pague as contas e mantenha o livro de cheques e outros registos financeiros. Neste momento, há um homem que vem duas vezes por semana para cumprir essas e outras funções, mas não acho o trabalho dele satisfatório.

– Então há bastantes coisas neste trabalho para além de ser detetive – disse eu. – Já falou de tudo?

– Quase. Também teria de manter os registos de germinação das dez mil orquídeas que cultivo.

– Registos de orquídeas? Desculpe, mas temo que esteja fora de jogo. Não sei nada de nada sobre flores.

– Não tem de saber. Theodore Horstmann, que trabalha comigo lá em cima nas salas das plantas, traz para baixo todas as tardes cartões com apontamentos. A única coisa que tem de fazer é arquivá-los no lugar adequado, naquelas gavetas ali. – Wolfe apontou para um móvel arquivador de aço num canto.

– Está bem, e quanto a salário, de que redondezas falamos?

Wolfe escreveu um número numa folha e entregou-ma.

– Consigo viver nestas redondezas – disse eu. – Por falar em redondezas, o meu hotel não fica muito longe daqui. Qual seria o horário?

– Ah, claro, há mais uma coisa – disse Wolfe. – Eu esperaria que vivesse aqui.

– Aqui? Nesta casa?

– Não creio que fosse achar a vida cá em casa incómoda. Teria um quarto confortável no segundo andar, o Fritz pode mostrar-lho. Está mobilado, mas, se a decoração não lhe agrada, claro que pode comprar as suas próprias coisas. Quanto a refeições, tem a liberdade de comer comigo na sala de jantar todos os dias, ao almoço e ao jantar, e o Fritz preparará o pequeno-almoço para si na cozinha. Tomo a refeição da manhã no meu quarto. Não é bazófia da minha parte quando lhe digo que a comida servida nesta casa é magnífica. O quarto homem mais rico da América e os donos de três dos restaurantes mais

conhecidos e conceituados de Manhattan já tentaram contratar o Fritz, mas apraz-me dizer que não tiveram sucesso.

– Hum. Creio que gostaria de ver o quarto.

Wolfe utilizou a campainha para chamar Fritz, e o *chef* e eu subimos ao segundo andar.

– Esse é o quarto de Mr. Wolfe – disse ele, apontando para uma porta do outro lado do corredor relativamente ao quarto onde entrávamos. O espaço que poderia chamar de minha casa era de um tamanho considerável, com casa de banho própria e duas janelas grandes que davam para a Rua Trinta e Cinco. A cama parecia confortável, e a secretária tinha muitas gavetas. Havia três cadeiras, mais do que provavelmente precisaria. Não gostei muito dos quadros nas paredes, mas eram facilmente substituíveis.

– Agradável, sim, muito agradável – comentei para Fritz, enquanto olhava em redor. – E onde é o seu quarto?

– Na cave – disse ele. – Tenho lá tudo o que preciso.

– Mr. Wolfe elogia os seus cozinhados – disse eu, e o tipo corou de verdade.

– Ele é demasiado gentil, Mr. Goodwin. Mr. Wolfe é um conhecedor de cozinha fina, e esforço-me por lhe agradar.

– Parece que consegue. Obrigado pela visita.

Regressei ao escritório de Wolfe, onde ele lia um livro. Pousou-o e olhou para mim enquanto entrei.

– Quarto simpático – disse-lhe. – Atirou-me muita coisa para cima hoje, e gostaria de ter algum tempo para pensar na sua oferta.

– Muito bem – respondeu. – Quanto tempo acha que precisa para tomar a sua decisão?

– Só dois dias, talvez menos.

– Satisfatório. Aguardo notícias. – Regressou ao seu livro, e eu saí para o corredor, onde Fritz estava à espera. O seu rosto tinha uma expressão interrogadora.

– Tem aqui uma operação agradável – comentei. – Acha que eu encaixaria aqui?

– Acho que sim, Mr. Goodwin – respondeu, com um sorriso.

– Lembre-se, quando nos conhecemos pedi-lhe que me chamasse Archie – disse-lhe, quando me abriu a porta de casa.

– E, agora, sou eu que lhe lembro que me chame Fritz – retorquiu. Disse-lhe que faria isso, enquanto me despedia e descia os sete degraus até ao passeio.

Fiquei parado a sentir a brisa noturna de Nova Iorque, e olhei para a casa, tentando imaginá-la como meu lar. Gostei da imagem.

## NOTAS DO AUTOR

Primeiro que tudo, uma vénia a Barbara Stout e Rebecca Stout, a quem este livro é calorosamente dedicado, pelo seu apoio e aprovação. Dou-lhes os meus agradecimentos sinceros, não só por este volume mas também pelos meus sete prévios romances de Nero Wolfe, para os quais também me deram encorajamento e conselhos sábios.

Ao desenvolver esta história, baseei alguns acontecimentos e personagens, ainda que livremente, em referências dos romances de Rex Stout. No conto «Fourth of July Picnic» [«Piquenique do Quatro de Julho»], da coletânea *And Four to Go* [*E Vão mais Quatro*] (1958), Archie Goodwin descreve-se ao público: «Nascido no Ohio, liceu público, bastante bom a Geometria e Futebol, concluído com honra mas sem distinção. Fui para a universidade duas semanas, decidi que era infantil, vim para Nova Iorque e arranjei um emprego a vigiar um cais, alvejei e matei dois homens e fui despedido...» Em várias outras histórias, Archie menciona as origens no Ohio.

Em *Fer-de-Lance* [*Picada Mortal*], o primeiro romance de Nero Wolfe (1934), Archie refere-se de forma breve ao rapto de Tommie Williamson, filho de Burke Williamson, dono de uma cadeia de hotéis, e diz que a cada aniversário do regresso do rapaz, são e salvo, a casa, Mr. e Mrs. Williamson jantam em casa de Wolfe, para festejar a ocasião.

Todos os detetives por conta própria desta narrativa aparecem também na obra de Stout. Del Bascom tem aqui um papel muito maior do que em qualquer outra das histórias de Wolfe e, em geral, é muito menos utilizado do que os habituais Saul Panzer, Fred Durkin e Orrie Cather. No entanto, Wolfe respeita Bascom, e no livro de Rex Stout *The Silent Speaker* [*O Cadáver Que não Se Calou*] (1947) Wolfe recomenda o detetive da velha guarda a um possível cliente, chamando-lhe «um bom homem». Bill Gore, tal como Bascom, só aparece ocasionalmente nas histórias de Wolfe. Em geral, tentei fazer com que todas as personagens recorrentes da série, incluindo o inspetor Cramer, o tenente Rowcliff e o sargento Stebbins, da Polícia de Nova Iorque, se comportassem e reagissem como faziam nas irresistíveis histórias de Rex Stout.

Para além das histórias de Stout, houve três livros que foram muito úteis para a minha pesquisa. São eles: *Nero Wolfe of West Thirty-Fifth Street: The Life and Times of America's Largest Private Detective*, de William S. Baring-Gold (The Viking Press, 1969); *The Brownstone House of Nero Wolfe*, de Ken Darby, narrado por Archie Goodwin (Little, Brown & Co., 1983) e a fantástica biografia *Rex Stout*, de John McAleer (Little, Brown & Co., 1977), que ganhou o Mystery Writers of America Edgar Award, para o melhor trabalho crítico ou autobiográfico de 1978.

Este livro não teria ganhado asas sem o trabalho incansável do meu agente, Erik Simon, da Martha Kaplan Agency, e o apoio entusiástico do meu editor, Otto Penzler, da Mysterious Press. Tenho o prazer de dizer que a minha história com Otto remonta há uns anos. Foi na sua livraria Mysterious Bookshop em Manhattan que fiz o lançamento do meu primeiro livro de Nero Wolfe, *Murder in E Minor*, em 1986.

Também quero agradecer ao agente literário David Hendin, meu confidente de longa data, pelo seu apoio, assim com a Max Allan Collins, o escritor de romances policiais e produtor de cinema de extraordinário talento, amigo leal que se ofereceu para ler o meu manuscrito e fez sugestões inestimáveis que melhoraram o produto final.

E o maior agradecimento vai para a minha mulher, Janet, que não só atura as minhas idiossincrasias e irascibilidades há quase meio século de forma bem-disposta, mas que também sabe muito mais de

ortografia e gramática do que eu alguma vez saberei. O seu olho de lince salvou-me de embaraços mais vezes do que posso contar.